

Fogo da Paixão

Fanning The Flame

Kat Martin



Inglaterra, 1806

Lembranças que atormentam...

A alta sociedade londrina está fervilhando com o mais recente escândalo. Julia Whitney, bem-nascida porém sem um tostão, está morando na casa de um nobre rico com idade para ser pai dela. Quando Adam Hawthorne, o misterioso conde de Blackwood, fica conhecendo a encantadora e intrigante dama, ele quer convencê-la a mudar de "protetor"...

De repente, o estimado guardião de Julia é assassinado, e ela se torna a única suspeita do crime. Forçada a fugir, Julia cai nos braços de Adam, que lhe oferece refúgio da lei, embora não de uma paixão avassaladora. Embora perdidamente apaixonada, ela sabe que o honrado conde jamais se casaria com uma mulher com a reputação manchada pelo escândalo. Mas será que Julia está subestimando a força e a profundidade do amor daquele homem?...

Digitalização e Revisão:
Crysty





Querida leitora.

Adam Harcourt é o tipo de homem com o qual toda mulher sonha. Traumatizado por experiências do passado, ele perdeu as ilusões no amor, mas acaba conhecendo Julia, que lhe desperta uma atração e um desejo irresistíveis. A paixão de Adam por Julia é tão intensa que o leva a acreditar e confiar, entre todas as mulheres, justamente nela, suspeita de ter cometido um crime e prestes a ser julgada e condenada. Mas ele fará qualquer coisa para provar a inocência de Julia e salvar o grande amor de sua vida. Prepare-se para muita intriga, romance e emoção!

Leonice Pomponio Editora

Copyright 2002 by Kat Martin

Originalmente publicado em 2002 pela Poket Star Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM TRIDENT MEDIA GROUP

NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: FANNING THE FLAME

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Vânia Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Sulamita Pen

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

Copyright © 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 10 andar — CEP 05424-000 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Londres, Inglaterra, abril de 1806

Os sons da batalha rugiam em sua cabeça... Tiros de mosquete, estrondo de canhões, chumbo quente rompendo carne e ossos, homens chorando de medo e desespero.

É um sonho! — ele gritou, mentalmente, tentando acordar daquele pesadelo... Mais um, entre tantos que o atormentavam durante o sono.

Adam Hawthorne, o quarto conde de Blackwood, lutou para despertar... E conseguiu. Sentou-se em sua enorme cama de baldaquino, com o coração descompassado, o suor umedecendo-lhe o torso nu, os cabelos negros colados à nuca.

Apesar do frio, Adam empurrou o acolchoado de plumas até a cintura e estremeceu. Estava acostumado a noites assim... E sofria com essas imagens terríveis havia mais de seis anos, imagens que ele tomava como uma espécie de penitência por sua atuação na guerra.

Passou a mão pelo rosto e saltou da cama. As primeiras luzes do amanhecer penetravam no quarto, por uma fresta entre as cortinas de veludo. Despejou água na bacia de porcelana, sobre a cômoda, e lavou-se. Vestiu calças de pele de gamo, uma camisa branca de mangas largas e calçou um par de botas espanholas de cano alto.

Então desceu até a estrebaria, nos fundos da casa, pronto para a cavalcada matinal.

Angus McFarland, seu cavaliário, um escocês grandalhão e corado, antigo sargento dos Gordon das Terras Altas, o aguardava, segurando as rédeas de Ramsés, o garanhão premiado de Adam

— Tome cuidado, major. Este garoto está inquieto, hoje.

— Então, faremos uma boa corrida. — Adam bateu carinhosamente no pescoço lustroso do animal. — É isso que você quer, não, meu amigo?

O cavalo era dócil, negro, de reluzente pelagem e tinha uma constituição perfeita. Quando Adam o vira, em Tattersalt's, não poupou despesas para ficar com ele. Fora o único prazer que concedera a si mesmo desde que, inesperadamente, herdara o título e a fortuna de Blackwood.

Acariciou o focinho macio do animal, depois ofereceu-lhe um torrão de açúcar, que retirou do bolso.

— Um pouco de ar fresco sempre faz o mundo parecer melhor — comentou.

— É verdade — o escocês concordou.

Adam saltou para a sela e acomodou-se. Depois de oito anos na cavalaria, sentia-se mais à vontade no lombo de um cavalo do que com os pés no chão. Despediu-se de Angus, a quem considerava mais um amigo do que um criado, e dirigiu-se ao parque. Ramsés estava com ótima disposição, cavalgando e resfolegando vigorosamente, pelas ruas de Londres.

O parque estava vazio àquela hora. Ele incitou Ramsés a um galope, na pista destinada às carruagens. O sol já se elevava no horizonte, quando ele fez o animal parar à sombra de uma árvore, no alto de uma elevação próxima ao lago dos patos. O grande garanhão ofegava, devido ao esforço despendido. Mas ambos sentiam os benefícios do vento e do sol matinal.

Adam acariciou o animal. Depois concentrou-se na procura da desconhecida, a quem vira três dias atrás, pela primeira vez... E lá estava ela, ocupando o mesmo banco de ferro trabalhado.

A jovem mulher vestia trajes caros. Naquele dia, usava um vestido de musselina verde, com minúsculos botões de rosa bordados. E Adam concluiu que ela provavelmente pertencia à alta sociedade. A jovem era de compleição delicada, um tanto magra, de pele clara e suave. Sob o chapéu enfeitado de rendas, era possível divisar os traços delicados, o nariz afilado, as sobrancelhas cor de cobre.

Ele imaginou que os olhos dela fossem azuis, mas a distância não lhe permitia saber, com certeza. Uma vontade intensa de confirmar essa impressão o assaltou, surpreendendo-o.

A jovem sorria para os patos que nadavam ou se aproximavam de seus pés. Alimentou-os com migalhas de pão, reagiu deliciada quando um deles veio comer em sua mão e riu quando uma pata saiu da água, seguida por seis patinhos, que a acompanhavam em fila.

Por um momento, Adam teve a impressão de que ela o fitava de viés, mas talvez não passasse de imaginação... Perguntou a si mesmo quem seria aquela moça e por que teria vindo, tão cedo, ao lago. Talvez quisesse se distrair, escapar de pensamentos turbulentos, assim como ele... Será que ela viria, novamente, na manhã seguinte?

Retornando de seu passeio matinal pelo parque, Julia Alistair Whitney desceu da carruagem e passou rapidamente pelas grandes portas duplas da mansão do conde de Fenwick. Tinha voltado mais cedo do que o costume, por conta do vento frio, que agora a obrigava a segurar o chapéu, para que não voasse.

O mordomo, Nigel Atwater, fechou as portas enquanto comentava:

— Está um pouco frio para perambular por aí, não é mesmo? — Baixando o rosto, onde o nariz adunco se destacava, olhou-a com ar de reprovação, exprimindo assim o sentimento de vários outros criados da casa.

— Começou a ventar de repente — Julia respondeu, num tom casual, sem demonstrar que a censura a, incomodava. — Talvez comece a chover, mais tarde. — Não se importava com o que os criados pensavam sobre suas atitudes. E, mesmo que se importasse, pouco poderia fazer a respeito.

Desde o começo, lorde Fenwick zombara dos boatos provocados pela presença de uma jovem na casa de um homem solteiro. Aliás, tal como costumava dizer, tinha idade suficiente para ser avô de Julia... Além disso, fora um grande amigo do pai dela.

Julia pensou no homem orgulhoso, falecido dezesseis meses atrás, que a amara com loucura... Mas deixara-a sem um centavo para bancar suas necessidades mais básicas. Se lorde Fenwick não a houvesse ajudado, o que teria sido dela? Afinal, os boatos eram um preço bem baixo a pagar, diante de tudo o que ele fizera.

Tirou as luvas de pelica e subiu a escada rumo a seu quarto, um ambiente alegre, decorado em azul claro, marfim e dourado. Pensou em sua situação e na paz que encontrava diariamente no parque. Gostava de ir até lá bem cedo, antes da chegada das pessoas elegantes. Odiava os olhares *entendidos* e os sorrisos especulativos. Assim, nas

primeiras horas da manhã, tinha a impressão de que o parque era só dela... Fora assim que se sentira, até três dias atrás, quando então descobrira que não estava sozinha.

— Perdão, srta. Whitney... — A voz do mordomo alcançou-a quando ela já estava quase no alto da escada. — Mas milorde gostaria de vê-la. Ele está no gabinete.

— Obrigada, Atwater.

Julia desceu, com o chapéu na mão. Caminhou pelo corredor até a ala oeste da mansão, que incluía vários cômodos, inclusive o gabinete particular do conde. Mas não havia como esquecer o cavaleiro alto e moreno que vira no parque, montando um magnífico cavalo negro. Aquele cavaleiro tinha algo de misterioso, proibitivo e intrigante. Era, sem dúvida, atraente... Mas dono de uma beleza implacável, que a deixara assustada, a princípio.

Um ruído no estúdio chamou-lhe a atenção. Julia bateu à porta trabalhada em dourado e marfim. Esperou que o conde respondesse e entrou.

— Ah, minha querida, que bom vê-la! Imaginei que você já tivesse chegado, pois sei que adora sair bem cedo para passear.

O conde estava sentado à uma escrivaninha de jacarandá, segurando o cachimbo. Julia aproximou-se e, inclinando-se, beijou-lhe a face vincada pelos anos.

— Sempre me levanto cedo, milorde. A manhã é a melhor parte do dia. Tudo está alegre e brilhante, e o silêncio nos permite ouvir os pássaros cantando.

O conde sorriu, colocou o cachimbo apagado no suporte e ergueu-se.

Oswald Telford, conde de Fenwick, era um homem de sessenta e poucos anos, que mal conseguia disfarçar o ventre saliente sob o colete de pique branco. Nunca fora um homem bonito, mas em contrapartida era muito estimado por todos os que o conheciam. Entre ele e Julia, havia um carinho e uma consideração recíproca.

— O sarau do Marquês de Landen será hoje à noite — ele comentou. — Achei que você gostaria de comparecer.

Ela meneou a cabeça e sorriu:

— Sua gota ainda o está fazendo sofrer... E, na verdade, eu preferiria ficar em casa. Pensei que talvez pudéssemos jogar uma partida de xadrez.

Por um instante, os olhos azuis do conde se iluminaram. Sorrindo de volta, ele retrucou:

— Eu bem que gostaria de ficar e derrotá-la no xadrez, minha filha. Mas já não sou mais jovem... E preciso vê-la bem situada. Está mais do que na hora de encontrarmos um marido para você. E a única maneira de conseguir isso é...

— Milorde não é velho! De qualquer forma, eu já estou mesmo encalhada.

— Aos vinte e um anos? Não acredito!

— Nós já conversamos sobre isso antes.

Julia não queria o tipo de marido que o conde poderia comprar. Queria um homem a quem pudesse amar e que a amasse também. Queria a mesma felicidade que tanto iluminara a vida de seus pais.

Julia não conhecera sua mãe, Maryann Whitney, que morrera ao dar à luz sua única filha. Quanto ao pai, nunca mais voltara a se casar, justamente por amar demais a esposa. Julia sonhava com esse tipo de amor e devoção.

— Toda mulher precisa de um marido — Fenwick resmungou. Mas não insistiu no

assunto, nem pressionou-a, para alívio e gratidão de Julia.

— Deve haver muitos saraus, por aí... A julgar pela pilha de convites sobre a sua mesa — Julia comentou.

Mas os convites diminuía, à medida que os boatos sobre ambos aumentavam.

Como sempre, o conde ignorava tudo o que acontecia ao seu redor e só se preocupava com o futuro de Julia.

— Eu me recuso a trazer para casa aquele meu primo caquético, só para apaziguar as más-línguas — o conde dissera, certa vez. Porém, cedo ou tarde, sem a presença de uma terceira pessoa, na casa, ou seja: sem um acompanhante respeitável, tanto ele quanto Julia seriam condenados ao ostracismo.

— Talvez, no final da semana, milorde esteja melhor. Mal disfarçando seu alívio, o conde concordou:

— Com certeza.

Julia estava preocupada com aquele velho e bondoso homem, que parecia mais abatido a cada dia. Ele precisava de descanso e cuidados.

O conde ajudara-a no momento em que ela mais precisava. Perdera seu único filho no ano anterior. Ela, em contrapartida, perdera o pai. Então, o conde a levava para casa, recebendo-a e tratando-a como se ela fosse sua própria filha. Por tudo isso, Julia estava decidida a tomar conta dele, sem se importar com a opinião pública.

Do alto de uma elevação, montando seu garanhão negro, Adam observava o parque. Era um belo dia, com uma leve brisa. Ramsés escarvava o chão e relinchava, erguendo a cabeça para ver o cavalo baio, a seu lado. Adam não estava sozinho.

— Que bela vista! — exclamou Clayton Harcourt Barclay, duque de Rathmore, contemplando a jovem mulher sentada no banco de ferro trabalhado, próximo ao lago dos patos.

— Eu a vi pela primeira vez, há alguns dias. — Adam comentou. Conhecera Clayton em Oxford, onde tinham cultivado uma forte amizade. Depois de deixar a cavalaria e regressar a Londres, reencontrara o amigo. — Tem idéia de quem seja?

Clayton sorriu, com ar maroto. Era um homem alto, de ombros largos e espessos cabelos castanho-escuros. Conquistara dezenas de damas, antes de desposar uma jovem ruiva, de caráter rebelde, filha do visconde de Stockton. No começo do casamento, ambos haviam enfrentado muitos problemas. Mas por fim tinham conseguido se entender. E, agora, Adam não conseguia imaginar alguém mais feliz do que Clay, como costumava chamar, afetuosamente, o amigo.

— Na verdade, sei quem é aquela moça, sim — Clayton respondeu, após alguns instantes. — Chama-se Julia Whitney. Eu a conheci há alguns meses, num jantar em casa dos Stockton. Os rumores sobre a srta. Whitney vêm aumentando sensivelmente... Dizem que ela é amante do conde de Fenwick.

Adam teve a impressão de ter sido golpeado no estômago:

— De Fenwick? Não posso acreditar. O velho homem deve ter no mínimo o triplo da idade dela, senão mais.

— Sim, mas ele é um homem e, a srta. Whitney, uma jovem muito atraente.

Adam fez um gesto de assentimento, tomado por uma forte vontade de ver Julia

Whitney de perto.

— O pai dela e o conde eram grandes amigos. Quando o velho Whitney morreu, a moça ficou sem um centavo. A princípio, foi morar com uma tia idosa, que faleceu depois de algum tempo. Então, Fenwick resolveu protegê-la. Ele afirma que Julia Whitney é apenas sua pupila, mas dizem por aí que a relação dos dois vai bem além disso...

Adam engoliu em seco, tomado por um sentimento de amargura. Era difícil imaginar que aquela bela jovem, que alimentava os patos e sorria placidamente, fosse capaz de se dar a um ancião como Fenwick.

— Nunca ouvi falar que o conde fosse um homem caridoso. Talvez sua generosidade esteja sendo bem recompensada...

— É o que suponho... Caso os boatos sejam verdadeiros.

— Você está insinuando que não são? — Adam indagou, fitando o amigo nos olhos.

Clayton deu de ombros, enquanto dizia:

— Quem sabe? Não seria a primeira vez que os fofoqueiros errariam...

Adam lembrou-se que ele mesmo fora vítima de calúnias, por mais de uma vez. Sabia, por experiência própria, que aliás incluía um vasto conhecimento sobre as mulheres, que muitas delas seriam capazes de vender a alma em troca de algumas bugigangas.

Com ar entendido, Clayton ergueu as sobrancelhas;

— Bem, acho altamente improvável que uma coincidência nos tenha trazido até aqui, nesta manhã... Portanto, presumo que você queira ser apresentado à moça.

Não fora exatamente por esse motivo que ele trouxera Clayton, Adam pensou, antes de retrucar:

— Por que não?

Julia endireitou-se no banco, ao ver os dois homens cavalgando em sua direção. Um deles era o duque de Rathmore, a quem havia conhecido, junto com a esposa, poucos meses atrás.

Levantou-se ao vê-los diminuindo a marcha dos cavalos e, por fim, desmontando. Assumindo uma postura altamente formal, Clayton Rathmore desmanchou-se em saudações e elogios. Em seguida apresentou o amigo, Adam Hawthorne, conde de Blackwood. Julia reconheceu o homem que sempre a observava, do alto da pequena elevação.

— Já vi a senhorita por aqui, antes — disse Adam, com mais amabilidade do que seria de se esperar, naquele primeiro contato.

— Sim, gosto de me levantar cedo. E prefiro vir ao parque antes que ele seja invadido pela multidão.

— Pois eu penso da mesma forma.

Adam era esguio, bronzeado e tinha feições marcantes. As sobrancelhas negras destacavam no belo rosto, onde a boca de linhas severas exibia um meio sorriso que tinha algo de cínico. Uma cicatriz fina, que ia da testa ao queixo, conferia-lhe um toque de perigo, ainda que o rosto fosse de uma beleza incomum, que dificilmente passaria despercebido pelas mulheres. Era resumo, Adam tinha carisma e poder.

— A manhã é a melhor parte do dia — Julia continuou, procurando algo para dizer

que não parecesse vazio e forçando-se a não fugir daqueles olhos azuis, escuros, que a fitavam com intensidade.

Adam concordou com um leve gesto de cabeça, antes de dizer:

— Sim, a luz do sol tem o poder de afugentar os demônios.

— Lorde Blackwood esteve na cavalaria, por vários anos — Clay afirmou. — Creio que ele não vai mais conseguir se acostumar a ficar muito tempo entre quatro paredes.

— Compreendo... Eu também prefiro a vida ao ar livre, no campo. — Julia sorriu.

— É daí que vem seu interesse pelas aves? — Adam perguntou.

— Milorde está se referindo... a eles? — Julia lançou um olhar aos patos que saíam do lago e caminhavam em sua direção. — Sim, acabei me afeiçoando a eles. Aquele ali é Harold... E aquela, marrom, com manchas brancas, chama-se Esmeralda. Sempre acho que eles passarão fome, se eu não lhes trouxer esses pedaços de pão, pela manhã... Que bobagem, não é mesmo?

— A senhorita se parece com Kassandra, minha esposa. Ela adota todos os animais abandonados que encontra pela frente — Clayton comentou, com uma ponta de orgulho.

Julia notou que Adam continuava a observá-la com uma intensidade inquietante. Pensou, por um momento, num gato à espreita de um rato... E estremeceu. Para fugir daquele olhar incômodo, voltou-se para Clayton:

— Espero que sua esposa esteja bem.

— Está, sim, obrigado. Transmitirei a ela suas recomendações.

Julia assentiu, ansiosa para que ambos fossem embora. Mas Adam parecia não ter pressa... Então, ela se adiantou.

— Foi um prazer revê-lo, milorde... Mas peço que me perdoe, pois tenho de ir para casa.

— Sim — Adam comentou, com um olhar ainda mais perturbador. — Suponho que, se a senhorita se atrasar, o conde de Fenwick ficará preocupado.

Haveria um toque de sarcasmo naquelas palavras? Julia perguntou-se. Adam Hawthorne teria ouvido os boatos que corriam sobre ela e o velho conde? Ela sempre os achara ridículos. Afinal, considerando a idade e a saúde do conde, era fácil deduzir que eles não faziam o menor sentido... E ela sentiu um aperto no estômago ao imaginar o que aqueles dois homens poderiam pensar a seu respeito.

— Adeus — disse ao duque.

— Tenha um bom dia, srta. Whitney.

Inclinando ligeiramente a cabeça, ela despediu-se do conde:

— Foi um prazer conhecê-lo, milorde.

— Asseguro-lhe que o prazer foi todo meu, srta. Whitney. — Uma vez mais, os olhos azuis e escuros pareciam envolvê-la... e devassá-la.

Virando-se, Julia começou a se afastar. Esperou ouvir o som de homens montando e voltando por onde tinham vindo. Mas apenas um deles partiu... E sentiu o olhar intenso de Blackwood às suas costas, enquanto caminhava.

Adam costumava cavalgar, bem cedo. E, à noite, perambulava pelas ruas. Os anos de Exército, dias e noites vivendo ao ar livre, tornavam quase impossível adormecer sem

antes respirar um pouco de ar fresco. Pouco mais de um ano atrás, após o falecimento de Carter, seu irmão mais velho, ele vendera sua patente no décimo primeiro batalhão de cavalaria e voltara a Londres para assumir seus deveres de conde. Suas incursões noturnas haviam se tornado um hábito e, assim, conhecera todas as ruas e vielas de West End.

Conhecia também Brook Street, onde ficava a enorme mansão, em estilo georgiano, do conde de Fenwick... Só não conseguia entender o que o levava até ali, naquela noite.

— Pelo amor de Deus! — resmungou, na escuridão. — A moça é amante do velho!

E concluiu, em pensamento, que Julia Whitney havia se vendido ao conde, como se fosse um mero pedaço de carne, em troca das roupas caras que usava, da carruagem negra e reluzente, da parelha de magníficos animais que a levava ao parque, todas as manhãs.

Ele bem que conhecia mulheres como Julia Whitney.

Por pouco não se casara com Caroline Harding... E teria feito isso, se não a houvesse encontrado na cama, com o primo Robert.

Mas Caroline não fora a única... Ele ainda trazia, na memória, as conseqüências da traição de Maria. O duelo com o marido dela deixara-lhe uma marca interior muito mais profunda do que a cicatriz que marcava-lhe o rosto.

No entanto, quando se lembrava da jovem à beira do lago, de seu sorriso enquanto alimentava os patos, não sentia a raiva e a hostilidade que a lembrança de Caroline ou Maria lhe despertavam. Em vez disso, experimentava uma estranha calma e uma paz que não conhecia, nem mesmo no período anterior à guerra,

Na imensa mansão de Fenwick, as janelas do primeiro e segundo pavimentos estavam acesas. Adam imaginou em qual dos quartos dormiria Julia... Perguntou-se, também, se o velho conde tivera a coragem de instalá-la nos antigos aposentos da condessa, contíguos aos dele.

Encostou-se a um tronco de árvore, na rua escura. Por que Julia teria aceitado aquela situação? Teria ficado tão desesperada, a ponto de fazer qualquer coisa para sobreviver? Será que o pai não lhe tinha deixado outra escolha?

As especulações foram interrompidas pelo som de um tiro e viera de dentro da casa de Fenwick.

— Socorro! Chamem um guarda! Atiraram no conde de Fenwick!

Com o canto dos olhos, Adam percebeu um movimento entre a mansão e a casa vizinha. Uma pessoa de baixa estatura, envolta num manto com capuz, saiu correndo, dos fundos da casa, em direção à alameda que ficava atrás da cocheira. Sem fazer ruído, ignorando os gritos dos criados que saíam para a rua, ele deu a volta na casa vizinha e foi até a alameda.

Oculto pela escuridão, ouviu passos leves e apressados. Logo constatou que, sob o manto, escondia-se uma figura feminina. Saiu das sombras e parou diante dela, que bateu-lhe no peito. Adam abraçou-a e ela lutou para se desvencilhar.

— Ora, srta. Whitney... — ele disse, num tom severo — eu não esperava reencontrá-la assim, tão depressa.

— Blackwood... — foi só o que Julia murmurou, com a respiração entrecortada. Trêmula da cabeça aos pés, escutava os gritos da criadagem.

— Acalme-se, ou acabará se machucando — ele disse. — Conte-me o que aconteceu. Julia começou a chorar.

— Foi... lorde Fenwick! Escutei um estrondo, corri até o escritório dele e o encontrei no chão, coberto de sangue, com os olhos fixos no teto... De repente, entendi que ele estava morto. Um dos criados entrou e... Bem, começou a gritar que eu o havia matado. Disse que eu... que eu tinha assassinado o conde. Tentei explicar que isso não era verdade, que eu jamais faria uma coisa dessas, mas o homem não quis me escutar. — Ofegante, ela fitou os olhos insondáveis de Adam, antes de concluir:

— Eles vão me prender. Por favor, deixe-me ir embora! Com uma expressão implacável, Adam respondeu:

— Não posso deixá-la fugir. E mesmo que pudesse, o que a senhorita faria? Tem algum amigo na cidade que poderia acolhê-la?

Trêmula de medo, Julia mordeu o lábio inferior:

— Encontrarei um local para me esconder até que descubram a pessoa que... que o matou. Por favor, acredite em mim, eu não fiz aquilo.

Adam segurou-a com força.

— Venha comigo — disse, por fim.

Se não estivesse tão perturbada, ela teria aproveitado a oportunidade para fugir. Mas, em vez disso, permitiu que ele a conduzisse pela alameda,

A estreita passagem, por trás de uma fileira de casas, parecia interminável e tortuosa, em meio à escuridão. A passagem seguinte parecia ainda mais escura, cheirava a folhas secas e fezes de cavalo. Depois ambos caminharam por uma terceira viela e diversas alamedas escuras, até que saíram numa estrebaria feita de tijolos. Pararam por um momento e Julia aproveitou o momento para tentar recuperar o fôlego. Erguendo a cabeça por cima da baia, o belo cavalo negro de Adam relinchou, reconhecendo seu dono.

Adam fitou o animal com carinho, mas logo seu semblante voltou a se endurecer. Continuou andando, puxando Julia pelo braço. Ambos atravessaram um jardim bem cuidado e entraram numa casa que Julia concluiu ser a residência de Adam na cidade. Tratava-se de uma construção de tijolos expostos, de dois andares, com venezianas brancas e graciosas sacadas no segundo andar.

Confusa e assustada, Julia levou alguns instantes para entender onde se encontrava. O recinto tinha paredes revestidas de madeira, uma lareira com console de mármore, estantes que iam do chão ao teto, repletas de livros.

Adam ficou em silêncio por um longo momento, mas sem deixar de fitá-la. A proximidade, a consciência de estar a sós com aquele homem elegante e musculoso, deixou-a ainda mais frágil.

— Devo estar louco — ele disse, por fim.

Julia imaginou que, talvez, também estivesse maluca. Não era possível que houvesse se tornado uma fugitiva, correndo por alamedas escuras e sujas, confiando a própria vida a um desconhecido.

— Este momento não pode estar acontecendo de verdade — ela sussurrou, voltando a tremer. — Diga que isso não passa de um pesadelo terrível.

— Pois pode ter certeza de que tudo isso é verdadeiro... Acredite, eu conheço a diferença entre alucinação e realidade.

Julia não tinha idéia do que ele queria dizer, mas aquilo era bem pior do que todos os sonhos ruins que já tivera.

— Talvez o conde esteja apenas ferido — comentou. — Eu não deveria ter fugido. Deveria ter ficado e...

— Digamos que seus instintos estavam corretos — ele a interrompeu. — Pela maneira como os criados reagiram, eu diria que é quase certo que o conde de Fenwick estivesse morto.

— Oh, Deus!

Perdendo de vez o controle, Julia voltou a chorar. Adam a fez sentar-se numa poltrona e ofereceu-lhe um lenço. Ela aceitou, sem fitá-lo. Depois de alguns instantes, assoou o nariz e enxugou as lágrimas. Por fim, suspirou profundamente.

— Sei que às vezes ele podia ser grosseiro e dominador... Mas era muito bom para mim... E eu o estimava tanto! Não sei o que farei, sem o conde.

— No momento, seu principal objetivo e preocupação será provar que não o matou.

Julia fechou os olhos, sem imaginar p que fazer.

— O que me sugere?

Adam incentivou-a a tomar um gole de conhaque. Julia tentou empurrar o cálice que ele lhe oferecera, mas ele forçou-a a beber um gole.

— Isso a ajudará a sentir-se melhor.

Mesmo discordando do argumento, Julia teve de admitir que Adam estava certo. O calor do líquido começou a se espalhar por seu corpo, causando-lhe uma leve sensação de relaxamento. Então ela parou de tremer. Fitando-o, notou que Adam não tirava os olhos de sua saia, onde uma mancha vermelha se destacava, perto da barra.

— Oh, Deus!

— Você tem uma mancha de sangue na roupa... É melhor me contar como a conseguiu.

Julia engoliu em seco. Tentando não. recordar o olhar de espanto no rosto já sem vida do pobre Fenwick, murmurou:

— Quando... quando o vi caído sobre o tapete, ajoelhei-me a seu lado para ver se podia fazer alguma coisa por ele. Devo ter me sujado de sangue nesse momento.

— Então, depois de ouvir o tiro a senhorita correu, para o gabinete, encontrou o conde caído no chão e tentou verificar se ele ainda vivia.

— Sim.

— Então foi isso que aconteceu?

— Sim.

— Tem certeza de que não está se esquecendo de nada?

Julia respondeu com um veemente gesto de assentimento. Não sabia até que ponto poderia confiar naquele homem. Mas, pela primeira vez, compreendeu que precisava muito de ajuda.

— A senhorita poderá passar a noite aqui. Amanhã cedo farei uma visita à casa do conde para descobrir o que aconteceu. Quem sabe se o homem que cometeu o crime já não foi pego?

— Tomara que sim.

— Caso contrário... — Adam não completou a frase. Mas sabia que teria de entregar Julia às autoridades.

— Não... — ela disse, apavorada. — Não posso ficar aqui.

— Por acaso prefere voltar para lá? Quer enfrentar o chefe de polícia e seus homens?

Julia sentiu um aperto no estômago.

— Se eu... voltar, eles me prenderão.

— Então, não há escolha.

Julia não queria ficar ali, pois ainda não sabia se poderia confiar em Adam. Mesmo que pudesse, talvez não fosse prudente ficar. Mesmo assim, sem dinheiro e sem ter para onde ir, não lhe restava outra alternativa... Como ele mesmo dissera.

— Não sei por que milorde resolveu me ajudar. Seja lá qual for o motivo, quero que saiba que lhe sou muito grata.

Ele a olhou da cabeça aos pés.

— Há um quarto, no pavimento superior, perto da escada, que a senhorita poderá ocupar. Como os criados já estão dormindo, eu mesmo lhe mostrarei onde fica.

Nervosa, Julia aquiesceu. Esperou que ele abrisse a porta do escritório e seguiu-o, pela escada, até o segundo andar.

Adam parou diante de uma porta entalhada.

— Conversaremos amanhã cedo. Boa noite, srta. Whitney.

— Boa noite, milorde. — Ela entrou e trancou a porta.

O quarto era mobiliado com bom gosto. A grande cama de baldaquino, com colchão de plumas, lhe pareceu extremamente convidativa. E foi então que ela notou que havia uma porta de comunicação com outro quarto que, provavelmente, era a suíte principal, onde Adam dormia.

Julia deitou-se, mesmo sabendo que não conseguiria conciliar o sono.

Na manhã seguinte, Adam levantou-se e se vestiu sem a ajuda de Harley Smythe, seu criado de quarto. Em vez da cavalcada matinal, pediu a carruagem e ordenou ao cocheiro que rumasse para Rathmore Hall.

Lá chegando, tirou Clayton da cama e dos braços de sua bela esposa. Detestava a idéia de envolvê-lo naquele assassinato sórdido, mas confiava naquele bom amigo, para ajudá-lo a encontrar um modo de entrar no escritório de Fenwick, falar com os criados e descobrir o que acontecera na noite anterior. Até o presente momento, ainda não tinha entendido por que se envolvera nos problemas de Julia. Ele a desejava e ela era uma bela mulher. Porém, havia algo mais... Havia a imagem dela sentada na beira da poltrona de seu escritório, na noite anterior, com os cabelos em desalinho, os grandes olhos, muito azuis, assustada como uma criança. Havia ainda o encontro com ela naquela alameda escura, quando sentira seu corpo tremer de pavor.

Talvez Julia tivesse exagerado; talvez não houvesse necessidade de fugir. Uma explicação simples poderia ter tranqüilizado as autoridades que, então, tratariam de procurar o verdadeiro culpado. Mas ele não estava lá muito convencido disso.

Seria ela uma vítima inocente? Era o que ele pretendia descobrir. Além do mais, haveria certas vantagens em manter Julia em sua casa.

* * *

— Estamos quase chegando — disse Clayton, com sua voz grave e profunda, acomodado no assento em frente ao de Adam, na carruagem. — Você acha mesmo necessário entrar no gabinete de Fenwick?

— Se for possível...

— Daremos um jeito para que seja.

A carruagem parou diante da mansão do conde de Fenwick, em Grosvenor Square. Um lacaios aproximou-se e abriu a porta do veículo. Adam desceu e caminhou pelo calçamento de pedras, que levava à edificação imponente, de quatro pavimentos. Clayton o seguia. Ambos subiram a escada principal, até uma ampla varanda de pedra, apoiada em colunas brancas, de estilo coríntio. Adam anunciou sua presença, usando a aldrava em forma de cabeça de leão. Logo em seguida, um mordomo abriu um dos lados da grande porta dupla de madeira entalhada.

Clayton adiantou-se:

— Bom dia, Atwater. Acabei de ouvir as notícias sobre milorde.

— Oh, sim! — o mordomo assentiu, penalizado. — Foi uma coisa horrível! E vejo que a notícia já correu...

— Isso mesmo, Atwater. Mas o que houve?

— Ele foi assassinado. Eu mesmo o encontrei.

— Lorde Blackwood e eu viemos prestar condolências e oferecer nossos préstimos. — Clayton praticamente empurrou, com os ombros, o homem magro, que não teve outra alternativa senão dar-lhe passagem.

— Não sei o que Vossa Graça poderá... — o mordomo começou a dizer.

Mas Clayton já caminhava pelo vasto corredor, em direção ao escritório.

— Atwater, a justiça deve ser cumprida, lorde Blackwood foi major do Exército e tem fontes de informação muito boas. Presumo que você tenha chamado as autoridades, ontem à noite.

Atwater precipitou-se no encalço de ambos. Adam quase sorriu ao vê-lo entrar, atônito, no escritório.

— Mas claro que chamei! E também mandei avisar o sobrinho e a nora do conde.

Clayton fez um gesto de assentimento. Sua atenção recaiu, em seguida, sobre o tapete manchado de sangue, diante da escrivaninha do conde. O recinto era abafado e cheirava a tabaco. Um cachimbo, com a ponta escurecida e marcada pelos anos de uso, estava num prato de cristal, sobre o tampo do móvel.

— O chefe de polícia me pediu para não limpar nem tirar nada do lugar, durante os próximos dias — O mordomo explicou. — Um dos guardas noturnos pegou a pistola...

— Pistola? — Adam repetiu, apreensivo. — Quer dizer que o senhor encontrou a arma usada para matá-lo?

— Sim, milorde. A pistola estava no chão, ao lado do corpo do conde. Ela deve tê-la deixado cair, antes de sair correndo.

Adam fitou-o com um olhar sombrio: — O senhor está se referindo à srta. Julia Whitney? Acha que foi ela quem matou o conde?

— Sim. E presumo que milorde já tenha ouvido algo sobre isso. A srta. Whitney era... — O mordomo interrompeu-se. — Bem, não gosto de falar mal dos mortos, mas o conde trouxe a srta. Whitney para esta casa, para torná-la sua... amante.

Adam sentiu-se invadido por um terrível mal-estar.

— Você tem certeza disso, Atwater? — Clayton perguntou, num tom neutro.

— A Srta. Whitney nunca se comportou de maneira reprovável, na minha presença, nem na dos outros criados. Mas ela é, inegavelmente, uma beldade. E o velho conde gostava de mulheres bonitas.

O som de um forte pigarrear, junto à porta, interrompeu a conversa. E os três voltaram-se naquela direção.

— Isso não é verdade. Nunca foi! — exclamou a governanta, uma mulher rechonchuda, de touca e avental branco, engomado, sobre a saia negra. — A moça era muito boa para o conde. E ele a amava como a filha que nunca teve.

— Glynis... Você continua tão ingênua como no dia em que começou a trabalhar aqui — o mordomo comentou, entre ríspido e aborrecido.

Com um suspiro de frustração, a governanta afastou-se.

— Conte-nos o que aconteceu — Adam pediu. Orgulhoso por ser o centro de atenções de um duque e um conde, Atwater não hesitou:

— Já era tarde, mas o conde e a srta. Whitney ainda não tinham se recolhido para dormir. A maior parte dos criados já tinha sido dispensada, mas eu me sentia um tanto estranho, ontem à noite... Pensei em tomar um copo de leite morno, antes de ir para a cama. Quando passei pelo corredor, ouvi a srta. Whitney conversando com o conde. Minutos depois, escutei o tiro. Disparei pelo corredor, abri a porta e me deparei com o pobre conde deitado numa poça de sangue.

— Continue — Adam pediu, tentando absorver a versão do mordomo, tão diferente da que Julia lhe contara.

— Bem, como eu dizia... O conde jazia, ensangüentado, no chão. A srta. Whitney estava em pé, a seu lado. Para mim, ficou evidente o que havia acontecido.

— E isso significa... — Adam provocou-o.

— Há uma escada, nos fundos da biblioteca particular do conde. — Atwater apontou, pela porta aberta, a parede norte do escritório. — Se eu não tivesse chegado à tempo, a srta. Whitney teria subido até o quarto dela e, assim, ninguém a teria descoberto.

— A srta. Whitney estava segurando a pistola?

— Não. Ela a havia deixado cair, a uma curta distância.

Isso era possível, Adam pensou, pois Julia não mencionara a arma.

— E o senhor a interrogou, naquele momento?

— Perguntei o que ela havia feito. Claro que ela negou, afirmando que não tinha sido a autora dos disparos. Foi quando comecei a gritar por socorro... Então a srta. Whitney saiu correndo pela porta dos fundos da biblioteca, alcançou o hall e dali chegou ao jardim.

Adam sentiu raiva de Julia por ela tê-lo enganado, sem sequer mencionar a arma.

— As janelas do gabinete costumam ficar trancadas? — Clayton perguntou.

— Nem sempre — o mordomo respondeu. — Mas o conde gostava de ar fresco, principalmente à noite.

— Então, é possível que alguém tenha chegado à janela aberta, atirado e jogado a arma no chão, antes de fugir.

— Teoricamente, sim... Isso pode ter ocorrido.

— O senhor verificou se havia pegadas do lado de fora do escritório?

— O piso sob a janela é de pedregulhos. E, de qualquer forma, choveu durante a madrugada.

— O senhor vê algum motivo pelo qual, a srta. Whitney pudesse desejar a morte do conde de Fenwick? — Clayton quis saber.

— Quem sabe? Talvez fosse uma discussão entre amantes...

Adam ignorou o gosto amargo que o invadiu, devido a essas palavras cruéis.

— O senhor se incomodaria se déssemos uma espiada por aí?

Sem esperar pela resposta, Adam aproximou-se da porta entalhada que dava acesso à biblioteca do conde. Localizou a escada dos fundos e então retornou ao escritório.

— O senhor foi muito prestativo — disse ao mordomo, entregando-lhe uma razoável quantia de moedas de ouro.

— Muito agradecido, milorde.

— Espero pegarmos logo o assassino, seja ele quem for.

— Deus o ouça, milorde.

Ambos saíram da mansão e voltaram à carruagem. Adam estava furioso.

— Suponho que não foi essa a história que a srta. Whitney lhe contou — disse Clayton, acomodando-se no assento em frente ao dele.

— De fato, não.

— Então, talvez ela seja culpada.

— Talvez. — Mas Adam não conseguia se convencer de que Julia Whitney era uma assassina... Não quando pensava naquele sorriso, o mais doce que já vira.

Mas ao lembrar-se das mentiras que ela lhe contara, a imagem da jovem doce e indefesa desaparecia.

Ao deixar Clayton em casa, sentiu que a raiva lhe voltava com redobrada força, a ponto de fazê-lo cerrar os punhos.

Julia andava de um lado a outro da sala de estar, preocupada com o que Adam encontraria na mansão de Fenwick.

Ao escutar um ruído junto à entrada da casa, sentiu seu coração disparar... No mesmo ritmo dos passos que soavam no piso de mármore do hall.

A porta se abriu e Adam entrou. Seu olhar sombrio era a resposta que ela procurava.

— A senhorita mentiu para mim — ele sentenciou. Ela recuou um passo,

meneando a cabeça num gesto de negação.

O que teriam dito a ele?

— A senhorita mentiu para mim — Adam repetiu, enquanto entrava. — E quero saber o motivo.

Julia engoliu em seco, enquanto continuava recuando, até encostar-se à parede. Adam avançou em sua direção.

— O que... o que eles disseram? — ela balbuciou.

— Por que não me contou sobre a pistola?

A fúria estampada nos olhos de Adam fez com que seu coração batesse ainda mais rápido.

— Pistola? — Foi então que ela se lembrou da arma que vira no chão, perto do conde. — Oh, Deus, de fato... Mas eu me esqueci de lhe contar. Tudo estava tão confuso... E eu me sentia tão apavorada que... que mal podia raciocinar.

Julia percebeu que o rosto de Adam se contraía. Mas continuou a explicar-se, na esperança de diminuir a raiva que o dominava.

— Notei a pistola ao me ajoelhar, ao lado do conde... Estava quase aos pés dele.

— Então viu a arma ao entrar no escritório... Ou seja, depois de ouvir o tiro.

— Sim, milorde.

— A senhorita se encontrava no corredor?

— Sim.

Segurando-a pelos braços, Adam pressionou-a contra a parede. Seu olhar era implacável, o que a deixou ainda mais assustada.

— A senhorita estava no escritório do conde de Fenwick quando tudo aconteceu — ele concluiu.

— Não!

— O mordomo escutou a senhorita falando com o conde, momentos antes do tiro.

Julia sentiu um nó na garganta, enquanto seus joelhos fraquejavam. Tinha rezado tanto para que ninguém a tivesse visto nem ouvido, enquanto falava com o velho conde. Assim, todos acreditariam que ela entrara no escritório somente após o tiro. Mas era óbvio que alguém a vira.

Adam pressionava-lhe os braços com força, a ponto de fazê-los doer.

— Por que a senhorita o matou?

— Eu não o matei! — Julia quase gritou. — Nós tínhamos acabado de jogar uma partida de xadrez... E fui buscar um livro, a pedido dele. O conde tinha dificuldade para dormir e, geralmente, me pedia para ler para ele, antes de recolher-se a seus aposentos. Ontem à noite ele me mandou à biblioteca para pegar um livro de lorde Chesterfield... assim, fui procurá-lo. Estava entretida nisso, quando ouvi o tiro.

Adam observou o rosto de Julia por um longo momento. Por fim soltou-a, devagar, enquanto indagava:

— Se isso é mesmo verdade... Então por que resolveu mentir?

Julia passou a língua pelos lábios ressequidos. Não queria nem cogitar na hipótese, de Adam entregá-la às autoridades.

— Tive medo de que milorde soubesse que eu estava no gabinete e que reagisse como Atwater. O senhor seria levado a pensar que... que eu havia matado o conde.

Adam fitou-a por mais algum tempo... Mas Julia não desviou o olhar, sustentou-o, enquanto rezava para que ele acreditasse em suas palavras. Depois de mais alguns instantes, ele recuou.

— Dê-me um motivo pelo qual eu não deva acreditar que a senhorita é uma assassina.

Julia retesou-se, com os olhos ainda fixos nos dele.

— O motivo é que estou dizendo a verdade. E creio que, em algum recanto de seu coração, milorde saiba disso... Caso contrário, não teria me ajudado.

— O que a faz pensar que tenho coração?

— Estou dizendo a verdade. Não atirei no conde.

Adam não retrucou. Deu-lhe as costas, afastou-se e parou ao lado de uma mesa redonda, próxima à lareira.

— Por ora, digamos que aceito o que a senhorita me contou.

Julia sentiu um alívio tão intenso, que chegou a sentir-se zozza.

— Se a senhorita de fato pretende contar com minha ajuda, de agora em diante terá de me dizer toda a verdade, independentemente do quanto isso possa lhe custar. Se descobrir que fui enganado novamente, eu mesmo a entregarei às autoridades.

Julia estremeceu, não duvidava de que Adam seria capaz de fazer isso.

— Eu lhe disse tudo... Ao menos, tudo o que consegui me lembrar. As coisas aconteceram depressa demais e eu estava muito perturbada. A verdade é que não matei o conde. Por que eu haveria de matar aquele velhinho tão querido?

Adam ergueu as sobrancelhas, com ar de dúvida.

— É essa sua opinião sobre ele? A maioria da sociedade o enxergava como um velho tolo, sistemático e amante da boa vida.

Julia entristeceu-se.

— De certa forma, o conde talvez pudesse ser considerado um pouco egocêntrico, sim... Mas o fato é que sempre foi muito generoso comigo.

— A que preço, srta. Whitney? — Adam indagou, num tom brusco.

Julia franziu a testa, sem entender o significado da pergunta. E ele prosseguiu:

— A senhorita tomava conta dele e lhe satisfazia todos os desejos... fossem quais fossem?

— O que fiz por ele foi muito pouco, em troca do que recebi. Na verdade, se paguei algum preço, foi muito pequeno, quase insignificante.

Adam mudou bruscamente de assunto:

— Pelo jeito, a senhorita terá de ficar aqui por algum tempo. Portanto, precisará de algumas roupas.

Julia observou a mancha escura, na barra de sua saia. Uma mancha que ela havia tentado, sem sucesso, remover naquela manhã.

— Tenho uma amiga que se parece com a senhorita, na estatura e na complexão física. Verei o que posso fazer.

Na certa, Julia pensou, tratava-se de uma de suas amantes. Afinal, um homem rico e atraente como Adam devia ter muitas mulheres, ela concluiu, com desagrado, antes de dizer:

— E os criados? A essa altura dos acontecimentos, as autoridades devem estar à minha procura. Hoje à tarde todos os seus empregados já saberão do assassinato.

— Eu disse a eles que minha prima, Jane Winslow, acaba de chegar do campo. Todos são muito leais e estão acostumados à vida um tanto incomum que levo... Portanto, não se preocupe com isso. Sua presença, aqui, não levantará suspeitas.

— Mais uma coisa...

— Sim? — Adam indagou, já perto da porta.

— Preciso saber se milorde acredita, realmente, que não matei o conde.

Um meio sorriso estampou-se no belo rosto másculo:

— Digamos que, neste momento, minha mente está aberta... Se a senhorita for inocente, encontrará um meio de provar isso. Se não for... — O olhar severo de Adam a fez estremecer. — Mas creio que a senhorita não tem por que se preocupar, já que está me dizendo a verdade. — E ele saiu, fechando a porta.

Julia suspirou profundamente. Não conseguia explicar sua atração por Adam... E, para piorar a situação, estava mais endividada com ele do que seria desejável. Talvez, o aceitar a ajuda daquele homem, estivesse correndo um perigo bem maior do que se fosse capturada e presa.

Adam entrou na sala de estar da suíte *Rainha Elizabeth*, no último andar do Hotel Albemarle. O aposento era amplo e arejado, com vista para um belo parque verdejante.

A suíte era de uso exclusivo da condessa de Melburn, uma velha amiga.

Bem... Não exatamente *velha*, Adam corrigiu-se, em pensamento, Lembrando-se das curvas sensuais da bela dama. Ela completara trinta anos, recentemente. Era apenas alguns meses mais nova do que ele.

— Adam! — ela exclamou. — Mal posso acreditar que você está aqui! É um imenso prazer revê-lo! — O penhoar de seda, de cor lavanda, tocava-lhe os tornozelos enquanto ela parecia flutuar até Adam, com os braços estendidos. Ele tomou-lhe as mãos, puxou-a para si e beijou-lhe as faces, antes de dizer:

— Você está adorável, como sempre, Arabella... Ela sorriu.

— Por onde você andou? Faz mais de seis meses que não nos vemos!

— Passei o inverno em Blackwood Manor. — Ele se referia à sua propriedade rural, ao sul de Londres, próxima a Seaford. — Como você sabe, prefiro espaços abertos. Faz poucas semanas que regressei à cidade.

— Bem, estou contente por você ter resolvido aparecer. A temporada mal começou e já me sinto aborrecida. Como já disse, é um grande prazer revê-lo. — Embora ambos já não fossem amantes, ela o fitou com um olhar provocativo, antes de acrescentar: — Sempre foi.

Adam não respondeu. Tinha ouvido dizer que Arabella Saunders, que ficara viúva havia oito anos, envolvera-se com o duque de Kerns. Era verdade que ela continuava muito atraente, sobretudo com aquele traje, que expunha-se parcialmente os seios... Mas ele só estava interessado na amizade que ambos haviam desenvolvido, ao longo do tempo.

— Eu bem que gostaria que esta visita fosse menos... digamos... informal, Arabella. Mas o fato é que preciso de um favor seu.

— Claro, querido. É só pedir.

— Uma prima chegou inesperadamente do campo... E, pelo que entendi, com problemas de família. De qualquer forma, ela saiu de casa apenas com a roupa do corpo. Assim, eu gostaria de saber se você poderia emprestar-lhe alguns trajes. Assim, minha prima terá o que vestir, até que o problema se resolva, e ela possa voltar para casa.

— Uma prima? — Arabella repetiu, com ar maroto.

O sorriso de Adam não confirmou nem desmentiu o parentesco. Mas Arabella, a despeito do que se poderia supor, era uma mulher discreta. E certamente não mencionaria a ninguém sua visita, nem o empréstimo das roupas. Assim, retribuindo o sorriso, ela afirmou:

— Bem, ficarei feliz em ajudar. Tenho um guarda-roupa lotado de trajes dos quais pretendo me desfazer. Isso me dará oportunidade de comprar algo novo.

— Minha prima não precisará de muitas roupas. Afinal, ela só ficará em minha casa por um breve período.

— De qualquer forma, uma mulher precisa se vestir bem — disse Arabella, a caminho do quarto. — Com licença, querido. Voltarei num instante.

Depois de um bom tempo, ela retornou, acompanhada por um criado, que carregava uma pilha de caixas.

— Acho que estes trajes serão suficientes, para sua prima. Ela poderá reformá-los, se quiser. Não precisa se preocupar em me devolver. São um presente meu para ela.

Inclinando-se, Adam beijou-a carinhosamente, nas faces.

— Você é uma jóia, Arabella. MUITÍSSIMO obrigado. Desejo-lhe tudo de bom.

— Grata, querido. E boa sorte com sua... prima.

Adam ignorou a ironia sutil das palavras daquela boa amiga. Fazendo um sinal ao criado, pediu-lhe que o seguisse. Saiu da suíte, desceu ao andar térreo do hotel, acomodou as caixas na carruagem, entrou e bateu no teto, indicando ao condutor que estava pronto para partir. O condutor obedeceu imediatamente. Adam observou a imensa pilha de caixas, no assento em frente ao seu. Imaginou Julia envergando as roupas de decote ousado, que Arabella costumava usar, e sorriu. Uma onda de calor o invadiu, ante aquele pensamento.

Julia puxou para cima o decote do vestido de seda, cor de ameixa, que havia encontrado entre os trajes que Adam lhe trouxera. Os vestidos eram um tanto curtos e exigiam quadris mais volumosos. Mas, afora esse detalhe, caíam-lhe com perfeição.

Como Adam conhecia bem o corpo das mulheres, ela pensou, sem conseguir evitar uma ponta de irritação.

Ele havia calculado muito bem seu figurino, tinha acertado em cheio, ao lhe arranjar aquelas roupas!

Ela mirou-se no espelho e mais uma vez puxou o corpete do vestido para cima, tentando ocultar o colo dos seios. Sua vontade era usar luto completo, em respeito à morte do conde. No entanto, a situação a obrigava a vestir-se de modo bem diferente. Aquele modelo, apesar de ser moderno, era decotado demais. Aliás, todos os trajes que

Adam trouxera eram um tanto ousados...

Fechou o último botão do vestido e voltou a mirar-se no espelho. Saiu do quarto e desceu a escada em direção ao pavimento térreo, disposta a discutir sua situação com Adam.

A porta do escritório dele estava aberta. Sentado à sua escrivaninha de mogno reluzente, ele interrompeu a leitura de um documento, ao vê-la entrar. Com uma expressão atenta, mirou-a da cabeça aos pés... Os cabelos presos num coque, o colo dos seios exposto pelo decote, a linha dos quadris. Por fim, deteve-se nos pés, calçados nas mesmas sapatilhas de pelica marrom que ela usara, na véspera. Ao sentir-se observada, Julia quase perdeu o fôlego.

— As sapatilhas de sua *amiga* ficaram pequenas para mim — ela explicou. — Afora esse detalhe, tudo me serviu perfeitamente. — E não pôde conter um tom de reprovação, ao acrescentar: — Parece que sua *amiga* gosta de exibir o busto. Na próxima vez em que milorde sair, talvez possa me comprar um metro de renda ou algo parecido.

Adam sorriu:

— Não sei... A senhorita faz justiça ao vestido e gosto de vê-la exatamente como é.

Julia corou. Adam a analisava com evidente ousadia e admiração. Ela sabia que deveria ficar irritada, mas, em vez disso, sentiu-se invadida por uma onda de calor. Rezou para que ele não notasse seu constrangimento, nem sua excitação. E tentou ignorar o sentimento de fragilidade que aquele olhar ardente lhe provocava. Não poderia, de modo algum, sentir-se atraída por Adam, um homem que sabia ser frio e insensível, quando queria.

— Milorde disse que queria falar comigo.

— Sim. — Erguendo-se, ele contornou a mesa. — Está frio. Sente-se diante da lareira, sim? Pedirei a Reggie que nos traga um chá.

Julia não sentia frio. Na verdade, sempre que Adam a olhava, uma onda de calor a invadia. Enquanto ele tocava a campainha, para chamar o mordomo, ela caminhou na direção de um sofá de couro marrom, que ficava diante da lareira. Tentando não mostrar-se acanhada, por causa do vestido, forçou-se a caminhar devagar. E parou diante de um console, para observar um papiro egípcio, emoldurado, que pendia da parede.

— Que lindo! — exclamou, com o olhar fixo no desenho que representava um homem de perfil, segurando um cetro e usando um adorno em forma de serpente, na cabeça. — Esse papiro... Se não me falha a memória, este é o imperador Ramsés III.

— Eu não sabia que a senhorita conhecia a História Egípcia — ele reagiu, surpreso, com uma expressão que a Julia pareceu um tanto cômica.

Com um sorriso confiante, ela esclareceu:

— Na verdade, História Egípcia era uma paixão de meu pai... Ele, sim, era um verdadeiro *expert* no assunto. Como eu passava muito tempo na companhia dele, acabei aprendendo um pouco, também.

— Por Deus, a senhorita é filha de Giles Whitney! Eu jamais poderia ter imaginado.

— Milorde conhecia meu pai?

— Não pessoalmente, mas li muitos de seus trabalhos. Ele era uma grande autoridade em Egptologia. — Aproximando-se de uma estante, Adam pegou uma escultura em pedra, de cor cinza-chumbo, que representava um pássaro envolvendo, entre as garras, um minúsculo homem, como se quisesse protegê-lo. — A senhorita

reconhece isso?

— É Hórus, um deus de forma humana, com cabeça de falcão. — Aproximando-se, Julia tomou a escultura entre as mãos. Era pesada, lisa, fria... E simplesmente perfeita. — O homem protegido pelo pássaro é, provavelmente, Nectanebo II.

— Deve ser. Achamos que esta peça data da Trigésima Dinastia, algo em torno do ano 300 a.C.

Ela o observou com o canto do olho, enquanto colocava a estatueta de volta no lugar.

— Milorde já esteve no Egito, não é mesmo? — indagou, sentando-se no sofá. — E foi lá que nasceu seu interesse por esse assunto?

— De fato, estive no Egito — ele respondeu, com uma expressão sombria. Nada mais acrescentou e então um silêncio tenso caiu entre ambos.

Alguém bateu à porta e Adam, recompondo-se, foi abrir. Era Reggie, o mordomo.

— O que deseja, major? — ele indagou, num tom solícito.

— Chá para a srta. ... Winslow e também para mim, por favor.

— Num instante, major. — Ele saiu, fechando a porta.

— Milorde era major da cavalaria? — Julia perguntou.

— Sim — ele respondeu, com pesar. — Perdi minha promoção para coronel, quando decidi deixar o Exército.

— Não consigo imaginar por que milorde lamenta esse fato.

Aproximando-se da lareira, Adam estendeu as mãos em direção ao fogo, para aquecê-las.

— Talvez seja difícil entender, mas o fato é que me aborreci por ser obrigado a desistir. Eu gostava da cavalaria, gostava da camaradagem entre os soldados, adorava viajar e viver ao ar livre. Aliás, foi por isso que eu estava diante da casa do conde de Fenwick, na noite de seu assassinato. Costumo sair, para caminhar, quase todas as noites. Isso me deixa mais calmo e mais apto a conciliar o sono.

— Milorde tem dificuldade para dormir?

— Infelizmente, sim.

— O conde também tinha. Adam ergueu as sobrancelhas.

— Bem, agora ele está descansando em paz.

Julia desviou os olhos, sentindo um nó na garganta.

— Milorde sabe quando será o funeral?

— Amanhã cedo, na igreja de St. Katherine.

— Muitas pessoas comparecerão. Talvez, se eu chegasse mais tarde e usasse um véu...

— Não — ele a interrompeu. — Guarde seu luto aqui mesmo. Se for até a igreja, alguém poderá reconhecê-la. E se isso acontecer, a senhorita será presa.

Julia estremeceu. Mas furtar-se a prestar a última homenagem a um homem que fora um verdadeiro pai para ela parecia-lhe tão ou mais terrível do que a idéia de ser condenada.

— Por falar em prisão, vamos ao que interessa. — Adam aproximou-se do sofá. — Se não foi a senhorita quem matou o conde, então precisamos descobrir quem foi. Para isso, teremos de encontrar o motivo pelo qual alguém pudesse desejar a morte dele. Um provável herdeiro, por exemplo, poderia querer vê-lo morto. Assim, tomaria posse do título e da fortuna imediatamente.

— O único herdeiro do conde é seu sobrinho, Howard Telford, mas ele já tem um título: visconde Mayfield. E, que eu saiba, não precisa de dinheiro.

Adam dirigiu-se à escrivaninha e fez algumas anotações num pedaço de papel. Em seguida, comentou: — É melhor verificar isso.

— Mesmo que o visconde estivesse precisando de dinheiro... — Julia suspirou. — Bem, não posso imaginá-lo matando o tio. Mas também não acredito que alguém desejasse a morte de um homem velho e inofensivo como o conde.

— Acontece que alguém *desejou*. Mas, se não se trata de cobiça, então deve haver outro motivo. O conde tinha inimigos?

Julia puxava pela memória. Mas não conseguia pensar em ninguém capaz de odiar tanto o conde, a ponto de querer matá-lo... Bem que gostaria de encontrar um suspeito, mas não lhe ocorreu nenhum.

— Sei que o conde não era o homem mais popular de Londres... Mas, por outro lado, não imagino quem poderia detestá-lo a ponto de...

— Vamos lá, srta. Whitney. Não se pode dizer que o conde fosse conhecido por sua diplomacia, ao contrário: ele não se acanhava nem um pouco, quando queria dizer umas boas verdades. Certamente deve ter ofendido várias pessoas.

Adam estava certo. Fenwick era impulsivo. E não costumava se controlar, quando queria insultar alguém. Portanto, era bem provável que alguém lhe guardasse rancor.

— Como milorde disse, o conde era muito franco. Volta e meia fazia, comentários desagradáveis sobre acontecimentos ou pessoas. Há algumas semanas, um cavalheiro chamado Barton Witherspoon o procurou. Disse que...

Uma batida na porta a interrompeu. Logo em seguida Reggie entrou, empurrando um carrinho de chá, com xícaras e pires trabalhados em ouro.

— Obrigado, Reggie.

— Algo mais, major?

— No momento, não.

O mordomo saiu e fechou a porta.

— Quer servir, srta. Whitney? — Adam ofereceu. Ela o fez com graça e desenvoltura. Tinha aprendido tudo sobre *etiqueta* na famosa escola da sra. Davenport.

Adam sentou-se na poltrona ao lado do sofá e aceitou o chá com um aceno de agradecimento. Suas mãos de dedos esguios, elegantes, morenos, contrastavam com a porcelana muito branca, com detalhes em ouro.

— A senhorita falava do sr. Witherspoon.

— Sim... Como eu dizia, o sr. Witherspoon procurou o conde há algumas semanas. Eu estava na biblioteca, quando ele entrou no escritório. Por isso, pude ver seu rosto. Ele estava furioso! Afirmou que se o conde não se retratasse publicamente pelo que havia dito no sarau de Collingwood, pagaria muito caro!

— E o que foi que o conde disse?

— Bem, ele comentou que Hermione, filha do sr. Witherspoon, lembrava um grou subnutrido.

Adam desatou a rir. E seu rosto se iluminou de tal maneira, que Julia se esqueceu do que precisava contar.

— O conde disse mesmo isso?

— Acho que sim.

— Bem, reconheço que ele não estava nem um pouco longe da verdade... Embora não devesse dizê-lo. — Adam fitou-a, ainda risonho. — Mas a senhorita acha que Witherspoon estava furioso o suficiente para matar?

Julia gostaria muito de responder "sim"... Gostaria muito de encontrar um suspeito. Mas o fato era que não tinha certeza de nada. Com um suspiro, ela meneou a cabeça, num gesto de negação:

— Não. Não creio que o homem pudesse atirar no conde, só por ele ter chamado sua filha de grou...

Colocando sua xícara sobre o tampo de uma mesa baixa, Adam levantou-se.

— Se Witherspoon foi o *melhor* suspeito que a senhorita encontrou, então precisamos procurar ajuda. Mandarei uma mensagem para o duque de Rathmore, pedindo-lhe que venha para cá o mais depressa possível.

— Rathmore! — Julia ergueu-se, sobressaltada. — Mas será que podemos confiar nele? E se ele me denunciar às autoridades? E se...

— Acho que me esqueci de mencionar que Rathmore foi comigo à casa de Fenwick. Ele o conhecia desde muitos anos... Por isso não tivemos problemas para entrar lá.

Retesando-se, Julia lançou um olhar à porta, como se o chefe de polícia e os oficiais estivessem prestes a entrar.

— Não se preocupe — Adam tranquilizou-a. — O duque é confiável e talvez possa nos ajudar a encarar o caso sob um novo ângulo.

Julia continuava inquieta. Apavorava-se com a idéia de estar nas mãos de Clayton.

Erguendo-lhe o queixo, Adam afirmou:

— Se quiser meu apoio, srta. Whitney, terá de me obedecer. Mas, acredite, estou realmente empenhado em ajudá-la.

Julia não apenas queria como precisava acreditar nele, o único ser humano que havia se disposto a prestar-lhe auxílio. Por isso, ela respondeu com um leve gesto de aquiescência.

— Ótimo! — Adam exclamou. — Nesse meio tempo, falarei com Howard Telford e com Madeleine, a nora do falecido. Também pretendo recorrer aos serviços de um detetive. Aliás, já marquei encontro com um, hoje à tarde, em Bow Street.

— Mas isso será muito dispendioso! E não tenho sequer um centavo. Como poderei pagá-lo?

Adam caminhou, calmamente, até a porta.

— Não se preocupe — disse, fitando-a por sobre o ombro. — Tenho certeza de que descobriremos um jeito.

Julia acordou cedo, na manhã do funeral de Fenwick. Tinha passado uma noite

inquieta, pensando na morte horrível do homem a quem aprendera a amar como a um pai. Precisava estar presente, ou ao menos num local próximo, no momento do enterro.

Tinha lido, no *Evening Post*, que o funeral seria realizado às dez da manhã, na igreja de St. Katherine. Mas Adam a aconselhara a não comparecer, e com razão. Madeleine, a nora do conde, e Howard, o sobrinho, estariam entre os presentes, além de muitos outros membros da alta sociedade, que certamente a reconheceriam. Portanto, era melhor não ir. Mas, talvez, ela pensou, pudesse se esconder no cemitério, entre as lápides, na hora do enterro do conde. Assim prestaria a ele uma última homenagem.

Verificando as roupas emprestadas, escolheu um vestido cinza, adornado com pequeninos botões de pérolas, o único que parecia adequado à ocasião. Pôs um xale de caxemira e, por fim, envolveu-se no manto longo, de capuz, que usara na noite do assassinato. Não pretendia se aproximar do local do sepultamento, permaneceria a distância, oculta entre as colunas de granito escuro das lápides.

Já pronta, impacientou-se com os minutos, que pareciam se arrastar. Finalmente, o relógio sobre o console da lareira, anunciou a hora que ela esperava. Inspirando fundo, Julia abriu a porta e certificou-se de que não havia ninguém por perto. Certamente Adam instruíra o mordomo para não deixá-la sair. Os corredores estavam desertos. Tudo parecia em silêncio, exceto pelos ruídos que vinham da ala oposta da casa, provocados pelas camareiras ocupadas em arrumar um quarto de hóspedes.

Ela fechou a porta sem fazer ruído e caminhou a passos largos pelo corredor, em direção a saída utilizada pelos criados, nos fundos da casa. Desceu por uma escada estreita e olhou ao redor. Não havia ninguém por ali.

Saindo da penumbra, caminhou até a porta a passos largos, mas não chegou a alcançá-la. Mãos fortes a detiveram, impedindo-lhe a fuga e obrigando-a a virar-se. Julia empalideceu ao deparar-se com o olhar sombrio de Adam.

— Para onde pretende ir?

— Vou ao funeral do conde. Tenho um dever de honra para com ele — declarou, imaginando que talvez Adam pensasse que ela quisesse fugir. — Lorde Fenwick foi um amigo querido... Foi muito mais que isso. E eu lhe devo, pelo menos, uma última homenagem.

A expressão de Adam tornou-se ainda mais implacável.

— Seja lá qual for o grau de *amizade* que a senhorita teve com o conde... Não creio que valha o risco de ser presa.

— Não irei à igreja, apenas ao cemitério. Vou me manter a distância, fingindo visitar outro túmulo... Mas tenho de ir até lá, para me despedir do conde — afirmou, sentindo que o pulso, que Adam segurava com força, começava a formigar.

— Respeito seus sentimentos, mas não a deixarei sair. O risco é muito grande.

— O risco é meu... E não seu. De qualquer forma, por que milorde se importaria? Na verdade, ainda nem entendi por que está me ajudando. Adam deu de ombros.

— Também não sei. Mas o fato é que não permitirei que a senhorita se exponha ao perigo, por conta de uma tolice.

Julia sentiu um rubor subir-lhe às faces. O que Adam chamava de *tolice* era, para ela, *amor* e *dever*. Ele não se moveu, nem soltou-lhe o pulso. E Julia sentiu que sua raiva arrefecia. Afinal, ele estava tentando protegê-la, num momento em que ninguém mais se importava com ela. Portanto, deveria mostrar-se agradecida, e não revoltada.

— Se o conde for o homem que a senhorita acredita ser... ele compreenderá — E

soltou-a.

Julia refletiu. Era possível que Adam estivesse certo. Fenwick a havia amado profundamente. E com certeza não iria querer que ela arriscasse a vida por sua causa.

— Pode ser — ela concordou, relutante, após alguns instantes.

— Venha. — Adam enlaçou-a pela cintura. — Pedirei a Reggie que lhe traga uma xícara de chá.

Com um suspiro de resignação, Julia deixou-se levar pelo corredor. Mentalmente, fez uma prece para que Fenwick soubesse que ela de algum modo estaria em seu funeral, ainda que espiritualmente.

As horas passavam. Julia mudava de posição, ajeitava o travesseiro, mas o sono não vinha. Pensamentos perturbadores e muitas dúvidas a assaltavam. O pior de tudo era o receio do que poderia acontecer.

Se não descobrissem o verdadeiro assassino de Fenwick, ela acabaria sendo levada à prisão.

Os minutos se escoavam e ela continuava desperta. Seus olhos pesavam, mas recusavam-se a fechar-se. De súbito, ouviu ruídos no aposento contíguo... Um móvel ligeiramente arrastado, cobertas pesadas sendo batidas contra o colchão. Depois os sons se tornaram mais nítidos, transformando-se em gemidos que atravessavam a parede que separava os dois aposentos.

Apesar de estar vestindo apenas uma camisola de algodão, Julia levantou-se e caminhou até a porta. Apurando os ouvidos, pôde escutar os sons mais claramente.

Adam parecia estar em meio a um pesadelo. Seus gemidos revelavam um profundo sofrimento.

Num impulso, ela decidiu agir. Afinal, não poderia permitir que aquilo continuasse. Talvez estivesse agindo como uma grande tola, pensou, girando a maçaneta. Por um instante, chegou a desejar que a porta estivesse trancada... Mas não estava. Ao contrário: não teve a menor dificuldade para abri-la.

Adam estava deitado em seu grande leito de baldaquino, iluminado apenas pelo luar que penetrava através de uma janela alta, parcialmente aberta.

As cobertas, que pareciam ter sido afastadas com brusquidão, chegavam-lhe apenas até a cintura. Ele não usava o tradicional camisolão. O suor cobria seu corpo moreno, ressaltando os músculos firmes e vigorosos. O peito largo, musculoso, era coberto por uma penugem negra e macia.

Julia disse a si mesma que seria melhor voltar a seu quarto e fechar a porta... Mas uma espécie de fascínio inexplicável obrigava-a a permanecer ao lado da cama. Nunca, em toda sua vida, vira o tórax desnudo de um homem, exceto o de seu pai, quando ele adoecera. Adam continuava a se debater. Seus braços musculosos se mexiam muito, exibindo os bíceps perfeitos.

Vá embora, antes que ele a veja, ela se ordenou. E teria feito exatamente isso, se Adam não houvesse gritado.

Sem pensar, Julia aproximou-se e tocou-lhe o braço:

— Lorde Blackwood?

— Não... — ele balbuciou, movendo a cabeça de um lado a outro. — Pelo amor de Deus, não... não tantos homens!

Segurando-o pelos ombros, ela procurou acordá-lo:

— Milorde?

Ele deu um grito e agarrou-a. De repente, Julia estava de costas, na grande cama, é Adam a pressionava contra o colchão de plumas. Ele estava transfigurado, trêmulo, e embora a fitasse, não parecia vê-la.

— Adam? — ela murmurou, sem saber ao certo por que, pela primeira vez, chamava-o pelo nome.

Ainda com uma expressão estranha, ele fitou-lhe a boca, com inequívoco desejo... O beijo aconteceu no instante seguinte.

Julia entreabriu os lábios, num grito sufocado. Adam explorava-lhe a boca com avidez. Ele continuava sobre ela, pressionando-lhe o corpo com o seu... O suor escorria pelo corpo de Adam, a ponto de atravessar a fina camisola que ela usava... Talvez por isso ela agora sentisse uma pressão ainda maior e um estranho calor, na região do baixo-ventre. De repente compreendeu o que aquilo significava: Adam estava excitado. Era o sexo dele que buscava caminho, entre suas coxas.

Oh, Deus! Julia pensou, empurrando-lhe o peito e lembrando-se das palavras de Maude, ao referir-se à esposa de um coronel: Ela alegou que o major Hawthorne a havia obrigado a se entregar.

O medo paralisou-a. E ela se encolheu... um segundo antes de ele soltá-la.

Arfando, trêmula da cabeça aos pés, ela levantou-se.

Adam resmungou um palavrão, antes de indagar:

— Mas o que a senhorita está fazendo aqui? — Passou a mão pelos cabelos úmidos, afastando-os da testa.

— Percebi que milorde estava tendo um pesadelo — ela balbuciou. — Então, tentei acordá-lo.

— Santo Deus! — Ele se ergueu. Ao lembrar-se que estava despido, pegou um roupão de seda, cor de vinho, que havia deixado numa cadeira.

Julia virou-se de costas, enquanto ele se vestia.

— Eu a machuquei? Julia pensou no beijo intenso, no calor e na excitação que havia sentido.

— Não — respondeu, após alguns instantes. — Milorde estava sonhando com a guerra?

Ele acenou em concordância, enquanto dizia:

— As lembranças dessa época não são nada agradáveis.

Julia não ousou perguntar quais seriam. E confidenciou:

— Sonhei com o conde na noite passada. Ele estava com o peito coberto de sangue... Mas logo essa imagem terrível desapareceu... E comecei a sonhar com os bons momentos que tivemos.

— A senhorita tem sorte — Adam comentou, caminhando em direção a uma cômoda. Pegando um jarro de porcelana, despejou água numa bacia, lavou o rosto, umedeceu os cabelos negros e enxugou-se com uma toalha branca de linho. Em seguida voltou-se para ela, que já estava ao lado da porta, decidida a voltar para o quarto. — Eu não pretendia machucá-la, mas a senhorita me assustou. Depois me chamou de Adam e... Bem, eu pensei que se tratasse de outra pessoa.

Julia corou, ao lembrar-se do beijo ardente que haviam trocado.

— E quem era essa pessoa... A mulher que me emprestou os vestidos?

— Não.

Ela ergueu o queixo, com ar de desafio:

— Então, talvez milorde estivesse sonhando com a mulher do coronel.

Os olhos de Adam estreitaram-se:

— O que a senhorita sabe a respeito de Maria? Julia deu de ombros, tentando parecer indiferente.

— Não muito. Sei que ela fez acusações... talvez falsas. Sei também que milorde talvez tenha sofrido, injustamente, nas mãos dela. Imagino se não será esse o motivo pelo qual decidi me ajudar.

Adam aproximou-se para fitá-la de perto, enquanto dizia:

— É possível.

Julia sustentou-lhe o olhar:

— Dou-lhe minha palavra de que não estou mentindo. Sua confiança, em mim, não será em vão.

Com um meio sorriso, ele retrucou:

— Talvez, com o passar do tempo, a senhorita me dê algo mais, além de sua palavra.

— Bem, está na hora de voltar a meu quarto — ela afirmou, ostentando uma firmeza que não possuía.

Fez menção de sair, e Adam não a deteve. Mas disse, num tom inesperadamente suave:

— Obrigado por sua preocupação. E espero que, da próxima vez, a senhorita considere as conseqüências de entrar assim em meu quarto, sem avisar, no meio da noite.

Com um gesto de assentimento, Julia afastou-se.

* * *

Adam caminhava nervosamente, de um lado a outro do escritório, enquanto esperava por Clayton e pela jovem mulher que invadira sua vida, com uma força inexplicável. Não conseguia esquecê-la, desde a noite anterior, quando ela entrara em seus aposentos. Agora, a necessidade de descobrir se ela estava envolvida, ou não, no assassinato de Fenwick, havia se tornado quase uma obsessão.

O fato era que a desejava loucamente... Mas não poderia tomar nenhuma atitude, enquanto não descobrisse se Julia era inocente ou culpada daquele crime terrível.

A tarde caía. Adam caminhou até um console e serviu-se de uma dose de conhaque. Ainda se lembrava, com nitidez, da sensação daquele corpo macio sob o seu, da suavidade dos seios sob seu tórax, da curva delicada dos quadris, das coxas bem torneadas, que por um breve instante haviam abrigado seu sexo, em plena ereção. O desejo que o tomara, naquele momento, fora tão intenso, que era até doloroso recordá-lo... Ah, como tivera vontade de levantar a camisola de Julia, afastar-lhe as pernas e mergulhar dentro dela.

Maldição!, pensou.

Precisava de uma mulher que pudesse satisfazer seus desejos, sem cobranças, sem nenhum compromisso. E conhecia uma: Lavinia Dandrige, marquesa de Walencourt, era uma mulher disponível e sensual. Seu marido costumava ficar no campo durante longas temporadas, sem desconfiar das tendências da esposa... Ou, talvez, exausto por seus inúteis esforços para satisfazê-la.

Adam tomou um gole de conhaque, decidido a mandar uma mensagem para Lavinia, assim que terminasse a conversa com Clayton. Talvez ela estivesse disponível, naquela noite. Poderia levá-la ao teatro... Ou simplesmente ficar com ela, desfrutando dos mais loucos prazeres.

Essa perspectiva causou-lhe um sentimento de satisfação, interrompido pelo som de uma batida na porta. Em seguida, Reggie abriu-a, e Clay entrou, precedido por Julia. Ao ver a preocupação nos belos olhos azuis, ele mandou ao inferno seu plano de encontrar-se com Lavinia. Era Julia que ele desejava... Ninguém mais.

— Não creio que a srta. Whitney esteja muito feliz em me ver — Clayton comentou, fechando a porta.

— Ela ainda não está convencida de que você é uma pessoa confiável — disse Adam.

Sorrindo, Clayton voltou-se para Julia:

— Lorde Blackwood prometeu ajudá-la a provar sua inocência. Ele pediu minha colaboração. Como sou seu amigo, e lhe devo muitos favores, resolvi atender o pedido. Em resumo, é isso, senhorita.

— Então, por favor, entenda que nada tive a ver com o assassinato de Fenwick — Julia declarou, com veemência. — O conde foi muito bom para mim, eu jamais faria algo contra ele. Na verdade, com sua morte, fiquei numa situação muito difícil. Este fato, por si só, já deveria ser suficiente para provar minha inocência. Pois é óbvio que nada ganhei com a morte dele.

— Concordo — disse Clayton. — A senhorita realmente não tinha motivos para cometer esse crime.

Adam concluiu que, apesar da palidez e do cansaço, Julia continuava adorável. Por que será que se sentia tão atraído por aquela jovem mulher, desde a primeira vez em que a vira, no parque?

Voltando até o console, serviu um conhaque para Clayton e um cálice de xerez para Julia. Então explicou ao amigo:

— Eu lhe pedi que viesse, para nos ajudar a encontrar um motivo para o assassinato do conde... Quem teria razões para desejar sua morte? Julia não conseguiu lembrar-se de nenhum suspeito... Exceto Barton Witherspoon, que certamente quis matar o conde, ao ouvi-lo comparar sua filha a um grou.

— Fenwick disse isso? — Clayton perguntou, antes de sorver um gole de conhaque.

— Sim... Ele comparou Hermione a um grou subnutrido.

Os dois desataram a rir. Mas Julia permaneceu séria. E Adam prosseguiu:

— Bem, eu e Julia achamos que isso não seria o suficiente para fazer de Barton um suspeito... Por isso, gostaríamos que você nos apontasse um suspeito mais provável — concluiu, entregando o cálice de xerez a Julia.

Os três sentaram-se diante da lareira.

— Bem, para começar, eu gostaria de explicar que conheci Fenwick há muitos anos. — disse Clayton. — Desde que soube de seu assassinato, tenho pensado em quem poderia ser o criminoso.

— E?... — Adam indagou.

— Pensei em duas pessoas... Theodore Boswell, marquês de Elridge, é uma delas.

— Por que o marquês? — Adam quis saber.

— Os dois foram sócios, num negócio. Fenwick empreendeu uma operação comercial bastante ousada, na Companhia das Índias Orientais. Infelizmente, não deu certo... A operação resultou em fracasso e falência. Elridge, que tinha investido bem mais do que o conde, perdeu quase tudo o que possuía.

— Puxa, eu devia ter me lembrado disso! — Julia exclamou. — Há algumas semanas, a sra. Madigan, governanta do conde, me contou que lorde Elridge apareceu por lá, furioso, ameaçando o conde e dizendo que jamais o perdoaria pelo prejuízo que tivera.

Adam anotou o fato numa folha de papel. Pediria a Peter Fraser, o detetive que contratara, para investigar onde Elridge estivera, na noite do crime. Havia, também, a possibilidade de o marquês ter contratado alguém para matar o conde... O que dificultaria a descoberta de provas. Mas também era possível que Elridge houvesse resolvido matá-lo pessoalmente.

— Muito bem. Quem mais devemos considerar suspeito, além de Elridge?

Clayton sorveu mais um gole de conhaque, antes de responder:

— Talvez Colin Norton, advogado do conde, também tivesse motivos para matá-lo.

— Pensei que Norton houvesse deixado a cidade.

— De fato, deixou. E foi por causa do conde. Norton cuidava dos investimentos dele... Mas um dia o conde deu por falta de uma boa parte de seu dinheiro. Que eu me lembre, não chegou a acusar Norton formalmente... Mas, logo depois desse incidente, Norton partiu de Londres. Dizem que ele foi forçado a sair da cidade. Não tenho idéia do que houve com ele, depois disso. Mas sei que andou falando mal do conde... Aliás, considerava-o o grande culpado por todos os seus problemas.

Julia deixou o cálice de xerez sobre a mesa.

— Se esse homem roubou mesmo o conde... Deveria ter ficado agradecido por ele não tê-lo mandado para a prisão.

— É verdade, — Clayton comentou — mas certas pessoas, além de ingratas, recusam-se a assumir a responsabilidade por seus atos. Adam fez novas anotações.

— Alguém mais? — perguntou.

— O conde ofendeu muitas pessoas, como Barton Witherspoon... Mas não creio que elas se sentissem inclinadas a matá-lo. — Clayton fez uma pausa. — Talvez Howard Telford seja outro suspeito... Com a morte do conde, ele ganhará seu título e sua fortuna. E há também a nora do conde, que sem dúvida será citada no testamento.

Julia enrijeceu o corpo, enquanto dizia:

— Eu não pensei em Madeleine como provável suspeita. Na verdade, não acho que ela mataria o conde que, aliás, parecia estimá-la profundamente.

Adam pouco sabia de Madeleine, exceto que fora casada com Henry Telford, o

único filho de Fenwick. No início do ano anterior, Henry cometera suicídio, por motivos ignorados. Dizia-se que o conde ficara arrasado com essa perda e passara a sustentar a nora, que permanecia em Hampstead Heath, propriedade de seu falecido marido, nos arredores de Londres.

— Quanto Madeleine herdará? — indagou.

— Uma quantia apreciável, eu creio. — Clayton, terminou de tornar seu conhaque.
— Como diz a srta. Whitney, Fenwick parecia gostar muito dela.

— A senhorita a conhecia? — Adam perguntou a Julia.

— Apenas superficialmente. Ela foi à casa do conde algumas vezes.

— E como ela a tratava? Julia fitou as chamas da lareira, antes de responder:

— Madeleine era cordial, comigo. Não sei se eu a agradava, mas ela era bastante cortês. Como já disse, eu a vi poucas vezes.

Pegando a folha de papel, Adam anotou um compromisso: fazer uma visita a Howard Telford, na manhã seguinte.

O que tinham conseguido, naquela conversa?, ele se perguntou. Não muita coisa... Será que o chefe de polícia teria alguma pista melhor? Só o tempo diria.

Adam e Clayton levantaram-se, quase ao mesmo tempo.

— Obrigado por ter vindo — Adam agradeceu ao amigo.

— Fico feliz por poder ajudar. — Clayton voltou-se para Julia. — Farei mais algumas investigações, talvez encontre novas pistas.

Julia forçou um sorriso, mas estava preocupada.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Eu o acompanho, Clayton — disse Adam, conduzindo-o até a porta.

— Em pouco tempo, descobrirão que ela está aqui — Clayton cochichou.

— Sei disso, mas espero que até lá tenhamos encontrado provas de sua inocência.

O amigo assentiu, sem muita convicção.

— Você comentou algo com Kassandra, sobre este caso? — Adam indagou.

Clayton negou com um gesto de cabeça, antes de dizer:

— Acho que ela desconfia de que estou lhe escondendo algo... Mas, por enquanto, tenho conseguido me esquivar às suas perguntas. E, para o bem da própria Julia, quanto menos pessoas souberem disso, melhor.

— Agradeço por sua colaboração, Clayton.

— Você ainda acredita que ela é inocente?

— Sim. Acho que Julia disse a verdade. Afinal, que motivo teria para matar o conde?

— Todos, em Fenwick, acreditam em sua culpa. Mas meu sexto sentido me diz que Julia não é uma assassina.

— Seu sexto sentido sempre foi certo.

Adam meneou a cabeça:

— Não quando se trata de mulheres... Não quando se trata de Julia Whitney.

Clayton sorriu.

— Por falar nisso, ouvi dizer que Howard Telford está oferecendo uma recompensa pela captura dela.

— Minha nossa!

— Bem, como eu já disse, farei algumas investigações para ver se consigo encontrar novas pistas. — Clayton deu-lhe um tapinha no ombro. — Tome cuidado, amigo.

— Pode deixar.

Seguiu-se mais uma noite agitada, entre pesadelos sobre a guerra e sonhos eróticos com Julia, que dormia no quarto contíguo.

Na manhã seguinte, Adam decidiu que precisava passear um pouco, para espairar e sair do turbulento estado de espírito em que se encontrava.

Saiu de casa e, a caminho do estábulo, pensou que não cavalgara mais pela manhã, desde a chegada de Julia. Até mesmo os passeios noturnos já não o ajudavam a se acalmar, como antes. A melhor terapia, no momento, seria cavalgar.

Estava quase entrando no estábulo, quando alguém o chamou. Voltando-se, viu Maude Flynn caminhar apressada em sua direção, com uma expressão ansiosa.

— O que houve, Maude?

— Sua prima, a srta. Winslow, desapareceu. Milorde acha que ela resolveu voltar ao campo... E sem avisar?

Adam contraiu o rosto. Estava tenso.

— Tem certeza de que ela não está aqui, mesmo? Minha... prima costuma levantar-se cedo. Talvez tenha ido à biblioteca. Ou ao jardim.

— Já procurei por toda parte, milorde.

Adam cerrou os dentes. Maude estava certa. Se Julia não estava na casa, então tinha ido para o campo, a melhor alternativa para escapar da prisão. Clayton bem que havia aventado a hipótese de ela fugir... Julia na certa havia imaginado que, cedo ou tarde, ele acabaria descobrindo que fora ela quem cometera o assassinato.

Ele cerrou os punhos. Embora houvesse prometido a si mesmo que nunca mais se deixaria enganar por um rosto bonito e angelical... O fato se repetia.

Furioso, voltou para casa, atravessou a sala, subiu os degraus de dois em dois e abriu com violência a porta dos aposentos de Julia. Olhou ao redor, com uma expressão atenta, pensando que ela deveria ao menos ter levado uma muda de roupas... E talvez algo para vender, como um candelabro de prata ou uma lâmpada de bronze, por exemplo. Pois, pelo que lhe constava, ela não tinha dinheiro.

O aposento parecia normal. Nenhum objeto desaparecera. A cama estava desfeita e, a camisola, sobre um banco forrado de veludo.

Mas se Julia pretendia mesmo fugir, por que havia esperado até o amanhecer? Ele se perguntou. A menos que ela houvesse deixado a casa durante a noite... E, antes de sair, resolvera desmanchar a cama, para dar a impressão de que havia dormido ali.

Adam saiu do quarto ainda mais furioso, cogitando sobre onde Julia estaria, àquela hora. Estava disposto a trazê-la de volta e a obrigá-la a encarar as consequências do que fizera. Era verdade que continuava a desejá-la, mais do que nunca... Mas se Julia matara Fenwick, teria de pagar pelo crime.

Enquanto voltava ao estábulo, sentiu-se invadido por um raio de esperança... Que lhe dizia que Julia talvez fosse realmente inocente. Contudo, logo meneou a cabeça, negando essa possibilidade.

Julia era culpada... E por isso, somente por isso, resolvera fugir.

Mesmo assim, uma parte de si teimava em crer numa probabilidade impossível...

Talvez por isso, enquanto esperava que Angus selasse Ramsés, Adam decidiu que não iria em direção à estrada, onde poderia cavalgar livremente, e sim ao parque.

Pouco depois, ele montava o reluzente corcel negro. Chamando-se de tolo, conduziu o animal rumo ao parque. A esperança continuava a perturbá-lo, dizendo-lhe que talvez pudesse encontrar Julia à margem do lago, alimentando os patos...

Tolo!, repreendeu-se, mentalmente.

Ao chegar aos pés da pequena elevação, de onde antes observara Julia, ele deteve o animal. Precisava se preparar para o desapontamento que o aguardava.

Já no alto, contemplou as águas plácidas do lago... Depois voltou o rosto na direção banco de ferro, que ficava à margem... E uma onda de alívio o invadiu, com tanta intensidade, que o deixou zozzo.

Julia estava sentada no banco, alimentando os patos, com uma expressão tranqüila.

Adam suspirou. Mas um sentimento de raiva seguiu-se ao alívio. E ele incitou Ramsés a descer...

Julia escutou o grasnar familiar de Esmeralda e sorriu, atirando vários pedaços de pão dentro do lago. A pata nadava, acompanhada por seus filhotes, e pareceu reconhecê-la.

Após dias de confinamento na mansão Blackwood, ela havia acordado perturbada, naquela manhã. A imagem de Adam não lhe saía da mente. Isso a deixava confusa e ainda mais frágil do que já se encontrava. Assim, decidira sair um pouco, mesmo sabendo que seria uma atitude arriscada.

Contudo, não fora completamente descuidada. Sabia que, àquela hora da manhã, poucas pessoas estariam nas ruas. Por isso, acreditara que não seria notada. Havia pensado, também, na possibilidade de Adam encontrá-la... Mas sabia que ele não vinha freqüentando o parque, ultimamente. Por tudo isso, havia decidido ir até lá.

Continuou atirando migalhas de pão, na água. E chegou a rir quando Esmeralda, erguendo a cabeça, e Foi nesse instante que ela escutou o ruído de patas de cavalo contra o solo.

— Oh, Deus! — exclamou, erguendo-se de um salto.

Era Adam quem se aproximava, praguejando. Não havia dúvida de que ele estava furioso. Seu belo rosto trazia uma expressão cruel.

Julia recuou, passo a passo, até que sentiu um tronco de plátano, contra as costas. Adam desmontou rapidamente, com um olhar feroz e os lábios contraídos pela raiva. Segurando-a pelos ombros, fitou-a de muito perto.

— O que pensa que está fazendo?

Apesar de apavorada, Julia irritou-se. Ergueu a cabeça bruscamente e o capuz de sua capa caiu para trás. Quem ele pensava que era, para tratá-la daquele modo? Só porque a estava ajudando, não podia se dar o luxo de agir como ela lhe pertencesse!

— Estou alimentando os patos... — respondeu, no tom mais calmo que conseguiu.
— Não está vendo, milorde?

— A senhorita pode ser capturada e levada para a prisão a qualquer momento... E, no entanto, está aqui alimentando os patos, como se nada de mais estivesse acontecendo!

Julia queria fugir, mas não podia, por causa da árvore e da pressão das mãos de Adam, que a seguravam com firmeza.

— Não sou sua prisioneira... — ela afirmou.

— Não mesmo? Pois não se iluda, srta. Whitney... Se pensa que vai fugir de minha casa, antes que eu possa descobrir a verdade sobre o assassinato de Fenwick, está muito enganada!

Julia zangou-se ainda mais:

— Eu não estava pensando em fugir, *seu... seu* presunçoso! Saí apenas para um passeio e isso não pode ser considerado um crime!

Adam fitou-a com espanto. Julia Whitney estava sendo bastante corajosa, ousando desafiá-lo daquela maneira.

— De fato... — ele assentiu, com um suspiro — um passeio não pode ser considerado um crime. Mas e se alguém a vir, senhorita? Sabe que há uma recompensa por sua captura?

Engolindo em seco, Julia disfarçou um arrepio.

— Está bem, cometi uma tolice — admitiu, por fim. — Sei que milorde não entende, mas eu não podia ficar sequer mais um minuto naquela casa. Precisava de ar puro, de um local para pensar e refletir sobre o que farei.

As feições de Adam suavizaram-se. Ele já não parecia tão zangado. E Julia constatou, uma vez mais, o quanto aquele homem era atraente.

— Talvez eu entenda, sim. Também tive vontade de vir ao parque, hoje. Há ocasiões que a terra, a vegetação, o ar fresco são os únicos tônicos que funcionam. Mas é perigoso ficar aqui, senhorita. Se alguém notar sua presença, poderá denunciá-la às autoridades! Daí à sua prisão, será um passo.

Adam continuava a fitá-la com intensidade.

Julia sentiu o pulso acelerar-se. Por um instante, acreditou que ele iria beijá-la. Mas, em vez disso, Adam endireitou-se e recuou.

Ela mal podia acreditar na sensação de desapontamento que a dominou. Era absurdo sentir-se assim, pensou, irritada consigo mesma.

— Temos de voltar — Adam afirmou, com certa rispidez. — Eu poderia levá-la na garupa de Ramsés, mas acabariamos chamando a atenção. É absolutamente importante que a senhorita passe despercebida.

— Vim até aqui sozinha e posso voltar da mesma maneira.

Satisfeita por poder fugir às emoções perturbadoras que Adam lhe provocava, Julia virou-se e começou a caminhar. Mas não resistiu à tentação de olhar por sobre o ombro... E foi o que fez. Ao ver que Adam a fitava, ocorreu-lhe que talvez ele estivesse realmente preocupado com ela... Ou apenas quisesse que a justiça fosse feita, de uma maneira ou de outra.

Essa perspectiva acabou de vez com o bem-estar que ela havia sentido, enquanto

alimentava os patos.

Capítulo II

Escurecia. O céu estava cinzento e púrpura. Uma camada de nuvens baixas pairava sobre a cidade, quando Adam voltou para casa, depois de um dia infrutífero. O encontro com Peter Fraser, o detetive que contratara, não trouxera nenhuma novidade.

— Milorde, desvendar esses casos é algo que leva tempo — Fraser havia dito. — É preciso paciência.

Mais tarde, havia se encontrado com Clayton, cujas investigações também não tinham sido muito produtivas, apesar de seu otimismo.

— Falei com Justin — Clayton lhe contara, referindo-se ao conde de Greville, um de seus melhores amigos. — Ele e Fenwick tinham vários negócios em comum. Por isso, achei que Justin poderia nos ajudar.

— Pelo bem de Justin, espero que os negócios dele com o conde tenham sido mais lucrativos do que os de Elridge.

— Bem mais. — Clayton sorria. — Onde Justin toca, o dinheiro aparece. Ele sempre teve esse dom, uma espécie de toque de Midas.

— Espero que você não tenha lhe contado que Julia está comigo.

— Claro que não. Apenas comentei que eu não acreditava na culpa da srta. Whitney e queria descobrir o autor do crime. Justin é um homem discreto e solícito. Tanto, que prontificou-se a me ajudar em tudo o que pudesse.

Adam não gostava da idéia de envolver o conde de Greville no caso. Mas precisava de todo o apoio que pudesse conseguir, para-provar a inocência de Julia.

Depois do encontro com Clayton, ele fora procurar Howard Telford. O novo conde partira para Fenwick Park, em Hampshire. Segundo Atwater, Howard fora para o campo a fim ordenar as idéias e recuperar-se do golpe causado pela morte do tio.

Com tudo isso, o dia fora simplesmente frustrante. E foi com um misto de alívio e alegria que Adam entrou em casa. Agora poderia, enfim, descansar.

Entregou seu manto para Reggie, que o pendurou num gancho, ao lado da porta, e dirigiu-se ao escritório. Encontrou um exemplar do *Times* londrino, no braço do sofá. Tirou o casaco e deixou-o sobre o encosto de uma poltrona. Pegou o jornal e no mesmo instante seu semblante se contraiu numa expressão de desagrado.

Logo na primeira página, havia um artigo sobre o assassinato. A cada dia surgiam novas especulações, com relatos repetitivos do incidente e uma minuciosa descrição de Julia Whitney, a principal suspeita. O artigo, apesar de sensacionalista, não trazia nenhuma informação nova sobre o caso. Mas Julia era, agora, considerada uma fugitiva da justiça... E, para piorar ainda mais a situação, o jornal trazia um desenho do rosto dela. Era a primeira vez que isso acontecia.

Maldição!, Adam pensou. *E agora, o que acontecerá?*

Os criados teriam de ser cegos ou idiotas, para não perceber a semelhança daquele desenho com sua *prima*, Jane Winslow... Bastaria que um deles raciocinasse um pouco, para deduzir a verdade. Seria fácil juntar os fatos: a data da chegada de Julia, a visita que ele fizera à mansão de Fenwick, na manhã seguinte ao assassinato, suas saídas constantes para falar com um detetive e pessoas ligadas ao conde...

Adam suspirou. Talvez estivesse se preocupando à toa. Afinal, seus criados eram pessoas leais. Na verdade, ele poderia apostar que Reggie, Maude e o cocheiro tinham entendido tudo o que estava acontecendo, desde o primeiro dia... E, mesmo assim, haviam se mantido em silêncio.

Uma batida na porta interrompeu-lhe os pensamentos.

Logo em seguida, Julia entrou, pálida e trêmula, trazendo um exemplar do *Evening Post*.

— Milorde viu isso? Ele aquiesceu, enquanto lhe estendia o *Times*.

— O que farei, agora?

— Considerando que seu rosto está em todos os jornais da cidade, com informações sobre a recompensa que o novo conde está oferecendo... Será só uma questão de tempo, até alguém descobrir que a senhorita está aqui. Em vez de se esconder, talvez fosse melhor aparecer. Tenho um amigo que é um advogado de primeira classe. Eu poderia falar com ele e...

Julia correu até a porta, mas Adam segurou-a:

— Senhorita, já não é possível fugir dessa situação.

— Mas tenho de fazê-lo, será que milorde não entende? — Ela arregalou os olhos numa expressão de pânico. — Não me resta outra escolha. De nada me adiantará explicar o caso às autoridades, pois ninguém acreditará em mim. Por tudo isso, preciso sair da cidade. — Com os olhos rasos de lágrimas, acrescentou: — Por favor... entenda que não estou tentando escapar. Apenas preciso encontrar um lugar seguro para ficar, até que se descubra o culpado.

Erguendo-lhe o queixo, Adam forçou-a a fitá-lo:

— Escute, já falamos sobre isso antes. Não há nenhum lugar para onde a senhorita possa ir... E não é seguro perambular pelas ruas.

Julia desviou o rosto.

— Milorde não quer me deixar sair, porque acredita na minha culpa.

— Nada disso. Não quero deixá-la ir porque alguém acabará por descobri-la, não importa onde a senhorita se esconda. A única maneira de escapar é provando que não matou o conde de Fenwick.

Julia encolheu-se, como se quisesse desaparecer. Caminhou até a porta de folha dupla, que dava acesso ao jardim, parecendo tão perdida, que Adam compadeceu-se. Ficou imóvel por um longo momento. Depois, abrindo uma aba da porta, saiu na escuridão da noite.

Adam a seguiu e parou num terraço, para observá-la. Julia caminhou, por um estreito caminho de cascalho, em direção a uma fonte de mármore, bem no centro do jardim. Deixou-se cair num banco de pedra e ali ficou. A luz do luar, insinuando-se por entre as nuvens, iluminava-lhe tenuemente suas feições. Aos poucos, a expressão tensa de seu rosto delicado foi se tornando mais descontraída.

Num dado momento, ela inclinou-se para tocar a água que jorrava da fonte. Fez isso por um bom tempo e, depois, erguendo a cabeça, contemplou o céu.

Adam continuava a observá-la; também ele se sentia mais relaxado, agora, ao ver que Julia parecia serena, como naquela manhã, no lago, na primeira vez em que a vira.

— Sente-se melhor? — perguntou, aproximando-se. Julia levantou-se.

— Sempre me sinto melhor, quando estou ao ar livre. Além do mais, a água funciona como um poderoso calmante, para mim. Quando mergulho a mão e depois a retiro, tenho a impressão de ver minúsculas contas de cristal que se fragmentam, como num espelho.

— Bem, acho que o alívio que a senhorita agora está sentindo deve-se a algo mais, além do fato de estar ao ar livre. Do que se trata?

Julia sorriu. Pela primeira vez, Adam notou que uma covinha se formava em seu rosto.

— Há, de fato, um outro motivo... Quando estou ao ar livre, consigo pensar com mais clareza e ver as coisas sob uma nova perspectiva. O fato é que não sou culpada pelo assassinato do conde. Seja qual for o rumo dos acontecimentos, sei que não fiz nada de que possa me envergonhar. Desde que eu me mantenha fiel à minha verdade, ninguém poderá me fazer sofrer. Assim, me sinto mais em paz... ao menos comigo mesma.

Adam estava tão encantado quanto perplexo. Desejou abraçá-la e absorver aquela sensação de paz, que tanto o desconcertava.

— Ficarei feliz e aliviada, quando tudo isso houver terminado. — Julia fitou-o... E Adam concluiu que jamais vira olhos tão azuis.

— Parece que uma tempestade está se formando — ele comentou, observando as nuvens pesadas que turvavam a luz do luar.

— Sempre gostei de tempestades — Julia confidenciou, acompanhando-lhe o olhar. — O céu parece criar vida e, no dia seguinte, tudo fica muito claro e límpido.

Adam contraiu o rosto, diante daquelas palavras. Para ele, os trovões pareciam o rugir de canhões e, os relâmpagos, as descargas de uma pistola.

Como se lhe adivinhasse os pensamentos, Julia indagou:

— A tempestade o assusta, milorde? O vento e a chuva provocam-lhe pesadelos?

Ele não respondeu. Estava frágil como jamais se sentira antes. Sentiu que Julia acariciava-lhe o rosto e não soube dizer exatamente como perdeu o controle e tomou-a nos braços.

Beijou-a com sofreguidão e teve de fazer um intenso esforço para não se abandonar de vez ao desejo... Para não ousar carícias mais íntimas, que sem dúvida a assustariam. Como o céu depois da tempestade, seu corpo parecia ganhar uma nova vida...

Saboreava a doçura daqueles lábios e, ao mesmo tempo, lutava contra a urgência que fazia seu sangue ferver nas veias, exigindo a posse total.

Sentiu Julia estremecer em seus braços e recorreu a toda a força de vontade que possuía, para não perder de vez a cabeça. Explorando-lhe a boca, tentava extrair o máximo de prazer daquele beijo. Mas Julia, em vez de corresponder, ficou tensa... E então ele compreendeu que ela nunca fora beijada assim, antes.

Talvez Fenwick simplesmente a levasse para a cama, levantasse sua camisola e experimentasse um rápido prazer, no escuro de seu quarto.

Mas apesar do desespero, que a forçou a ir para a cama do conde de Fenwick, muito de sua inocência permaneceu intacta, ele pensou, agradavelmente surpreso com essa descoberta.

O desejo aumentava de intensidade a cada segundo. Adam voltou a beijá-la e, dessa vez, ela correspondeu, inconscientemente, pressionando o corpo contra o dele. Ele sentiu um forte calor na região da virilha, enquanto sua ereção chegava quase ao máximo, ameaçando roubar-lhe o controle que ainda restava. Só havia uma coisa no mundo que ele queria naquele momento: possuir Julia Whitney, mas o fato era que ainda não se encontrava pronto para isso. Não por falta de desejo... Mas por uma questão de honra: precisava, antes, ter certeza de que ela era inocente.

Mas como explicar tudo isso a seu corpo, que parecia ter vontade própria e ordenava-lhe cada movimento? Tomou os seios de Julia entre as mãos, sentindo-lhes a suavidade e a *textura*. Roçou os mamilos com os polegares e Julia gemeu, baixinho. Fascinando, tornou a beijá-la com intensidade... Todo seu ser clamava por aquela mulher. Ah, como ele precisava penetrar naquele corpo suave, jovem, absolutamente encantador.

Julia percebeu que o desejo de Adam chegava a um nível incontrollável. Também ela o desejava, mas ao mesmo tempo sentia medo. Retesando o corpo, desvencilhou-se dos braços dele e afastou-se alguns passos. Parou a poucos metros do banco, tomada por uma torrente de emoções. Estava perplexa, trêmula, desconfiada e... fascinada com Adam. Mas não podia se envolver com ele. Isso estava fora de cogitação. Após alguns instantes, conseguiu balbuciar:

— Isso... não deveria ter acontecido. Sei que também sou culpada e prometo-lhe que daqui por diante, não mais se repetirá.

Adam não respondeu. Afinal, desejava que tudo se repetisse... E fosse ainda mais além.

Ofegante, com as faces afogeadas, Julia tentava se recompor.

— Tenho de entrar. Boa noite, milorde.

Começou a se afastar e Adam não a deteve, apesar de desejá-la loucamente.

Foi melhor assim, ele pensou. Não queria ser enganado, novamente. Teria de tomar muito cuidado, dali por diante, com os beijos suaves e as respostas inocentes de Julia Whitney.

Observou-a entrar na casa, com uma rapidez maior que a usual. Com o canto do olho, notou um relâmpago distante, ouviu o rugir de um trovão... E compreendeu que teria uma longa noite pela frente.

Em vez de ir para seus aposentos, atravessou a casa e foi até a sala principal. Pegou o manto, abriu a porta e saiu. Talvez um passeio o ajudasse a chamar o sono... E também a esquecer a suavidade dos lábios de Julia, bem como o fato de ela dormir no quarto ao lado do seu.

No dia seguinte, um vento forte fustigava a copa das árvores. Uma chuva pesada caía, continuamente, durante a noite. Por toda Londres, ainda se via o céu encoberto.

Em pé, junto à janela de seu quarto, Julia observava uma carroça de carvão sacolejar pela rua, enquanto o vendedor anunciava aos berros seu produto. Observou aquela cena, até que a carroça desapareceu, numa esquina. Depois fechou a janela,

desejando que não estivesse muito frio, lá fora.

Usando um vestido de musselina, cor de salmão, com corpete e barra bordados com desenhos gregos, ela mirou-se no espelho. Nem mesmo aquela cor, que sempre a favorecia, disfarçava-lhe a palidez do rosto.

Ela havia trançado os cabelos, prendendo-os, como uma coroa, no alto da cabeça. Mas o que realmente chamava a atenção eram as profundas olheiras que marcavam-lhe o rosto.

Não tinha dormido bem. Perguntou-se se voltaria a ter uma noite de sono tranquilo, rio futuro... Mas não era o futuro que temia e sim Adam Hawthorne, o homem mais belo e carismático que já conhecera. Havia muitos homens em Londres, capazes de chamar a atenção por sua beleza. Mas o que distinguia Adam dos outros era a autoconfiança e um certo poder... que a assustava. Na noite anterior, ela descobrira a verdadeira extensão desse poder. E quase chegara a entregar-se a ele.

Ainda podia sentir o calor das mãos de Adam em seus seios, bem como o prazer que ele lhe provocara, ao tocar-lhe os mamilos. E os beijos, então?

Ela, que até então jamais fora beijada profundamente, por um homem, sentira-se invadida, devassada, em chamas! Naqueles poucos momentos, perdera completamente o poder de raciocinar. Se não tivesse fugido a tempo... Bem, nem queria imaginar o que poderia ter ocorrido.

Felizmente, conseguira se afastar, interrompendo o beijo, antes que fosse tarde demais. Adam reagira como um perfeito cavalheiro e não tentara insistir...

Embora seus olhos continuassem brilhando de desejo. Mas se a houvesse puxado de novo para si... O que aconteceria? Ela não queria, mas tampouco podia evitar a curiosidade. Como tudo teria terminado?

Tomando fôlego, decidiu sair do quarto. E prometeu a si mesma que não enrubesceria, quando visse Adam. Abriu a porta, caminhou pelo corredor até a escada... E parou, horrorizada.

Ao pé da escada, havia dois guardas uniformizados. Quando a viram, correram para cima.

— Oh, Deus! — ela murmurou.

Os guardas a alcançaram, antes que Julia pudesse sequer pensar em fugir.

— Julia Alistair Whitney? — disse o mais alto, segurando-a pelo braço.

Ela abriu a boca para responder, mas não conseguiu falar.

— Em nome da Coroa... — disse o outro guarda, um homem de ombros largos e mãos cheias de cicatrizes — a senhorita está presa pelo assassinato do conde de Fenwick — anunciou, agarrando-lhe o outro braço.

— Não! — O grito veio do fundo de sua garganta.

— É melhor entregar-se pacificamente — o guarda mais alto avisou-a. — Se tentar resistir, será pior para a senhorita.

Mais dois guardas esperavam, na sala. Maude estava em pé, próxima à porta, com os olhos rasos de lágrimas. Reggie, que fora soldado por um bom tempo, não demonstrava nenhuma emoção, mas fitava os guardas com uma expressão altiva, que tinha algo de desprezo... O que levou Julia a supor que ele fizera o possível para impedir a entrada daqueles homens ali.

Os dois primeiros guardas conduziram-na até a porta.

— Onde está lorde Blackwood? — ela indagou, desesperada, olhando ao redor.

— Saiu, senhorita — Reggie respondeu. — Assim que ele voltar, eu o informarei sobre o que aconteceu... E então ele irá buscá-la. O major sempre defende seus amigos.

Então eles sabiam que ela não era prima de Adam, Julia concluiu. Será que alguém a havia denunciado, com o objetivo de ganhar a recompensa? Talvez... Mas certamente não fora Maude, nem Reggie.

Uma batida soou, na porta. Trêmula, Julia sentiu-se invadida por uma onda de esperança. Reggie apressou-se a atender. Tal como Julia, ele esperava que fosse Adam... Mas era uma mulher ruiva, de baixa estatura, quem batia.

— Bom dia — ela disse ao mordomo. — Por favor avise lorde Blackwood que a duquesa de Rathmore quer vê-lo. — De súbito, ao ver o que se passava, arregalou os olhos numa expressão de susto. — Pelo amor de Deus, o que está acontecendo aqui? Um guarda adiantou-se para explicar:

— Negócios oficiais. Acabamos de prender uma fugitiva. Esta mulher, Julia Whitney, é procurada pelo assassinato de Oswald Telford, conde de Fenwick.

Julia meneou a cabeça.

— Isso não é verdade! — exclamou. — Eu não o matei!

— Onde está lorde Blackwood? — a duquesa indagou, olhando ao redor, com uma expressão aflita.

— Saiu — Reggie respondeu. — Ele não vai gostar disso, nem um pouco.

— Eu sei. Aliás, estou começando a entender muitas coisas. — A duquesa olhou para Julia, que tremia da cabeça aos pés, escoltada pelos dois guardas. Aproximando-se, tocou-lhe o braço, num gesto solidário e gentil. — Coragem, srta. Whitney. Sei que lorde Blackwood acredita em sua inocência... Caso contrário, a senhorita não estaria aqui. A propósito, acho que meu marido está ajudando o conde a provar sua inocência... Embora não tenha me contado nada a esse respeito.

— Por favor, diga-lhe que estou agradecida por tudo o que ele tem feito. — Os guardas começaram a conduzi-la para fora.

— O conde de Blackwood é leal á seus amigos e não a abandonará — disse a duquesa. — Ele sempre cumpre o que se propõe a fazer.

Essas foram as últimas palavras que Julia, escutou antes de ser levada para a carruagem que aguardava, em frente a casa. Dois guardas entraram com ela, no veículo. Os outros dois ocuparam o lugar do condutor. Um deles tomou as rédeas e incitou os cavalos, que partiram com estrépito pelas ruas de pedra.

Tal como Adam havia previsto, ela iria para a prisão, Julia pensou, trêmula, no interior da carruagem abafada e mal cheirosa.

Meu Deus, faça com que ele venha me salvar, ela rezou, sem saber ao certo o que Adam poderia fazer, àquela altura da situação.

Kitt Barclay, duquesa de Rathmore, chamada simplesmente de Kassandra pelos amigos e familiares, andava de um lado a outro no vestíbulo da casa de Adam, esperando por seu regresso.

— Onde ele estará? — perguntou a Reggie. Afinal, já haviam se passado duas

longas horas, desde sua chegada.

Antes que o mordomo falasse, a porta se abriu e Adam entrou. Ao vê-la, deduziu que estaria ocorrendo algum problema.

— Cassandra, a que devo o prazer de sua visita?

— Vim para descobrir o que milorde e meu marido estavam tramando... E encontrei quatro guardas, aqui no hall, dando ordem de prisão a uma jovem terrivelmente assustada. Foi então que deduzi do que se tratava.

Adam empalideceu.

— Eles levaram Julia? — indagou, voltando-se para Reggie. — Há quanto tempo?

— Há cerca de duas horas, major, e nada pude fazer. Avisei-os que se tocassem em um fio de cabelo dela, teriam de se explicar a milorde.

— Obrigado, Reggie — Adam agradeceu, num tom sombrio. Em seguida, voltou-se para a duquesa. — Por favor, queira me desculpar. Tenho um assunto urgente para resolver. — E fez menção de sair novamente.

— Claro — a duquesa alcançou-o. — Sei que está com pressa, mas quero lhe dizer que se sua... ou melhor, se a srta. Julia Whitney precisar de um local para ficar, poderei hospedá-la em minha casa. Eu e Clayton, estaremos à sua disposição, para o que precisar.

Adam fitou-a com gratidão e em seguida meneou a cabeça.

— Agradeço a oferta, mas não será necessário.

— Sei que Clayton não aprovaria a permanência de uma provável assassina, em nossa casa... Portanto, se estou oferecendo hospedagem a srta. Whitney, é porque tanto eu quanto ele acreditamos na inocência dela.

— Entendo. — Adam quase sorriu. E tornou a agradecer. — MUITÍSSIMO obrigado por seu apoio, nesta hora difícil. Vou tomar as providências cabíveis e...

— Quer dizer então que pretende libertá-la?

— Quero dizer que farei de tudo para que isso aconteça. Agora, se me der licença... — Saindo de casa, ele caminhou a passos largos, rumo à estrebaria, para pedir sua carruagem.

Kassandra o acompanhou.

— Julia Whitney não deve ficar na cadeia — disse, com convicção. — Talvez você precise de ajuda, para libertá-la. Por favor, informe as autoridades que eu e Clayton, ou melhor, que o duque e a duquesa de Rathmore estão convencidos da inocência dela. E pode contar com nosso apoio, em tudo o que você fizer ou disser.

Adam parou, segurou-a pelos ombros, inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Obrigado, Kassandra. Seu marido é um homem de sorte.

Ela enrubesceu ligeiramente, um tanto surpresa com o elogio.

— Boa sorte, com sua dama — retrucou, com um sorriso.

Adam não a corrigiu... Ao contrário, sentiu uma espécie de alegria por ela referir-se a Julia como *sua dama*.

Durante mais de três horas, Julia andou de um lado a outro da cela úmida, de pedras cinzentas. O carcereiro lhe dissera que aquele seria um abrigo temporário, onde ela aguardaria, até que o chefe de polícia ordenasse que a transportassem para outro

local, onde deveria permanecer até o julgamento.

Oh, Deus, e se Adam desistisse de interceder por ela, com receio de ver seu nome envolvido naquele escândalo?

Meu Deus, faça com que ele venha, ela rezou, pela centésima vez.

Mas mesmo se Adam viesse, será que conseguiria libertá-la? E se ela tivesse de ficar na prisão, até o julgamento? Como suportaria aquela provação?

Passos ecoaram no corredor. Aproximando-se da pesada porta de carvalho da cela, Julia espiou pelo orifício que havia ali. Os dois guardas que a haviam trazido até ali caminhavam pelo corredor mal iluminado. E pararam ao ver seu rosto na pequena abertura.

— Esta é novata — um deles comentou. — Bonitinha, não é, Clive? Mal posso esperar para conhecê-la melhor.

— Eu a pegarei primeiro — disse o outro. — Você foi o primeiro a ficar com aquela outra garota... E ela era virgem, lembra-se?

Julia lutou contra uma onda de náusea.

— De fato, você tem razão. Dessa vez, vou deixá-lo *ir* primeiro... — O guarda sorriu, expondo os dentes irregulares e estragados. — Além disso, você não é grande o suficiente, para estragá-la. A moça ainda estará bem firme, quando eu a possuir.

— Afastem-se dessa porta! — ordenou uma voz grave, fria como aço. — Agora!

Julia reconheceu, imediatamente, a voz de Adam. O alívio trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

Agora, tudo se resolveria, ela pensou, com o coração aos saltos.

Um terceiro guarda, que acompanhava Adam, inseriu uma grande chave de cobre na fechadura, virou-a e abriu a pesada porta de madeira.

— Você está bem? — Adam perguntou, passando na frente do guarda.

Emocionada demais para falar, Julia assentiu com um gesto. Não queria chorar, mas as lágrimas transbordavam, em seus olhos. Adiantando-se, Adam tomou-a nos braços.

— Está tudo bem, não chore. Eles concordaram em libertá-la, desde que você fique sob minha custódia.

Julia agarrava-se a ele, sentindo os joelhos enfraquecidos. Adam ajeitou-lhe uma mecha de cabelos, enquanto perguntava:

— Eles a machucaram?

— Não. Eu estava... apavorada.

Adam olhou-a longamente, com uma intensidade e uma espécie de emoção diferente, algo semelhante a ternura... Algo que ela não soube decifrar.

— Vamos sair daqui — disse, por fim. Enlaçando-a pela cintura, ele a conduziu por um extenso corredor, em direção à saída. O guarda os acompanhava.

Ao chegar ao pátio da prisão, Julia já sentia mais revigorada. E foi assim que passou pelos portões de ferro e chegou à rua calçada de pedras. Adam agora a abraçava pelo ombro, num gesto de inequívoca solidariedade.

Ao avistar a carruagem de Adam, que ostentava o brasão da família Blackwood na porta, uma nova onda de alívio a invadiu. Estava, realmente, livre.

— Obrigada por ter vindo — agradeceu, já acomodada no banco do veículo.

Adam sentou-se a seu lado e entregou-lhe um lenço, que ela usou para enxugar as lágrimas.

— Houve momentos em que tive tanto medo... — ela confidenciou. — Medo de que você não viesse...

— Foi mesmo? — Adam arqueou as sobrancelhas.

— Bem, de algum modo eu... Eu acreditava que você viria. Mas de súbito me sentia tão desamparada!

— Essa é uma reação natural.

— Imagino que sim. Bem, o que devo fazer agora? Adam observou-lhe as mãos, que Julia trazia entrelaçadas no colo.

— No momento, nada. Contratei um advogado, Garth Dutton, que me acompanhou na audiência com o juiz, na qual pedi sua liberdade. Você também deve agradecer ao duque e à duquesa de Rathmore. Não sei se teríamos conseguido alguma coisa, sem o apoio deles.

— A duquesa estava em sua casa, quando vieram me prender. Ela foi muito amável comigo.

— Cassandra tem grandes qualidades e a bondade é uma delas. — Adam sorriu.

— Também sou uma felizarda... por contar com a sua amizade.

Adam fitou-a com aquela intensidade que ela já conhecia.

— Julia Whitney, é possível que, no devido tempo, nos tornemos mais do que amigos.

Ela se recusou a refletir no significado daquelas palavras. Certamente, Adam não cogitava propor-lhe casamento... Não para a pobre protegida do conde de Fenwick, ainda por cima sob suspeita de ter cometido um assassinato.

Adam tomou-lhe a mão. Sentindo o contato quente, dos dedos longos, Julia lembrou-se de quando ele a acariciara, tocando-lhe os seios.

— Garth pediu ao juiz que seu julgamento fosse adiado. E como você conta com o apoio de um duque e de um conde, o pedido foi aceito. A propósito, resolvi tomar uma atitude bem parecida com a de Howard Telford...

— Como assim?

— Mandei distribuir um panfleto anunciando uma boa recompensa por qualquer informação sobre o verdadeiro assassino de Fenwick.

— Mas eu não posso permitir que você tenha toda essa despesa, comigo...

— Considere os gastos como um empréstimo — Adam interrompeu-lhe o protesto, num tom suave. — Falaremos em reembolso quando tudo estiver resolvido. Enquanto isso, mandarei um laçao pegar seus pertences em Fenwick. Tenho certeza que você prefere suas próprias roupas, em vez das que eu lhe trouxe.

Julia sentiu-se incomodada, ao lembrar-se de que estava usando os trajes de uma provável amante de Adam.

— É verdade — ela aquiesceu.

Com os olhos fixos no colo de Julia, exposto pelo decote ousado do corpete do vestido, Adam comentou, num tom maroto:

— Mas há certas... *vantagens* nesses trajes que você está usando.

Julia corou, invadida por uma onda de calor... Embaraçada, baixou os olhos.

Recostando-se no assento, Adam analisou-a de soslaio, o que a deixou ainda mais inquieta.

Olhando pela janela, ela observou uma pequena carruagem que passava, dirigida por um rapaz que usava roupas sofisticadas. Estavam, agora, no coração de Londres, na elegante região de West End. ... Mas as lembranças dos terríveis momentos que havia passado na cela, em Newgate, persistiam.

Julia suspirou e, tentando relaxar, recostou-se no assento. Estava grata pela ajuda de Adam... Mas também preocupada com a dívida que tinha com ele. Uma dívida que, a partir de agora, seria ainda maior.

Por Deus, ela não tinha dinheiro. Mesmo que fosse inocentada, como faria para pagar Adam? Pensou no olhar com que ele havia devorado seus seios... E a preocupação cresceu ainda mais.

Adam dormiu pouco, naquela noite. Não conseguia esquecer o horror que presenciara em Newgate, as ameaças cruéis dos carcereiros, a expressão de desespero no rosto adorável de Julia. Ao vê-la, ele havia experimentado duas sensações marcantes: por um momento, acreditara que Julia era inocente. Mas, no instante seguinte, concluía que, mesmo que ela fosse culpada, não se importaria...

Só pensara em protegê-la, em tirá-la daquele lugar infecto, em levá-la para um local seguro. Agora, com ela a salvo, sentia-se profundamente aliviado. Como a desejava! Queria-a em sua cama, se possível naquele exato momento. Mas, antes, teria de saber a verdade.

Na manhã seguinte, sentia-se bastante cansado. Saiu do quarto mais tarde do que o costume e dirigiu-se ao escritório, para trabalhar. Pouco depois, alguém bateu à porta. Era Reggie, que trazia uma mensagem escrita: — É do sr. Fraser, milorde. Adam leu o recado e levantou-se imediatamente.

— Obrigado, Reggie. — Saiu logo em seguida. Chegou à cogitar em levar Julia ao encontro, mas desistiu. Afinal, talvez Fraser não se sentisse à vontade, na presença dela.

O detetive estava à sua espera:

— Boa tarde, milorde.

Peter Fraser era um homem ruivo e magro, de quase trinta anos. Vestia um casaco marrom, quase puído nos cotovelos, e óculos que ele se apressou em tirar enquanto levava Adam para um escritório pequeno e organizado, onde pilhas de documentos estavam bem arrumadas, no chão.

Adam acomodou-se numa cadeira de espaldar alto, enquanto Fraser se sentava à sua velha escrivaninha.

— Vim assim que recebi sua mensagem — disse Adam, abordando diretamente o assunto. — O que foi que descobriu?

Fraser inclinou-se em sua direção:

— Começarei falando de lorde Elridge, o homem que teve sérios prejuízos nos negócios com o conde. Ele declarou que estava no Clube Brooks, em St. James, na noite do crime. Preciso investigar essa história, para ver se é verdadeira.

— Posso cuidar disso, pois também sou membro do Brooks — Adam afirmou, lembrando-se que Elridge gostava de jogar cartas, no clube. Seria fácil constatar se ele

havia realmente ido ao clube, na noite do crime... Provavelmente seus parceiros de jogo se lembrariam de tê-lo visto. E seu nome constaria do livro de apostas, naquela data. — Eu o avisarei, se descobrir algo.

Fraser assentiu com um movimento de cabeça. E continuou:

— Quanto ao advogado do conde de Fenwick, Colin Norton, parece que a esposa dele faleceu uma semana antes do assassinato do conde. E Norton sumiu pouco depois.

Adam inclinou-se, com uma expressão atenta. Seu sexto sentido o avisava de que talvez estivesse prestes a descobrir o primeiro suspeito *real* da morte do conde.

— Talvez Norton culpasse de Fenwick, pela morte de sua esposa — ele comentou. — Você tentou localizá-lo?

— Sim, milorde, mas não consegui nada.

— Mandou alguns homens à procura dele?

— Claro. Mas Norton simplesmente desapareceu.

— Contrate mais homens, se for necessário. Quero que o encontrem o mais rápido possível.

— Sim, milorde. — Fraser pegou uma pasta que estava sobre a escrivaninha. Abrindo-a, anunciou: — Agora, vamos ao motivo pelo qual resolvi chamá-lo... Hoje cedo falei com Benjamim Morrison.

— O homem que substituiu Colin Norton — Adam recordou-se. — Chegue a conversar com ele, mas muito pouco.

— Foi o que Morrison me disse. Falei com ele, longamente, sobre o conde. Conte-lhe, também, que milorde está muito empenhado na resolução desse caso e que, inclusive, está disposto a tudo para provar a inocência da srta. Whitney. — Após uma pausa, Fraser prosseguiu: — É estranho... Mas tive a nítida impressão de que ele, apesar de muito solícito, estava me escondendo algo. Pressionei-o e, a certa altura, perguntei-lhe se tinha algumas informações que poderiam ajudar a desvendar o caso.

— E o que Morrison respondeu?

— Que tinha alguns dados que poderiam ser úteis, mas que não pretendia discutí-los com ninguém, a não ser com milorde.

— Algo mais? — Adam indagou, sentindo que seu coração se acelerava.

— Não no momento. Continuarei investigando, é claro. Mas algo me diz que sua conversa com o sr. Morrison trará mais luz ao caso. Só que ele estará fora da cidade, nos próximos dias.

Apesar de desapontado pela ausência de Morrison, Adam não queria desanimar.

Essas poucas pistas são bastante significativas..., disse para si, enquanto se levantava.

— Espero que Morrison possa realmente nos ajudar — comentou, estendendo a mão para Fraser. — Precisamos de pistas... E acho que já temos algumas.

Fraser acompanhou-o até a porta.

— Sem dúvida, milorde. Eu me empenharei ao máximo. Não descansarei, enquanto não esgotar todas as possibilidades.

— Sei disso, Fraser. Obrigado.

Adam saiu do escritório, entrou em sua carruagem e ordenou ao cocheiro que o

levasse para casa. Tinha muito trabalho a sua espera, no escritório. A rotina de um conde não era nada simples.

Pensando em Julia, e no que Morrison teria para dizer, entrou em casa. Reggie, que o aguardava no hall, informou-o que um visitante estava à sua espera, salão dourado. Tratava-se de Howard Telford, o novo conde de Fenwick.

— Onde está a srta. Whitney? — Adam perguntou.

— Saiu para passear, no parque.

Curioso, e um tanto surpreso, Adam parou junto à entrada do salão dourado. Howard era um homem loiro, de estatura mediana. Andava de um lado a outro do salão e, vez por outra, parava junto à uma ampla janela. Apesar da aparência soberba e dos trajes finos, não irradiava simpatia. Ao contrário: dava a impressão de ter um caráter um tanto fraco e sem profundidade.

— Perdoe-me por tê-lo feito esperar — disse Adam, num tom amável. — Devo ter me esquecido do nosso encontro. — Caminhando até um console, ofereceu: — Aceita um conhaque?

— Não, obrigado. E quero esclarecer que não tínhamos um encontro marcado. Aliás, eu estava no campo... Acabo de chegar à cidade e, para ser franco, estou com um pouco de pressa...

Adam pegou uma garrafa de cristal, serviu-se de uma dose de conhaque e colocou-a de volta no lugar.

— Por que a pressa? — Girou o cálice na mão. — E em que posso ajudá-lo?

Howard ergueu o queixo, com uma expressão um tanto arrogante.

— Ouvi dizer que milorde está envolvido com Julia Whitney que, aliás, é culpada pelo assassinato de meu tio. Por isso, eu gostaria de saber o motivo pelo qual milorde a tirou da prisão.

Adam tomou um gole de conhaque, antes de indagar:

— Milorde conhece bem a srta. Whitney?

— O suficiente.

— Tem certeza de que foi ela quem atirou no conde?

Howard fechou as mãos com força, num claro gesto de indignação.

— Como milorde pode duvidar disso? Afinal, há testemunhas... Nigel Atwater, o mordomo, ouviu meu tio e a srta. Whitney conversando, pouco antes de o tiro ecoar por toda a casa. Além do mais, ela estava em pé, ao lado do corpo de meu tio, quando Atwater entrou... E fugiu, quando ele a acusou de assassinato. De quantas provas mais milorde precisa, para se convencer da verdade?

— Talvez ela tenha fugido porque estava assustada... E receava que ninguém acreditasse em sua inocência.

— Inocência? — Howard repetiu, com desprezo. — Não sei o que ela lhe contou, milorde... Mas a srta. Whitney entrou na casa de meu tio sob o pretexto de que precisava de ajuda... E acabou por seduzir o pobre homem, tornando-se sua amante. Uma mulher com esse tipo de caráter é, certamente, capaz de matar.

Adam sorveu mais um gole. Queria, mesmo, falar com Howard. Na verdade, havia tentado localizá-lo, antes, mas não conseguira. Fora informado, pelo próprio mordomo do conde, que ele partira para o campo, a fim de ordenar as idéias e recuperar-se do golpe

causado pela morte do tio.

Decididamente, não simpatizava com Howard. E já esperava que ele demonstrasse hostilidade, com relação a Julia. Afinal, muitos criados de Fenwick estavam convencidos de que ela era culpada.

Contudo, algo o estava incomodando... Sempre acreditara que o falecido conde se aproveitara da ingenuidade de Julia. Mas nem por um momento cogitara na possibilidade de ela tê-lo seduzido. Por isso, as palavras de Howard o desagradavam profundamente. Mesmo assim, argumentou:

— Seu tio era o protetor da srta. Whitney. Por que ela o mataria?

— Não sei... Talvez ele estivesse cansado dela e dos rumores que atingiam seu bom nome. Talvez estivesse decidido a mandá-la embora. Seja lá qual for o motivo, o fato é que meu tio está morto. Julia Whitney o assassinou. — É Howard concluiu: — Quero que o senhor retire seu apoio e deixe a justiça resolver o caso.

— E se por acaso milorde estiver errado? E se a srta. Whitney for mesmo inocente?

— Não creio. Ela é uma assassina, apesar de sua beleza estonteante. Uma atriz inteligente pode enganar até mesmo um homem experiente, como milorde. Não se iluda e não se deixe levar pelos encantos de Julia Whitney, ou acabará como meu tio.

Adam não respondeu. Quanto de verdade haveria naquelas palavras? Ele não tinha a menor idéia.

Voltando-lhe as costas, Howard caminhou em direção à porta.

— Só mais uma coisa... — disse Adam.

— Sim?

— Onde milorde esteve, na noite do assassinato? O rosto de Howard tornou-se escarlate.

— Certamente milorde não está me acusando?

— Claro que não! Contudo, milorde é a pessoa que mais teria a ganhar, com a morte do conde.

Howard estreitou os olhos, enquanto retrucava:

— Eu estava numa festa, em casa de lorde e lady Foxmoor. Se milorde duvida de minha palavra, saiba que muitas pessoas me viram no local, onde permaneci até bem depois das duas da manhã. — E retirou-se.

Adam refletiu, por alguns instantes, sobre a saída intempestiva de Howard. O relógio sobre um console, marcava quase cinco horas da tarde. Ele pensou em Julia e nas palavras de Howard... Seria ela, de fato, uma boa atriz?

Era o que ele pretendia descobrir. Dentro de alguns dias, teria uma reunião com Morrison... Uma reunião que, ele esperava, seria esclarecedora.

Julia sentiu que algo estava errado. Adam tinha passado o dia todo de mau humor, trancara-se no escritório e saíra apenas quando Reggie o chamara para jantar.

A refeição havia transcorrido num clima tenso. Adam falara muito pouco. Vez por outra, fitava-a com uma expressão sombria e desconfiada. Tensa, ela não se animara a perguntar o que havia acontecido. No final do jantar, ele havia pedido licença e se refugiado, novamente, no escritório.

Agora, sem sono, Julia perambulava pela casa, parando vez por outra para apreciar os objetos de arte dispostos sobre mesas e estantes.

A lembrança do pavor que a havia dominado, em Newgate, ainda não desaparecera. E talvez não desaparecesse nunca.

Pegando um bordado que havia começado a fazer, alguns dias atrás, dirigiu-se a uma pequena sala, nos fundos da casa. Tentou concentrar-se no trabalho, mas as mãos não a obedeciam e, assim, ela errava os pontos. Com um suspiro de frustração, desistiu de bordar e resolveu procurar Adam.

Encontrou-o em pé, diante da lareira do escritório, segurando uma taça quase vazia.

— Pensei que você já estivesse dormindo — ele comentou.

A luz do fogo que crepitava na lareira, os traços do rosto de Adam pareciam ainda mais impressionantes... e atraentes. Julia compreendeu que teria de ser cautelosa, para não ceder facilmente a seus encantos.

— Não estou com sono — ela respondeu, por fim.

— O tempo está passando e me sinto nervosa por não fazer nada. Preciso dar um jeito de ser mais produtiva, de realizar algo de útil.

— E você já tem algo em mente?

— Não... Mas talvez você possa me ajudar.

Adam sorveu um último gole de conhaque e colocou o cálice sobre uma mesinha.

— Estou às suas ordens. — E aproximou-se, com passos elegantes e um sorriso sensual nos lábios. — Farei o que estiver a meu alcance. A verdade acabará aparecendo — ele disse, após um longo momento de silêncio.

— Não ficarei satisfeito enquanto não descobri-la.

Por que essas palavras me deixam ainda mais nervosa do que já estou?, Julia perguntou-se, confusa.

— Você tem de confiar em mim.

Ela suspirou profundamente. Havia momentos em que acreditava piamente em Adam. Em, outros, porém, não tinha a menor confiança nele... ou nela própria.

— Sei o quanto está preocupada... E não a condeno por isso. — Adam tocou-lhe a face. — Tem certeza de que não veio aqui por outro motivo?

Por que, afinal, ela viera? Julia pensou. E deparou-se com a verdade: apesar de estar inquieta e temerosa, o fato era que viera apenas para ver Adam.

— Eu... gostaria de fazer algo útil. — Sem conseguir disfarçar o nervosismo, ela mordeu o lábio inferior.

Adam estava, agora, muito próximo. Fitava-a com um olhar semelhante à do predador prestes a capturar sua presa.

Julia percebeu o perigo... Mas era tarde demais, pois Adam já a segurava pela cintura, atraindo-a para si.

O contato da seda de seu vestido contra as coxas de Adam, produziu uma espécie de sussurro, um roçar que a fez sentir o calor daquele corpo másculo e o perfume da colônia que ele usava...

Uma poderosa onda de desejo a inundou por completo... E Julia fechou os olhos

para receber o beijo, que não tardou a acontecer.

Adam sentiu o sabor daqueles lábios carnudos, que começou a explorar com intensidade. O apelo sensual daquele beijo fez com que Julia se agarrasse à lapela do casaco de Adam. Lembrou-se das carícias que havia trocado com ele, quando entrara em seu quarto, algumas noites antes. Desejou ardentemente tocá-lo, correr os dedos por aquele corpo moreno e másculo, sentir-lhe os músculos do tórax, do abdômen, sentir-lhe o sexo pulsante... Sim, era isso o que ela queria, naquele momento em que uma onda de desejo a arrebatava, roubando-lhe a razão.

Obedecendo a uma voz interior, de maneira totalmente inconsciente, Julia enlaçou-o pelo pescoço e apertou-o contra si, buscando os mistérios daquele corpo viril e poderoso. De súbito, desejou livrar-se das roupas, de todas aquelas camadas de tecidos que se interpunham entre ambos... Queria mostrar-se e também perder-se na contemplação daquele torso nu, que vira por tão poucos minutos, na outra noite.

A força daquele momento, puramente erótico, era a um só tempo fascinante e assustadora... E houve um instante em que o medo falou mais alto. Julia procurou afastar-se, mas Adam, segurando-lhe o rosto entre as mãos, tornou a beijá-la profundamente.

— Adam — ela sussurrou, experimentando um doce prazer em pronunciar esse nome. Não queria que ele parasse, ao contrário: tudo o que desejava era experimentar, na totalidade, aquelas sensações incríveis.

Como se lhe adivinhasse os pensamentos, Adam começou a abrir o corpete do vestido que ela usava... Puxou-o para baixo, fazendo-o deslizar por seus ombros trêmulos.

Julia gemeu de prazer. Agora, apenas uma fina camisa de seda cobria-lhe os seios... Não por muito tempo, pois Adam abriu-a delicadamente e puxou-a para baixo. Contemplou, embevecido, os seios firmes e generosos, um segundo antes de tomá-los entre as mãos.

Julia estava prestes a perder o fôlego, tamanho era o prazer que experimentava, com aquela carícia. Nunca, em toda sua vida, sentira-se daquele modo. Uma avalanche de emoções indescritíveis a arrebatavam. Por um momento, pensou que sucumbir aos encantos de um homem como Adam somente lhe traria infortúnios... Mas o perigo a excitava ainda mais.

Que fogo era aquele que a consumia? Tinha a nítida sensação de que iria explodir em chamas, a qualquer momento. Teve vontade de arrancar a gravata branca de Adam, erguer-lhe a camisa e cobrir-lhe o tórax de beijos... Queria contemplar longamente aquele corpo másculo, embriagar-se com a sensualidade que dele emanava. Assustada com esses impulsos, agarrou-se aos ombros dele, gemendo de puro prazer.

— Pode imaginar o quanto eu a desejo? — Adam sussurrou-lhe ao ouvido, numa carícia divina.

Ela podia, sim... Estava começando a entender o que significava *paixão* e *desejo*. Poucos dias atrás, não se julgaria capaz de sentir emoções tão novas, tão estranhas.

— Quero me aconchegar em você... Quero me perder dentro de você — ele disse, com voz rouca, fazendo-a sentir seu sexo pulsante, pressionando-a no ventre. — Preciso tanto de você, Julia. Deixe-me fazer amor... — De súbito, ele se interrompeu. Recuando bruscamente, fitou-a com estranheza. Já não parecia o mesmo Adam de um segundo atrás. — Mas, não! Isso não pode acontecer. Não vou enveredar novamente por esse caminho enganoso!

Julia sentiu que o chão lhe fugia sob os pés. Atônita, indagou:

— Do que está falando? — Puxou o vestido para cima, tentando não demonstrar o quanto estava envergonhada.

Com uma expressão indecifrável, Adam ajudou-a a vestir-se. Ajeitou-lhe a camisa e abotoou-lhe o corpete, com gestos tensos. Em seguida caminhou até a porta e, sem sequer voltar-se para fitá-la, disse:

— Boa noite, Julia. — E saiu.

Tenso e ansioso, Adam não conseguia dormir. Era impossível tirar da mente a mulher que dormia no quarto ao lado. Não deveria tê-la beijado, não deveria ter cedido ao desejo... Afinal, já sabia como tudo isso acabaria: em puro sofrimento e nada mais.

No entanto, Julia lhe parecera tão adorável, à luz do fogo que vinha da lareira... Tão irresistivelmente! E ele cedera aos impulsos. Mas não poderia deitar-se com ela, independente da força com que a desejava.

E se ela tivesse realmente matado Fenwick?

Afastou esse pensamento, que apenas o atormentava, sem levá-lo a lugar algum.

Sabendo que não conseguiria mesmo dormir, resolveu trocar de roupa e sair. Havia prometido a Fraser que iria investigar o álibi de Elridge. E, para isso, teria de ir ao clube.

Depois, talvez fizesse uma visita à casa noturna de madame Charbonnet... A casa era famosa por suas mulheres lindas e experientes, capazes de encantar o mais frio dos homens. Adam não gostava muito de freqüentar esses locais. Preferia romances passageiros, fortuitos, com conhecidas ocasionais, não com prostitutas. Mas, dessa vez, queria uma mulher que não fizesse restrições... E que dispensasse a corte preliminar. Precisava desafogar sua frustração, precisava livrar-se da ansiedade que o perseguia, desde a primeira vez em que vira Julia, no parque.

Entrou na carruagem e, durante o trajeto, ficou imaginando as horas de sexo que desfrutaria naquela noite... Um sexo livre, sem compromisso, sem conseqüências, sem raciocínio. Estava pensando se escolheria uma mulher loira ou uma ruiva, quando a carruagem, entrando na rua St. James, parou em frente ao clube.

Adam desceu do veículo. Pretendia ficar no clube apenas durante o tempo necessário para obter as informações de que precisava. Mas encontrou Clayton no salão de jogos, na companhia de Ford Constantine, marquês de Landen, e do conde de Greville. Logo os três o convidaram a jogar. Ele sabia que não poderia recusar a proposta. Mas, antes, resolveu verificar o livro de apostas do clube. Procurou o nome de lorde Elridge, na lista dos jogadores que haviam estado ali, na noite do assassinato do conde. Mas não o encontrou. Clayton o chamou com insistência, e ele começou a jogar.

Por volta da meia noite, Hubert Tinsley entrou no clube e tomou o lugar de Landen, à mesa. Como Adam sabia que Tinsley e Elridge eram amigos, perguntou-lhe, num tom casual, se ambos haviam jogado na noite de dois de abril, data em que o conde fora assassinado.

— De fato, estivemos aqui, naquela noite — Hubert afirmou. — Lembro-me muito bem, porque ele me derrotou em duas rodadas seguidas. Depois, veio me pedir desculpas. E, para compensar o prejuízo que me causou, ofereceu-me a companhia de uma jovem adorável, que havia conhecido no Covent Garden.

Mais uma pista perdida, Adam pensou, com um suspiro.

Então o álibi de Elridge era verdadeiro... Mas sempre havia a possibilidade de ele ter contratado alguém para assassinar o conde. E, nesse caso, certamente providenciaria

um álibi perfeito, tal como ir ao clube, por exemplo.

Recostando-se na cadeira, tentou concentrar-se no jogo... Em vão. Estava inquieto demais para jogar. Despediu-se de todos e saiu do clube. Pensou no projeto de visitar madame Charbonnet, mas desistiu. Era melhor ir para casa... Embora isso não significasse, necessariamente, uma noite de paz. Mesmo que conseguisse dormir, Julia com certeza estaria presente em seus sonhos.

* * *

Adam passou os dias que se seguiram lutando contra o fogo da paixão que o consumia. Felizmente, estava conseguindo se controlar. Mas, para isso, era preciso evitar o contato com Julia. Falava com ela apenas o necessário e passava a maior parte do tempo fechado em seu escritório.

Agora, anoitecia. Indiferente à garoa, que tornava escorregadia a rua calçada de pedras, ele chegou a Knowles, Glenridge, para o encontro com Morrison, marcado para as sete horas.

Benjamin Morrison, homem sofisticado, de cabelos grisalhos e tez pálida, conduziu-o até seu escritório.

— Peter Fraser me procurou — Morrison falou ao fechar a porta. — Eu disse a ele que tinha algumas informações, mas que só poderia compartilhá-las com milorde. — Com um gesto, convidou Adam a sentar-se no sofá e acomodou-se numa poltrona.

— Sei que o senhor é um homem ocupado — disse Adam. — Portanto, dispensaremos as formalidades. O senhor representa os interesses legais do falecido conde de Fenwick. Espero que tenha algo importante a me dizer... Algo que me ajude a estabelecer um motivo para seu assassinato.

Morrison cruzou as pernas e, com um gesto meticuloso, alisou o vinco das calças.

— Não sei se poderei ajudá-lo, milorde, mas quero lhe contar o que sei. Confio em sua discrição e sei que usará essas informações com toda a sensatez.

Ele fez um gesto de aquiescência, antes de assegurar:

— O senhor tem minha palavra de honra.

— Como advogado do conde de Fenwick, já me perguntei muitas vezes qual terá sido o motivo de seu assassinato.

— E chegou a alguma conclusão?

— Infelizmente, não. Mas... — Morrison hesitou.

— Continue, por favor.

— Uma semana antes de sua morte, o conde me procurou, dizendo que queria, fazer algumas alterações em seu testamento. Como milorde deve saber, a maior parte da fortuna do conde provinha de seus negócios e investimentos... E não dos bens de família, que ele herdou há muito tempo, juntamente com o título. Na verdade, esses bens eram poucos, quase insignificantes. Mal davam para levar um padrão de vida decente e manter a propriedade dos antepassados.

— Ouvi certos boatos a esse respeito — Adam comentou. — Mas prossiga, sr. Morrison.

— Bem, com a morte de seu filho, Henry, o conde passou a ter apenas um herdeiro...

— Howard, seu sobrinho — Adam completou.

— Isso mesmo. O conde sabia que, com sua morte, Howard herdaria o título e toda a sua fortuna. Só que ele não queria que as coisas fossem assim.

— Por isso resolveu mudar seu testamento?

— Exato. Uma semana antes de sua morte, o conde instruiu-me a respeito dessas alterações. Queria deixar a maior parte de seu patrimônio para Julia Whitney. E apenas o título e bens de família, que como eu já disse eram praticamente insignificantes, para seu legítimo herdeiro, ou seja: para Howard.

Estupefato, Adam sentiu um aperto no estômago. Enfim encontrara um motivo para o envolvimento de Julia, no assassinato de Fenwick. Afinal, com a morte dele, Julia se tornaria uma das mulheres mais ricas da Inglaterra.

— Por seu espanto, posso imaginar o rumo de seus pensamentos, milorde, mas antes que eles o levem longe demais, devo dizer-lhe que o conde de Fenwick não chegou a assinar seu novo testamento. No dia em que ele deveria vir a meu escritório, enviou um mensageiro em seu lugar. O reumatismo o estava incomodando muito e, assim, ele queria marcar um novo encontro. Mas não houve tempo para isso. Dois dias depois, o conde estava morto.

Uma série de cogitações e suspeitas passavam pela mente de Adam.

— Tudo isso é lamentável... — comentou — inclusive para a srta. Whitney.

— E também para o conde que, infelizmente, não pôde realizar seu desejo.

As perguntas continuavam a bombardear a mente de Adam. A primeira era: será que Julia pensara que o conde já havia assinado seu novo testamento? Por isso resolvera matá-lo? Afinal, talvez ela não soubesse que o conde, devido ao reumatismo, tinha adiado o encontro com Morrison. E se Atwater estivesse certo a respeito de Julia? E se ela houvesse matado seu benfeitor e depois tentado fugir para seu quarto, certa de que ninguém a descobriria? No entanto, o mordomo a encontrara ao lado do cadáver. E, assim, seu plano fora por água abaixo. Julia era muito esperta. O pai fora um homem brilhante, mas deixara-a na miséria, à mercê de um conde idoso e, certamente, ávido de prazeres que só ela poderia lhe dar.

— A srta. Whitney sabia que o conde pretendia fazer essas alterações, em seu testamento? — ele perguntou, por fim.

— Eu não saberia responder — Morrison respondeu — pois o conde não me disse nada a esse respeito.

Adam levantou-se, sentindo-se atordoado com aquela revelação.

— Obrigado, sr. Morrison. Sua ajuda foi inestimável.

— Não sei se o que lhe disse poderá, realmente, ajudá-lo. Só espero que o assassino seja preso.

Adam também esperava. E quanto, mais pensava no envolvimento de Julia, no crime, mais furioso se sentia.

Não estava nem um pouco disposto a bancar o tolo diante de uma jovem encantadora, de grandes olhos azuis e sorriso franco, que bem poderia ser uma grande mentirosa.

Enquanto entrava na carruagem, lembrou-se da histeria de Julia, na noite do assassinato. Estava simplesmente apavorada, dizendo que ninguém acreditaria em sua inocência, e que seria presa... Era possível que, com seu plano fracassado, ela houvesse

resolvido fugir, com receio de ser enforcada.

Tomado por uma forte agitação, ele chegou em casa, disposto a arrancar a verdade de Julia... A todo custo.

Sentada na poltrona de uma sala pequena e agradável, nos fundos da casa, Julia analisava cuidadosamente as anotações que fizera sobre o assassinato de Fenwick.

Lá fora, estava escuro. Um vento gelado soprava, fustigando árvores. Cansada e desanimada, sem encontrar nenhuma pista nova nas anotações, ela suspirou.

De súbito, ouviu sons abafados, na entrada da casa.

Adam havia saído. Estava de péssimo humor e certamente só voltaria tarde da noite. Aflita, ela perguntou-se quem estaria chegando.

E se as autoridades tivessem mudado de opinião a seu respeito? E se tivessem voltado para levá-la de volta à prisão?

Escutou passos no hall, e ergueu-se da poltrona, com as pernas trêmulas. Mas logo reconheceu o som dos passos de Adam e acalmou-se. Logo em seguida, ele entrou na sala, com uma expressão sombria.

— O que houve, Adam? — Julia perguntou, preocupada.

— Conversei com Benjamin Morrison — ele anunciou, ríspido.

— Benjamin Morrison? — ela repetiu, tentando lembrar-se de quem se tratava.

— O advogado de Fenwick. — O olhar de Adam não poderia ser mais duro... nem mais cruel.

— Por que está tão nervoso? O que o sr. Morrison disse?

— Por que você não me contou nada?

Diante do tom gélido de Adam, Julia retesou-se.

— Não conheço esse homem... E não tenho a menor idéia do que ele possa ter lhe falado.

Adam aproximou-se, com a indignação estampada em seus olhos:

— Então você não sabia que o conde de Fenwick pretendia modificar o testamento, para beneficiá-la com a maior parte de sua fortuna?

Julia ficou estarecida diante daquela revelação.

— Infelizmente, para você, o conde teve um ataque de reumatismo, dois dias antes de seu assassinato... E cancelou a reunião que teria com Morrison, na qual ele assinaria seu novo testamento. Ele bem que pretendia agendar um novo encontro, mas foi morto, antes disso. — No rosto contraído de Adam, a cicatriz parecia ainda mais viva. — Talvez você não soubesse disso, não é mesmo? Você certamente não imaginava que seu plano falharia... Ah, foi um azar ser descoberta pelo mordomo, não foi? Pode ter sido essa a razão da palidez em seu rosto traiçoeiro, na noite do crime, quando eu a encontrei, em plena fuga.

Julia deixou-se cair sobre um sofá. Suas pernas já não tinham firmeza e seus lábios estavam trêmulos. Foi somente após um longo momento que ela enfim conseguiu balbuciar:

— O conde nunca mencionou seu testamento... Nunca conversamos a esse respeito.

— Então você ignorava que ele tinha uma verdadeira fortuna, e que poderia deixar

a maior parte dela para você, se assim quisesse?

Julia aquiesceu. Mal conseguia respirar. A sala arejada e agradável, que dava vista para o jardim, agora parecia terrivelmente abafada.

— Howard, sobrinho do conde, era seu único herdeiro — ela afirmou. — Nunca duvidei disso. Aliás, eu não conversava com o conde sobre dinheiro, nem sobre seus bens ou negócios. Achava que esse assunto não era de minha conta.

Segurando-a pelos ombros, Adam a fez levantar-se. Fitando-a de muito perto, com uma expressão ameaçadora, disse:

— Pois na certa essa não era a opinião do pobre conde! Ele desejava que sua fortuna, acumulada ao longo de tantos anos, deveria ficar com você! — Com amarga ironia, concluiu: — Essa seria uma boa recompensa por você ter passado uns bons meses na cama daquele homem velho e carente.

Chocada, Julia não conseguiu reagir de imediato. Mas depois de alguns instantes foi tomada por uma raiva incontível.

— Você acredita mesmo que fui amante do conde?

Adam não respondeu. E nem era preciso. Seu olhar deixava evidente que ele pensava do mesmo modo que muita gente da alta sociedade londrina.

Julia lembrou-se dos boatos que tanto a haviam magoado. E pensar que ela acreditara que Adam fosse um homem confiável!

Então ele a considerava uma prostituta... E, ainda por cima, estava convencido de que ela matara o conde!

Com os olhos rasos de lágrimas, afirmou:

— Quando o encontrei pela primeira vez no parque, achei que você sabia dos boatos... Mais tarde, quando resolveu me ajudar, achei que estivesse enganada... Pensei que, ou você não tinha ouvido os boatos, ou simplesmente não ligava para eles. — Após uma pausa, ela concluiu. — Então foi por isso que decidi me apoiar. Achou que eu ficaria agradecida o suficiente para... para... — ela não conseguiu concluir a frase.

— Nunca precisei chantagear uma mulher para convencê-la a se deitar comigo... Tampouco pretendia fazer isso com você.

— Mas você queria me seduzir.

Adam deu de ombros e, num tom ferino, respondeu:

— Acredito que você acabaria em minha cama, na época correta, e por vontade própria.

Julia engoliu em seco e desviou o olhar, enquanto dizia:

— Se era isso que desejava, por que se deteve, naquela noite?

— Porque não durmo com assassinas, mesmo que elas sejam muito atraentes.

Julia encarou-o com tristeza:

— Não sou uma assassina, nem fui amante do conde de Fenwick!

Adam sustentou-lhe o olhar.

— O conde me recebeu em sua casa em nome da amizade que tinha com meu falecido pai. Ele sempre agiu comigo com toda a bondade e generosidade. Sempre se comportou como um perfeito cavalheiro. Aprendi a amá-lo como a um pai. E ele me amava como a filha que nunca teve. Sinto muita falta dele. Jamais faria qualquer coisa

para prejudicá-lo.

— Então você nunca dormiu com ele?

— Não, — Ela corou e baixou os olhos. — Sou uma jovem solteira e, modéstia à parte, sempre me comportei com dignidade. O conde tinha idade para ser meu avô. Não posso imaginar como começaram aqueles boatos maldosos a nosso respeito.

Adam passou a mão pelos cabelos, num gesto de exasperação.

— Você está me dizendo que... — ele hesitou. — Que ainda é virgem?

Julia enrubesceu ainda mais. Lutando para vencer o embaraço, declarou:

— Como já disse, eu amava o conde como um amigo querido, como um verdadeiro pai. Mas o único homem que tocou em mim foi... você. Não sei o que mais devo dizer, para convencê-lo. Há momentos, na vida, em que uma pessoa deve procurar as respostas dentro de si mesma. E acreditar em seu coração. Eu nada sabia sobre essas alterações no testamento do conde. E juro, por minha honra e minha vida, que não o matei. — Julia fez uma pausa, antes de indagar: — Acredita que estou dizendo a verdade?

Adam suspirou profundamente. E encarou-a com um olhar penetrante, antes de responder:

— Acho difícil acreditar que a jovem que vi alimentando os patos, no parque, possa matar um homem a sangue frio.

— Então você crê em minha inocência? Adam fechou os olhos por um instante.

— Deus me ajude, sei que não deveria, mas acredito.

Lágrimas de puro alívio escorreram pelo rosto de Julia. Sem se dar conta do que fazia, ela atirou-se nos braços de Adam.

Ambos ficaram assim, abraçados, por um bom tempo. Julia sentia o calor que emanava do corpo daquele homem... Sentia, também, que suas roupas e seus cabelos estavam úmidos, devido à garoa. Acariciando-lhe a nuca, ela experimentou, uma vez mais, o forte poder do desejo que a consumia. Seu coração disparou e seus joelhos fraquejaram. De repente, sentia uma vontade irresistível de que Adam a beijasse. Sabendo que estava pisando num terreno perigoso, afastou-se ligeiramente e olhou-o, enquanto dizia:

— Asseguro-lhe, meu caro Adam Hawthorne, conde de Blackwood, que se eu fosse uma mulher cruel e calculista, como pensam por aí, teria manipulado o conde, para que ele assinasse seu novo testamento, antes de matá-lo.

Adam fez um lento gesto de assentimento. Julia relaxou um pouco. Adam acreditava nela... Ou, ao menos, estava tentando acreditar. E isso já era uma demonstração de boa vontade.

Julia ajeitou a peliça sobre os ombros e apertou o fecho. Pretendia fazer uma visita-a Fraser, o detetive contratado por Adam. Queria comprovar pessoalmente o progresso que vinha fazendo nas investigações. Além do mais, acabaria enlouquecendo se continuasse dentro de casa o tempo inteiro.

Ao descer a escada, deparou-se com Adam, que trazia um exemplar do *Times* nas mãos e uma expressão furiosa no rosto.

— Howard Telford está exigindo que você seja levada de volta a Newgate e que aguarde o julgamento lá!

— Oh, Deus!

— Ele me acusou de impropriedade... E acusou você de libertinagem e outros disparates. Precisamos tomar uma atitude, reverter essa situação, antes que Howard arme seu próximo golpe. Sairemos de Londres nesta tarde.

— Como? — Julia espantou-se. — Mas não posso deixar a cidade. Preciso descobrir quem matou o conde.

— Não há escolha. Sua situação poderá piorar, se continuar morando comigo, sem uma dama de companhia.

— Tenho de ficar, preciso provar minha inocência.

— Ficar aqui não a ajudará em nada. Graças a Howard, você está temporariamente excluída da sociedade. Ninguém lhe dirigirá a palavra, nem a receberá.

— Não posso sair daqui.

— Você foi libertada para ficar sob minha proteção e custódia. Isso significa que, até o desfecho deste caso, você terá de cumprir minhas ordens!

Julia não discutiu. Conhecia aquele olhar determinado... E sabia que Adam não mudaria de ideia.

— Pedirei aos criados que arrumem nossa bagagem o mais rápido possível. Iremos para Blackwood Manor, a propriedade rural de minha família. Minha mãe, que é viúva, mora lá. Isso dará um ar de maior respeitabilidade à nossa estada...

— Não creio que nossa ida para Blackwood Manor seja uma boa ideia. Não é justo envolver sua família nesse caso tão doloroso e intrincado. Deve haver outro local, para onde eu possa ir.

— Os ânimos estão exaltados. — Adam fitou-a com determinação. — Sua segurança é primordial... E só será absoluta, em Blackwood Manor.

— E quanto a sua família?

— Não há problema. Uma vez provada sua inocência, todos os ânimos se acalmarão.

Compreendendo que não tinha mesmo alternativa, Julia fez um gesto de concordância. Seguiu as ordens de Adam e, ao meio-dia, já estava pronta. Suas arcas de couro tinham sido arrumadas com as roupas que um criado fora buscar, na casa de Fenwick. A sra. Madigan, a governanta, entregara todo o enxoval que o velho conde insistira para que ela comprasse.

A carruagem negra e luxuosa, com duas pares de cavalos, aguardava do lado de fora da casa.

Debruçada na janela de seu quarto, Julia pensou na ironia do destino... Que a havia colocado sob a proteção de Adam Hawthorne, o conde de Blackwood. Agora, por ordem dele, teria de ir para o campo. Bem... Ao menos lá o céu era mais azul, sem fuligem, sem a névoa intensa que constantemente pairava sobre Londres. Mesmo assim, ela ainda lamentava-se por ter de sair da cidade. Queria permanecer ali, para tentar descobrir o verdadeiro assassino do conde. Mas como convencer Adam disso?

Tentando se acalmar, disse a si mesma que deveria estar agradecida. Afinal, Adam fora a única pessoa que se oferecera para ajudá-la... Embora, obviamente, esperasse uma recompensa. Essa última constatação causou-lhe um aperto no estômago.

Mas talvez não devesse se preocupar demasiado com isso, ela pensou.

Adam era um homem razoável, ao menos durante a maior parte do tempo.

Quando aquele caso terminasse, depois que ela enfim provasse sua inocência, poderia retribuir o favor que Adam lhe prestara... Mas sem entregar-se a ele. Devolveria o dinheiro que ele havia gasto, mesmo que levasse muito tempo para saldar totalmente a dívida.

Pediria a Adam que a ajudasse a encontrar um emprego como preceptora. Afinal, ela adorava crianças e se saía muito bem como professora. Adam conhecia muita gente e certamente a indicaria a uma boa família que tivesse um ou mais filhos para educar.

Mas ainda era cedo para pensar no futuro...

Consultou o relógio da parede, que indicava quase meio-dia.

Saindo do quarto, desceu pela escada, até a sala. Nesse momento, viu Adam sair do escritório e caminhar em sua direção. Não usava colete nem paletó, tinha o nó da gravata afrouxado e as mangas da camisa arregaçadas, deixando à mostra seus braços bronzeados e musculosos.

— Desculpe-me pela demora — ele disse. — Tive de examinar vários documentos e não imaginei que o trabalho me ocuparia por tanto tempo.

Julia assentiu com um gesto de cabeça. Maude e Reggie estavam na sala, aguardando pela saída de ambos. Ela acenou para eles e, voltando-se, observou Adam, que subia a escada.

Estava mais belo do que nunca, usando botas de cano alto, calças negras, justas, e camisa branca.

Ela meneou a cabeça, como se assim pudesse afastar a emoção que a dominava... Era sempre assim, quando se tratava de Adam. Por que o achava tão atraente? Por que os beijos trocados com ele eram tão deliciosos? Ele era um homem viril, sedutor e experiente... Mas Julia forçou-se a lembrar que, além disso, ele era também arrogante e dominador.

A despeito do que acontecesse, uma coisa era certa: Adam certamente não poderia ter intenções sérias com uma mulher sem dinheiro, envolvida num escândalo e, ainda por cima, suspeita de assassinato.

Prometeu a si mesma que não se esqueceria disso.

Minutos depois, Adam retornou à sala, seguido por Harley Smythe, seu criado de quarto.

Harley abriu a porta, que rangeu, e observou a carruagem, já carregada.

— Está tudo pronto, milorde.

— Precisa de mais alguma coisa, senhorita? — Maude perguntou a Julia, quase ao mesmo tempo em que Reggie fazia a mesma indagação a Adam.

— Não, obrigada, Maude — Julia respondeu, num tom amável.

Adam também agradeceu ao mordomo e ao criado, antes de dizer:

— Bem, acho que podemos partir. — Tomando Julia pelo braço, conduziu-a para fora. Os três criados os acompanharam.

Era quase meio-dia e meia. Três carruagens, ostentando o brasão da família Blackwood, seguiam em direção à saída da cidade. Ramsés, o garanhão negro de Adam, ia atrelado à última carruagem, a mesma que levava as bagagens. A outra levava Reggie, Maude e Harley. Na carruagem da frente, estavam Julia e Adam.

Assim que deixaram o tráfego intenso da cidade para trás, as carruagens seguiram em direção à pequena aldeia de Black's Woods, perto de Seaford, onde ficava Blackwood Manor... A quase cem quilômetros de Londres.

A viagem logo se tornou cansativa. Adam pediu aos cocheiros que fizessem o trajeto com a maior rapidez possível, para evitar que Julia fosse reconhecida.

Assim, viajaram os quase cem quilômetros em apenas dois dias, parando apenas para dormir, em Hare & Thistle. Adam quase não ficava na carruagem, preferia montar Ramsés e respirar o ar fresco da estrada. Julia procurou não notar a elegância com que Adam montava, nem sua incrível beleza, que se tornava ainda mais impressionante, assim, ao ar livre. Mas era difícil ignorá-lo... Difícil não reparar nos ombros largos, nas pernas musculosas, no rosto sedutor.

Chegaram ao destino no entardecer do dia seguinte.

Julia estava exausta. Mesmo assim, não conseguiu conter uma exclamação de admiração, ao avistar Blackwood Manor, no alto de um penhasco que dava para o mar. A paisagem era magnífica. A casa, ladeada por altas torres arredondadas, erguidas em pedra, tinha um toque de imponência sem igual.

— E então? — Adam perguntou, com indisfarçável orgulho.

Em pé, ao lado da carruagem, ambos contemplaram as colinas ao redor e os gramados verdes que se estendiam, desde os rochedos, até a frente da casa.

— É maravilhoso! — Julia disse, encantada. — Parece mais um castelo saído de um conto de fadas!

Ambos subiram a ladeira em direção à casa. Na fachada frontal, destacava-se uma pesada porta de madeira entalhada. No saguão de entrada, Julia não pôde evitar uma nova exclamação, de puro deslumbramento, diante da bela decoração.

— Sua residência é adorável!

Os painéis de madeira polida brilhavam à luz de um lustre de ferro batido, que pendia do forro de madeira, com detalhes em estuque branco. O piso, também de madeira, formava lindos desenhos geométricos.

— Temos uma propriedade em Kent, chamada Woodlands, que era a preferida de meu irmão e minha irmã. Quanto a mim, sempre gostei mais daqui.

— Então você tem dois irmãos? — Julia reagiu, surpresa.

— Tinha. Meu irmão, Carter, já faleceu. Restamos eu e minha irmã. Seu nome é Margaret, mas nós a chamamos de Maggie. Tem dezoito anos, ou seja, é doze anos mais nova do que eu. Atualmente, ela vive com uma tia, em Tunbridge Wells.

— É solteira?

— Sim, ela foi apresentada formalmente, à sociedade, no ano passado. Maggie é muito romântica e quer se casar por amor, mas ainda não encontrou ninguém a quem quisesse dar seu coração.

Nesse ponto, Julia concordava com Maggie. E, por um momento, pensou que gostaria de conhecê-la. Porém, inesperadamente, uma onda de culpa a invadiu. Ela estremeceu e isso não passou despercebido a Adam, que perguntou:

— O que foi?

— Eu sabia que minha vinda para cá seria um erro — Julia respondeu, com um suspiro: — O projeto de casamento de sua irmã será um fracasso. Mesmo que ela se

apaixone de verdade, nenhum homem desejará casar-se com uma mulher que tem um irmão envolvido num escândalo.

— Maggie é herdeira e irmã de um conde. Além disso, é muito bonita... E sempre desprezou a maioria de seus pretendentes.

— Mesmo assim, minha presença aqui resultará num sério problema para sua irmã. A essa altura das circunstâncias, qualquer tipo de boato poderá causar sérias repercussões.

— O problema desaparecerá assim que conseguirmos provar sua inocência. Portanto, Maggie não terá por que se preocupar.

Isso não era totalmente verdadeiro, Julia pensou. Os rumores de que ela fora amante do conde de Fenwick ainda estavam bem vividos. E o fato de Adam não apenas apoiá-la, mas também protegê-la, não deixaria de afetar Maggie. Portanto, mesmo que o verdadeiro assassino do conde fosse preso, ela ainda não estaria totalmente a salvo das más-línguas. De qualquer forma, de nada adiantava cogitar sobre isso, agora. No momento, ela deveria se preocupar apenas em provar sua inocência... Sem se esquecer que, de algum modo, era também prisioneira de Adam.

— Esta é a sra. Finley. — Adam apresentou-lhe uma mulher de cerca de quarenta anos, de cabelos castanhos e ar severo. — Ela lhe mostrará o seu quarto.

— Obrigada — Julia agradeceu e seguiu a mulher por uma longa escada de madeira, que conduzia ao pavimento superior.

A mulher passou pela suíte principal e parou diante de uma porta, no lado oposto do corredor. Abriu-a, enquanto anunciava:

— É aqui, senhorita.

— Oh, mas que aposento adorável! — Julia opinou, observando o ambiente claro, de paredes verde-água, com móveis de cor marfim e detalhes em dourado.

— A maioria dos quartos superiores foram remodelados pela mãe de milorde — a sra. Finley explicou. — Ela sempre teve muito bom gosto.

O tom triste da afirmação fez com que Julia pensasse na condessa de Blackwood, cuja saúde abalada deixara praticamente inútil.

— Milady fez um belo trabalho — ela comentou, encantada.

A sra. Finley concordou, com um sorriso.

— Se precisar de algo, é só me chamar — disse, com simpatia.

— Obrigada.

O aposento era tão aconchegante que Julia decidiu não descer para o jantar. Pediu que lhe servissem a refeição no quarto e comeu com bastante apetite. Depois, Maude ajudou-a a se trocar. Exausta, e bem alimentada, ela não custou a conciliar o sono.

Acordou logo após o amanhecer, inquieta, desejando estar em Londres, onde poderia se empenhar para descobrir o verdadeiro assassino do conde. Mas não queria começar o dia sentindo-se aborrecida.

Verificando suas roupas, decidiu-se por um vestido de musselina amarela, que caía-lhe com perfeição. Desceu até o pavimento térreo da casa e encontrou Adam tomando o desjejum, na sala de refeições.

— Não esperava que você acordasse tão cedo — ele comentou, depois de cumprimentá-la. — Mas, enfim, eu já deveria ter-me acostumado a isso.

Observou-a de alto a baixo, detendo-se nos cabelos presos em coque, no alto da cabeça, e em alguns detalhes do vestido amarelo. Deixando seu prato de lado, puxou uma cadeira para que ela se sentasse, e começou a servi-la. Estava vestido em trajes de montaria e deixara o casaco sobre uma cadeira de espaldar alto. Seus cabelos ainda estavam úmidos e pareciam reluzir sob os raios de sol que penetravam pela janela.

— Como está você, Julia? — ele perguntou.

— Sinto-me muito bem, talvez por causa da brisa marinha e desta casa maravilhosa. — Claro que se tratava de uma mentira. Afinal, ela estava nervosa e bastante preocupada. Apesar de achar o lugar muito agradável, sabia que não deveria estar ali... E muito menos na companhia de Adam!

Ele ergueu as sobrancelhas, com ar de dúvida, enquanto colocava diante de Julia um prato de porcelana com ovos, pão fresco, cereais e molho quente de maçãs.

— Quer café? — perguntou.

— Sim, obrigada.

Adam tocou uma sineta e, logo em seguida, um criado entrou na sala.

— Sim, milorde?

Adam fez-lhe um sinal e o criado saiu, para voltar logo em seguida, trazendo um bule de prata.

— Quando terminarmos, poderemos dar uma volta. Quero mostrar-lhe a propriedade e, depois, apresentá-la à minha mãe. — Esperou que o criado servisse café e saísse. Depois voltou a saborear seu desjejum.

Apesar do sabor e dos aromas deliciosos, Julia mal tocou nos alimentos. Tinha perdido a fome, no momento em que Adam havia dito que queria apresentá-la à sua mãe.

Depois do desjejum, Adam levou-a para conhecer a casa, que fora mobiliada com muito bom gosto e assim era conservada.

— Mamãe sempre teve um gosto especial por cores e estilos. Ela queria preservar a disposição original dos cômodos, mas sem perder de vista o conforto e todas as demais facilidades que a vida moderna pode propiciar.

— E saiba que ela conseguiu. Meu quarto, por exemplo, é muito bonito, elegante e confortável.

— Agora, venha conhecer minha mãe. — Adam enlaçou-a pela cintura.

Julia aquiesceu, procurando não pensar no nervosismo que sentia. Ambos passaram por uma cozinha moderna, bem iluminada, recendendo a canela e fermento. Saíram pela porta dos fundos e caminharam por uma trilha ladeada de flores, em direção a uma construção de dois pavimentos, cujo telhado de ardósia reluzia ao sol. Apontando-a com um gesto de cabeça, Adam explicou:

— Depois da morte de meu pai, mamãe fez questão de mudar-se para essa casa, que é bem menor, embora eu tivesse insistido para que ela ficasse na casa principal da propriedade. Mamãe, porém, manteve-se firme em sua decisão. Talvez tenha feito isso para fugir das lembranças, que certamente a assaltariam... Afinal, ela viveu com meu pai, por muito tempo, na casa principal.

— O casamento deles foi por amor? Adam deu de ombros, enquanto respondia:

— Sinto que eles se gostavam. Quanto ao resto, não sei...

— Quer dizer que seu pai teve amantes? — Julia deduziu, pela expressão de

Adam.

— Provavelmente... E não é sempre assim que as coisas acontecem?

— Não em minha família — Julia afirmou, convicta. — Talvez eu seja antiquada, mas acredito que um homem deva ser fiel à esposa.

— A duquesa de Rathmore tem o mesmo pensamento.

— Que bom... Acho que foi por isso que simpatizei tanto com ela.

Ambos haviam chegado diante da casa. Adam bateu discretamente, à porta. Ninguém respondeu. Então, ele abriu a porta e parou. Um mordomo, já idoso, apressou-se a recebê-lo.

— Sinto muito, milorde. Eu não o ouvi bater. Por favor, entrem.

— Bom dia, Patterson, é um prazer revê-lo. O velho homem sorriu, amavelmente.

— A sra. Finley avisou-nos de sua chegada. Sua mãe ficará muito satisfeita em vê-lo, milorde.

— Como está ela?

— Como sempre... Mas, nesta manhã, parece perfeitamente lúcida.

— E onde posso encontrá-la?

— No jardim, milorde.

— Obrigado, Petterson.

Tomando a mão de Julia, Adam conduziu-a por vários cômodos, cuja decoração confirmava, uma vez mais, o gosto impecável da condessa...

Por fim chegaram ao jardim. Julia ficou surpresa ao ver a mãe de Adam ajoelhada no chão, com as mãos e o rosto sujos de terra, os cabelos grisalhos em desalinho, plantando amores-perfeitos num canteiro.

— Bom dia, mamãe — Adam cumprimentou-a, num tom carinhoso.

Voltando-se, ela o observou por um instante, antes de indagar:

— Carter, meu filho... É você?

— Não, mamãe. Sou eu, Adam.

O sorriso de felicidade atenuou ligeiramente as rugas que marcavam o rosto da condessa. Ela era alta, muito magra, tinha sessenta e poucos anos e olhos semelhantes aos de Adam...

— Adam!

Ela ergueu-se para abraçá-lo. Adam envolveu-a, carinhosamente, entre os braços.

— Quero que a senhora conheça uma pessoa, mamãe — disse ele, voltando-se para Julia, que deu um passo à frente. — Esta é a srta. Julia Whitney. Ela será nossa hóspede, por algum tempo.

— Ah, querido, você deveria ter me avisado! Assim, eu teria me vestido adequadamente, para receber a moça. Devo estar um horror!

— Milady está apenas com o aspecto natural de alguém que andou trabalhando no jardim — Julia opinou, com um sorriso. — E como eu adoro jardinagem, é um prazer encontrar alguém que tenha esse mesmo gosto.

A condessa reagiu, encantada.

— E um prazer conhecê-la, querida. Quando você vier aqui de novo, para me visitar, eu lhe mostrarei as rosas, minhas preferidas.

— Também gosto de rosas e ficarei feliz em vê-las.

A condessa olhou para Adam, depois para Julia... E sorriu:

— Sempre desejei ter netos. Sinto-me bem mais sossegada, sabendo que meu filho tem uma esposa adorável.

Julia enrubesceu violentamente.

— Mamãe, a srta. Whitney é uma amiga — Adam esclareceu, com veemência. — Se a senhora realmente quer netos, é melhor pedir a Maggie e não a mim...

— Netos? — A condessa repetiu, um tanto confusa. — Eu tenho netos?

Num tom mais ameno, Adam explicou:

— Não, mamãe, a senhora ainda não é avó. Para isso, terá de esperar que Maggie se case. Mas por que não terminamos de plantar, juntos, esses amores-perfeitos?

Adam ajoelhou-se e, indiferente à terra, que certamente mancharia suas calças, cavou um buraco e pegou um punhado de flores que estavam numa caixa de madeira, ao lado do canteiro. A condessa imitou-o e, em poucos instantes, voltou a se concentrar no trabalho.

Pouco depois, Adam levantou-se. Mas a condessa não pareceu notar seu movimento. Continuou plantando as flores e, num dado momento, começou a cantarolar uma melodia suave.

Adam tomou a mão de Julia.

— Por um momento, ela pareceu voltar ao que era — comentou, conduzindo-a de volta à casa. — Sempre tive esperança... — interrompeu-se, com um suspiro. E nada mais disse.

— Sua mãe é encantadora — Julia afirmou, após alguns instantes.

— Eu sei disso, mas só queria que... — Ele inspirou profundamente o ar puro, antes de concluir: — Ora, deixe estar. Já perdi meu pai, e também Carter, Mas ainda sou feliz, por ter mamãe e Maggie.

Julia pensou no amor e respeito demonstrados por Adam, em relação à condessa. O homem, que às vezes lhe parecia tão insensível, tinha sentimentos muito mais profundos do que ela imaginava.

Adam andava de um lado a outro no Falcon Room, um salão decorado em vermelho-escuro e madeira, um de seus favoritos. Lá fora, a noite já havia caído. E o céu parecia pontilhado de diamantes. Depois de um jantar à base de codorna assada e ostras, Julia havia se retirado, deixando-o sozinho.

Durante toda a tarde, ele havia pensado nela, na bondade que demonstrara com a condessa, no seu sincero interesse por antiguidades. Decididamente, Julia era adorável e inteligente... Uma combinação ideal, sobretudo na cama.

Agora mesmo, ele podia vê-la, no terraço, usando um vestido de seda amarela, bem clara. Ao contrário dos vestidos emprestados por Arabella, aquele a deixava com o aspecto inocente de uma provável virgem. Esse pensamento o excitava... A reação foi instantânea e seu sexo enrijeceu-se. Um profundo suspiro brotou-lhe dos lábios. Já fazia tanto tempo que não desejava uma mulher... Não com aquela força. Aliás, talvez nunca tivesse desejado alguém com a intensidade que queria Julia Whitney.

O perfil de Julia destacava-se à luz do luar, enquanto ela contemplava o céu. A luz dos archotes incidia sobre os cabelos acobreados, emprestando-lhes um brilho quase mágico. Adam sentiu que sua excitação chegava ao máximo. Lembrou-se de quando havia tomado os seios pequeninos entre as mãos... E chegou a gemer de desejo e ansiedade.

Gostaria de abrir as portas do quarto e caminhar ao encontro de Julia. Queria tomá-la nos braços, beijá-la, acariciar-lhe o rosto, o pescoço, os seios... Mas e depois, o que aconteceria? Já não confiava em sua capacidade de se controlar. Excitado como estava, era bem capaz de não conseguir parar e, então... Se Julia fosse realmente virgem...

Passou a mão pelos cabelos, num gesto nervoso. Cada vez mais, acreditava que Julia estivesse dizendo a verdade, ao declarar-se inocente. Porém, a experiência lhe dizia para tomar cuidado, muito cuidado.

Afinal, certa vez ele confiara em Caroline Harding e chegara a pensar que a amava. Ingênuo e tolo, aos vinte e um anos encarava a vida através do olhar de uma masculinidade apenas recém-descoberta. Na época, recebera uma pequena herança de sua avó e, sem saber o que fazer do futuro, chegara a cogitar em seguir a vida religiosa.

Pensara em ser vigário de alguma paróquia rural.

Vigário... Ele repetiu, em pensamento. Com amarga ironia, lembrou-se da carnificina que testemunharia, tempos depois, na guerra.

Mas, naquela época, cheio de planos e ansioso para compartilhá-los com a futura esposa, ele resolvera visitar Caroline, sem se anunciar. Ela morava perto de Seaford, a viagem levaria apenas uma hora... E ele lhe faria uma bela surpresa.

Depois da breve viagem, chegara à casa dela... Mas não a encontrara. Contudo, sabia que ela gostava de cultivar flores e que passava muito tempo numa velha cabana de pedra que a família construía para servir de estufa. E para lá ele se dirigira. Ao aproximar-se da cabana, vira um cavalo baio pastando à sombra de uma árvore. Tinha estranhado o fato. No entanto, quando estava prestes a bater à porta, ouvira gemidos guturais e doces gritos de paixão. Duas semanas antes, naquele mesmo local, escutara sons bem parecidos, ao fazer amor com Caroline.

O que estaria acontecendo? Perguntara-se, empurrando a porta e entrando.

Caroline estava deitada sobre uma mesa rústica, com a saia levantada até a cintura, e as pernas bem abertas.

Um rapaz a possuía, com sofreguidão... E Adam logo o reconhecera: tratava-se de Robert Hawthorne, seu primo. Ele permanecera no local pelo tempo suficiente para que notassem sua presença e seu ódio. Em seguida, virando-se, saíra da estufa e da propriedade da família de Caroline, para nunca mais voltar.

No dia seguinte, desafiara Robert para um duelo... Mas ele não aceitara. Dissera apenas que sentia muito, que jamais imaginara que isso aconteceria e que não poderia duelar com um membro da família. Adam insistira e, por fim, rotulara o primo de *covarde*.

Depois, soubera que Robert nunca *falara* em casamento, com Caroline. Na semana que se seguira àquela cena lamentável, ele partira para a casa da família, em York, deixando Caroline sozinha para enfrentar o escândalo.

Desiludido, depois daquela terrível traição, Adam alistara-se no Exército. Faria qualquer coisa para desaparecer dali, para fugir de sua casa, da família, dos amigos, dos conhecidos e, sobretudo, de Caroline.

Com um brusco meneio de cabeça, procurou afastar aquelas memórias tristes. Observou Julia com desejo e algo mais... um sentimento igualmente poderoso, que ele não sabia e nem queria explicar.

Algumas noites atrás, antes de sair de Londres, pensara em aliviar suas necessidades com uma mulher da casa de madame Charbonnet... Talvez com Lavinia Dandridge. Mas não queria Lavinia. Não queria ninguém. Só desejava Julia.

Com o coração aos saltos, viu Julia atravessar o terraço e entrar na casa. Para conter o impulso de alcançá-la, disse a si mesmo que ela era uma donzela. Mas até quando essa verdade seria capaz de impedi-lo de cometer uma loucura?

Julia vestiu o penhoar sobre a camisola branca e caminhou pelo tapete macio, até a porta. Abriu-a e, ao pisar no corredor, escutou um barulho estranho. Logo concluiu que o som vinha do aposento em frente, que Adam ocupava.

O que estaria acontecendo? Ela se perguntou.

Logo em seguida, ouviu Adam murmurar palavras incoerentes e gemer, como se sofresse terrivelmente. Então concluiu que ele estava, de novo, em meio a um pesadelo.

Num impulso, ela aproximou-se da porta.

Nem pense em interferir, neste momento, ela se recomendou. Volte a seu quarto e continue andando... Lembre-se do que aconteceu, na última vez em que você ousou entrar no aposento dele, em Londres.

Era impossível esquecer como ele a pressionara sobre o colchão, com seu corpo ardente e musculoso.

Corando, ela mordeu o lábio inferior, em sinal de nervosismo. O que fazer?

Adam voltou a se lamentar, no interior do quarto.

Julia tinha prendido os cabelos numa longa trança. Jogando-a por sobre o ombro, colou o ouvido à porta. Os lamentos de Adam atravessavam a madeira maciça... Julia conseguia ouvi-lo com mais nitidez, agora. Conseguia, inclusive, ouvi-lo debater-se na cama.

Pensou em chamar Harley, o criado de quarto. Mas o pobre homem não teria forças para segurar Adam, se isso fosse necessário. Prometendo a si mesma que seria extremamente cuidadosa, ela girou a maçaneta de prata e entrou na suíte.

Tal como da outra vez, ele estava deitado na cama, com o tórax totalmente descoberto... Na verdade, estava inteiramente nu. E o lençol, repuxado, mal chegava-lhe até os joelhos.

Entre receosa e fascinada, ela contemplou aquele corpo onde a virilidade se fazia presente, de maneira absoluta e soberana. Os músculos se movimentavam enquanto Adam se contorcia na cama, perdido no sofrimento do passado.

Ele mexia a cabeça para a frente e para trás, e os cabelos negros, contrastavam com o travesseiro imaculadamente branco. Com isso, a cicatriz do queixo parecia ainda mais evidente. Mas isso em nada alterava a beleza extrema do rosto, onde o nariz afilado se destacava, harmonizando perfeitamente com os lábios sensuais, cujo sabor Julia já conhecia...

Como ele era belo!, ela pensou, com o coração aos saltos, recordando uma vez mais a noite em que trocara tantas carícias ousadas com Adam, pela primeira vez, em sua vida. Só de lembrar-se já ficava zonz.

De súbito, ocorreu-lhe um pensamento novo: agora, que Adam sabia que ela era virgem, e que não fora, em absoluto, amante do conde de Fenwick talvez resolvesse afastar-se. Talvez decidisse que não mais iria tocá-la. Afinal, ele era um cavalheiro, mesmo que ele próprio não soubesse disso. Apesar da rudeza com que às vezes se comportava, ele tinha bons sentimentos. E já demonstrara, em mais de uma ocasião, que apesar de desejá-la não queria aproveitar-se dela.

A menos que eu o provoque a um limite insuportável, ela concluiu, deixando que seu olhar deslizasse mais para baixo, até deter-se na penugem negra que emoldurava o sexo de Adam. Era a primeira vez que via, um sexo masculino...

Com um meio sorriso, lembrou-se da primeira vez que havia lido sobre o membro masculino, num dos livros de anatomia de seu falecido pai. Achara o assunto simplesmente repulsivo.

Mas agora, que estava diante de um belo homem, por quem seu coração tanto pulsava, tudo o que queria era continuar ali, contemplando sua nudez, experimentando emoções que ela nunca julgara existir.

Ondas de desejo ergueram-se em seu íntimo, provocando-lhe um pensamento absurdo e até constrangedor: naquele exato momento, além de querer ver Adam por inteiro, sem restrições, queria também que ele a possuísse... Que a beijasse até roubar-lhe o fôlego, até que suas pernas perdessem a firmeza... Que a tocasse até incendiá-la do mais puro prazer, até deixá-la sem ar e sem voz. Em resumo, queria fazer amor com Adam, sobretudo agora, que ele voltava a ressonar com suavidade, como se finalmente se libertasse dos antigos pesadelos.

Porém, essa serenidade não durou muito... Minutos depois, ele voltou a se debater, com violência.

Os sonhos eróticos de Julia desapareceram de imediato, cedendo lugar a um sentimento de apreensão.

— Adam — ela disse, com ternura, aproximando-se ainda mais. — Adam... Estou aqui... Acorde, por favor... Só assim você conseguirá se livrar desse pesadelo.

Adam abriu os olhos de repente, olhou ao redor, piscou várias vezes e, por fim, sentou-se na cama.

— Desculpe-me. — Ele passou a mão pelo rosto. — Não tive intenção de perturbar seu sono. — E fez menção de levantar-se.

Julia virou-se de costas. Escutou os movimentos de Adam, o roçar de tecidos, o som de passos até uma cômoda e o barulho de água sendo despejada numa bacia.

Quando voltou-se para fitá-lo, viu Adam vestindo apenas suas calças pretas. Continuava com o peito nu, os pés descalços tão esguios quanto as mãos. Tinha lavado o rosto e umedecido os cabelos. Algumas mechas caíam-lhe sobre a testa.

Ao vê-la, ele franziu o cenho.

— Pensei que você já tivesse voltado ao seu quarto — disse.

Era isso mesmo que deveria ter feito, Julia pensou.

Mas tinha a nítida impressão de que estava enraizada naquele lugar. Além do mais, uma mudança radical estava acontecendo, em seu íntimo. Dali por diante, seria *tudo ou nada*... Na verdade, aquele momento representava sua única chance.

Afinal, sua reputação estava arruinada pelo escândalo provocado pelos boatos sobre seu suposto romance com o velho conde... E também pela suspeita de ter cometido

um crime terrível.

Era fácil deduzir o que o futuro lhe reservava: ela jamais se casaria. Jamais desfrutaria das alegrias de ter um homem, para sempre, a seu lado... Amenos que atirasse a sensatez para o alto e agarrasse a única oportunidade que lhe restava: a remota possibilidade de conquistar Adam. Reunindo toda as energias de que ainda dispunha, ela resolveu expressar seus pensamentos em palavras... E tinha de fazê-lo logo, antes que perdesse a coragem:

— Adam... Você falou que me desejava. E esta noite, quando entrei aqui, agora há pouco, compreendi o quanto *eu* o desejo.

Adam fitou-a com espanto:

— Não creio que você tenha consciência do que acaba de me dizer.

— Sei perfeitamente do que estou falando. Depois de todas as provações pelas quais passei, e que aliás ainda estou passando, terei de esquecer a esperança de me casar, algum dia. Jamais saberei o que é fazer amor com um homem a quem desejo... A menos que você me ensine.

Adam estava perplexo. Ficou em silêncio por alguns instantes, mas por fim meneou a cabeça, num gesto de negação.

— Não sei, Julia. É preciso entender que...

— Entendi muito bem e quero conhecer todas as sensações que uma mulher pode experimentar, quando faz amor com o homem a quem deseja.

Adam mergulhou de novo no silêncio, que dessa vez prolongou-se ainda, mais. De repente endireitou-se e caminhou até Julia, com um estranho brilho nos olhos.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — perguntou, com a voz ligeiramente rouca.

Desde que fora acusada daquele crime hediondo, Julia não tinha certeza de mais nada... Exceto que seu coração se despedaçava quando Adam duvidava de seu caráter... E ardia de paixão, quando ele a tocava.

— Não sabemos o que acontecerá, no futuro. Se você ainda me quiser, eu o aceitarei. Quero aproveitar o tempo que ainda nos resta.

Enlaçando-a pela cintura, ele puxou-a para si. Trêmula, invadida por um misto de alegria e medo, ela tocou-lhe o tórax, mergulhando os dedos na penugem negra e macia que o cobria.

Erguendo-lhe o queixo, Adam fitou-a nos olhos enquanto dizia:

— Eu quis que você fosse minha, desde a primeira vez em que a vi. Não me lembro de ter desejado tanto uma mulher, como desejei você.

Inclinando-se, tomou-a no colo e levou-a para a cama. Colocou-a gentilmente sobre o colchão de plumas e beijou-a na boca, no pescoço, no colo dos seios. Afastou-se apenas o tempo suficiente para livrar-se das calças e, então, deitou-se ao lado dela.

Raios de luar penetravam pela vidraça da janela, permitindo que Julia não apenas sentisse, mas também visse com clareza o sexo de Adam, que pulsava de encontro a seu abdômen.

— Não tenha medo — ele recomendou. — Faremos tudo com muita calma e eu não a machucarei.

Capítulo III

Adam observou Julia deitada a seu lado. O amanhecer estava próximo. Uma leve luminosidade penetrava pela brecha das cortinas de veludo.

Fazia quase meia hora que ele havia acordado, e isso era surpreendente. Tinha dormido muito bem e sentia-se com ótima disposição. Teria de chamar Julia, para que ela pudesse retornar ao quarto, antes que os criados dessem por sua falta.

Poucos dias atrás, ele não teria se importado com esse detalhe... Pois, em muitos momentos, acreditara que Julia realmente fosse uma pessoa inescrupulosa, interessada apenas em tirar vantagem de sua situação. Mas agora sabia que ela era uma pessoa íntegra. E queria protegê-la ainda mais.

Afastando uma mecha de cabelos acobreados que caía-lhe na face, pensou na noite incrível que haviam passado. Ele a havia transformado em mulher! E, o que era mais incrível, Julia fazia amor sem falsos pudores, com uma ousadia que ele achava irresistível. Ela correspondia de maneira surpreendente a cada carícia, exigindo, entregando-se, com um desejo tão intenso quanto o seu.

Ambos haviam feito amor por três vezes, durante a noite... E ele bem que teria recomeçado tudo, naquela manhã. Mas conteve-se, pensando em preservar Julia. Afinal, ela era tão inexperiente, nos mistérios da paixão. Ele, porém, não se cansava; gostava do corpo dela e de sua inteligência.

Mesmo assim, não pensava em casamento. Essa idéia morrera anos atrás, quando Caroline o traía com Robert. Quando a maioria das mulheres que conhecera eram como Lavinia Dandridge, que traíam o marido sem o menor remorso. Quando, mais recentemente, Maria Barrett o caluniara, alegando que ele tinha tentado forçá-la. Todos esses acontecimentos quase o haviam destruído.

Claro que nem todas as mulheres eram traiçoeiras, ele ponderou. Sua mãe e sua irmã, por exemplo, eram verdadeiros anjos. Mas eram, também, pessoas raras. E, no fundo, ele já desistira de encontrar alguém semelhante a elas.

Queria Julia em sua cama, gostava de seu intelecto e do modo com que ela cumpria seu desejo e demonstrava sua paixão. Mas, ainda assim, não confiava nela inteiramente. Afinal, o simples fato de ela ser *mulher* já o deixava cauteloso.

Apesar de tudo, ele a desejava... E como! Por um momento, pensou em afastar as cobertas para contemplar aquele corpo perfeito, para aquecê-lo e possuí-lo, uma vez mais. Só em pensar, já ficava excitado, louco de desejo.

Mas não havia tempo. A luminosidade tênue, lá fora, cedia lugar a uma luz mais forte, rosa e dourado, anunciando o sol que logo surgiria.

De súbito, ocorreu a Adam uma idéia que talvez fosse uma solução para o caso de Julia. Com a morte do pai e do conde, ela estava praticamente sozinha no mundo, pois perdera o contato com os poucos primos distantes que possuía. Precisava, portanto, de um protetor, de alguém que a tratasse com carinho e suprisse suas necessidades. E não seria ele a pessoa ideal para isso? Perguntou-se.

Uma vez esclarecido o assassinato, uma vez que ela fosse declarada inocente, ele a tomaria como amante. Julia nada pediria em troca e, assim, ele teria o que desejava: uma mulher bela, inteligente, apaixonada e incrivelmente livre, na cama.

Não sabia por quanto tempo seu desejo por ela poderia durar. Meses? Anos? Mas isso não representava, exatamente, um problema. Assim que o fogo da paixão se extinguisse, ambos fariam um acordo justo... E Julia poderia viver confortavelmente, onde bem desejasse. Ele continuaria a ampará-la, até o fim. Se houvesse filhos, tampouco os abandonaria. Sustentaria todos, de boa vontade.

Um movimento a seu lado interrompeu-lhe as divagações. Virando-se, viu que Julia o observava, com certa preocupação.

— Ontem à noite, quando vim para cá, você estava tendo mais um daqueles terríveis pesadelos. Não quer me falar sobre isso?

Não era essa a pergunta que ele esperava ouvir, dos lábios de Julia. Em geral, quando se deitava com uma mulher, no dia seguinte era bombardeado por uma verdadeira chuva de cobranças ou acusações.

Com Julia, não... Em vez de acusá-lo, ela apenas demonstrava seus cuidados para com ele.

Ele suspirou. Jamais contara a ninguém sobre os pesadelos que o atormentavam. Sobre as memórias de Aboukir, que ainda trazia bem vividas, na mente. Falar delas talvez o ajudasse a esquecê-las.

— Faz cerca de quatro anos — ele começou — eu estava na cavalaria, quando meu regimento embarcou para o Egito.

Julia encostou-se na cabeceira da cama e puxou o lençol para cobrir os seios.

— Claro que eu já tinha estado numa batalha, antes... E já tinha visto vários homens morrendo. Mas tudo aquilo não era nada, em comparação ao que aconteceu em Aboukir.

Adam ainda podia ver as grandes extensões de areia, onde se erguiam poucas tamareiras, a paisagem estéril e ressequida como o fundo do leito de um rio sem fim. O navio chegara ao escurecer e, ao desembarcar, o regimento fora recebido pelo fogo da artilharia pesada do forte de Aboukir, onde os franceses estavam entrincheirados. Carregados com sacos, sabres e mosquetes, alguns soldados morriam quando pisavam na água. Outros eram alvejados ao chegar à praia, e seus corpos ficavam oscilando, flutuando ao sabor das ondas que vinham quebrar na areia.

— Estávamos em março — Adam prosseguiu. — Mas quando o sol se elevou, no dia seguinte, o calor foi insuportável. Tínhamos pouca água e, com o passar das horas, era só nisso que conseguíamos pensar. Nos sonhos que ainda me atormentam, minha garganta está ressecada e começa a inchar. E eu me sinto sufocar, até a morte.

Adam meneou a cabeça, como se assim pudesse afastar essas lembranças. Mas já não podia interrompê-las.

— Havia batalhas, quase todos os dias. Mas o combate mais terrível só teve início três semanas mais tarde. Foi na noite em que doze mil soldados franceses deixaram, em segredo e em silêncio, o Forte Aboukir, para atacar as forças britânicas.

Ele engoliu em seco. Se fechasse os olhos, ainda podia escutar o estrondo dos canhões, o fogo da artilharia, o zunir das balas de chumbo e seu impacto no corpo dos homens. Lembrou-se de um soldado, a seu lado. Num instante, ele estava em pé e, no outro, jazia destroçado por uma bala de canhão.

— O tiroteio não cessava. Por toda a parte havia homens sendo mortos e cavalos gritando de dor, todos atingidos mortalmente. Homens que tinham sido derrubados de suas selas balançavam nos estribos e morriam pisoteados enquanto os cavalos aterrorizados disparavam de um lado a outro. Houve um dia em que boa parte da cavalaria francesa foi derrotada pelo nonagésimo regimento de nossa infantaria. Em questão de minutos, mil soldados foram reduzidos a seiscentos. Os sobreviventes, ingleses, alegraram-se com esse grande número de perdas, entre os franceses. — Adam ficou em silêncio por alguns instantes, antes de prosseguir. — Minha brigada empreendeu um ataque pela esquerda e enfrentou o inimigo, com sabres. Lembro-se de um jovem tenente apavorado, que ao atacar um oficial da cavalaria francesa errou e atingiu o próprio cavalo. O pobre animal empinou, caiu para trás e o esmagou. — Passou a mão trêmula pela face. Já não conseguia deter o fluxo das palavras. — Naquela noite, houve três mil e quinhentas baixas. Ainda posso ver os corpos sem vida no campo de batalha, a areia encharcada de sangue, até onde a vista alcançava. Deus, perdemos tantos homens!

Imerso nas lembranças, ele teria prosseguido, se não fosse interrompido pelo choro de Julia. Com as faces lavadas de lágrimas, ela pressionava um punho contra a boca, tentando conter um soluço.

— Perdão, Julia. — Inclinando-se, Adam abraçou-a. — Nem sei por que lhe contei sobre isso. Não deveria... Afinal, esta é uma história triste, que uma mulher sensível não deveria escutar.

Julia abraçou-o com força e o manteve contra si, como se quisesse ajudá-lo a apagar aquelas lembranças.

— Fico feliz que tenha me contado. Ninguém deve guardar, só para si, memórias tão terríveis.

Adam suspirou. Estava desconcertado e ao mesmo tempo comovido com aquela atitude de Julia. Lá fora, a luminosidade tornava-se cada vez mais forte. Era preciso tirar Julia dali, antes que fosse tarde demais. Porém, antes que ele lhe falasse sobre a urgência de voltar a seu quarto, ela tocou-lhe a cicatriz sobre as costelas, e indagou:

— Isso aconteceu em Aboukir?

— Sim, foi um golpe de sabre... Um corte terrível. Mas tive sorte de não ter sido muito profundo fundo.

— Ontem à noite notei outra cicatriz, na sua coxa.

— Esta não teve nada de heróico... — Ele sorriu. — Ganhei-a numa manobra que saiu errada, quando eu treinava alguns homens.

— E essa cicatriz no seu queixo?

— Este é um assunto pessoal e nada teve a ver com a guerra — ele respondeu, um tanto ríspido.

Julia desenhou a cicatriz com a ponta dos dedos e, depois, beijou-a delicadamente. Adam aspirou com prazer o perfume suave que emanava de Julia, mesclado aos odores da noite sensual que haviam compartilhado... E a razão o abandonou de vez.

Não podia recusar o que Julia lhe oferecia. Naquele momento, precisava tanto dela quanto de ar para respirar. Excitado, com o sexo já rijo e palpitante, ele a tomou nos braços e, afastando-lhe as pernas, deslizou para dentro daquele corpo quente, que tão bem o recebia.

Naquela manhã, Julia tomou chocolate e comeu torradas, em seu quarto. Queria ficar um pouco sozinha, para refletir sobre o que havia acontecido. Lembrava-se, com

clareza, do sofrimento estampado no rosto de Adam, enquanto ele descrevia a batalha que ainda o assaltava, em pesadelos. Mas lembrava-se, sobretudo, das longas horas de amor compartilhadas.

Disse a si mesma que não estava arrependida, que se entregara por vontade própria e que a noite fora incrível.

Porém, Adam era um conde... E ela uma jovem inexperiente, que não pertencia à nobreza. Além do mais, Adam certamente não tinha intenções de se casar. E ainda que tivesse, não a escolheria para ser sua esposa. Na melhor das hipóteses, ambos poderiam ter um caso... Nada além disso.

Depois de muito refletir, ela, resolveu sair do quarto. Desceu a escada de madeira que conduzia à sala, sentindo um peso no coração.

— Bom dia, senhorita — o mordomo saudou-a.

— Bom dia, Reggie.

— Lorde Blackwood deixou um recado. Ele quer que a senhorita vá encontrá-lo, na estufa.

Julia assentiu, enquanto seu estômago se contraía de tensão. Depois de tudo o que acontecera, ainda não se sentia preparada para ver Adam... Tomando fôlego, procurou se acalmar.

— Não sei onde fica a estufa, Reggie.

— É aquela construção grande, nos fundos do jardim. É lá que o major, isto é, que milorde cultiva suas orquídeas.

Orquídeas? Ela pensou, surpresa. Então Adam tinha mais essa faceta...

— Obrigada, Reggie. — Julia começava a gostar da informalidade com que Adam tratava os criados. Isso os transformava quase em amigos.

Deixou Reggie entregue às suas tarefas e dirigiu-se aos fundos da casa. Estava tensa, mas também curiosa. Não conseguia imaginar Adam, tão sério e tão másculo, num recinto cheio de orquídeas. A imagem, em si, era uma verdadeira tentação.

Caminhando em direção à estufa, viu a casa da condessa e lembrou-se de que prometera visitá-la. Mas depois do que havia acontecido, na noite anterior, tão cedo não teria coragem de vê-la.

Continuou caminhando, até que avistou a estufa, a distância. Era uma estrutura de dois andares, construída no mesmo estilo da casa.

As paredes, envidraçadas, davam suporte a um telhado em formato de cúpula, feito com painéis de vidro. Os painéis eram montados numa estrutura de cobre, coberta de azinhavre, o que dava ao local uma aparência exótica.

Julia tomou fôlego, antes de entrar no recinto quente e úmido. Sentiu o cheiro de turfa e da fragrância delicada das flores de laranjeira. Seu olhar recaiu sobre uma fileira de mudas de plantas cítricas e depois sobre uma prateleira cheia de orquídeas... Ali estava Adam, concentrado no trabalho.

O suor encharcava-lhe a camisa, fazendo-a colar-se aos ombros e ao tórax. Ele havia arregaçado as mangas e, assim, boa parte de seus braços morenos estava exposta. Com as mãos cobertas de terra, Adam replantava uma orquídea.

Em contraste com a delicada flor branca, ele parecia ainda mais bronzeado e másculo. Em silêncio, Julia observou os movimentos calmos, o cuidado com que ele

manipulava a flor... E lembrou-se do modo carinhoso com que a tratara.

Foi nesse momento que ele sentiu sua presença. Interrompeu o que fazia, lavou as mãos e braços num balde com água, secou-as numa toalha de linho e caminhou na direção de Julia.

Ela o fitou e, por um momento, desejou não estar ali. Adam se aproximava com uma expressão indecifrável.

Estaria arrependido do que fizera, na noite anterior?

Mas o sorriso com que Adam saudou-a jogou por terra todos os seus receios.

— Bom dia, Julia!

— Bom dia — ela respondeu, sentindo-se derreter por dentro.

— Achei que você gostaria de conhecer minhas flores e, principalmente, minhas orquídeas. Nos momentos difíceis, quando tudo me aborrece, é aqui que eu encontro paz.

— Adam continuava a sorrir. Havia um toque de intimidade em seu olhar, em sua voz, que uma vez mais a fez lembrar-se dos momentos ardentes que haviam compartilhado. — Quando venho para cá, não deixo que nada me perturbe. Não me permito pensar em quaisquer outros assuntos, que não sejam minhas flores.

A quais assuntos Adam estaria se referindo? Julia pensou. Assassinato... Prisão... Ou fazer amor durante, a noite inteira? Desconcertada, ela mordeu o lábio inferior, sem saber ao certo o que responder. Por fim, confessou:

— Eu... não sei quase nada a respeito de orquídeas.

— Mas gostaria de conhecê-las melhor?

— Claro.

— Então será um prazer apresentá-las a você.

Tomando-lhe a mão, Adam conduziu-a até o canto oposto da estufa, parando diante de uma prateleira cheia de orquídeas brancas e roxas.

— Lindas, não acha?

— Magníficas.

— E veja só esta... — Ele apontou um vaso com orquídeas menores, cor creme, com pequenas manchas cor de vinho, que criavam um contraste de rara beleza. — *Cymbidium ensifolium* — mencionou o nome científico da planta. — É originária da China e data de quase três mil anos. — Era seguida, ele a conduziu a outra prateleira, onde orquídeas amarelas e brilhantes estavam cuidadosamente dispostas. — Estas são da América do Sul... Chamam-se *Oncidium*. E aquelas... — apontou outras orquídeas, de pétalas grandes e roxas. — Estas são as *Orchis máscula*, a que Shakespeare se referiu. Há vários tipos delas, com cores diferentes: laranja, rosa, lavanda e brancas. Decididamente, orquídeas são de uma beleza rara... Têm formato de estrelas, triângulos, coração... E todas são absolutamente lindas.

— Sim... — Julia estava comovida por vê-lo falar das plantas com tanto orgulho e ternura. — São maravilhosas. Mas o cultivo delas deve ser difícil, não? Um largo sorriso estampou-se nos lábios de Adam.

— É nisso que reside o desafio. Ninguém sabe muito, a respeito de orquídeas. Certa vez, um antigo colega de exército me trouxe algumas mudas, da Índia, Foi a partir daí que passei a me interessar seriamente por elas.

— Assim como você se interessa por antiguidades egípcias — Julia comentou.

— Sim.

Pelo olhar de Adam, Julia entendeu que ele agora pensava no Egito... E também nos horrores da guerra. E como a confirmar sua suposição, ele disse:

— Aboukir foi um pesadelo e ainda é. Mas, por outro lado, não sei ao certo como explicar... O Egito exerce uma atração estranha sobre mim. Deve ser o poder e a majestade de uma cultura que nasceu há milhares de anos e ainda permanece viva.

Adam voltou a atenção para as flores e logo seu semblante se desanuviou.

— Pensei em escrever um artigo sobre orquídeas, para o jornal da Sociedade de Jardinagem de Londres.

Julia sorriu:

— Ora, major Hawthorne, quem poderia supor que o senhor se interessasse por plantas?

— Não ria de mim. — Adam ordenou, com ar divertido.

— Isso não combina exatamente com o toque de mistério e perigo que ronda sua imagem pública... — Julia gracejou.

Segurando-lhe os pulsos, Adam puxou-a para si.

— Srta. Whitney, creio que não faz idéia do quanto sou perigoso. — Ele acariciou-lhe o rosto. — Mas pretendo mostrar-lhe... — E beijou-a na boca. Feliz, Julia correspondeu ao beijo.

— Queria que nos amássemos aqui mesmo, entre as orquídeas — Adam sussurrou-lhe ao ouvido. — Adoraria tirar seu vestido e tomar nas mãos seus seios adoráveis... Depois eu levantaria sua saia e...

— Carter? — A voz da condessa soou, junto à porta que Julia não tivera o cuidado de fechar — Carter, é você?

Corando, Julia desvencilhou-se dos braços de Adam, no exato momento em que a cabeça da condessa surgiu, entre uma fileira de orquídeas.

— Carter?

— Sou eu, mamãe... Adam.

— Adam! — Ela exclamou, entre surpresa e feliz, tal como fizera na véspera.

— Imaginei que o encontraria, entre suas flores adoráveis — a condessa comentou, enquanto se aproximava. Usava um vestido simples, de musselina bege, e tinha os cabelos grisalhos presos num coque. Por seus trajes, despojados de qualquer luxo, parecia mais uma preceptora do que uma condessa.

Tomando Julia pela mão, Adam indagou:

— A senhora se lembra da srta. Whitney?

— Sim, claro. Ela veio ver minhas roseiras... — E sorriu para Julia: — Não é mesmo?

Julia sorriu de volta, enquanto respondia:

— Na verdade, ainda não tive esse prazer. Mas, se não houver inconveniente, gostaria de vê-las hoje à tarde.

— Oh, claro, querida! A menos que você prefira vê-las agora. Elas parecem ainda mais bonitas, a esta hora da manhã, com gotas de orvalho nas pétalas. E então, o que

você me diz?

— Acho que é uma ótima idéia, condessa. — Julia fitou Adam de relance. — Com sua permissão, milorde.

Adam inclinou ligeiramente a cabeça, com um olhar maroto que parecia avisá-la que, quando se reencontrassem, teriam de recomeçar as carícias a partir daquele ponto...

— Divirtam-se — ele disse, com um aceno, antes de voltar a se concentrar nas orquídeas.

Ignorando a forte energia que ligava os amantes, a condessa tomou o braço de Julia e, assim, ambas caminharam até à porta. Falando de flores e de seu cultivo, saíram da estufa.

As roseiras da condessa eram realmente lindas... E Julia não pôde deixar de admirá-las.

Enquanto ambas caminhavam em torno dos canteiros, a condessa começou a falar de Adam, contando casos divertidos, da época de sua juventude... Num dado momento, porém, ela tornou-se mais séria. Foi quando contou a Julia sobre o romance de Adam com Caroline Harding.

— Ele estava tão apaixonado! — a condessa exclamou.

Julia assentiu em silêncio, pensando que se a velha senhora estivesse em seu estado normal, jamaisalaria daquele assunto com ela, que era praticamente uma estranha. No entanto, a condessa sofrera aquele ataque, que lhe deixara seqüelas irreversíveis.

— Acho que Caroline o convenceu de que também o amava — a condessa continuou. — Só descobri a verdade sobre a traição dela depois que meu filho foi para o Exército. Foi então que ouvi os boatos... Diziam que meu pobre Adam havia flagrado meu sobrinho, Robert, e sua doce Caroline numa situação comprometedora. — Ela voltou os olhos para o céu, com uma expressão dramática. — Extremamente comprometedora, aliás. Ah, isso deve ter sido terrível para Adam!

Mais do que terrível, Julia pensou. De repente, ocorreu-lhe que talvez Adam tivesse ido para o Exército para esquecer Caroline... Era uma possibilidade. E, de certo modo, tudo o que acontecera depois fora uma consequência da traição de Caroline... A batalha no Egito, os pesadelos, o horror que ainda o atormentava.

— Mas tudo isso já ficou para trás — a condessa concluiu. — Eu não poderia estar mais feliz, agora que sei que Adam resolveu se apaixonar de novo. Aposto que a senhorita lhe dará belos filhos. Mal posso esperar para vê-los!

— Oh, por favor, lady Blackwood! — Julia exclamou, corando. — A senhora precisa entender que eu e meu filho somos apenas bons amigos.

Amigos? Ela repetiu, em pensamento. Adam era seu *amante* e, mesmo assim, a ligação entre ambos provavelmente seria tênue, efêmera... Essa constatação deixou-a triste e ainda mais fragilizada.

Contudo, a condessa agia como se não a tivesse ouvido. De súbito, começou a se abanar, como se tivesse caminhado por vários quilômetros.

— Queira me desculpar, querida. Estes ossos velhos não são mais os mesmos. Diga a Carter que eu gostaria de vê-lo, sim? E não se preocupe... Tenho certeza de que Adam voltará logo do Egito.

Que situação triste, Julia pensou, vendo a velha senhora misturar, uma vez mais, o

passado e o presente.

Mas ao menos a condessa tivera uma vida vibrante, bem como a alegria de construir uma família... Talvez ela, Julia, nem tivesse esses prazeres, essas realizações. Se não conseguisse provar sua inocência, seria condenada. Essa perspectiva a fez estremecer. Uma hora depois, despediu-se da condessa e voltou para casa.

Não mais viu Adam, até o final do dia. O mordomo informou-a de que ele estava no escritório, trabalhando, ocupado com seus deveres de conde. Havia propriedades para administrar, arrendatários para atender e problemas para resolver.

Julia não esperava vê-lo, no jantar. Mas encontrou-o, mais belo do que nunca, à sua espera, na sala de refeições.

O jantar, à base de salmão com creme e torta de ervilhas, estava delicioso. Mas Julia, que passara o dia preocupada com seu futuro, comeu sem muito apetite. O que a vida lhe reservava, afinal? Ou, mais precisamente, o que *aquela noite* lhe reservava?

No final do jantar, Reggie entrou na sala para anunciar:

— Desculpe a interrupção, milorde, mas sua irmã, lady Margareth, acaba de chegar. Como milorde está acompanhado, pedi a milady que aguardasse um pouco, enquanto eu a anunciava, mas...

— Mas eu disse a Reggie que não se preocupasse... Afinal, sou perfeitamente capaz de anunciar a mim mesma.

Margareth Hawthorne entrou na sala como um furacão de cabelos negros. Usava saia de montaria, de veludo cor de vinho, com jaqueta da mesma cor, em estilo militar e um pequeno chapéu combinando. Tinha um belo rosto, de feições finas, e a pele muito clara.

Embora Adam fosse mais moreno, a semelhança entre ambos era inegável.

— Maggie! — ele exclamou, levantando-se. — Pensei que você e tia Sophie estivessem em Tunbridge Wells. O que faz por aqui?

Ela abraçou-o calorosamente, antes de explicar:

— Tia Sophie estava me deixando histérica. Tive de sair de lá, antes que ficasse maluca de verdade. — Lançando a Julia um olhar de soslaio, acrescentou: — Além disso, ouvi dizer que você, mais uma vez, estava metido num escândalo... E quis conhecer a dama pela qual você se envolveu neste novo jogo de intrigas.

Jogo de intrigas? Julia repetiu, mentalmente, enquanto a recém-chegada caminhava em sua direção, com um sorriso que parecia sincero.

— Sou Margaret Hawthorne — ela mesma se apresentou. — Todos me chamam de Maggie. A senhorita deve ser Julia Whitney.

Visivelmente embaraçada, Julia levantou-se para cumprimentá-la. E surpreendeu-se ao constatar que ela era quase tão alta quanto Adam.

— É um prazer conhecê-la, milady — disse, em tom respeitoso.

— Depois de interromper nosso jantar e fazer Julia duvidar de sua sanidade mental, você não gostaria de comer alguma coisa, minha cara irmã?

Maggie voltou a sorrir... Coisa que Adam fazia raramente.

— Comi no George and Dragon, perto da aldeia, e estou satisfeita.

— Não me diga que veio a cavalo, sozinha, até aqui.

— Claro que não! Minha criada Winifred está na carruagem, junto com um cocheiro e um criado, e devem chegar a qualquer momento.

— Mas por que você não veio com eles? Quantas vezes eu a adverti sobre o perigo de cavalgar sozinha, por essa região?

Rindo da preocupação de Adam, ela retrucou:

— Ora, não seja tolo, querido. Afinal, nada de ruim me aconteceu. Você sabe que detesto viajar naquela carruagem velha e abafada. Agora trate de desmanchar essa cara feia, sim?

Julia procurou não sorrir, diante do olhar severo de Adam, que contrastava com a alegria despreocupada de Maggie.

— Já terminamos de comer — disse Adam. — Vamos para a sala de estar? Minha irmã poderá nos distrair com as histórias sobre sua viagem.

— Som, claro — Maggie assentiu. — Mas, para ser franca, eu preferiria falar sobre outro assunto...

— Qual?

— Gostaria de saber em que pé estão as investigações sobre o assassinato do conde de Fenwick. Parece que você está tão empenhado nesse caso...

— Como soube disso? — Adam ofereceu um braço à irmã e outro a Julia. Então conduziu ambas à sala de estar.

— O caso foi mencionado no *Times* e por toda Londres — Maggie respondeu. — Meu querido irmão, você tem uma vocação especial para se envolver em problemas... Mesmo quando eles não são seus.

— E você, minha jovem, adora meter o nariz em assuntos alheios.

— Você é meu irmão. Portanto, esse assunto também é de minha alçada.

Julia entendeu que Maggie não era a garota estouvada que aparentava ser. Ela viera para verificar, pessoalmente, a situação em que seu irmão se encontrava. Parecia disposta a apoiá-lo e protegê-lo.

No final da noite, Julia e Maggie já se chamavam pelo primeiro nome. Ao que parecia, Julia havia conquistado a confiança e o apoio de Maggie.

— Eu não tinha certeza de que gostaria de você — Maggie confidenciou, com sua franqueza habitual, num momento em que Adam se ausentou da sala. — Meu irmão não é conhecido por seu bom gosto em relação às mulheres... Mas, desta vez, ele encontrou uma bem diferente...

— Creio que devo agradecê-la. — Ambas riram, e Adam retornou à sala.

— Vejo que as duas estão de ótimo humor. — Lançando a Julia aquele olhar intenso, que ela bem conhecia, comentou. — Mas já é tarde. Talvez devêssemos nos recolher...

— Boa idéia. — Erguendo-se, Maggie sorriu para o irmão. — Estou mesmo exausta. Hoje foi um longo dia. Além do mais, sei que vocês dois têm muito a conversar. Se me derem licença... — Ela retirou-se com um aceno.

Julia acenou de volta. Estava certa de que poderia contar com o apoio de Maggie. E isso a deixava mais tranqüila, por um lado... Por outro, porém, sentia-se culpada por envolvê-la num escândalo de tão grandes proporções.

— Detesto pensar nas conseqüências deste caso, para sua família — ela afirmou.

— Sua irmã é jovem, adorável... E poderia escolher um noivo entre os rapazes mais cobiçados de Londres. Mas esse escândalo...

— Não se preocupe com isso — Adam a interrompeu. — A própria Maggie nem liga para o que possam dizer ou pensar a seu respeito. Alguns rapazes, embora a achem linda, chegam a temê-la, por sua mente aberta, inteligência arguta e maneira livre de ser. Além do mais, é muito tarde para preocupar-se com isso, agora. Depois de tudo resolvido, farei o que puder para reparar os danos.

Julia aquiesceu, sem outra alternativa. Tomando-lhe a mão, Adam conduziu-a pela escada, até o quarto. Julia podia sentir, claramente, a tensão do desejo que o consumia. O ar em torno de ambos parecia denso e quente. O fogo da noite anterior cobrava sua continuidade.

Inclinando-se, Adam beijou-lhe os lábios suavemente e, depois, o pescoço.

— Deixe a porta destrancada. — ele sussurrou-lhe ao ouvido. — Virei vê-la assim que todos estiverem dormindo.

Julia estremeceu. Isso era tudo o que desejava. Mas a presença de Maggie, na casa, a deixava constrangida.

—Depois da noite de ontem — ela murmurou, fitando-o nos olhos — não há nada que eu deseje mais. Porém, com sua irmã dormindo nesta casa, não me sinto à vontade para...

— Tem razão — ele a interrompeu, num tom quase ríspido. — De fato, eu não deveria pressioná-la... Não com Maggie por perto. E, por mais estranho que pareça, fico feliz que você se sinta dessa maneira.

— É mesmo? — Julia indagou, docemente.

— Sim. — Num gesto galante, tomou-lhe a mão e levou-a de encontro aos lábios. Beijou-lhe a ponta dos dedos e, depois, a palma. Então afastou-se, enquanto dizia: — Boa noite, srta. Whitney, tenha bons sonhos.

Três dias se passaram. Um vento frio soprava, levando as nuvens para longe. Um sol fraco brilhava sobre a paisagem.

No salão verde, diante da lareira acesa, Julia e Maggie acomodaram-se num pequeno e confortável sofá, enquanto Adam e Garth Dutton ocuparam duas poltronas. Garth era o advogado que Adam havia contratado para defender Julia.

— Eu bem que gostaria de ter notícias melhores — disse Garth. — Sei que todos adoraríamos descobrir que Howard Telford é o verdadeiro assassino, que teve um motivo forte para matar o tio... Além do fato óbvio de poder receber o título com maior rapidez. Mas, segundo Benjamin Morrison, Telford nem desconfiava que o conde pretendia alterar o testamento. Morrison garante que não contou a ninguém a respeito do testamento do conde... Nem mesmo ao sobrinho ou à nora do falecido, pois eles eram beneficiários.

— Quero falar com os dois. Preciso saber quando foi que conversaram com o conde, pela última vez. Tive um rápido encontro com Howard, mas não com Madeleine. Gostaria de ter feito isso antes de sair de Londres.

Adam voltou-se para Julia, preocupado com as notícias não muito animadoras que Garth havia trazido. Maggie apertou a mão de sua nova amiga, num gesto de solidariedade.

— Deixe-me falar com Howard e Madeleine — Garth ofereceu-se. — No momento,

você se encontra numa situação delicada, já que a principal suspeita do crime está sob sua proteção. — Fitando Julia, desculpou-se: — Perdoe minha franqueza, srta. Whitney, mas não temos tempo a perder com rodeios.

Julia ergueu o queixo, numa postura altiva, enquanto falava:

— Está certo, sr. Dutton, prefiro sua sinceridade, que é muito importante para mim... Já que minha vida está em risco.

Garth fez um gesto de assentimento. E continuou:

— Acho que não terei dificuldades, para falar com ambos. Conheço Howard e Madeleine há anos. E, a essa altura das circunstâncias, acho que eles se sentirão mais à vontade comigo do que com milorde.

— Tem razão — Adam concordou, com um suspiro. — Se ao menos tivéssemos outras pistas para seguir, alguma outra esperança à qual pudéssemos nos apegar...

— Falando nisso, Fraser tem grandes esperanças de encontrar Colin Norton, o desonesto ex-advogado do conde de Fenwick. Espero que isso aconteça logo. Nesse meio tempo, eu gostaria de fazer algumas perguntas à srta. Whitney. Se o caso for a julgamento, preciso saber o que esperar de minha cliente.

Julia empalideceu.

Adam bem que gostaria de livrar Julia daquilo. Mas o fato era que havia grandes probabilidades de ela ser julgada por assassinato. Se isso ocorresse, Garth era a melhor chance que Julia teria, para se livrar do pior...

Durante as duas horas que se seguiram, Julia contou sua versão dos fatos, repetidas vezes, a pedido de Garth. Ele se atinha aos menores detalhes, desde o momento em que ela entrara no escritório do conde de Fenwick até quando saíra correndo, pela porta dos fundos, passando pela alameda para cair nos braços de Adam.

— Espero que o pior não aconteça — disse Garth. — Mas se a senhorita tiver de enfrentar um julgamento, penso que se sairá muito bem. Além de sua aparente calma, a senhorita transmite uma forte impressão de credibilidade.

Julia endireitou-se no sofá, enquanto dizia:

— Sr. Dutton, não é difícil parecer digna de confiança, quando se está dizendo a verdade.

Garth concordou, sorrindo.

— Você ficará para dormir, não é, Garth? — Adam perguntou. — Depois de uma viagem cansativa, nada melhor de que uma boa noite de sono. Dê-nos a honra de sua presença, por favor. Deixe para voltar para casa amanhã.

— Na verdade, tenho muito a fazer, mas aceito e agradeço seu convite. Ficarei aqui, esta noite. Assim, poderei ter uma refeição decente e uma boa noite de descanso — acrescentou, lançando um olhar significativo a Maggie.

Isso não passou despercebido a Adam. Talvez Garth estivesse mais interessado em desfrutar da companhia de Maggie, do que numa boa noite de sono.

Ele conteve um sorriso. Maggie teria percebido aquele olhar de Garth? E, se percebesse, como reagiria?

Ou talvez estivesse enganado, ele cogitou, ao ver Garth retomar o assunto e fazer novas perguntas a Julia, sobre a noite do crime.

Mais dois dias se passaram.

A caminho do estábulo, nos fundos da propriedade, Adam sentia-se inquieto e um tanto irritado. Garth voltara para a cidade, prometendo mandar notícias assim que descobrisse alguma nova pista sobre o assassinato do conde.

Além dessa preocupação, ele sofria com o desejo que o consumia, incessantemente. Durante o dia, quando via Julia, tinha de se controlar para não tomá-la nos braços. Durante a noite, era obrigado a suportar a solidão, em seu quarto, mesmo sabendo que Julia estava tão perto... Pois, tal como a própria Julia pedira, em respeito à presença de Maggie na casa, ele não mais voltara a procurá-la.

De uma coisa, porém, ele tinha certeza: se não fizesse amor com Julia, o quanto antes, acabaria enlouquecendo.

Próximo à porta da estrebaria, viu o cavaleiro-mor, o irlandês Jamie O'Connell, caminhar em sua direção segurando as rédeas de dois cavalos.

— Selei Ramsés e Cocoa, milorde. Cocoa é muito dócil, ideal para uma principiante.

Jamie referia-se a uma égua cor de canela, com as patas dianteiras brancas. Adam não saberia dizer se Julia tinha experiência em equitação. Mas isso pouco importava. Só queria que ela conseguisse se manter com firmeza, na sela, durante o passeio. O trajeto seria pela trilha que descia em direção à praia, lá embaixo.

Ele sentiu uma onda de calor, ao imaginar como seria maravilhoso possuir Julia novamente, num local seguro e deserto, que ele já havia escolhido.

— Olá...

Adam virou-se. Julia estava parada junto à porta do celeiro, vestida para um passeio, tal como ele lhe pedira. Usava um traje simples, de lã cinzenta, com debruns em preto. Tinha os cabelos presos sob um pequeno chapéu-coco. E fitou-o com certa apreensão, ao vê-lo caminhar para ela e bater casualmente o chicote contra o cano da bota.

— Você veio no horário combinado. Sempre pensei que mulheres se atrasassem.

Erguendo-a no ar, ele a colocou sobre a sela. Entregando-lhe as rédeas, disse:

— Apenas por hoje, quero que você se esqueça de todos os problemas que nos atormentam. Quero que se descontraia e aproveite.

— Isso parece maravilhoso — ela disse, com um sorriso.

— Então, vamos.

Adam prendeu, à sela, uma a manta e uma cesta que havia trazido, com várias guloseimas. Nenhum criado da propriedade parecia preocupar-se com o fato de Julia ser solteira, ou de não ter uma dama de companhia. Era verdade que a condessa encontrava-se na propriedade, embora em outra casa... Era verdade, também, que Maggie havia chegado. Portanto, ele não estava exatamente sozinho com Julia.

Ainda assim, aquela situação o constrangia. Afinal, não ficava bem trazer uma amante para um lar de família. E ainda havia a questão do assassinato. Até o presente momento, o caso não fora solucionado. E apesar de sua fé na inocência de Julia, ele volta e meia era atacado pela dúvida. E se estivesse enganado a respeito dela? Bem, não seria a primeira vez...

Com um leve meneio de cabeça, tentou afastar esses pensamentos desagradáveis. Estava determinado a cumprir a promessa que fizera a si mesmo, para aquele dia: relaxar, desfrutar a vida da melhor forma possível.

Uma brisa suave soprava, enquanto Adam e Julia iniciavam a descida, pela trilha rochosa, em direção à praia. O dia estava quente, com um céu azul brilhante, onde poucas nuvens se espalhavam. Num dado momento, ambos avistaram a baía, em formato de meia-lua, e as ondas de espuma branca, que se desfaziam na areia.

Terminaram de descer a trilha e, ao chegar à praia, avançaram mar adentro e começaram a galopar, na linha da rebentação. Julia parecia saber mais, sobre equitação, do que dissera, embora não fosse exatamente uma *expert*. Mas estava deliciada com o passeio e a bela paisagem que os cercava.

— Que maravilha, Adam! Obrigada por me convidar para esse passeio tão lindo.

Ele sorriu. Nunca vira Julia tão descontraída e alegre.

— Há um lugar onde eu e meu irmão, Carter, brincávamos quando éramos crianças. Gostaria de mostrá-lo a você.

Aquele era um segredo entre Carter e ele, Adam lembrou-se. Um espaço *secreto*, mágico, que só pertencia a ambos. Ele nunca trouxera uma mulher ali, nem tivera vontade de fazê-lo.

— Eu adoraria conhecer esse lugar.

— Fica logo ali.

Ambos apearam. Adam amarrou os cavalos a uma árvore, tomou Julia pela mão e guiou-a por uma trilha estreita, entre as rochas, até uma gruta.

— Como pode ser tão claro, aqui? — Julia indagou, encantada.

Adam apontou um vão, no teto baixo da gruta, por onde se podia ver um pedaço de céu azul.

— Há uma abertura, no teto. Durante centenas de anos a água bateu ali, até criar essa espécie de janela natural.

— E a maré não chega até ali?

— Somente numa época do ano, quando há fortes tempestades.

— Aqui cheira a sal e a sol. É um local perfeito para um piquenique. Não me lembro de ter passado horas tão agradáveis, nos últimos tempos... *Nem eu*, Adam pensou, invadido por um bem-estar que jamais sentira antes.

Julia tirou os sapatos e sentou-se na manta que Adam havia estendido, bem abaixo da abertura no teto da gruta. Ele a imitou, tirando as botas e as meias. Não se recordava da última vez em que ficara descalço. Era tão agradável pisar aquela areia branca e fina! Julia ajudou-o a tirar o lanche da cesta. Havia pastéis de carne de carneiro e queijo. Frango frito e pão recém-assado. Como sobremesa, frutas cristalizadas e torta de cereja. Adam pegou um pastel, sem muita fome. Mas Julia comeu com tanto gosto, que ele achou graça.

— Sua fome era mesmo verdadeira — disse, com um sorriso.

Julia saboreou um pedaço de queijo, antes de dizer:

— Tudo parece mais delicioso do que nunca. Será que é porque estamos aqui, neste lugar paradisíaco?

Adam tornou a sorrir. Havia trazido Julia até ali para seduzi-la. Mas agora descobria que era ela quem o estava seduzindo, embora de maneira diferente.

— Talvez seja por isso — ele comentou, num tom suave.

Com um suspiro, Julia encostou-se na parede da gruta.

— Ah, que bom estar aqui! Faz tanto tempo que não me sinto em paz!

Adam fitou-a, comovido. Durante meses, Julia fora alvo de boatos maldosos. Depois fora acusada de assassinato, forçada a esconder-se na casa de um estranho e acabara presa. Perdera a inocência para um homem que não tinha a intenção de se casar com ela. E, ainda por cima, ainda não se livrara da ameaça de ser enforcada. Pois seria isso que aconteceria, se o juiz a considerasse culpada pelo assassinato de Fenwick.

Adam fechou os olhos, por um instante. Sua consciência pesava. Seu plano de seduzir Julia se desfazia, como um castelo de areia atingido pela maré. Julia merecia uma tarde despreocupada e feliz, ele pensou, decidido a fazer de tudo para proporcionar-lhe exatamente isso.

— Gostaria de tomar mais um pouco de vinho — ela comentou. Ao vê-lo tão compenetrado, indagou: — Por que está tão sério, Adam? Lembra-se que nós combinamos que não pensaríamos nos problemas, ao menos por hoje?

— É o que estamos fazendo. — Forçando um sorriso, ele pegou a garrafa de vinho e encheu as taças.

Ambos sorveram mais alguns goles da bebida, mas a conversa, que havia começado de maneira agradável, acabou tornando-se tensa. Em silêncio, dobraram a manta e se prepararam para deixar a gruta. Estavam saindo, quando os ombros se roçaram. Então Julia encarou-o com aqueles incríveis olhos azuis... E Adam sentiu-se, uma vez mais, tomado pelo desejo abrasador, exigente.

Precisava sair dali, ele pensou, antes que perdesse o controle, que derrubasse Julia no chão, para possuí-la ali mesmo, na entrada da gruta.

— Se quer me beijar, por que não o faz? — ela perguntou, docemente.

Um tanto surpreso pela facilidade com que Julia conseguia ler suas emoções, ele respondeu, com franqueza: — Se beijá-la, não conseguirei me deter...

— Se me beijar... não vou querer que se detenha. Adam sentiu o sangue ferver em suas veias, enquanto Seu sexo se enrijecia. Por alguns segundos, seus olhos permaneceram fixos nos de Julia.

Puxando-a para si, tirou-lhe o chapéu, deixando-o cair ao chão. Mergulhou os dedos nos cabelos sedosos e soltou os grampos que os prendiam. As longas madeixas acobreadas caíram pelos ombros e costas de Julia, enquanto ele a beijava.

— Julia... — ele murmurou, encostando-a na parede da gruta, sem deixar de beijá-la. Com o joelho, procurava abrir caminho entre as pernas dela, trêmulas de desejo.

Erguendo-a ligeiramente, fez com que ela cavalgasse sua coxa musculosa.

— Como eu a desejo! — Segurou-lhe as nádegas redondas e firmes. Levantou-a um pouco mais e pressionou o sexo contra o dela. — Eu a desejo demais.

Voltou a beijá-la, explorando-lhe a boca com total avidez. Ela correspondia com ardor a suas cadeias. Seus mamilos enrijeceram-se, desenhando-se sob o corpete do vestido, enquanto pressionava o corpo contra o dele, numa entrega plena e perfeita. Cada ponto de seu corpo, onde ele tocava, parecia adquirir vida própria.

Adam levantou-lhe a saia, a blusa, a camisa fina que ela usava por baixo. Abrindo caminho por entre as peças íntimas, encontrou o centro do prazer de Julia e iniciou uma suave carícia. Julia gemeu e se contorceu, reagindo a cada toque de seus dedos. Era difícil, para ele, manter o controle diante de uma mulher tão sensível e tentadora.

Chegou a atrapalhar-se com os botões das próprias calças, mas finalmente conseguiu soltá-los. Ergueu Julia um pouco mais, beijou-a com ardor e começou a penetrá-la. Por alguns segundos, permaneceu imóvel, fascinado com aquela sensação. Era como se houvesse acabado de entrar num ninho quente, protetor, onde desejaria permanecer para sempre... Então, lentamente, começou a aprofundar ainda mais a penetração.

— Adam — Julia sussurrou, quando ele, erguendo-lhe as pernas, colocou-as em torno de sua cintura. Julia se mexia, inquieta. — Eu... preciso...

— Está bem, amor, eu lhe darei o que você precisa. — Segurando-a pelos quadris, retirou lentamente o sexo e tornou-a penetrá-la. Repetiu esse movimento, a princípio com lentidão, depois com impulsos mais firmes, que foram ganhando velocidade à medida que o prazer aumentava. Num dado momento, ele percebeu que Julia estava chegando ao clímax. Agarrando-se a seus ombros, ela pronunciou-lhe o nome, enrijeceu o corpo inteiro e então relaxou. Ele continuou a se mover, com movimentos cada vez mais ritmados, até chegar ao ponto máximo do prazer: No último instante, deslizou para fora, expelindo seu sêmen na areia.

Ambos ficaram abraçados por um longo momento enquanto os corações voltavam a pulsar num ritmo normal. Por fim, Adam soltou Julia devagar, até que seus pés tocaram o chão.

Sorrindo, ele abaixou-se para pegar o chapéu dela, que estava caído ao chão.

— Oh, céus, perdi meus grampos! — ela exclamou, aflita. — Estarei medonha quando voltarmos.

— Estávamos cavalgando. Pensarão que foi o vento...

— Tomara — Julia comentou, não muito convencida. — Escute, Adam, preciso lhe fazer uma pergunta.

— O que é?

— Naquela noite em que fui a seu quarto... — Ela hesitou, antes de prosseguir. — Bem, eu queria saber como era fazer amor. Mas não pensei que fôssemos repetir o ato... E se eu ficar grávida?

Adam beijou-a com suavidade.

— E isso seria muito ruim? — perguntou, surpreendendo-se com suas próprias palavras. Naquele momento, a idéia de ter filhos com Julia parecia-lhe agradável. Embora casamento e família estivessem fora de seus planos.

— Adoro crianças — Julia afirmou. — Mas não vou querer um filho, se... se não puder cuidar dele.

— Não se preocupe. Há várias maneiras de se evitar filhos. Desta vez, fui cauteloso. Mas caso aconteça um imprevisto, tomarei conta de você e da criança.

Julia encarou-o com uma expressão indecifrável, por alguns instantes. Depois, voltando-lhe as costas, disse:

— Gostaria de voltar, agora.

Adam concordou, embora desejasse fazer amor novamente, com ela. Viu-a ajeitar os cabelos, cernir os dedos e sentiu que seu corpo voltava a se incendiar de desejo. Imaginou como seria maravilhoso amá-la das mais variadas maneiras. Mas, por ora, esse sonho não poderia se realizar. Estava chegando o momento de voltar a Londres. Havia contratado os melhores profissionais, para provar a inocência de Julia, contudo isso ainda

não seria suficiente. Ele teria de estar lá, para ajudar.

Deixaria Julia ali, tal como planejava, na noite anterior. Reggie e Maude tomariam conta dela. Ela estaria a salvo das ameaças de Howard e dos boatos maldosos que circulavam em Londres, enquanto permanecesse em Blackwood Manor.

Julia tentava não pensar no assassinato o tempo inteiro, mas a prorrogação que recebera da corte terminaria em duas semanas. Se não conseguisse provar sua inocência, seria levada a um tribunal. Com tantas evidências contra ela, poderia acabar na prisão ou no patíbulo.

O tempo se escoava e ela precisava fazer alguma coisa. Decidida a falar com Adam, acabou por encontrá-lo no corredor.

— Eu estava mesmo procurando por você — ele disse, num tom sério, quase desanimado. — Vim para me despedir.

— Vai voltar para Londres?

— Sim. Tenho de conversar com várias pessoas e estudar algumas alternativas. Viajarei pela manhã.

Julia ergueu o queixo.

— Fico satisfeita em ouvir isso, também pretendo partir amanhã.

Adam franziu o cenho:

— De jeito nenhum! Eu a trouxe para cá, por medida de segurança. Se voltar para Londres, Telford descobrirá seu paradeiro e fará tudo o que puder para mandá-la de volta à prisão.

— Mas preciso voltar! Achei que, durante nossa estada aqui, aconteceria algo de novo, surgiria alguma pista esclarecedora... Mas nada aconteceu. É minha vida que está em jogo. Se não me levar, irei sozinha.

Os olhos de Adam se estreitaram e ele segurou-lhe o braço.

— Não esqueça que o juiz só a deixou em liberdade com a condição de que ficasse sob minha custódia. Isso significa que terá de obedecer às minhas ordens, ou serei obrigado a trancá-la em seu quarto.

Os olhos de Julia encheram-se de lágrimas.

— Adam, por favor... Ficarei louca se tiver de permanecer aqui. Será que é tão difícil entender que tenho de fazer alguma coisa e que preciso ajudar a mim mesma?

Adam fitou-a por um longo momento. Por fim soltou-a e afastou-se, com um profundo suspiro.

— Comandei centenas de homens, em minha vida e, no entanto, não consigo controlar uma jovem teimosa.

Julia preferiu ser sensata e não fazer comentários.

Estava aliviada em saber que, no dia seguinte, ambos voltariam para Londres.

No final da tarde, Adam mandou chamá-la. Julia estava tensa, quando entrou no escritório. Tratava-se de um relatório de Fraser, informando que não conseguira encontrar nenhuma nova pista, no caso. Seu nervosismo cresceu ainda mais quando Reggie bateu à porta e anunciou que Adam tinha visitas. Quem seria?

— Trata-se do vigário Donnellson e de um garoto chamado Christopher Derry. Eu os levei até o salão verde.

— Não conheço ninguém com esse nome — Adam disse a Julia, depois que o mordomo saiu. — Por que não vem comigo? Vamos ver do que se trata.

— Vamos, sim. Obrigada, Adam.

Ambos estavam praticamente sozinhos, na casa. Naquela manhã, Maggie e seus criados tinham voltado para a casa de Sophie.

Julia acompanhou Adam até o salão verde, um dos mais luxuosos da casa. O vigário Donnellson e o menino estavam perto de uma janela. O religioso fez uma leve reverência, quando Adam entrou.

— Sinto muito por incomodá-lo, milorde, mas temos de discutir um assunto de suma importância.

Adam apresentou Julia como uma velha amiga da família e sugeriu que se acomodassem ao redor da lareira.

— Reggie, por favor, sirva algo para nossas visitas — ele pediu ao mordomo.

— Pode deixar, major... Quero dizer, milorde. — Com um sorriso, Reggie justificou-se: — Velhos hábitos custam a ser abandonados.

Adam sorriu de volta e, mais uma vez, Julia admirou o modo amável como ele tratava o mordomo e outros criados.

— Não se incomode conosco, milorde — disse o vigário, antes que Reggie saísse. — Não estamos com fome. Mas, enquanto conversamos, acho que Christopher poderia passear no jardim... Pode ser?

— Nesta época do ano, o jardim é muito bonito — Adam disse ao garoto. — Pode ir, Reggie o acompanhará.

O mordomo o tomou pela mão:

— Venha, rapaz.

Christopher não respondeu, mas parecia aliviado com a perspectiva de sair da casa.

Adam voltou a atenção para o vigário, um homem com cerca de quarenta anos e um ar respeitável.

— O que posso fazer pelo senhor, reverendo?

— O assunto que me trouxe aqui é pessoal, milorde. Tem certeza de que a srta. Whitney deve permanecer neste recinto?

— Pessoal... em que sentido? — Adam indagou.

— Trata-se de uma questão delicada entre milorde e sua antiga noiva.

Adam franziu o cenho.

— Se o assunto envolve Caroline, então não o considerarei como particular. Aliás, até prefiro que a srta. Whitney permaneça.

Surpresa, Julia sentou-se ao lado de Adam no sofá, enquanto o vigário se acomodava numa poltrona. Após alguns instantes de silêncio, ele introduziu o assunto:

— Vim falar com milorde a respeito do menino... Isto é, de Christopher Derry.

Adam recostou-se no sofá.

— O que há com ele?

— De início, deixe-me dizer que Christopher não é um menino como os outros. É inteligente e, embora seja muito sério, tem uma bondade incomum à maioria das crianças. Chris é simplesmente...

— Ótimo — Adam apartou. — Mas o que o caráter do garoto tem a ver comigo?

— Derry não é o sobrenome verdadeiro do menino, mas sim de seus pais adotivos, que moravam em Borough Green — explicou o vigário. — A mãe dele é lady Caroline Harding... Sua ex-noiva, milorde.

Adam franziu a testa.

— O menino é filho de Caroline?

— Sim. E *seu* também, milorde.

— Isso é um absurdo! — Adam exclamou, empalidecendo.

— Na noite em que Christopher nasceu, foi entregue a Silas e Nancy Derry, um casal de Borough Green. Nancy queria muito ter um filho, mas era estéril. Quando Silas concordou em ficar com o menino, o marquês, pai de Caroline, tomou todas as providências para que o assunto se resolvesse rapidamente. Caroline foi morar com uma prima em Sussex, durante a gravidez. Quase ninguém soube do nascimento da criança... Aliás, nem eu. Somente agora fui informado sobre esse triste caso.

Adam contemplou o fogo na lareira, com ar compenetrado. Por fim, disse:

— Mesmo que o menino seja filho de Caroline, o que o faz pensar que eu seja o pai? E por que o senhor veio me procurar, depois de tantos anos?

— Os pais adotivos do menino morreram. Silas faleceu há alguns anos, e Nancy, na semana, passada. Antes de morrer, ela mandou me chamar. Contou-me a verdade sobre o garoto e pediu para que eu viesse procurá-lo, milorde.

— Não acredito em nada disso. Se Caroline estivesse grávida de um filho meu, teria me contado... Teria vindo procurar minha ajuda.

— De fato. Mas, se não me engano, Caroline e milorde tiveram uma séria discussão, na época, tanto que o noivado foi rompido. Além do mais, milorde se alistou logo em seguida e foi para a guerra. Seis meses após o nascimento do menino, ela se casou com Ashley Bingham, lorde Durnst, e formou uma família.

Adam passou a mão pelos cabelos, num gesto de exasperação e cansaço.

— Qual à idade do menino?

— Completará oito anos no mês que vem. Ele nasceu no dia três de maio de 1798.

Adam ficou em silêncio e Julia compreendeu que ele estava fazendo alguns cálculos, para ver se a versão do vigário sobre o garoto tinha mesmo fundamento.

— Posso aceitar que Christopher seja filho de Caroline, pois ele tem olhos idênticos aos dela. Mas não se parece em nada comigo. E é bom lembrar que, na época em que ele foi concebido, Caroline teve um caso com meu primo Robert. Claro que o menino é dele, não meu.

— Mas milorde também se deitou com ela. E, pelo que eu soube, Caroline era virgem quando o conheceu.

— Eu pretendia desposá-la — Adam defendeu-se. — Não sou do tipo inescrupuloso, capaz de comprometer o futuro de uma jovem inocente e...

Ele se interrompeu e olhou para Julia. Ela teve a nítida impressão de que um lampejo de culpa assomava àqueles olhos que tão bem sabiam devassá-la. Longe de

perceber o que se passava entre ambos, o vigário prosseguiu:

— Nancy Derry foi muito clara e objetiva, comigo. Afirmou que o menino era seu filho, milorde. E, sinceramente, acredito que seja verdade. Se deseja negar o parentesco, será uma questão entre milorde e Deus. Eu não pretendo levar o garoto até seu primo só porque milorde se recusa a acreditar em mim. Se não o quiser, eu o levarei comigo para a paróquia. Christopher é um ótimo garoto, e também um bom trabalhador... Seu pai adotivo se encarregou disso. — Após uma pausa, o vigário concluiu. — Tenho fé que, em breve, encontrarei um lar para ele.

— O que o senhor quer dizer com "o pai adotivo se encarregou disso"? O garoto foi maltratado?

O vigário suspirou e meneou a cabeça.

— A vida de Chris não foi das melhores. Nancy queria um filho, mas Silas queria um criado. O menino trabalhava do amanhecer até o escurecer, incansavelmente, desde o momento em que aprendeu a andar.

Adam assentiu, com expressão sombria. Ainda acreditava que o garoto fosse filho bastardo de Robert...

Mas estava penalizado ao saber que ele fora educado por um pai opressor, que o obrigara a trabalhar desde a mais tenra idade. Assim, resolveu tomar uma atitude:

— Seja lá qual for a verdade, o menino é aparentemente um Hawthorne. Como sou o conde da família, o fato passa a ser de minha responsabilidade. Portanto, ele pode permanecer em Blackwood Manor.

Julia soltou a respiração, que nem percebera estar segurando. Aliviado, o vigário levantou-se.

— Obrigado, milorde. O menino nada sabe a respeito de sua verdadeira origem. Acredita ser órfão de Silas e Nancy. A partir de agora, milorde é que decidirá seu futuro. Se quiser contar a verdade a Christopher, fique à vontade. Se não quiser... Bem, milorde é quem sabe. A decisão será sua.

O vigário saiu para despedir-se de Christopher e entregar-lhe os poucos pertences que trouxera. Adam foi até o aparador e serviu-se de uma dose de conhaque, que tomou de um único gole.

— Você está bem? — Julia perguntou.

— Não. — Ele tornou a encher a taça. — Acabo de assumir a responsabilidade pelo filho bastardo de meu primo. Cada vez que olhar para ele, pensarei no dia em que encontrei Robert e Caroline na cabana.

— O menino pode ser seu filho — Julia arriscou-se a dizer, em voz baixa. — Aliás, ele se parece bastante com você.

De fato, Christopher era alto para a idade, embora esguio, tinha ombros largos, e Julia refletiu que Adam poderia muito bem ter aquela figura quando menino.

— Robert é meu primo e nós nos parecemos — ele declarou, seco.

Todos os Hawthorne se parecem, Julia pensou, lembrando-se dos retratos que vira na casa.

— Terei de contratar uma preceptora — Adam afirmou, como se falasse consigo mesmo. — E ele precisará de tutores. Bem, cuidarei disso quando voltarmos de Londres.

— Modéstia à parte, tenho uma vocação especial para lidar com crianças — disse

Julia. — Talvez eu possa ajudá-lo a cuidar do garoto... Pelo menos, até que você tenha tempo de pensar melhor sobre esse problema.

Adam assentiu, aliviado.

— Obrigado. Sua ajuda será preciosa, porque eu não entendo nada de crianças.

Ele olhou para o jardim, onde Christopher saltitava ao lado de Reggie. Julia cogitou na possibilidade de o garoto ser realmente filho de Adam... e perguntou-se se ele não estaria pensando a mesma coisa.

Os quartos reservados às crianças ficavam no terceiro andar da mansão, logo abaixo do alojamento dos criados. De acordo com Fanny, a cozinheira, Adam, Carter e Maggie tinham ocupado aqueles aposentos desde seu nascimento. Durante anos, a atmosfera que se respirava naquela ala da casa fora calorosa e alegre, impregnada com os risos e as brincadeiras dos pequenos Hawthorne. Naquela noite, Julia passou pelo corredor e, parando junto à porta do quarto de Chris, apurou os ouvidos. Mas não ouviu nada, apenas o silêncio.

Julia compadeceu-se. Aquele não era o local adequado para um menino que havia chegado à casa apenas algumas horas atrás, e que certamente estava se sentindo solitário e amedrontado. Prometeu a si mesma quealaria com Adam para transferir o garoto para um quarto de baixo. Em seguida bateu à porta.

Chris não respondeu, e ela insistiu. Preocupada, girou o trinco e abriu a porta devagar. Chris estava em pé, as pernas ligeiramente afastadas, os punhos cerrados, olhando na direção da porta como se esperasse por um inimigo. Mas relaxou ao vê-la.

Julia olhou ao redor. O quarto era agradável, decorado em azul-claro e cor de pêssego, com o impecável toque de bom gosto da condessa. Mas fazia, frio, e as cortinas cheiravam a mofo, por falta de ventilação.

— Agora me diga, você está, bem acomodado? Reggie lhe trouxe algo para comer?

— Ele trouxe uma bandeja, mas eu não estava com fome — respondeu Chris.

Julia aproximou-se da cômoda, onde estava uma grande bandeja de prata, coberta com um guardanapo branco.

— Acho que eu gostaria de comer um pouco — comentou, num tom casual. — Que tal darmos uma espiada nessas guloseimas? — Ergueu o guardanapo e inalou os aromas estimulantes de queijo, cordeiro assado, pão fresco e outros quitutes, preparados por Fanny especialmente para Chris, a pedido de Reggie. Pegou um pouco de creme com uma colher de prata, e provou. — Hum, está delicioso! Por que não experimenta?

Chris hesitou, mas em seguida se aproximou e aceitou a colher que Julia lhe oferecia.

— Nunca comi creme com groselha.

Julia imaginou que havia muitas coisas que aquele menino não conhecia. A calça de sarja marrom e a camisa de tecido grosseiro refletiam a vida simples que ele levava. Mesmo assim, suas roupas eram limpas, e ele sabia se expressar bem.

Aos poucos, Chris foi provando os alimentos, e acabou comendo tudo. No final da refeição, sorriu, entre tímido e agradecido. O sorriso fez com que Julia pensasse em Adam. De quem, afinal, aquele menino seria filho? De Adam ou de Robert? Ela passou a meia hora seguinte conversando com Chris, assegurando-lhe que o conde não era tão severo quanto parecia.

— Tudo dará certo, querido, não se preocupe. Mas o menino parecia ter sérias dúvidas a esse respeito. E Julia também.

Já era tarde quando Julia deixou a ala das crianças e foi procurar Adam. Encontrou-o recostado no sofá do escritório, com o olhar fixo nas chamas da lareira.

— Eu gostaria de lhe falar...

— Sobre crianças? — ele a interrompeu.

— Sim... De certa forma, sim.

— Do que se trata?

— Bem, eu espero que, uma vez terminado esse caso, você me ajude a encontrar um trabalho. Sei que esse escândalo prejudicará minhas chances de conseguir uma boa colocação. Mas, se eu for inocentada, estarei livre para dar continuidade à minha vida. E então tentarei encontrar um trabalho decente, talvez como preceptora...

Adam riu, com amargura. E Julia recriminou-se por não ter esperado por uma ocasião mais propícia para tocar naquele assunto.

— Você não pode estar falando a sério... Pretende mesmo ser preceptora?

Ela ergueu o queixo, com ar de desafio:

— Que mal há nisso? Já dei aulas para crianças, e acho que sou uma boa professora.

Adam fitou-a de cima a baixo, observando atentamente o vestido de seda cor de ameixa que ela usava. Tratava-se de um modelo caro, ele pensou, certamente comprado numa loja chique, pelo conde de Fenwick.

— Julia, professoras e preceptoras não usam vestidos bonitos, nem meias de seda.

— Você acha que preciso desses luxos para me sentir feliz?

— Não é uma questão de necessidade. Você não foi criada para trabalhar em casa de estranhos... E certamente merece mais do que isso.

— O que quer dizer com...

Antes que Julia concluísse a pergunta, ele explicou:

— Tenho planos para nós dois. Depois que tudo estiver resolvido, encontrarei um lugar discreto, em Londres, para você morar. Lá poderemos nos encontrar, quantas vezes e por quanto tempo desejarmos. Eu lhe comprarei uma carruagem, roupas modernas e tudo mais o que precisar. Em resumo, você não terá de se preocupar com nada.

Julia sentiu um aperto no coração, que quase a impediu de respirar.

— Você não está sugerindo que eu me torne sua... amante! Ou será que está?

Adam sorriu:

— Doçura, nós já somos amantes. Teremos apenas de normalizar nossa situação, ou seja: de ajustar as coisas de modo que fiquem bem convenientes, tanto para você quanto para mim.

Com a voz trêmula de indignação, Julia reagiu:

— Nunca tive intenção de me tornar sua amante. Se me entreguei, foi porque eu o desejava muito... Foi porque eu queria saber como era fazer amor... com você.

— Quaisquer que tenham sido seus motivos, o resultado é o mesmo. Apesar de

breve, nosso relacionamento físico foi muito satisfatório. E poderemos aprimorá-lo cada vez mais.

Julia meneou a cabeça, num veemente gesto de negação.

— Não pretendo ser sua amante, Adam. Nem agora, nem no futuro.

— Ora, procure ser realista, doçura. Sem família, nem amigos, que alternativa lhe resta?

Julia sentiu um nó na garganta. Havia decidido fazer amor Adam porque o desejava, porque o *amava*. Nunca esperara nada em troca, muito menos o sórdido acordo financeiro que ele agora lhe propunha.

A revolta crescia-lhe no íntimo. E ela compreendeu que teria de sair dali o mais rápido possível... Caso contrário, desataria a chorar diante dele.

— Desculpe-me, estou com um pouco de dor de cabeça e gostaria de ir para meu quarto — disse, com voz trêmula, enquanto caminhava até a porta.

Adam alcançou-a, antes que ela tocasse a maçaneta.

— Não sei o que você está pensando, mas quero que saiba que não tenho a menor intenção de magoá-la. Desde o começo, deixei bem claro que o casamento não faz parte dos meus planos de vida, nem com você, nem com ninguém. Se lhe propus esse arranjo, é porque quero ter certeza de que você não ficará desamparada, no futuro.

Julia suspirou. Sabia que Adam não pensava em casamento, mas nem por isso aceitaria ser sua concubina. Isso estava fora de cogitação.

— Por acaso você pensa em tomar conta de mim como fará com o pobre órfão, que está lá em cima? Oh, agradeço sua caridade, mas acho que já basta. Sua irmã teve a bondade de me oferecer um empréstimo, caso eu precisasse. Acho que vou aceitar. Assim que chegarmos em Londres, encontrarei outro local para ficar.

Adam segurou-a pelos ombros, com uma expressão impenetrável.

— Sua memória não anda bem, srta. Whitney... Até que o assassinato do conde seja resolvido, você terá de cumprir minhas ordens. E quando chegarmos a Londres, você continuará sendo minha hóspede, tal como antes. Fui claro?

Julia cerrou os dentes, numa tentativa de conter as lágrimas.

— Perfeitamente — ela murmurou, desvencilhando-se de Adam com um gesto firme.

Então saiu do escritório, a passos largos. Só começou a chorar quando se refugiou na privacidade de seu quarto.

Como pudera ser tão tola?, perguntou-se, atirando-se na cama.

Julia acordou de péssimo humor, na manhã seguinte. E foi nesse estado de espírito que arrumou sua bagagem, com a ajuda de Maude, para regressar a Londres. O tempo havia mudado, como se refletisse a melancolia reinante na casa. Nuvens escuras prenunciavam chuva, o ar frio penetrava pelas brechas das janelas e até mesmo pelas roupas de viagem.

Antes de embarcar, Julia foi se despedir da condessa.

— Você voltará logo, não é mesmo? — a velha senhora perguntou, depois de chamá-la de "minha querida nora".

— Com certeza — Julia mentiu, forçando um sorriso. Abraçou a condessa calorosamente e voltou à casa.

Embora estivesse irritada, descobriu que o humor de Adam estava ainda pior. Todos pareciam pisar em ovos, na presença dele. Até mesmo Reggie, que o conhecia tão bem, estava nervoso e inseguro.

— E quanto ao menino, milorde? — Reggie finalmente tocou no assunto delicado, que todos receavam abordar.

— Teremos de levá-lo conosco — Adam respondeu. — Diga-lhe para arrumar suas coisas. Ele poderá ir na carruagem, com você e Maude.

— Sim, milorde. A viagem para Londres foi longa, silenciosa e cansativa. Quando chegaram a uma pequena e confortável estalagem, à margem da estrada, Julia sentia-se exausta e ainda mais irritada. Recusou o convite de Adam para jantar e preferiu fazer uma refeição leve, na companhia de Maude, Reggie e Chris.

— Estamos mesmo indo para Londres? — o menino indagou, entusiasmado.

Julia sorriu, ao responder:

— Sim, querido. Você já esteve lá?

— Nunca. Mas mamãe e papai moraram em Londres. Mamãe contou que lá tem muitas coisas bonitas para se ver.

— Tem mesmo, rapazinho — Maude concordou. — Você vai gostar de passear por lá.

Todos pediram a sobremesa, menos Julia. Estava sem apetite, triste e nervosa, preocupada com o julgamento e com o menino que já havia conquistado seu coração. E, para piorar ainda mais a situação, estava loucamente apaixonada por Adam...

Assim que terminaram de comer, os quatro foram para o andar de cima. Chris ocupou um quarto com Reggie, e Maude dormiu num catre aos pés da cama de Julia, que adormeceu bem depois da meia-noite.

Horas mais tarde, ela acordou com um barulho no quarto ao lado. Logo reconheceu os gemidos de Adam. Era óbvio que estava sonhando outra vez com aquela sangrenta batalha no Egito.

O primeiro impulso de Julia foi levantar-se e ir ao quarto dele, para confortá-lo e ajudá-lo a esquecer aquelas lembranças terríveis. Mas sabia muito bem o que aconteceria, se obedecesse àquele impulso. Tinha de ser forte, disse para si, cobrindo a cabeça com o travesseiro. Mas não conseguiu adormecer. Só relaxou quando os gemidos cessaram e o silêncio voltou a reinar no quarto de Adam.

No dia seguinte ao da chegada a Londres, Adam saiu cedo, depois de uma breve discussão com Julia.

— Leve-me junto com você — ela pediu.

— Da próxima vez eu a levarei — ele respondera. — Por hoje, prefiro tratar de certos assuntos... sozinho.

Subiu na carruagem, que rumou para Chancery Lane. Recostou-se no assento de couro, pensando no encontro que teria com Garth Dutton dali a pouco. Apesar de todos os problemas que o vinham afligindo, sentia-se satisfeito por retomar a direção das investigações. Fora uma pena Julia não ter ficado no campo. Isso tornaria tudo mais fácil para ele... ao menos por enquanto.

Observando a paisagem pela pequena janela da carruagem, Adam pensou em sua

nova responsabilidade, como protetor de Chris. Na próxima vez que falasse com Fraser, pediria a ele que investigasse a paternidade do garoto. Ali estava outro mistério a ser resolvido. Um mistério que, aliás, poderia se transformar num novo escândalo, caso ele não agisse com a devida cautela.

Adam passou a mão pelos cabelos, com uma expressão de cansaço. Às vezes tinha a impressão que nascera para ser alvo de comentários maldosos. Mas não daquela vez, prometeu a si mesmo, determinado a manter em segredo a identidade do menino.

Por mais que desprezasse Caroline, sabia que ela devia ter sofrido nas mãos de Robert. Agora, depois de tanto tempo, estava casada e tinha uma nova família.

De sua parte, faria o possível para proteger o menino, fruto de uma insensatez. Independentemente do que descobrisse, não teria como localizar Robert. Afinal, seu primo era um aventureiro, vivia viajando pelas colônias inglesas e jamais aceitaria a responsabilidade de criar um menino de oito anos. Um menino que, apesar de tudo, era um Hawthorne, e merecia uma chance de viver melhor.

— Adam Hawthorne! — A voz de barítono de Garth ressoou no saguão do imponente prédio de tijolos onde ficava a sede da firma Selhurst e Dutton, Advogados. — Chegou bem na hora. Entre, por favor.

— Obrigado.

Adam entrou na sala elegante, mobiliada com sobriedade e bom gosto. Havia uma mesa grande no centro do escritório. Nas estantes de cerejeira, as lombadas dos livros, ricamente encadernados, traziam inscrições em ouro. Nos fundos da sala, uma lareira de mármore completava a decoração.

Tudo naquele escritório inspirava confiança e admiração pela competência de Garth, que desde jovem se destacara em sua profissão. Fizera fortuna com seu trabalho, embora viesse de uma das famílias mais tradicionais de Londres. Afinal, era neto do barão Schofield.

— Eu lhe agradeço por me receber sem hora previamente marcada. Mas o fato é que cheguei ontem de viagem e estou ansioso por saber como andam as investigações.

— Na verdade, programei uma visita a Madeleine Telford. Ela esteve no campo, mas já voltou, e nós marcamos um encontro para o final desta manhã.

— Eu também planejava vê-la hoje. Garth franziu a testa.

— Como eu já lhe disse, não creio que ela o receberia bem.

— Tenho de me arriscar.

— Nesse caso, podemos ir juntos.

— Boa idéia.

— Nem tanto. Acho que Madeleine ficaria mais à vontade comigo. Mas se você insiste...

— Sim — Adam afirmou, com veemência.

— Então está decidido.

Pouco depois, ambos embarcavam na carruagem de Adam, rumo a Hampstead Heath, onde Madeleine, nora do conde de Fenwick, passava a maior parte do tempo.

Ela disfarçou a surpresa de ver Adam acompanhando o advogado. Cordialmente, convidou-os a entrar. Conduziu-os por um vestibulo com belos vitrais, onde brilhava um lustre de cristal.

— Prazer em vê-lo, Garth. — Ela permitiu que ele lhe segurasse as mãos e a beijasse no rosto. — O mesmo digo a milorde, embora esteja um pouco surpresa, considerando a razão de sua visita e sabendo a quem pertence sua lealdade.

Madeleine era bonita, baixa, com cabelos e olhos castanhos. Trajava um vestido moderno, de seda azul-clara e cintura alta. Como complemento, um colar de pérolas, perfeitas e alvas como seus dentes. Aos vinte e cinco anos, não tivera filhos, seu corpo era bem proporcionado, tinha curvas generosas e busto farto.

Adam respondeu num tom gentil, mas firme:

— Asseguro-lhe, madame, que o alvo principal de minha lealdade é seu falecido sogro, o conde de Fenwick. Nenhum homem merece ser assassinado a sangue frio. Nossa única divergência de opinião reside em quem devemos culpar pelo crime.

— Muito justo — ela retrucou, sorrindo, mas seu olhar era hostil.

Adam conhecera Madeleine Telford antes que ela se casasse com Henry, filho do conde de Fenwick. Embora a achasse atraente na época em que era solteira, nunca se interessara por ela.

Agora, a julgar pelos olhares significativos que Madeleine lançava a Garth, era fácil deduzir que ambos se conheciam muito bem.

— A sala de estar é por aqui. Se quiserem me acompanhar, cavalheiros...

Madeleine levou-os a um salão amplo, que parecia ter sido reformado recentemente. O papel de parede, com flocos dourados, era novo, assim como as cortinas. E o estofamento dos móveis dava a impressão de ter pouco uso.

Ao que tudo indicava, Madeleine já havia começado a fazer uso do dinheiro que o sogro lhe deixara. Adam perguntou-se se ela tomara conhecimento do plano do conde de mudar o testamento, e de que, nesse caso, Julia herdaria a maior parte da fortuna.

— Já pedi chá — ela avisou. — Sentem-se, por favor. Logo depois um criado entrou com o carrinho de chá. Enquanto Madeleine servia a bebida fumegante nas xícaras de porcelana com filetes de ouro, Adam esforçava-se para relaxar! Não queria deixar a jovem viúva desconfiada. Queria que ela ficasse à vontade, para responder às perguntas.

— Sua mensagem dizia que gostaria de conversar comigo a respeito do falecido conde — Madeleine disse a Garth, colocando o bule de volta no carrinho. — O que deseja saber?

Adam observou atentamente o semblante de Madeleine, enquanto Garth respondia:

— Como deve saber, represento a srta. Whitney. Nem lorde Blackwood nem eu estamos convencidos de que ela seja culpada pelo assassinato do conde.

— Mas, certamente... — Madeleine interrompeu-se. — Bem, quero dizer, quase todos que trabalham em Fenwick acreditam que foi ela. O mordomo a viu, em pé, ao lado do corpo já inerte de meu sogro.

— A srta. Whitney não negou que estivesse no aposento — Adam interveio. E explicou a versão de Julia.

— Qual era seu relacionamento com a srta. Whitney? — perguntou Garth.

— Nós mal nos conhecíamos. No começo, quando ela chegou à casa de meu sogro, achei que ela poderia distraí-lo. Afinal, ele estava tão amargurado pela morte de Henry! Pensei que ela o ajudaria a se recuperar e, francamente, esperava que os dois se

tornassem amigos. Foi então que surgiram os boatos. Meu sogro negou tudo e até reagiu, furioso, quando lhe perguntei se estava tendo um caso com a moça. Mas homens são homens... é a srta. Whitney é uma jovem muito atraente. Sem saber ao certo em que acreditar, eu me distanciei.

— Mas a senhora continuou a visitar o conde — Adam pressionou-a.

— Ocasionalmente. Meu sogro sempre foi muito bom para mim, e eu me preocupava com seu bem-estar.

— Ele lhe contou que pretendia alterar o testamento?

— O quê? — Madeleine deixou-se cair no sofá, com um farfalhar de saias.

— O conde havia instruído seu advogado, Benjamin Morrison, para elaborar um novo testamento, no qual deixaria a maior parte de sua fortuna para a srta. Whitney. Infelizmente, ele foi morto antes de assinar o documento.

— Oh, Deus! — Madeleine tremeu ligeiramente, ao colocar sua xícara de chá no pires. — Eu nunca soube disso! Mas agora que milorde me contou, suponho que os boatos a respeito do conde e da srta. Whitney fossem verdadeiros. Afinal, por que ele faria uma alteração dessas?

Por quê? Adam repetiu, em pensamento. Qualquer que fosse o motivo, não fora porque Julia o seduzira, com o intuito de manipulá-lo e convencê-lo a deixar seu dinheiro para ela. Se Julia o seduzira, não fora com seu lindo corpo. Adam tinha certeza disso, mas nada podia dizer, para não comprometer ainda mais a reputação de Julia.

Colocando a xícara de chá intocada sobre uma mesa baixa, diante de Madeleine, indagou:

— Quando foi que a senhora viu o conde pela última vez?

— Na quarta-feira, dois dias antes do assassinato. Eu sabia que meu sogro tinha passado mal, com o reumatismo, e resolvi fazer-lhe uma visita. Queria saber se ele havia melhorado.

— E a senhora viu a srta. Whitney nessa ocasião?

— Sim, rapidamente. Ela foi cordial, pelo que me lembro, mas não nos fez companhia. Presumo que soubesse que eu me sentiria constrangida por estar no mesmo recinto que a amante de meu sogro.

— Seria de bom-tom não fazer esse tipo de conjectura, sra. Telford... — Adam a advertiu, com um toque de aspereza na voz. — Afinal, a senhora não tem provas...

Madeleine sorriu, um tanto envergonhada.

— Oh, desculpe-me. Milorde tem razão. Espero que todos nós estejamos errados a respeito da srta. Whitney. Pois o fato é que meu sogro a tinha em alta consideração, independentemente de qual fosse o relacionamento entre ambos. Se ela for inocente, espero que milorde possa provar isso, para o bem dela e em memória de meu sogro.

Sentindo-se um pouco mais calmo, Adam recostou-se no sofá. Esperou que Garth fizesse mais perguntas a Madeleine e, no final da entrevista, voltou a intervir:

— Só mais uma última questão...

— Sim, milorde? Levantando-se, ele indagou:

— A senhora poderia dizer onde se encontrava, na noite do crime?

— Ora, aqui mesmo, é claro. — Madeleine também se ergueu, ofendida. — Tive uma forte dor de cabeça, naquela noite, e resolvi me recolher cedo. Só saí do quarto na

manhã seguinte, quando soube do terrível acontecimento.

— Obrigado, sra. Telford. Isso é tudo o que precisávamos saber, no momento.

Garth tomou a mão de Madeleine e, uma vez mais, Adam notou que ele a fitava com um olhar significativo.

— A senhora colaborou muito conosco — disse Garth. — Grato por sua sinceridade.

Madeleine os acompanhou até a porta.

Já na carruagem, de volta à cidade, Garth estava muito quieto e pensativo. E Adam bem podia imaginar o motivo.

— Em outras circunstâncias, eu não tocaria no assunto, mas... a menos que eu muito me engane, você e a sra. Telford são mais do que simples amigos. Certo?

Garth suspirou, ao responder:

— Eu receava, mesmo, que você percebesse. — Olhou a paisagem através da janela. — Aconteceu depois do suicídio de Henry. Foi um caso que durou apenas algumas semanas. Não sei se ela estava tentando esquecer a morte do marido. Nós nunca falamos sobre isso. O caso poderia ter-se prolongado mais, mas Madeleine temia que alguém nos descobrisse. Para mim, tudo era muito simples. Não havia sentimentos envolvidos. Nós nos separamos como amigos e assim tem sido, desde então. Até hoje, não me ocorreu que meu breve relacionamento com ela pudesse ser antiético. Se você quiser procurar outro advogado, entenderei.

— Não acho que fazer amor com uma mulher bonita constitua uma quebra de ética. Creio que isso não vai interferir na sua postura profissional. Sei que você continuará fazendo seu trabalho, com todo o empenho.

Garth sorriu, aliviado.

— Pode contar com isso. Realmente não acredito que Julia seja culpada de assassinato. E, se o caso dela for a julgamento, farei o que estiver ao meu alcance para inocentá-la do crime.

— Obrigado — ele agradeceu a Garth. — Isso é tudo o que espero de você.

Durante o resto do trajeto, Adam permaneceu em silêncio. Estava preocupado. A cada dia que passava, aumentava a probabilidade de Julia ser levada a julgamento. E, mesmo com um advogado brilhante como Garth, as evidências contra ela eram desanimadoras. E a perspectiva de Julia ser condenada à forca o deixava horrorizado.

Isso não acontecerá, prometeu a si mesmo.

Se tudo falhasse, tomaria uma atitude extrema. Quebraria a palavra que dera às autoridades e ajudaria Julia a fugir para algum local seguro. Era a primeira vez que considerava essa possibilidade, e não duvidava que, se fosse necessário, agiria exatamente assim, pouco se importando com sua reputação de cavalheiro, que estaria arruinada para sempre. De uma coisa, tinha certeza: não ficaria de novo sem ação, não esperaria para ver outra pessoa inocente ser enforcada.

— Você ficou louco? Eu não vou fugir! — Julia estava diante da lareira do escritório de Adam, com as mãos na cintura.

Era tarde. Adam tinha estado fora o dia todo, o que a deixara bastante preocupada. E agora, ao regressar, parecia terrivelmente angustiado.

— Claro que não será preciso chegar a esse ponto — Adam argumentou. — Só quero que você saiba que se as coisas piorarem...

— Você está tentando me dizer que terei de enfrentar um julgamento — Julia concluiu, interrompendo-o. — É isso?

— Ainda não sei, ao certo, mas tudo leva a crer nessa possibilidade.

— E se eu for a julgamento, serei condenada. — Ela suspirou. Havia rezado muito para que isso não acontecesse. Mas, no fundo, sempre temera essa possibilidade. Adam aproximou-se e, num tom ameno, tentou consolá-la:

— Nós não deixaremos que isso aconteça. Se você sair do país, por exemplo, não poderá ser condenada.

Apavorada, Julia meneou a cabeça:

— Mas não posso fazer isso.

— Por que não?

Ela ficou em silêncio, por alguns instantes. Por fim, respondeu:

— Durante meses, fui acusada injustamente. Quando disseram que eu era amante do conde de Fenwick, nunca tentei me defender, pois sabia que de nada adiantaria. Agora, estou sendo acusada de assassinato, embora também seja inocente. Desta vez, porém, não me calarei. Vou enfrentar meus acusadores, dizer-lhes o que aconteceu naquela noite e convencê-los de que não fui eu quem atirou no conde.

— E se eles não acreditarem?

Julia baixou os olhos. Contemplou as sapatilhas verde-água e lembrou-se do dia em que o conde a ajudara a escolher um belo vestido, que tão bem combinava com elas. Erguendo o queixo, invadida por uma onda de confiança, declarou:

— Sinto que eles entenderão que estou dizendo a verdade... E, assim, serei inocentada.

— Julia...

— Se me condenarem, paciência. Prefiro morrer a fugir no meio da noite, como uma criminosa. Prefiro isso a passar o resto da vida sendo chamada de assassina.

Adam abriu a boca para contestar, mas ela o interrompeu com um gesto:

— Por favor, não diga mais nada. Serei eternamente grata por sua ajuda, mas nada dó que você disser agora me fará mudar de idéia.

Comovido, Adam abraçou-a.

— Está certo. Se é isso que você deseja, então teremos de descobrir quem matou o conde.

Ela assentiu, pouco à vontade.

— Já é tarde, Julia — ele comentou, afastando-se. — E acho que ambos precisamos descansar.

Ela assentiu novamente. Sabia que teria de manter-se afastada de Adam, mas era difícil controlar o desejo que sentia por ele. Se pudesse, ao menos por um breve espaço de tempo, esquecer os problemas e fazer amor com Adam durante uma noite inteira...

Julia não chegou a completar esse pensamento, interrompido por fortes batidas na porta.

— Quem será, a esta hora? — Adam apressou-se a atender.

No instante seguinte, Clayton e Kitt Barclay, ou melhor, Cassandra, duque e duquesa de Rathmore, entraram no escritório, apressados e sorridentes.

— Temos boas novas — Clayton anunciou. — Colin Norton acaba de ser preso, por suspeita de assassinato.

Adam brindou Julia com um sorriso, e ela se sentiu invadida por uma onda de alívio.

— Graças a Deus! — murmurou. Adam abraçou Clayton e beijou Cassandra em ambas as faces. Em seguida, puxando Julia para perto de si, abraçou-a calorosamente.

— Obrigado por terem vindo nos avisar — ele agradeceu. — Mas como foi que descobriram isso?

— É surpreendente o que algumas moedas, aqui e ali, podem fazer — disse Clayton. — Tenho mantido contato com um dos carcereiros de Newgate, sabe? E ele estava justamente de plantão, quando levaram Norton para lá. Ele conferiu a documentação referente à prisão de Norton e, assim que terminou seu turno, foi me procurar para dar a notícia.

— Isso exige uma comemoração. — Sorridente, Adam chamou o mordomo. — Champanhe, Reggie! Champanhe para todos. Nossa dama será inocentada do assassinato do conde.

— Que boa notícia, major! — o mordomo exclamou, com um sorriso franco.

— Será que dessa vez eles têm certeza de que prenderam a pessoa certa? — Adam comentou com Clayton.

— Pelo que fiquei sabendo, alguém ouviu Norton fazer sérias ameaças ao conde. E parece ele não tem um álibi convincente, para se defender.

Adam virou-se para Julia:

— Tenho certeza de que a prisão de Norton, juntamente com o apoio do duque e da duquesa, além do meu, serão suficientes para inocentá-la.

Emocionada, Julia sentiu os olhos marejados de lágrimas. Tomando-a nos braços, Adam disse num tom suave:

— Está tudo bem, querida... O pior já passou.

Trêmula e comovida, Julia aquiesceu. Murmurando um agradecimento, aceitou o lenço branco, bordado com as iniciais dos Rathmore, que Clayton lhe ofereceu.

— Perdoem-me — ela se desculpou. — Eu não pretendia ficar assim, tão descontrolada... Mas o alívio que estou sentindo é muito grande.

— Não seja tola. — Aproximando-se, Cassandra tomou-lhe a mão. — O pesadelo já terminou e agora você já pode pensar no futuro.

— Quero lhe agradecer, Vossa Graça, por ter sido tão bondosa comigo. E Adam... — Julia corrigiu-se a tempo — quero dizer, lorde Blackwood, também tem sido maravilhoso.

O champanhe chegou. Todos brindaram à inocência de Julia e ao homem que dera a Clayton a notícia sobre a prisão de Colin Norton.

— Sabemos o que você tem passado, desde a morte do conde — Cassandra disse a Julia, num tom amável. — E pensamos que talvez lhe agradasse ficar em nossa casa, por algum tempo... Até que possa decidir sobre seu futuro.

— Obrigada, Vossa Graça. Sua oferta é muito...

— Muito generosa — Adam completou. — Mas não será necessário. Julia poderá continuar aqui, pelo tempo que quiser.

Ao ver a expressão determinada de Adam, Cassandra resolveu não insistir.

— Pelo visto, nosso bom amigo Adam pretende ficar atento a seu bem-estar — Clayton comentou com Julia, num tom gentil. — A senhorita certamente está em boas mãos. Mas, se for necessário, ficaremos felizes em poder ajudá-la.

Julia procurou sorrir. Não gostara da interferência de Adam. Preferia ter, ela mesma, recusado e agradecido a oferta. Mas, também, devia tanto a Adam que bem poderia deixar passar essa pequena questão.

Adam tinha saído para resolver alguns negócios e Julia estava tomando o desjejum, quando Maggie chegou.

O *Times* daquele dia trazia a notícia da prisão do ex-advogado do conde de Fenwick. Narrava, em detalhes, o fato de ele ter sido flagrado, algum tempo atrás, desviando dinheiro das contas do conde. A notícia terminava com a informação de que as autoridades em breve retirariam a acusação contra Julia, que a essa altura já não seria mais considerada suspeita.

— As notícias são maravilhosas — Maggie comentou, sentando-se diante de Julia. Um criado trouxe um prato com bolinhos doces e serviu-lhe uma xícara de chocolate quente. Ela agradeceu e sorriu para Julia. — Estou muito feliz por vê-la, enfim, livre desse pesadelo.

— A prisão de Norton tirou um peso terrível de meus ombros, mas o fato é que ainda não sei o que farei de minha vida, daqui por diante.

— Imagino como você se sente. E sei que meu irmão não a abandonará. Isso não é do feitio dele.

— Eu sei, e sou muito grata a Adam, por isso. Mas preciso me sustentar por mim mesma.

Maggie reagiu, surpresa:

— Está pensando em procurar um emprego?

— Sim. Depois da morte de meu pai, passei um tempo com uma tia. Cheguei a dar aulas para algumas crianças da vizinhança e, modéstia à parte, me saí muito bem. Por isso, pensei em trabalhar como preceptora. Você não acha que é uma boa idéia?

— Sim... para você, talvez. Quanto a mim, sempre achei que iria me casar, algum dia... Nem imagino como seria controlar meu próprio destino, assim como você pretende fazer. Mas acho essa atitude admirável. E tenho certeza de que meu irmão ficará feliz em ajudá-la. Por que não fala com ele sobre isso?

— Já falei. Mas Adam não quer nem mesmo considerar a questão.

— Por que não?

Julia baixou os olhos, mas nada respondeu.

— Não se preocupe, querida. É óbvio que meu irmão gosta muito de você. Com certeza ele já pensou sobre seu futuro e... — Maggie interrompeu-se, ao notar-lhe a palidez do rosto. — Oh, meu Deus! Não me diga que Adam...

Julia engoliu em seco. Queria falar, mas a voz não obedecia.

— Acho que já entendi — disse Maggie, após alguns instantes. — Adam não quer que você trabalhe, não é mesmo?

— De certa forma, sim... — Julia balbuciou.

— Mas ele não tem o direito de decidir sobre sua vida. A menos que... — Maggie hesitou. — A menos que vocês dois...

Julia suspirou profundamente. E a pergunta de Maggie soou como uma constatação:

— Vocês já foram amantes?

Julia não respondeu. E nem era preciso.

— Adam conversou comigo, a seu respeito — Maggie prosseguiu. — Contou-me que você era protegida do conde de Fenwick, mas não sua amante. E ele sabe o que diz, não é mesmo?

— Sim. — Julia desviou o olhar. — Escute, Maggie, nós não deveríamos conversar sobre isso. É muito impróprio e tenho certeza de que seu irmão não aprovaria...

— Tolice! Meu irmão se recusa a acreditar que cresci... E que não sou tão ingênua como ele gostaria. — Maggie suspirou. — Ah, eu deveria ter esperado por isso. Diga-me, você o ama?

Por mais que Julia desejasse negar, não via motivo para mentir. Por isso respondeu, simplesmente:

— Sim.

— Era o que eu temia. E como Adam não pretende se casar, ofereceu-se para tornar-se seu protetor... Certo?

— Exato. Sei como ele se sente. Afinal, Adam nunca mentiu sobre suas intenções. E mesmo que ele desejasse se casar... Bem, você sabe... Não sou o tipo de mulher que um conde escolheria.

— Sabe de uma coisa, Julia? Essa desconfiança de Adam com relação às mulheres, essa determinação de nunca se casar... Tudo é fruto de muito sofrimento. Na verdade, a culpa é de Caroline Harding. Se não fosse por ela, Adam não se sentiria desse modo, com relação ao amor e às mulheres.

— Você acha que ele ainda está apaixonado por Caroline?

— Que nada! Na verdade, nem sei se ele a amava de verdade. Eu era criança, na época, por isso não tenho certeza. Mas o fato é que meu irmão nunca teve sorte com as mulheres. — Após uma pausa, Maggie acrescentou: — Talvez eu devesse lhe contar sobre Maria Barrett.

— Eu gostaria de saber — disse Julia, lembrando-se que Maude havia mencionado o envolvimento de Adam com aquela mulher.

— Adam, provavelmente, não gostaria que eu lhe contasse. Mas você acabará sabendo, mais cedo ou mais tarde... E é melhor que seja através de mim, pois pretendo lhe dizer toda a verdade.

Maggie começou relatar a história da esposa do coronel Barrett, uma mulher de beleza exótica e caráter duvidoso.

— Maria e Adam se conheceram quando ele estava no continente. Isso aconteceu uns seis meses antes de ele deixar o exército. Fiquei sabendo de tudo através de um amigo de Adam, Anthony St. Regis. Pois é claro que ele jamais me falaria desse assunto.

Bem... Maria era simplesmente irresistível, para os homens. Metade do regimento estava apaixonado por ela. Maria poderia ter qualquer um... Mas queria Adam.

— E como ele se sentia em relação a ela?

— Segundo St. Regis, Adam não queria se envolver com a esposa de um oficial que, além do mais, era seu amigo.

— Isso é bem próprio de Adam. Ele sabe ser um cavalheiro.

— Acontece que Maria estava obcecada por ele. Fez de tudo para seduzi-lo e, pelo jeito, conseguiu. Adam apaixonou-se por ela, e Maria jurou que seria capaz de abandonar o marido, por ele.

— E o que aconteceu?

— St. Regis disse que Maria nunca teve a menor intenção de se divorciar do coronel Barrett que, além de ser um homem rico, tinha uma posição social bem superior à de Adam, na época. Por fim, o escândalo estourou. O coronel Barret flagrou os dois na cama. Maria defendeu-se, dizendo que Adam havia tentado violentá-la. O coronel o desafiou para um duelo com sabres. Adam não recusou... Mas, em nenhum momento, atacou o velho amigo. Preferiu apenas defender-se. E foi assim que conseguiu aquela cicatriz no queixo. — Maggie suspirou. — Creio que Maria enterrou, para sempre, os últimos resquícios de confiança que Adam ainda poderia ter nas mulheres. Por isso ele jurou a si mesmo que nunca se casaria.

— Obrigada por me contar — disse Julia, penalizada. Podia imaginar o sofrimento pelo qual Adam passara.

Maggie segurou-lhe a mão.

— Sei que, a princípio, pode parecer terrível, mas você deveria considerar a oferta de meu irmão. Mesmo que o romance de vocês termine algum dia, tenho certeza de que Adam não a deixará desamparada.

Julia procurou sorrir.

— Tenho certeza disso. — Mas claro que continuava firme em sua decisão.

— Bem, eu já vou embora. — Maggie despediu-se com um beijo carinhoso. — Querida... Sei que Adam às vezes é difícil, mal-humorado e teimoso. Sei também que está acostumado a mandar e às vezes se esquece de suas boas maneiras. Mas...

— Ele é um homem muito bom — Julia a interrompeu. — Disso, não tenho a menor dúvida. — *Tanto que me apaixonei por ele*, acrescentou, em pensamento.

— Que bom, querida. Bem, agora preciso ir.

Julia acompanhou Maggie até a saída. E foi nesse momento que Chris surgiu, no alto da escada. Ao ver Julia, sorriu e começou a descer os degraus, de dois em dois.

— Ora... — Maggie comentou, surpresa, olhando o menino que parou de repente, indeciso se deveria continuar a descer ou voltar para o quarto. — Eu não sabia que Adam tinha visitas.

— Venha cá, Chris. — Julia não teve alternativa, a não ser chamá-lo.

O menino obedeceu, relutante.

— Maggie, este é Christopher Derry — Julia o apresentou. — Christopher, esta é lady Margaret Hawthorne, irmã de lorde Blackwood.

O garoto fez uma reverência e ambas sorriram. Chris já não usava as roupas surradas de antes. Naquele dia, vestia um dos trajes modernos que Adam havia lhe

comprado: calça de veludo bege, camisa branca de linho e um paletó marrom que lhe ressaltava os olhos verdes e os cabelos castanhos.

Maggie observava a criança com curiosidade. Julia não sabia o que dizer.

— Christopher é... um amigo do conde?

— Sim.

Maggie ajoelhou-se ao lado do menino.

— Você está aqui, sozinho? — Christopher respondeu com um gesto afirmativo. E ela comentou: — Você é um menino muito bonito, sabia? Qual a sua idade?

— O vigário Donnellson disse que vou fazer oito anos, no início do mês.

— Entendo...

Pela expressão de Maggie, era bem provável que ela estivesse entendendo tudo, mesmo, Julia pensou. Segurando a mão do menino, disse num tom carinhoso:

— A cozinheira fez biscoitos doces, hoje. Não quer prová-los?

A fisionomia solene do garoto iluminou-se com um largo sorriso, antes de ele sair correndo em direção à cozinha.

Julia notou, uma vez mais, a semelhança entre o sorriso de Chris e o de Adam... E Maggie também, pois arregalou os olhos, numa expressão de espanto:

— Esse menino... não é quem estou pensando... Ou será que é?

Julia suspirou:

— Pode ser. O vigário Donnellson levou-o a Blackwood Manor e pediu a Adam que tomasse conta dele. Adam acredita que ele seja filho ilegítimo de Robert.

— Bem, ele pode ter os cabelos castanhos de Robert. Mas se parece mais com... — Maggie meneou a cabeça, como se temesse traduzir sua impressão em palavras.

— Adam está determinado a manter isso em segredo — Julia advertiu-a. — Ele não quer mais escândalos.

— Estou plenamente de acordo. Bem, agora preciso mesmo ir.

— Eu a acompanho até lá fora.

Maggie despediu-se uma vez mais, saiu pela porta principal, desceu os degraus e entrou na carruagem que a aguardava.

Observando a carruagem que se afastava, Julia pensou em Adam. Sentiu que podia compreendê-lo profundamente, o que só fazia aumentar a intensidade de seu amor por ele... E também o perigo. Com um estremecimento, entrou em casa.

Capítulo IV

No dia seguinte, num café chamado *À La Mode*, Julia ouviu novamente a proposta

de Adam. Era a primeira vez, em semanas, que ela aparecia em público. Mas Adam achava que o perigo já havia passado, com a prisão de Colin Norton.

— Sabe por que eu a convidei para vir aqui? — Ele tomou-lhe a mão, por sobre a toalha branca da mesa. — Está na hora de pensar no futuro. Permita-me tomar conta do seu.

Julia enrijeceu. Como uma tola, tivera esperança de que ele a tivesse levado àquele café para dizer que compreendia seus sentimentos e que a ajudaria a encontrar um emprego. Mas Adam continuava com a mesma opinião de antes.

— Você sabe como me sinto — ela afirmou. — Se estiver realmente preocupado com meu bem-estar, me ajudará a encontrar um modo de me sustentar, sem precisar de ninguém. Para um homem tão bem relacionado como você, essa não será uma tarefa difícil.

— Não é uma questão de dificuldade, mas sim de fazer o melhor por nós dois.

A conversa terminou em discussão. Assim, ambos acabaram deixando o café num clima de tensão e hostilidade. No trajeto de volta, a situação piorou ainda mais. Adam insistiu em seu ponto de vista. Julia continuou discordando e, num dado momento, declarou que pretendia aceitar o dinheiro que Maggie lhe oferecera como empréstimo, e que pediria a Clayton e Cassandra para ajudá-la a encontrar um emprego.

Adam enfureceu-se, tanto com a irmã, quanto com os amigos.

A irritação pairava no ar, e assim continuou pelo resto do dia. O jantar transcorreu no mesmo clima. Ele, de péssimo humor, tomou várias taças de vinho, antes de se servir de conhaque. Depois da refeição, Julia quis se retirar, mas ele não permitiu. Insistiu para que ela o acompanhasse e, assim, Julia o seguiu pelo corredor, até um salão nos fundos da casa. As cortinas de veludo azul estavam fechadas, as lamparinas de latão, quase apagadas, e o fogo na lareira, quase extinto.

Adam fechou a porta e, cruzando os braços, fitou Julia. Mesmo irritado, ele ainda era, de longe, o homem mais atraente que ela já conhecera. Essa constatação fez com que seu coração disparasse.

Abaixando-se diante da lareira, reavivou o fogo. Em seguida começou a andar, nervosamente, de um lado a outro. De súbito parou e voltou a fitar Julia, enquanto desabotoava o casaco e jogava-o sobre uma cadeira.

Ela estremeceu. O que Adam pretendia, afinal?

Ainda com os olhos fixos nos dela, ele tirou o colete e a gravata, jogando-os sobre o casaco. Se Julia não o conhecesse tão bem, teria ficado amedrontada. Retesou-se quando Adam, segurando-a pelos ombros, abraçou-a com força e beijou-a. Ela quis resistir... Mas como? Os lábios dele eram doces demais para serem ignorados.

Fazendo um esforço tremendo, ela tentou reunir o resto de bom-senso que lhe restava. Virando o rosto para o lado, disse:

— Não permitirei...

— Não?

Adam interrompeu o protesto com um beijo ainda mais ousado... e o desejo falou mais alto. Julia sabia que Adam estava usando seu poder de sedução para vencê-la, para fazê-la curvar-se à sua vontade, mas não se sentia capaz de impedi-lo. Queria ser tocada e amada pôr ele, queria aqueles beijos exigentes, que transformavam seu corpo em fogo líquido.

— Tentei ser paciente... — A voz de Adam soava carregada de ternura. — Falei até perder o fôlego e não consegui fazê-la compreender. Então, chega de falar. Acho que está na hora de mostrar o que posso lhe dar, o que posso fazê-la sentir...

As forças a abandonaram de vez. Zonza de desejo, Julia se abandonou. Adam beijou-lhe os lábios, o rosto e o pescoço, enquanto desabotoava o corpete do vestido, fazendo-o deslizar pelos ombros. Depois tirou-lhe as peças íntimas, que caíram ao chão, deixando-a apenas de meias, ligas e sapatilhas.

Encolhendo-se, Julia balbuciou um fraco protesto:

— Não...

Acariciando-lhe os seios, Adam disse num tom suave:

— Uma vez você me disse que se entregou a mim porque queria saber como era fazer amor... — Inclinando-se, ele beijou-lhe os mamilos, que se enrijeceram. — Bem, saiba que seu aprendizado apenas começou. Esta noite, eu lhe ensinarei muito mais...

Com gentileza, ele tirou as últimas peças que restavam.

— Ensine-me — Julia ouviu-se dizer, num sussurro. Ele voltou a beijá-la, enquanto lhe acariciava os seios.

Depois, descendo os lábios, deteve-se para beijá-la no pescoço e então mordiscou os mamilos, provocando-lhe uma sensação de indescritível prazer.

Ela gemeu. Adam deslizou a mão até o ventre e depois tocou-lhe a penugem entre as coxas, acariciando-a.

— Vire-se — ele pediu, com voz rouca.

— O quê? — Julia indagou.

— Você quer aprender e eu lhe mostrarei. — Segurando-a pela cintura, ele a fez virar-se sobre o braço do sofá.

Julia ouviu quando Adam se livrou das próprias roupas. Sentiu a rigidez do sexo vibrante pressionando-lhe as nádegas, enquanto ele lhe mordia delicadamente o lóbulo da orelha e a nuca. Inclinando-se sobre ela, pediu: — Abra as pernas para mim.

Ela obedeceu, queria que aquela sensação continuasse, que crescesse de intensidade. Sentia-se quente, úmida e ávida para conhecer os mistérios do prazer.

Adam acariciou-lhe as nádegas e depois tocou-a intimamente, sentindo que ela estava pronta para recebê-lo. Então, segurando-a pelos quadris, começou a penetrá-la. Invasa por uma verdadeira avalanche de sensações, Julia gemeu quando ele começou a se mover dentro dela.

— Posso lhe dar prazer como você jamais imaginou, meu amor. — E aumentou a intensidade dos movimentos, enquanto a penetrava ainda mais.

Julia não saberia explicar o que sentiam, exceto que tudo era muito novo e arrebatador. Adam percebeu que ela estava prestes a atingir o clímax e começou a se mover ainda mais rápido. Sentiu o corpo inteiro se contrair, até um limite quase insuportável. E então veio o êxtase, aquela espécie de paraíso que ela já havia vislumbrado, na primeira vez.

Ela começou a relaxar, mas Adam não parou. Queria lhe dar ainda mais prazer, e mantendo-a na mesma posição, movimentou-se dentro dela, a princípio devagar e depois aumentando o ritmo, até que Julia chegou, uma vez mais, àquele plano perfeito, onde só as emoções contavam.

Adam havia dito que poderia iniciá-la nos mistérios do prazer, e acabara de cumprir a promessa. Segundos depois, ele mesmo estremeceu e alcançou o clímax. Seus músculos rijos começaram, lentamente, a descontrair, até que ele relaxou.

Vários minutos se passaram. Adam ajudou-a se levantar e abraçou-a, carinhosamente. Julia não saberia dizer por quanto tempo ambos ficaram assim, imóveis, depois daquele momento perfeito. Um suspiro brotou-lhe do peito quando ele se afastou.

Julia juntou suas roupas e segurou-as de encontro aos seios. No fundo, sentia-se um tanto envergonhada por ter cedido tão facilmente a Adam. Será que ele a desprezaria por isso?

Em vez de desprezo, porém, ele a fitou com uma expressão ansiosa, embora sua voz soasse amena, ao dizer:

— Você me deseja tanto quanto eu a desejo. Posso lhe ensinar tudo o que sei, sobre sexo e prazer. Então, por favor, diga que me deixará protegê-la.

Era verdade, Julia pensou. Ela ainda o desejava... Só de pensar em tudo o que acabara de experimentar, sentia-se estremecer de emoção. Mas uma coisa era fazer amor com Adam... Outra, bem diferente, era tornar-se sua concubina.

A expressão ansiosa de Adam era tão intensa que chegava a beirar o desespero. Julia nunca vira tanta solidão, tanta necessidade de afeto, num ser humano. Entendeu, naquele momento, que ele não desejava apenas seu corpo. Ele precisava de muito mais que isso. Precisava de uma mulher que o amasse de verdade, que o aceitasse como realmente era. Ela poderia jurar que ele jamais encontrara, entre as muitas amantes que tivera, alguém que verdadeiramente gostasse dele, não só como homem, mas como ser humano.

Julia engoliu em seco. Adam precisava dela, e essa necessidade destruía, por completo, seus planos para o futuro.

— Diga que sim, meu amor... — ele insistiu. — Por favor! Prometo que não se arrependerá.

Julia tocou-lhe a face, sentiu a barba por fazer e a linha fina da cicatriz. Não havia mesmo como resistir. Fez um gesto de aquiescência, enquanto lágrimas deslizavam por seu rosto. Adam a havia transformado, despertara a sensualidade dentro dela, ajudando-a a tornar-se uma mulher diferente.

Por tudo isso, ela o amava com total desvario, e tinha certeza de que jamais amaria outra pessoa, ao menos não com a mesma intensidade.

— Por favor, não chore. — Com gentileza, ele enxugou-lhe as lágrimas. — Eu lhe prometo, você não terá de se preocupar com nada.

Julia forçou um sorriso. Adam não a compreendia, essa era a verdade. Não entendia seus sentimentos, o que ela lhe havia concedido, nem do que ela havia desistido, em nome daquele amor.

Nunca seria esposa de Adam, nunca poderia compartilhar sua vida com ele.

E Adam não tinha a menor idéia de como essa perspectiva a aterrorizava.

Christopher resolveu passear no jardim, na manhã seguinte. Observou os canteiros de narcisos, e admirou uma borboleta amarela que esvoaçava por ali. Depois de passar pela estrebaria, deparou-se com um pequeno galpão de vidro. Através das janelas cobertas de névoa, avistou longas prateleiras de plantas. Olhou ao redor, para certificar-

se que não havia ninguém por perto, e entrou.

Deslumbrado, deteve-se por um momento. No ambiente havia centenas de vasos com as mais belas flores que já vira. Algumas tinham pétalas franzidas, de cor branca e púrpura. Outras eram cor-de-rosa, outras vermelhas. Havia uma flor amarela, tão brilhante que chegava a ofuscar a visão.

O recinto era quente e úmido, mas valia a pena suportar aquele desconforto, Chris pensou. Nunca vira tantas flores reunidas, e tão lindas, em sua vida. Imaginou se as pétalas seriam tão suaves como pareciam e não resistiu à tentação de tocar numa delas.

— O que você está fazendo aqui? A voz severa de Adam atingiu-o como uma faca. Chris quis recuar, mas tropeçou num tijolo e perdeu o equilíbrio. Ao esticar o braço para evitar a queda, esbarrou num vaso de flores brancas, derrubando-o no chão. O vaso não se quebrou, mas nem por isso ele se sentiu menos apavorado. Com os olhos arregalados, fitou Adam, que parecia fora de si.

— Veja só o que você fez!

Trêmulo, viu Adam ajoelhar-se, pegar a planta com cuidado, ajeitá-la no vaso e nivelar a terra. Infelizmente, a haste de uma flor tinha se quebrado. Abaixando-se, Chris pegou a flor, ajeitou-a na palma da mão e disse a Adam:

— Sinto muito, milorde. Eu não queria quebrá-la.

— Deveria ter pensado nisso, antes de entrar aqui. Agora a flor está perdida e não pode ser replantada.

Com uma expressão desolada, ele colocou a flor na prateleira, diante de Adam, que tornou a repreendê-lo:

— Estas plantas são extremamente delicadas, garoto. Trate de não vir mais aqui.

Chris não poderia se sentir mais pesaroso. Queria tanto voltar, num outro dia, para apreciar aquelas flores! Mas claro que não tinha coragem de pedir isso a Adam. Já perto da porta, voltou-se e lançou um olhar ao redor.

— Nunca vi nada parecido. Essas flores são tão lindas!

— Chamam-se orquídeas — Adam explicou. — Elas não nascem na Inglaterra. São originárias de regiões tropicais, de outras partes do mundo.

— Orquídeas — o garoto repetiu, admirado. Adam ergueu uma sobrancelha.

— Você gosta de flores?

Chris lembrou-se de como o pai criticava, por gostar de flores, borboletas e pássaros. Mas lembrou-se do cuidado com que Adam havia tratado a orquídea e achou que, ao menos nisso, ele não o repreenderia. Assim, sentiu-se à vontade para se aproximar e responder:

— Adoro flores. Gosto de vê-las crescer. Já meu pai as detestava. Dizia que flores eram coisa de meninas.

Adam franziu o cenho, e Chris não entendeu o motivo. Em seguida, ele fez um gesto inesperado e o menino ergueu as mãos diante do rosto, como se quisesse se defender.

— Por que se assustou? — Adam indagou, num tom brando. — Eu não pretendia machucá-lo.

Chris sentiu um nó na garganta e uma vontade quase irresistível de chorar.

— Perdão, milorde. Eu... não queria ter estragado a flor.

Adam fitou-o por um momento. Depois, apanhou a orquídea de haste quebrada e entregou-a a ele:

— Tome... é sua.

Surpreso, Chris pegou a flor com cuidado.

— Milorde acha que a srta. Whitney gostará dela? Um esboço de sorriso assomou aos lábios de Adam, que logo reassumiu a postura severa.

— Creio que sim — respondeu.

— Obrigado, milorde. — O garoto dirigiu-se à porta.

— Costumo vir aqui, pela manhã — disse Adam. — Se quiser me ajudar de vez em quando...

— Ah, eu gostaria muito! Muito mesmo! Até logo, milorde.

Adam não respondeu. Pensativo, ficou olhando Chris se afastar, todo satisfeito com a flor que acabara de ganhar.

Adam trabalhou por mais uma hora na estufa que construíra especialmente para abrigar suas orquídeas. Era maravilhoso entreter-se com as plantas, mas Adam sabia que sua sensação de paz era ilusória.

Havia se espantado ao encontrar Chris ali. Desde a tentativa desastrosa de construir um lar com Caroline, ele desistira do plano de formar uma família. Com o passar dos anos, resolvera que seria melhor assim. Mesmo porque não tinha muito jeito com crianças, nem muita curiosidade sobre elas.

Lembrou-se do garoto segurando a flor, fitando-a como se fosse uma pedra preciosa. Aquele menino poderia ser seu filho... e não de Robert?

Impossível, decidiu, em pensamento. Reconheceu que o menino tinha a tez morena e a compleição esguia e de ombros largos, típicos dos Hawthorne. Mas seus cabelos eram castanhos, e não negros, como os seus. Adam lembrou-se de que Robert também tinha cabelos castanhos, assim como o avô de ambos.

Lembrou-se dos cuidados que tomara para evitar um filho fora do casamento e descartou de vez a possibilidade. O fato de ele gostar tanto de flores quanto ele, quando menino, também não era relevante, pensou. Tratava-se apenas de uma coincidência.

De súbito, lembrou-se de Chris ter recuado, tentando se defender, ao sentir-se ameaçado. Podia imaginar o que aquele menino sofrera nas mãos do pai adotivo.

Depois de terminar o trabalho na estufa, resolveu voltar para casa. No caminho, observou a mureta de ferro trabalhado, na sacada do quarto de Julia. À tarde, procuraria um bom corretor imobiliário e lhe pediria que encontrasse um local adequado, onde ela pudesse morar. Enquanto isso, com Chris na casa, teria de ficar afastado dela.

Naquela manhã, antes de ir para a estufa, selara Ramsés e fora cavalgar no parque, mas nem o ar revigorante daquele belo local o ajudara a afugentar as preocupações.

Finalmente havia convencido Julia a se tornar sua amante. Com Colin Norton na prisão, acusado de assassinato, ela poderia começar uma nova vida.

Adam preferia que ela vivesse num local próximo, onde pudesse vê-la sempre que desejasse. O que seria freqüente, levando-se em conta a forte atração que os unia e o desejo que o dominava sempre que pensava nela. Estava satisfeito por tê-la convencido a

aceitar sua proposta. No entanto, quando a olhava, sentia algo estranho, que o perturbava.

Embora fosse filha de um modesto professor, Julia fora educada como uma dama. Se seu pai ainda estivesse vivo, ela certamente poderia se casar com um homem de bem e ter filhos. Mas os boatos, o escândalo e a perda da virgindade tornavam o casamento impossível para ela... A menos que *ele* fosse seu pretendente.

Sentiu um aperto no estômago e tratou de afastar a idéia. Já fazia muitos anos que não pensava em matrimônio. Sabia muito bem o que poderia resultar desse caminho. Depois do entusiasmo inicial, a maioria dos homens casados acabavam arranjando uma amante. Era uma condição aceita pela sociedade. Mas não fora esse o tipo de casamento que ele imaginara ter com Caroline. Sonhara em compartilhar com ela uma vida baseada em amor, amizade e confiança. Somente muito depois compreendera como fora tolo.

Não repetiria o erro, prometeu a si mesmo enquanto entrava em casa.

A chuva leve que tamborilava no telhado foi aos poucos se tornando mais forte. O vento aumentou de intensidade, fustigando árvores e vidraças.

Julia estava inquieta. Tinha a nítida impressão de que algo, ruim estava prestes a ocorrer, embora não tivesse a menor noção de por que se sentia assim.

Tentando afastar o pensamento, saiu do quarto e foi até a biblioteca para devolver um livro que pegara alguns dias atrás. Estava no meio da escada quando viu Reggie conversando com Garth, na sala.

— Está bem, senhor — Reggie disse a Garth. — Eu o chamarei em seguida.

E subiu, correndo a escada. Acenou para Julia, mas estava evidentemente apressado.

Ela continuou a descer, tomada por uma forte apreensão. Parou diante de Garth, que fitou-a com uma expressão preocupada.

— O que houve? — ela indagou, com a pulsação acelerada.

— Primeiro, eu gostaria de falar com Adam — Garth respondeu. — Como a senhorita mesmo viu, Reggie já foi buscá-lo.

— E o que o senhor tem a falar com ele é... sobre o assassinato?

Garth assumiu uma expressão mais tranqüila, do tipo que usava para acalmar os clientes histéricos. Mas respondeu com franqueza:

— Sinto muito, senhorita, mas é, sim.

Com o coração aos saltos, Julia começou a bombardeá-lo de perguntas. Mas Adam já estava descendo.

Ao ver a aflição de Julia, aproximou-se a passos largos.

— O que aconteceu?

— Vejo que vocês não leram os jornais de hoje — disse Garth.

— Não — Adam respondeu. — Mas, a julgar por sua expressão, acho que deveria ter lido.

— Talvez fosse melhor irmos até seu escritório — Garth sugeriu.

— Claro.

Os três se dirigiram ao escritório. Assim que entraram, Adam comentou:

— Suponho que não se trate de uma visita social, Garth.

— De fato, não.

— Fale, por favor — Julia pediu, aflita, enquanto Adam fechava a porta.

— Ontem, uma mulher, esposa de um funcionário da corte, procurou-me para dizer que esteve com Colin Norton, na noite do crime.

Se não fosse o apoio de Adam, que a segurou pela cintura, Julia teria caído ao chão.

— A mulher não queria que o marido descobrisse seu relacionamento com Norton, por isso não disse nada antes. Mas agora resolveu testemunhar. — Garth fez uma pausa, antes de anunciar: — Norton foi solto ontem à noite.

— E como isso afeta Julia? — Adam indagou, sem disfarçar a tensão.

— Ela volta a ser a principal suspeita, no caso. O julgamento está marcado para nove de maio.

Julia cambaleou, e Adam ajudou-a a se sentar numa poltrona.

— Oh, Deus, eu deveria ter desconfiado que isso era muito bom para ser verdade! — ela lamentou-se, com lágrimas nos olhos. — Eu estava mesmo nervosa, hoje... Meu sexto sentido dizia que algo estava prestes a acontecer.

Garth entregou-lhe um lenço. Murmurando um agradecimento, Julia enxugou os olhos, determinada a não chorar, nem se entregar ao desespero. Adam foi até o aparador e voltou com um cálice de conhaque.

— Tome — ele ofereceu. — Isso a ajudará a sentir-se melhor.

Ela sorveu um pequeno gole, mas quase engasgou.

— Ah, eu esperava que tudo isso já tivesse terminado... — disse, como se pensasse em voz alta. — O que vou fazer, agora?

— Pelo menos por enquanto, temos de aguardar — respondeu Garth num tom brando, tentando confortá-la.

— Ainda temos uma semana, até o julgamento — disse Adam. — Falarei com Peter Fraser e retomaremos a investigação.

— Eu irei com você. — Julia afirmou. — Estou cansada de esperar que as coisas se resolvam. Preciso agir. Preciso, talvez, ir até Fenwick e tentar recordar tudo o que aconteceu. Talvez consiga recordar um detalhe importante... Quem sabe?

— Está bem. — Adam não discutiu. — Recomeçaremos do princípio, buscando cada traço de evidência e qualquer possível suspeito.

— Boa idéia — Garth concordou. — Reexaminaremos as possíveis causas da ação. — E voltou-se para Julia. — Nesse meio tempo, continuarei trabalhando em sua defesa, srta. Whitney. Quando chegar a hora, estaremos prontos.

Julia engoliu em seco, tentando ser corajosa, embora desejasse correr para seu quarto e chorar durante horas seguidas.

— Não vou desistir — declarou, corajosamente. — Eu não matei o conde. Trabalharemos em conjunto, e então encontraremos uma maneira de provar minha inocência.

Adam acariciou-lhe a mão.

— Sim, vamos dar um jeito de provar a verdade. Vamos recomeçar as investigações.

— Estou pronta. — Julia forçou um sorriso, enquanto tentava reunir todas as forças que ainda possuía, para se erguer.

O escritório de Peter Fraser, em Bow Street, seria a segunda parada. Mas, antes, Adam ordenou ao cocheiro que os levasse a Threadneedle Street.

— Ainda não estou considerando Madeleine Telford como suspeita — Adam afirmou, enquanto ajudava Julia a descer da carruagem, diante do famoso escritório Knowles, Glenridge e Morrison. — Não achei que ela tivesse algum motivo para matar o conde, mas preciso de algumas respostas, antes de excluí-la da minha lista de suspeitos.

Julia ajeitou as fitas do chapéu de seda, cor de âmbar, que usava, e precedeu Adam no hall de recepção. Enquanto ele falava com um jovem funcionário, ela sentou-se numa poltrona de couro, deixando a bolsa sobre uma mesa baixa.

Ao lado, sentados num sofá, estavam um homem e uma mulher, ambos vestidos com requinte e bom gosto.

A mulher era loira, atraente, com cerca de trinta anos. Fitou Julia com simpatia e sorriu, porém o sorriso apagou-se no momento em que ela a reconheceu como a personagem principal do escândalo noticiado com estardalhaço nos jornais. Erguendo-se de um salto, voltou-se para o marido e anunciou:

— Charles, o ar aqui dentro de repente ficou pesado. Esperarei você na carruagem.

O homem olhou para Julia, depois para a esposa:

— Fique à vontade, querida.

— Não vou demorar. — Observou-a sair e bater a porta com força, num claro sinal de desacato.

Julia ergueu o rosto, ignorando a provocação. Era uma pessoa desprezada e deveria ir se acostumando a isso. Ainda assim, estava satisfeita por Adam não ter testemunhado sua humilhação.

O jovem funcionário afastou-se por um corredor e voltou em seguida para informar a Adam que Morrison estava à sua espera:

— Ele terá prazer em receber milorde e a senhorita. Por favor, sigam-me.

Julia cruzou a sala sem olhar para o homem sentado no sofá e aceitou o braço que Adam lhe oferecia. Pouco depois, entravam no escritório ricamente decorado de Benjamin Morrison. Adam apresentou Julia ao advogado, um cavalheiro elegante, de sorriso franco e cabelos que começavam a se tornar grisalhos.

Morrison convidou-os a se sentar. Mas Adam recusou:

— Não vou me demorar. Tenho apenas algumas perguntas a fazer.

— Pois não, milorde?

— Quando estive aqui, no outro dia, o senhor me disse que o conde planejava deixar a maior parte de seus bens para a srta. Whitney. Quanto aos outros herdeiros, ficariam com uma parte bem pequena...

— Correto.

— Presumo que uma parte iria para a nora, a sra. Madeleine Telford.

— Não exatamente. — E Morrison explicou: — Em seu novo testamento, que nem chegou a ser assinado, o conde excluiu a porção que a ela caberia.

Julia sentiu um calafrio percorrendo-lhe a espinha.

— O conde pretendia deserdar Madeleine? — perguntou, espantada. — O senhor deve estar enganado!

— Asseguro-lhe que não, srta. Whitney. Além de Howard, que herdaria o título de conde e as propriedades da família, os beneficiários do segundo testamento teriam sido uma prima solteirona do conde, chamada Harriet, e um casal de velhos criados, que o serviram por muitos anos.

— Mas por que ele faria isso?

— O conde não me explicou os motivos. Tudo o que sei é que a senhorita receberia a parte de Madeleine Telford.

— Existe uma possibilidade de a sra. Telford ter sido informada dessas mudanças? — Adam indagou.

— Não que eu saiba. A menos, é claro, que o próprio conde tenha lhe contado.

— Obrigado, sr. Morrison, por seu tempo e sua sinceridade.

— Milorde será sempre bem-vindo, assim como a senhorita.

Adam e Julia deixaram o escritório e entraram na carruagem. Adam sentou-se de frente pra ela com uma expressão sombria nos olhos.

— Você não está pensando que Madeleine Telford matou o conde, está? — Julia perguntou.

— Madeleine tinha um bom motivo para querer que ele morresse. Como viúva de Henry, estava sob a proteção do conde. Presumi, assim como todo mundo, que o conde estipularia uma boa herança para ela. Sem os rendimentos dele, Madeleine ficaria na miséria. Esta é uma ótima razão para um assassinato. Não que o justifique, é óbvio.

— Mesmo que ela o tenha matado, como poderíamos provar?

Adam contemplou a paisagem, através da pequena janela do veículo.

— Talvez Peter Fraser possa nos ajudar.

O escritório de Fraser, na Bow Street, era bem diferente do elegante estabelecimento de Morrison. Pequeno, porém limpo, tinha pilhas de documentos, muito bem organizadas, espalhadas por todos os lados.

Julia sentou-se numa cadeira de encosto reto, a única disponível em frente à escrivaninha do detetive, que um tanto embaraçado, chamou seu assistente, que trabalhava na sala contígua.

— Marcus! Traga uma cadeira para milorde... Rápido!

— Não se preocupe — disse Adam, colocando-se atrás de Julia, com as mãos apoiadas no espaldar. — Se o senhor leu os jornais da manhã, já está sabendo que Colin Norton foi solto e que a srta. Whitney está novamente sob suspeita. É por esse motivo que estamos aqui.

Fraser assentiu com um gesto de cabeça:

— Eu já esperava por sua visita, milorde. Bem, o que deseja que eu faça?

— Para começar, eu gostaria de revisar todas as informações que o senhor reuniu. Talvez, com a presença da srta. Whitney, possamos descobrir algo novo, ou perceber algum detalhe importante que deixamos passar na primeira etapa das investigações.

— Certo. Vou pegar o material.

Fraser fitou Julia com simpatia e, abaixando-se, pegou uma pilha de arquivos entre os que estavam no chão e colocou-os sobre a escrivaninha.

Imediatamente, Adam e Julia começaram a examinar os documentos. Nesse ínterim, aporta se abriu e o assistente de Fraser entrou, trazendo uma cadeira para Adam. Em seguida saiu, depois de murmurar um cumprimento.

— Em acréscimo às informações que milorde já conhece — Fraser explicou —, tenho um relatório sobre o álibi de Howard Telford, para a noite do crime.

— Então o senhor investigou a suposta ida de Howard à festa de lorde e lady Foxmoor? — Adam quis saber.

— Sim. De acordo com algumas pessoas, inclusive lorde e lady Foxmoor, o conde chegou cedo e partiu de madrugada.

Adam e Julia se entreolharam, desapontados.

— Também preciso verificar se Madeleine Telford estava em casa naquela noite.

— Tenho um amigo que é xerife, em Surrey. Ele me deve um favor. Nós dois faremos uma visita oficial a alguns dos criados que trabalham para a sra. Telford. Veremos o que eles têm a dizer.

Julia verificava atentamente os documentos, que traziam muitas informações. Naquele exato momento, estava lendo os dados sobre Colin Norton e lorde Elridge.

— Existe algum tópico sobre a arma usada para matar o conde? — ela perguntou, a certa altura.

Fraser pegou seus óculos de lentes redondas e aros dourados, verificou o maço de documentos e retirou uma página.

— Aqui está, senhorita — disse, entregando-a a Julia.

— De acordo com o relato das autoridades, trata-se de uma pistola de cano duplo, feita em Londres, por um artífice chamado Jonas Nock.

Adam pegou a folha de papel e leu com atenção.

— O trabalho de Nock é muito respeitado, em Londres — comentou. — As armas que ele fabrica não são nada baratas. Entre seus clientes, há pessoas de alta classe.

— Eu me lembro que a arma era muito pequena. — Julia recordou-se, com tristeza, do momento em que vira a pistola no chão, ao lado do corpo do conde. — O primeiro pensamento que me ocorreu, naquela ocasião, era que uma arma daquele porte não poderia tê-lo matado...

— Lembre-se de que a pistola tem cano duplo. O segundo cano faz com que a arma, apesar de pequena, seja capaz de atirar duas vezes — Fraser esclareceu.

— Assim, podemos deduzir que o matador estava preparado. Caso o primeiro tiro não acertasse o alvo, ele teria uma segunda chance.

— Além do mais — Adam interveio —, uma arma pequena pode ser escondida facilmente, até mesmo na bolsa de uma dama.

— Milorde está pensando na sra. Telford — Fraser deduziu.

— É possível. De Hampstead Heath até Fenwick, o trajeto é curto... Apenas uma hora. Além do mais, Madeleine Telford conhecia bem a casa do sogro. Sabia em quais aposentos poderia encontrá-lo, àquela hora da noite. A propósito, ela admitiu que se encontrou com o conde, duas noites antes do crime. E, nessa ocasião, ele poderia ter mencionado a intenção de deserdá-la.

— Precisamos de uma lista dos clientes de Nock, para ver quem comprou esse tipo de arma. Talvez possamos nos deparar com uma pessoa que tenha alguma ligação com o conde.

— Já conseguimos uma parte dessa relação, milorde. — Abrindo uma gaveta, Fraser pegou uma folha de papel e entregou-a a Adam. Inclinando a cabeça, Julia tentou ler o que estava escrito.

— Infelizmente, Nock não é muito exato, em seus registros — Fraser comentou. — Mas ele fez um relatório para as autoridades, sobre seus negócios. E consegui uma cópia para nós.

A relação não era extensa. Julia reconheceu o nome de vários membros da nobreza, mas nenhum deles era suspeito, nem parecia ter uma ligação mais estreita com o conde.

— Várias dessas pessoas moram em Londres — Adam comentou, deixando a folha sobre a escrivaninha.

— Temos de localizá-las. Precisamos descobrir se elas ainda têm a arma ou se a venderam, e para quem.

— Sim, milorde.

Adam e Julia voltaram a revisar as informações, mas nada lhes chamou a atenção. Saíram do escritório de Fraser no final da tarde. Julia estava exausta e desanimada. Faltavam apenas sete dias para o julgamento.

— Sei o que está se passando com você — disse Adam, ocupando o assento em frente ao dela.

As cortinas da carruagem tinham sido puxadas. As lamparinas internas estavam acesas, lançando reflexos nas cortinas de veludo vermelho-escuro, sobre as janelas.

— Venha cá, meu amor — ele a chamou, docemente. Julia sentiu um nó na garganta. Era incrível como

Adam sempre parecia saber o que ela precisava, nos momentos difíceis. Naquele, em especial, precisava de apoio e conforto. Abrindo os braços, Adam aconchegou-a no colo e acariciou-lhe os cabelos.

— Não perca a esperança, Julia. Nós venceremos.

— Eu sei. — Mas ela não acreditava nisso e sabia que Adam também não. Ela estava quase desistindo, essa era a verdade.

— Ainda temos uma semana. — Adam beijou-lhe a testa. — Aproveitaremos cada minuto. Enquanto isso, reservarei uma passagem, em um navio...

— Eu já lhe disse, antes, e agora vou repetir não vou fugir, Adam. — Lágrimas deslizavam-lhe pelo rosto. — Eu sou inocente, e não vou fugir.

— Você não terá de fazer isso. Nós encontraremos o assassino. A passagem será apenas uma precaução, caso necessitemos de mais tempo.

Julia afastou ligeiramente o rosto para fitá-lo:

— Não irei, Adam. Não deixarei o país, para que todos pensem que realmente matei o conde.

Julia pensou que ele fosse reagir com irritação. Afinal, Adam era um major e estava acostumado a ser obedecido. Para sua surpresa, porém, ele a aconchegou novamente nos braços.

Julia escutava os batimentos rápidos e ritmados do coração de Adam, em contraponto ao som do trote dos cavalos e a vibração do calçamento de pedras, sob as rodas da carruagem que, num dado momento, reduziu a marcha e parou.

Julia voltou a chorar.

— Não quero ir para casa, agora — disse, num sussurro. — Não quero falar com ninguém, nem mesmo com os criados. Só preciso... não sei... só preciso de algum tempo para...

Adam bateu no teto da carruagem e, abrindo um pequeno painel, ordenou ao cocheiro:

— Continue dirigindo, Lance, não importa para onde. Eu o avisarei quando quisermos voltar para casa.

— Sim, milorde.

Adam fechou o painel e recostou-se no assento. — Era isso que você queria?

— Sim, obrigada.

— Talvez você precise de mais uma coisa...

— O quê?

Como resposta, Adam tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com suavidade.

— Faremos amor, doçura... e, ao menos por um breve tempo, esqueceremos de tudo isso.

— Aqui? — Apesar do espanto, Julia sentiu uma onda de calor invadi-la.

— É um pouco apertado, mas daremos um jeito. — O olhar de Adam seria capaz de atear fogo ao interior da carruagem. — Considere isso como mais uma etapa do seu aprendizado.

Sentada no colo de Adam, Julia sentiu que ele começava a ficar excitado. Adam beijou-lhe o pescoço e a fez virar-se ligeiramente, para desabotoar-lhe o vestido. Depois, levantando-lhe o vestido até a cintura, a fez sentar-se sobre suas coxas, com as pernas afastadas e os joelhos apoiados no assento.

Beijou-a intensamente, enquanto abaixava o corpete do vestido, deixando-lhe os seios à mostra.

Foi assim, semidespidos, que ambos começaram a fazer amor, dentro da carruagem. A situação, tão original e inusitada, acendeu em Julia um fogo que ela não imaginara existir.

Com as pernas abertas sobre as de Adam, ficava totalmente exposta. Adam aproveitou ao máximo aquela posição. Com dedos hábeis, movendo-se por baixo do vestido e das anáguas que ela usava, acariciou-a com ousadia, fazendo-a esquecer de si mesma e do pavor que a vinha atormentando desde a noite anterior.

Quando compreendeu que Julia estava no auge da excitação, ele a ergueu

ligeiramente, posicionou-se junto ao corpo dela e a penetrou.

Julia entregou-se totalmente ao prazer, que tornou-se ainda mais intenso quando Adam começou a se mover. O impacto das investidas, num ritmo cadenciado, era intensificado pelo balanço da carruagem.

A relação não poderia ser mais plena de sensualidade. Cada toque, cada carícia trazia, em si, um toque de ternura que Julia até então desconhecia. Depois do êxtase compartilhado, Adam envolveu-a nos braços e começou a acalenta-la. Até parecia que teriam todo o tempo do mundo pela frente, e não apenas sete dias.

— Prometi que a protegeria — ele disse, num tom brando. — E é o que farei. Confie em mim, Julia, eu não vou falhar.

Sim... Fosse qual fosse o desfecho do caso, ela sabia que Adam permaneceria a seu lado. Esse era um dos motivos por que o amava tanto. Confiava em Adam, exceto nos assuntos referentes ao coração.

Se saísse ilesa do julgamento, ele assumiria o papel de seu protetor e, ela, o de sua amante. Teria de desistir de sua dignidade e dos planos para o futuro, teria de abandonar para sempre o amor-próprio... Pois o amava mais do que a própria vida.

E, mesmo que ganhasse, sairia perdendo.

Chegou o dia três de maio, data do aniversário de Christopher. Julia, preocupada com o julgamento, tinha se esquecido. Por sorte, Maude havia se lembrado. Junto com Reggie e Fanny, planejou algo especial.

A convite de Reggie, Julia foi para a cozinha, um ambiente cálido e alegre, que recendia a fermento e baunilha. A longa mesa de carvalho, onde os criados faziam as refeições, tinha sido coberta com uma toalha branca de linho, e decorada com flores de papel amarelas e vermelhas. Na parede, destacava-se um cartaz com as palavras "Feliz Aniversário, Christopher". Numa ponta da mesa, três pacotes embrulhados para presente traziam cartões com o nome do menino.

Julia aproximou-se, segurando o presente que havia comprado na véspera, com o dinheiro emprestado por Maggie. Era um lindo cavalo de madeira, pintado com uma espécie de esmalte, que ela descobrira numa loja de Bond Street. Colocou o presente ao lado dos outros e sorriu para os criados, que aguardavam em pé.

— Chris ficará encantado. Foi muita bondade de todos vocês.

— O menino merece um carinho especial, neste dia — disse Maude. — Achei que o major nada faria para comemorar, embora Deus sabe que deveria, pois tudo indica que o menino é filho dele.

Julia quis defender Adam, mas o fato era que Maude, nesse ponto, estava coberta de razão. Fanny, a cozinheira, interveio:

— Ainda bem que lorde Blackwood não escutou suas palavras, Maude. Por certo ele não aprovaria uma discussão sobre seus problemas familiares. Sei que o assunto propicia muitos boatos, mas... no fim das contas, não há como ter certeza de que Chris é mesmo filho de lorde Blackwood.

— Não sou cega — Maude resmungou. — O menino é a cara dele.

— Chega, Maude — disse Reggie, embora Julia soubesse que ele concordava com a criada.

Os passos de Chris soaram no corredor, e assim o assunto foi encerrado.

— Depressa, ele está chegando!

Fanny terminou de ajeitar o bolo recheado de creme, com o nome "Christopher" escrito com balas. A porta se abriu e o menino entrou.

— Surpresa! — os quatro gritaram, em uníssono. Chris parou, espantado. Num tom carinhoso, Julia anunciou:

— Isso é para você, querido. — Apontou o bolo, os presentes e os três criados, que sorriam. — Feliz aniversário!

O menino adiantou-se e olhou os pacotes, como se não acreditasse no que via.

— Venha, meu rapazinho. — Reggie indicou-lhe uma cadeira, diante dos presentes. — Não temos muito tempo.

Chris correu para ocupá-la.

— Mamãe sempre me dava presentes de aniversário... Uma vez ganhei um par de sapatos novos... bem, não eram muito novos, mas eram bonitos. — Ele abriu o pacote envolto em papel azul e prateado, tomando cuidado para não amassar a fita que o envolvia.

— Este é o meu presente — disse Reggie, enquanto Chris retirava, com extremo cuidado, um soldadinho de madeira de dentro da caixa.

— É um oficial de cavalaria do antigo regimento do major, o décimo primeiro batalhão — explicou Reggie.

— Quem é o major? — perguntou Chris perguntou, tocando o brinquedo com um olhar maravilhado, observando cada detalhe do uniforme azul.

— Reggie está se referindo a lorde Blackwood — Julia explicou.

— Ele esteve no Exército?

— Foi um dos melhores oficiais do regimento — Reggie comentou, com orgulho.

— Puxa! — Chris continuou a examinar o soldadinho. Foi nesse momento que Adam entrou na cozinha.

Diante daquela cena inesperada, franziu a testa e dirigiu-se a Julia:

— O laçao disse que a senhorita tinha vindo para cá — falou, num tom sério, mas sua atenção estava focada em Chris.

Julia daria tudo o que tivesse para decifrar a miríade de emoções que passava pelo semblante de Adam, naquele momento. Chris devia estar pensando a mesma coisa, pois estremeceu da cabeça aos pés.

— Parabéns, Christopher — disse Adam, num tom não desprovido de carinho.

Julia sentiu-se emocionada com o sorriso doce com que Chris brindou Adam.

— Ganhei este soldado de Reggie! — O menino mostrou o brinquedo a Adam. — Ele disse que milorde já esteve no Exército.

Adam fitou Reggie de viés e aproximou-se do garoto para examinar o soldadinho de madeira, com o uniforme de seu antigo regimento.

— Sim, estive — respondeu, por fim.

— Eu gostaria muito de ser soldado. Milorde me contará algo a respeito disso?

Adam endireitou-se.

— Guerra não é para crianças — sentenciou, devolvendo o brinquedo. — Aproveite sua festa, Chris. — Virando-se para Julia, indagou: — Será que eu poderia lhe falar por

um momento, srta. Whitney?

— Claro. — Julia pediu licença a todos e beijou os cabelos de Chris, antes de sair da cozinha. Seguiu Adam até o escritório, sentindo-o bastante tenso.

— Aquele garoto pode, ou não, ser meu filho — disse, depois de fechar a porta. — Mas uma coisa é certa: ele está aqui sob minha proteção. Isso quer dizer que não deverá ser tratado como um criado. De agora em diante, qualquer festa em sua homenagem será feita na sala de jantar.

Julia se perguntou se a rispidez de Adam se deveria ao fato de ele se sentir culpado pela maneira como vinha tratando o menino. Mas, fosse como fosse, ela se sentia no dever de defender Chris e os criados.

— É difícil adivinhar como você gostaria que o tratássemos — argumentou, com veemência. — Ele continua dormindo sozinho, no terceiro andar. Você o ignora a maior parte do tempo... E de repente não quer que ele seja relegado ao *status* de um simples criado.

Adam contraiu o queixo, mostrando sua irritação.

— Está bem — cedeu, por fim. — Peça a Maude para ajudá-lo a mudar-se para um quarto do segundo andar.

Mesmo aliviada, Julia manteve-se firme.

— Está bem, eu farei isso. — Tampouco ela era uma criada, e não gostava que ele a tratasse como tal, apesar de amá-lo.

Adam ficou pensativo por alguns instantes. Por fim, passando a mão pelos cabelos, desculpou-se:

— Perdão... A culpa não é sua. Não estou acostumado a ter crianças em casa, nem tenho jeito para lidar com elas.

Um tanto surpresa, Julia deduziu que Adam estava se sentindo mal por ter se esquecido do aniversário do menino... Isso era um bom sinal.

— Eu deveria tê-lo lembrado de que hoje era o aniversário de Chris. O fato é que eu não sabia se isso era importante para você.

Adam desviou o olhar, enquanto confidenciava:

— Para ser franco, eu mesmo estou espantado por me importar com isso. Minha mãe sempre fez do meu aniversário uma data especial. Toda criança merece isso.

O coração de Julia transbordou de amor.

— Só um bom homem pensaria assim, Adam — ela disse, comovida.

Aproximando-se, ele a tomou nos braços.

— Posso contar com seu apoio, para me entender com Christopher?

Se ao menos ela pudesse!, Julia pensou. Mas era bem provável que voltasse para a prisão, dentro de alguns dias. E então, o pior poderia acontecer. Mesmo assim, ela prometeu:

— Farei de tudo para ajudá-lo.

Erguendo o rosto para fitá-lo, viu o desejo estampado nos olhos de Adam. Mas logo ele assumiu uma expressão diferente, enquanto anunciava:

— Acabo de receber um recado de Garth. Ele quer falar conosco, em seu escritório. Era isso que eu tinha a dizer, quando fui procurá-la na cozinha.

— Vou pegar meu xale. — Com um calafrio de medo, lembrou-se que faltavam apenas seis dias para o julgamento.

Uma densa camada de nuvens cobria as estrelas. O ar estava frio e úmido. O solo, escorregadio devido ao nevoeiro.

Sentada num sofá confortável, Maggie estava bordando, na companhia de sua tia, Sophie Hawthorne.

Todos os anos, naquela data, comemorava-se o aniversário da condessa e prestava-se uma homenagem ao conde. Maggie bem que tentara escapar de mais uma festa entediante, onde se sucediam brindes e bajulações. Mas Sophie não permitira.

— Acho que nem preciso lembrá-la — a tia ergueu as sobrancelhas brancas e finas — de que esta será sua segunda temporada. Toda a alta sociedade estará de olho em você, querida. Está mais do que na hora de controlar esse temperamento rebelde e começar a pensar seriamente sobre seu casamento.

Sophie era uma viúva já avançada em anos, mas muito vigorosa. Governava seu pequeno mundo com pulso de ferro, e isso incluía Maggie, que vivia com ela desde os quinze anos, quando sua mãe sofrera um terrível ataque.

— Oh, há tempo de sobra para isso, tia Sophie — Maggie argumentou. — E eu já lhe disse, uma porção de vezes, que só me casarei por amor e não por conveniência.

— Você fará como seu irmão — a venha senhora comentou. — Amor! — exclamou, em tom de zombaria. — Isso é uma grande tolice. As pessoas se casam por vários motivos, e o amor, raramente, é um deles.

Maggie não retrucou. Mas a imagem de Garth veio-lhe à mente. Era bem possível que ele estivesse trabalhando, naquela noite. Afinal, o julgamento de Julia estava bem próximo. Seria essa a razão de sua falta de entusiasmo pela festa?, ela pensou, com um suspiro.

— Seja lá como for, você logo terá de escolher um marido, ou se resignar à vida de solteira. E a única maneira de encontrar um noivo adequado é freqüentar a sociedade. Por isso, trate de subir agora e trocar-se para a festa de lorde Winston.

Maggie resmungou, mas obedeceu. Escolheu um vestido cor de areia, de cintura alta, enfeitado com tiras de veludo verde-musgo. O traje se complementava com um manto de veludo da mesma cor.

Maggie olhou-se no espelho. A criada, Winifred, fizera cachos em seus cabelos negros e lhe colocara no pescoço uma fita verde-musgo, de onde pendia um medalhão de ouro.

Apesar das manias e do gênio difícil de Sophie, Maggie a amava muito e procurava agradá-la. Mas não aceitaria desposar um homem a quem não amasse. Nesse ponto, ela não cederia.

Uma hora depois, puxando o capuz para proteger a cabeça, Maggie subia, com Sophie, os largos de pedra da mansão do conde de Winston. O mordomo saudou-as com uma reverência respeitosa e conduziu-as a uma ampla sala de estar, onde já havia alguns convidados. Depois de ajudar a tia a se acomodar numa poltrona, Maggie avistou Ariel Ross, condessa de Greville, alta e elegante, conversando com outras duas mulheres. Aproximou-se para cumprimentá-las.

— Lady Margaret! — Ariel exclamou, efusiva. — É um prazer revê-la.

— Eu não sabia que milady tinha voltado a Londres — Maggie comentou. — Pensei que ainda estivesse em Greville Hall, com seu marido.

— Justin precisava resolver alguns negócios, aqui na cidade. — Com um largo sorriso, Ariel anunciou. — Agora, deixe-me contar uma novidade fantástica...

— Sim?

— Vamos ter um bebê! Maggie sorriu:

— Ora, mas que maravilha! Fico contente por vocês dois.

— Justin está nas nuvens. Nunca o vi tão feliz. — Apontando as mulheres com quem estivera conversando, antes da chegada de Maggie, disse: — Oh, perdoe minha falta de compostura, mas estou tão alegre que acabei me esquecendo de fazer as apresentações. Creio que conhece Anna Constantine, marquesa de Landen...

Maggie fez um gesto de aquiescência. Anna Constantine era uma condessa italiana, que se casara com o atraente marquês de Landen no ano anterior.

— *Si, si*, claro que ela me conhece — Anna respondeu, por Maggie. — Ela foi a Landen Manor para assistir ao meu casamento, acompanhada por aquele seu irmão, que é tão bonito...

— Prazer em vê-la, lady Landen. — Maggie sorriu e, como todos, rendeu-se aos encantos e aos comentários bem-humorados de Anna.

Em seguida, Ariel apresentou as outras damas. Maggie conhecia todas elas. Conversou por mais algum tempo e depois, pedindo licença, afastou-se em busca de outros amigos.

Num dado momento, um homem moreno e elegante abordou-a:

— Boa noite, lady Margaret. Não creio que se lembre de mim. Sou Michael Aimes. Nós nos conhecemos num baile, no ano passado, na casa do duque e da duquesa de Rathmore.

— Ah, eu me lembro.

Michael Aimes era o segundo filho do marquês de Devlin. Aos vinte e cinco anos, tinha fama de ser estudioso e ostentava um sorriso simpático no belo rosto.

— Sabe, tenho pensado muito na srta. Whitney, a quem seu irmão vem defendendo tão corajosamente.

— Então o senhor a conhece — Maggie comentou, surpresa.

— Sim. Na verdade, fui aluno e amigo do professor Whitney. Tínhamos muitas afinidades, entre elas, uma verdadeira paixão pelas antiguidades egípcias.

— Meu irmão Adam também se interessa muito por elas.

— Foi o que ouvi dizer. Sabe, milady, eu me preocupo com a srta. Whitney. Gostaria de saber como ela está.

Como poderia uma pessoa estar ameaçada pela prisão e pela força? Maggie pensou, antes de responder:

— Suponho que o senhor esteja acompanhando o caso pelos jornais. O julgamento foi marcado para a próxima semana. Meu irmão espera encontrar o verdadeiro culpado antes disso.

— Não posso imaginar a srta. Whitney fazendo mal a alguém. Diga-lhe, por favor, que perguntei por ela e que faria qualquer coisa para ajudá-la. — Entregando-lhe um

cartão com seu endereço, Michael Aimes agradeceu a atenção e despediu-se.

Maggie guardou o cartão na bolsa, para entregá-lo depois a Julia. Encontrou outros conhecidos, na festa. Mas aos poucos foi notando que, apesar de tratá-la com toda a consideração, eles logo se afastavam. Seria por causa do escândalo?, perguntou-se, sabendo de antemão a resposta.

A festa continuava. A certa altura, Maggie viu Madeleine Telford conversando com Lavinia Dandrige, que se tornara sua prima, já que desposara Howard, o novo conde de Fenwick. No instante em que a viram, as duas viraram-lhe as costas ostensivamente e se afastaram.

Maggie franziu o cenho, inquieta. Caminhou na direção de Katherine Mayborne, uma antiga colega de escola, que também a evitou.

Maggie estava começando a perder a paciência. Dirigindo-se à mesa de comes e bebes, onde havia uma grande vasilha de prata, com ponche, serviu-se de uma taça e tomou um gole. Ouviu vozes às suas costas e estremeceu à menção de seu nome.

— Não sei como ela tem coragem de aparecer em público, enquanto seu irmão acoberta uma assassina.

— Pior: a moça está morando na casa dele!

— Todo mundo sabe quem é a srta. Whitney. Ela era amante do conde de Fenwick e agora dorme com Adam Hawthorne!

— Pelo menos seu gosto pelos homens melhorou — uma mulher comentou, em tom de zombaria. — A família inteira é incorrigível. — Maggie reconheceu a voz da viscondessa Wimby, famosa por sua língua ferina. — Lembra-se de Robert, primo de Adam Hawthorne, conde de Blackwood? Se não tivesse zarpado para as colônias, teria acabado na prisão, por causa das dívidas.

Largando a taça já vazia sobre a mesa, Maggie decidiu se afastar. Estava enojada, pálida, trêmula de raiva. Foi então que, ao virar-se, deparou com Garth. Mas ele não deveria estar ali, pensou, embora se sentisse feliz por vê-lo.

— Garth... — ela balbuciou, fitando os olhos verdes, que tinham uma expressão indignada. Logo concluiu que ele tinha ouvido tudo... E não pôde impedir as lágrimas que afloravam, denunciando sua amargura e fragilidade.

— Está tudo bem, querida — Garth disse, com suavidade. — Aquelas pessoas são fúteis e não merecem um pinga de sua consideração. — Tomando-lhe a mão, colocou-a em seu braço. — Vamos sair daqui.

Maggie acompanhou-o, não importava para onde ele a levaria. Tinha de abandonar o local, antes que perdesse de vez o controle e dissesse àquelas faladeiras o que pensava delas. De cabeça erguida, engolindo as lágrimas, ela deixou a sala de estar.

Perguntou-se se Sophie também estaria recebendo indiretas. Mas a tia era mais velha, experiente, acostumada aos caprichos da sociedade e não tão vulnerável aos comentários maldosos.

Maggie, porém, tinha sentido cada palavra cruel como uma farpa sob a pele. Agarrou-se ao braço de Garth e não o soltou, até que ambos saíram da casa.

— Fique aqui — Garth ordenou. — Pegarei seu agasalho.

Afastou-se e voltou minutos depois, trazendo o manto de veludo verde-musgo, ajeitando-o delicadamente sobre os ombros de Maggie. Com um sorriso, puxou o capuz para proteger-lhe os cabelos.

— Pronto! Agora, você está bem agasalhada.

— Obrigada — ela agradeceu, num sussurro, esforçando-se para não chorar diante dele. — A casa de minha tia não fica longe. Por favor, diga a ela que eu não estava me sentindo bem e que fui embora.

— Eu já disse, inclusive avisei-a de que a levaria para casa.

Maggie meneou a cabeça:

— Oh, por favor, você não devia ter dito isso. Os boatos...

— Estarei de volta antes que as fofoqueiras notem minha ausência — Garth explicou, interrompendo-a.

Com um suspiro, Maggie concordou. De braço dado com ele, acompanhou-o até a rua.

A carruagem de Garth aguardava no final de uma alameda. Maggie recostou-se no assento de veludo vermelho e fechou os olhos. Se pudesse ser assim... Se pudesse apagar todas as crueldades, apenas com um fechar de olhos!

Garth sentou-se a seu lado. Tomando-lhe as mãos, tentou aquecer-lhe os dedos gelados.

— Faltam poucos dias para o julgamento — ele comentou, após alguns instantes. — Esse caso terá um desfecho, de uma maneira ou de outra. E, com o tempo, os boatos acabarão por desaparecer.

Maggie assentiu, sabendo que não era verdade. Independentemente do que acontecesse com Julia, o nome dos Hawthorne ficaria manchado para sempre. E por que isso a incomodava tanto, agora? Ela não queria pensar a respeito, ao menos por enquanto.

— Perguntei à sua tia se eu poderia visitá-la amanhã à noite.

— Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem.

— Acontece que estou preocupado. Mais que isso: eu gostaria mesmo de vê-la.

Maggie suspirou. O mais certo a fazer, no momento, seria afastar-se de Garth. Àquela altura das circunstâncias, um casamento entre ambos seria inviável. Garth deveria saber disso. Mas o fato era que, apesar de não saber quais as intenções de Garth, desejava vê-lo.

— Isso não vai atrapalhar os preparativos para o julgamento? — ela perguntou.

— Venho trabalhando no caso há semanas. A srta. Whitney foi instruída sobre o que deve dizer ou não dizer. De minha parte, já está tudo pronto. Portanto, estarei livre para visitá-la amanhã à noite, depois do jantar. — Garth fixou os olhos em seus lábios, antes de dizer: — Isto é, se quiser que eu vá.

— Eu gostaria muito — ela respondeu, com sua franqueza habitual.

Durante o trajeto até a casa de Sophie, ambos conversaram sobre o julgamento. Garth contou a Maggie sobre o trabalho que fizera com Adam e Julia naquele dia, e os progressos de Adam na tentativa de descobrir o verdadeiro assassino.

Logo a carruagem parou diante da casa de Sophie, em Mayfair.

Maggie esperou que Garth abrisse a porta, mas, em vez disso, ele virou-se para fitá-la bem de perto. Segurando-lhe o queixo delicadamente, recomendou num tom carinhoso:

— Não se deixe intimidar pelas pessoas que só se alimentam de escândalos. Elas não merecem consideração.

Maggie ia dizer algo, mas não pôde, pois Garth tocou-lhe os lábios com os seus. Foi um beijo breve e suave, diferente da outra vez, mas isso não impediu que ela se sentisse invadida por uma onda de calor.

— Até amanhã à noite — Garth despediu-se, num tom carregado de emoção, Em seguida ajudou-a a descer da carruagem.

Maggie acenou para Garth e entrou em casa. Subiu a escada e fechou-se em seu quarto. Na noite seguinte, Garth viria visitá-la. Ela sentou-se na banquetta estofada em frente ao espelho, chamando-se de tola. Agora, já não havia dúvidas. Estava mesmo apaixonada por Garth.

Peter Fraser franziu o rosto ao ouvir o ranger de seus velhos sapatos, enquanto caminhava pelo piso de mármore do hall da casa de Adam. Eram quase dez da manhã, um horário não muito adequado para visitar pessoas da alta sociedade. Mas tinha certeza de que Adam não se incomodaria de recebê-lo àquela hora.

O mordomo pediu-lhe que aguardasse um instante, afastou-se e logo voltou para anunciar que milorde estava à sua espera.

— Entre, Fraser. — Adam recebeu-o à porta do escritório. — Recebi seu recado. Fique à vontade, por favor.

— Obrigado — Fraser agradeceu, lançando um olhar a Julia, que estava sentada numa poltrona, muito pálida.

Havia emagrecido e seus olhos estavam marcados por profundas olheiras. Mesmo assim, continuava encantadora. Fraser sentiu-se penalizado. Gostaria de não ser portador de más notícias.

— Sente-se — Adam convidou. Ele obedeceu.

— Grato, milorde.

— O senhor disse que precisava falar comigo com urgência — Adam acomodou-se ao lado de Julia. — O que foi que descobriu?

— Bem, o senhor se lembra daquela lista preparada por Jonas Nock, com nomes de vários de seus clientes?

— Claro. Pois acabo de receber a segunda parte dela. — Fraser entregou-lhe uma folha de papel. — Uma pistola idêntica à que matou o conde de Fenwick foi comprada por Henry Telford, seis meses antes de ele cometer suicídio.

— Ah! — Adam exclamou, perplexo. — Então Madeleine deve ser a...

— Sinto muito, milorde — Fraser apartou. — Mas Henry deu a pistola de presente ao pai, há três anos, no dia de seu aniversário. Confirmei esse fato, milorde. Conversei com várias pessoas que foram à festa que Henry deu em homenagem ao pai. Todas elas testemunharam o momento em que ele entregou a pistola ao conde.

Com voz trêmula, Julia opinou:

— Talvez o conde de Fenwick tenha devolvido a arma ao filho, pedindo-lhe que a guardasse. Assim, a pistola pode estar na casa de Henry, ou melhor, de Madeleine.

Fraser meneou a cabeça, num triste gesto de negação. Uma vez mais, desejou que as notícias não fossem tão ruins.

— Sinto muito, senhorita, mas o próprio criado particular do conde de Fenwick me contou que ele prezava muito a arma e que a mantinha guardada num estojo forrado de veludo, na gaveta da escrivaninha, em seu escritório. E sabe o que é mais espantoso? Até o momento da elaboração da lista, ninguém havia associado a arma do crime com a pistola que Henry Telford dera ao conde.

Empalidecendo ainda mais, Julia deixou-se cair de volta na poltrona.

— Algum outro detalhe? — Adam perguntou, tentando manter a calma.

— Não, milorde. Ainda estou tentando verificar se Madeleine Telford estava em casa, na noite do crime. Eu o avisarei assim que descobrir.

— Obrigado, Fraser. — Adam acompanhou-o até a porta.

Fraser caminhou pelo corredor, em direção à saída, perguntando-se se Adam, o defensor mais ferrenho de Julia, também começara a ter suas dúvidas.

Adam fechou a porta do escritório, foi até o aparador e serviu-se de conhaque. Tomou um grande gole e virou-se para Julia. Imóvel e pálida, ela parecia frágil como uma folha seca, pronta para despedaçar-se.

Adam compadeceu-se, mas não podia se dar ao luxo de fraquejar, agora. Naquele momento difícil, era preciso ser mais objetivo do que emotivo.

Com os olhos fixos no vazio, Julia comentou, num fio de voz:

— A arma pertencia ao conde. E estava em seu escritório, bem ao meu alcance. Era só pegar e atirar...

Aquilo era demais, Adam pensou, com o coração oprimido pela angústia.

— Julia... — Ele meneou lentamente a cabeça, com os olhos rasos de lágrimas.

— Eu não o matei, Adam. Mas não espero que acredite em mim. Afinal, ninguém acreditará...

Adam engoliu em seco. Acreditava nela mais do que nunca, embora não soubesse ao certo por quê.

Todas as evidências apontavam para a culpa de Julia, ele pensou, lembrando-se de que seu instinto sempre errava, quando se tratava de mulheres. Mesmo assim, não duvidava da inocência dela.

Deixando a taça sobre a lareira, ele se aproximou. Tomando as mãos de Julia, puxou-a para si e abraçou-a calorosamente.

Ela estava trêmula e nunca lhe parecera tão frágil.

— Acredito em sua palavra — Adam sussurrou, aspirando o leve aroma de rosas que exalava de seus cabelos. — Sei que você não é a culpada, e que seria incapaz de fazer alguém sofrer.

Julia deu um pequeno gemido, abraçou-o pela nuca e começou a chorar. Adam sentou-se na poltrona e puxou-a para seu colo. Ela chorava como se houvesse perdido toda a esperança. Finalmente, dava vazão ao pranto represado. Adam deixou-a desabafar por um bom tempo, até que os soluços foram rareando e as lágrimas finalmente cessaram. Adam entregou-lhe um lenço.

— Perdoe-me. — Julia enxugou os olhos e deu um leve sorriso. — Eu não queria me descontrolar.

— Você tem todo o direito de chorar. Seus motivos são mais do que justos.

Com um suspiro, ela comentou:

— Tive tantas esperanças... Mas agora elas se transformaram em pó. — Fitando-o nos olhos, declarou: — Não importa o que aconteça, nunca me esquecerei do que você fez por mim, nem da maneira como me apoiou, quando todos me abandonaram.

— Não vamos desistir — disse Adam, pensando numa nota que lera no *Evening Post*, sobre um navio que zarparia para o Oriente, naqueles dias. O navio chamava-se *Madrigal* e partiria da Inglaterra antes do julgamento. Seria muito tarde para reservar uma passagem?, ele se perguntou.

— Como poderemos provar que não matei o conde, quando todos, até mesmo nossos aliados, pensam o contrário?

— Sim... *eles pensam...* — Adam beijou-lhe os lábios trêmulos. — E isso, de certo modo, é bem conveniente.

— Como? — Julia indagou, sem entender.

— Estou começando a imaginar que o plano foi exatamente esse. Talvez o autor do disparo pretendesse culpar você. Diga-me, Julia, todos sabiam que você estaria no escritório do conde, na noite do crime?

— Talvez... O conde e eu tínhamos adquirido o hábito de passar algumas horas juntos, à noite. Isso, quando ele não se sentia com disposição para sair. Em geral, líamos ou jogávamos xadrez. Ele tinha o costume de dormir tarde. Mesmo quando sofria com as crises de reumatismo, raramente se recolhia antes da meia-noite. E eu gostava de lhe fazer companhia.

— Então os criados sabiam disso. E alguns deles poderiam ter acesso à arma que o conde guardava em sua escrivaninha.

— Os criados, em geral, eram leais e devotados ao conde. Nenhum deles teria motivo para matá-lo.

— Talvez não. Mas quem o matou deve ter estado no escritório, em algum momento. Elridge ou Norton poderiam tê-lo matado por vingança. Mas provavelmente não sabiam sobre a pistola, nem sobre sua presença no escritório, naquela noite. Esse fato os exclui da nossa lista de suspeitos. Resta-nos, então, Howard, o novo conde de Fenwick, Madeleine Telford e, talvez, algum criado mais antigo. De acordo com Fraser, Howard esteve com o conde naquela semana. Ele poderia ter pegado a arma, mas seu álibi para a noite do crime foi confirmado. Madeleine contou que esteve na mansão do sogro, duas noites antes de ele ser morto. Será que ela conhecia os hábitos do conde?

— Acho que sim. Afinal, depois da morte de Henry, ela morou naquela casa. Fez companhia ao conde, da mesma maneira que eu fazia.

— Ela sabia que o sogro estava doente. E que provavelmente estaria em casa naquela noite.

— Mas ela estava em Hampstead Heath, na noite do assassinato. Não poderia ter matado o conde, a menos que fizesse o longo trajeto até Londres e voltasse sem ser vista. — Julia fez uma pausa. — Além do mais, nós também não sabemos se Madeleine, ou Howard, tinham conhecimento da mudança do testamento. Se não sabiam, não teriam motivos para matá-lo. O que nos leva de volta à estaca zero.

— A menos que pudéssemos encontrar uma brecha no álibi que nos forneceram. Se um deles mentiu, é porque sabia que estava a ponto de perder sua parte da herança.

— Isso faz sentido. — Um lampejo de esperança brilhou nos olhos de Julia. — Então, o que acha que devemos fazer?

— Contratar mais homens para fazer perguntas aos criados da casa de Madeleine Telford e aos convidados da festa de Foxmoor, onde Howard esteve. Pedirei ajuda a Rathmore e Greville. Eles conhecem a maioria das pessoas que estiveram lá, naquela noite. Se tivermos sorte, talvez alguém se lembre de algum detalhe importante.

— E se eles não mentiram?

— Existe a possibilidade de alguém ter sido contratado para matar o conde... O que seria bem arriscado.

— Porque a pessoa que atirou no conde poderia revelar o segredo — Julia deduziu.

— Exatamente. Por isso, vou elevar o valor da recompensa que estou oferecendo. Talvez a cobiça fale mais alto, talvez apareça alguém com a informação de que tanto precisamos.

Faltavam quatro dias para o julgamento, e as últimas opções se esgotavam. Adam rezou para que Julia não se arrependesse de ter recusado a chance de fugir.

Garth demorou muito no trajeto de volta para casa, depois do trabalho, devido ao excesso de carroças de carga, coches e carruagens de aluguel nas ruas. O tráfego estava se tornando cada vez mais congestionado, àquela hora.

Finalmente o cocheiro puxou as rédeas, detendo os cavalos, diante da casa onde Garth morava, em Portman Square.

A residência, com altas colunas coríntias e a entrada abobadada, era imponente e de extremo bom gosto. Garth orgulhava-se de tê-la adquirido com o dinheiro conseguido através de seu trabalho e não de sua herança. Cansado, subiu a escada, passou pela porta e entregou o chapéu de feltro para o mordomo.

— Boa noite, Pims. Edward Pims, um homem de trinta anos, muito alto e excessivamente sério, fez uma medida formal.

— Boa noite, senhor. O barão, seu avô, está aqui. Ele o aguarda na sala de estar.

Garth suspirou. Tivera um dia exaustivo. Primeiro, recebera a notícia de que o enteado do marquês de Simington fora preso por entregar-se à orgia com a garçonete de uma taverna diante de meia dúzia de fregueses... Depois, Sally Weatherby, a filha casada de um rico comerciante da região, fora pedir-lhe ajuda depois de apanhar do marido, que passara a noite bebendo. Garth havia passado a manhã resolvendo esses casos.

O restante do dia não fora muito melhor. Ele havia ficado horas revisando suas anotações sobre o julgamento de Whitney, uma causa que lhe parecia perdida. A única perspectiva animadora, agora, era a visita que combinara de fazer a Maggie. Por isso, a idéia de receber alguém, mesmo que fosse seu avô, não o agradava nem um pouco.

— Obrigado, Pims.

Garth caminhou pelo hall e entrou na sala de estar. Sentiu o cheiro de arenque em conserva, queijo e pão fresco, que seu avô adorava, e que a cozinheira sempre reservava para ele. Afinal, o barão o visitava com frequência.

— Boa noite, vovô. O senhor está com ótima aparência.

Alto, com os ombros ligeiramente curvados, Avery Dutton era bem conservado para seus setenta e cinco anos. Tinha cabelos grisalhos e olhos de cor idêntica aos de Garth.

— Não estou nada bem — ele resmungou, como de costume. Garth disfarçou um sorriso. — Nem tive tempo de sarar de um ataque de febre, e a dor nas costas já aumentou. Pior que isso, só mesmo o boato que andei ouvindo por aí. — O velho senhor fez uma pausa. — Parece que você anda caído de amores por uma moçoila da família Hawthorne.

As notícias corriam depressa, Garth pensou, antes de esclarecer:

— Se o senhor está falando de lady Margaret, sim, eu a levei para casa ontem à noite, durante uma festa em casa de lorde Winston. Ela estava com dor de cabeça e resolvi ajudá-la. Se o senhor chama isso de "cair de amores", então presumo que eu seja culpado.

Avery aprumou-se.

— Não tente me enganar, meu jovem. Não há dúvida de que a moça é uma beldade, mas não lhe convém um enlace desse tipo.

— Não mesmo?

— Não. — Avery repetiu, com veemência. — E você sabe muito bem do que estou falando. Margaret Hawthorne não é a esposa certa para você.

Garth pegou uma fatia de pão da bandeja de prata, colocada numa mesa baixa diante de seu avô. Fingindo uma indiferença que não sentia, provou um pedaço de pão e só então perguntou:

— E por quê?

Corando de raiva, Avery respondeu:

— Você sabe muito bem qual é o motivo. A moça é uma Hawthorne e isso já basta. Os rumores, boatos e escândalos pairam sobre aquela família como o *fog* londrino. Não quero o nome de nossa gente ligado aos Hawthorne. Não quero a linhagem Dutton conspurcada por sua união com aquela jovem.

Inconscientemente, Garth apertou o pão, espalhando migalhas pelo tapete. Forçando-se a manter um tom calmo, argumentou:

— Margaret Hawthorne é inteligente, bela, corajosa, admirável mesmo. Tem mais valor do que uma dúzia daquelas jovens fúteis que o senhor considera tão convenientes para mim. Se eu tivesse a sorte de desposar Maggie Hawthorne, eu a consideraria um ganho para nossa linhagem, e não um perigo.

O barão bateu a ponta da bengala no chão, mostrando seu desagrado. Em seguida, levantou-se:

— Houve um tempo em que eu poderia, talvez, enxergar algum mérito no que você acaba de dizer. Deus sabe que Adam Hawthorne não cometeu sequer a metade das loucuras que lhe foram imputadas, no decorrer da vida. Mas sua última aventura passou dos limites. Onde já se viu, envolver-se com uma mulher suspeita de assassinato! Eu o aviso, meu neto: se você se envolver com a irmã de Adam, deixarei o título de barão para seu irmão mais novo... E pode considerar-se excluído de nossa família!

Garth cerrou os dentes para não dar uma resposta da qual certamente se arrependeria, depois. Observou o avô sair da sala e ir para o hall. Não estava surpreso com a reação dele, diante da possibilidade de seu envolvimento com Maggie. Mas as palavras duras, pronunciadas com tanta veemência, eram como uma punhalada em seu coração. Garth amava o avô que, apesar das rabugices, era um homem bom e dedicado à família.

Com um suspiro, dirigiu-se à escada que conduzia ao andar superior da casa. Precisava tomar um banho e se trocar. Até seu encontro com o barão, não havia pensado muito sobre a possibilidade de casar-se com Maggie. Mas agora entendia que era essa sua vontade.

Contudo, não seria justo expor Maggie a uma família que jamais a aceitaria. Ela merecia muito mais do que isso, merecia toda a consideração e respeito do mundo.

No dia seguinte, Adam recebeu uma encomenda e gratificou o entregador com uma moeda. Tratava-se de uma estatueta, que ele havia encomendado de um antiquário de Bond Street, cerca de um mês antes, numa época em que sua vida era bem diferente. Não havia casos de assassinatos, nem beldades de olhos azuis e cabelos acobreados, nem crianças.

Adam dirigiu-se à sala de estar e colocando o pacote sobre uma mesa, abriu-o. A peça era uma escultura com cerca de quinze centímetros de altura. Representava a deusa Ísis carregando no colo seu filho, Hórus, e devia datar do final da dinastia ptolemaica.

Adam acariciou os entalhes perfeitos da pedra, perguntando-se por que teria se encantado tanto com o desenho daquela peça, no catálogo que anunciava sua venda. Talvez fosse a maneira como a mulher estava sentada, como se quisesse proteger a criança.

— É... linda.

Adam ergueu a cabeça, ao ouvir a voz de Chris. O menino tinha ido à estufa por várias manhãs seguidas. Mas a conversa entre ambos nada tivera de pessoal. Resumira-se apenas ao cultivo de orquídeas. Exceto por esses encontros, Adam continuava a manter distância do garoto.

— É verdade, Chris, esta peça tem algo de especial — concordou, dizendo a si mesmo que precisava encontrar tempo para dedicar-se àquele menino, que não era justo ignorá-lo. Mas toda vez que olhava para Christopher, lembrava-se de Robert, de Caroline, da traição. De nada adiantava apelar para o raciocínio, nesse momento. De nada adiantava pensar que, se tivesse se casado com Caroline, talvez tivesse um filho da mesma idade de Chris.

— Ela ama seu bebê e quer protegê-lo. — O comentário do garoto interrompeu-lhe as divagações.

— Creio que sim — disse Adam, admirando a percepção acurada do menino.

— Minha mãe era assim... Sinto tanta falta dela!

— Nem sempre a vida nos traz sofrimentos, Chris. Coisas boas também acontecem.

O menino não respondeu. Talvez não tivesse motivos para acreditar nisso, Adam pensou, observando a semelhança de seus traços com os Hawthorne.

A possibilidade de ele ser seu filho o inquietava. E se o garoto fosse mesmo dele? Caroline preferira não lhe contar nada. Preferira abandonar o filho, como um refugo. Com um brusco meneio de cabeça, Adam tentou afastar esse pensamento insuportável.

— Deseja alguma coisa, Chris?

O menino fitou-o com preocupação, enquanto dizia:

— Escutei Maude e Reggie dizendo que muitas pessoas acham que a srta.

Whitney matou um homem e poderá ser presa por isso.

Adam colocou a estatueta numa estante. Depois dirigiu-se ao garoto, num tom amável:

— Chris, as pessoas muitas vezes acusam as outras injustamente.

— Não acho que a srta. Whitney seja capaz de fazer mal a alguém.

Num impulso, Adam acariciou-lhe os cabelos.

— Concordo com você.

— Milorde não deixará que a prendam, não é mesmo? — indagou Chris, com os olhos marejados.

Preocupado com o futuro de Julia e ao mesmo tempo comovido com a atitude do menino, Adam respondeu:

— Não, Chris, não permitirei.

Mas sabia que não conseguiria cumprir essa promessa, se algo de novo não acontecesse, e logo.

Observou Chris sair do recinto e pensou novamente no *Madrigal*, que zarparia com a maré na manhã seguinte.

Estava na hora de encarar a realidade, decidiu. Julia teria de escapar, antes que fosse tarde demais. Assim que escurecesse, ele mesmo a levaria a bordo do navio, nem que tivesse de amarrá-la.

Sentada ao lado da janela, em seu quarto, Julia tentava se concentrar na leitura de um livro, sem muito sucesso.

Tornava-se cada vez mais pálida, com o passar dos dias. Adam bateu à porta e entrou, sem esperar que ela lhe desse permissão.

— Adam! — ela exclamou, fechando o livro. À luz dos raios de sol que penetravam no quarto, era possível ver o busto generoso de Julia, delineado sob o cetim rosa do penhoar. Adam sentiu-se enrijecer. Mas não havia tempo para emoções, agora. A situação requeria outra atitude, bem diferente.

— O que houve? — perguntou ela, apreensiva. — Aconteceu alguma coisa?

— Por enquanto, nada — ele respondeu, contemplando a paisagem através da janela. — Mas logo o cenário poderá mudar. — Após alguns instantes, voltou-se para Julia. — Escute bem... Chame Maude e peça-lhe para arrumar sua bagagem. Você partirá para as Índias, amanhã cedo.

— Índias? — Julia repetiu, colocando o livro numa mesa baixa e levantando-se em seguida. — Eu já lhe disse que não vou partir.

Adam segurou-a pelos braços.

— Vai, sim. Terá de embarcar naquele navio, nem que eu tenha de obrigá-la a isso, Não posso ficar impassível, vendo você ser levada para a prisão... ou para o patíbulo.

Ela ergueu o queixo, com ar de desafio:

— Essa decisão não lhe cabe, Adam. Sou eu quem deve decidir o que será feito de mim mesma. E me recuso a fugir!

— Por favor, me ouça com atenção, ao menos uma vez! — ele quase gritou. — Se você estiver a salvo, teremos tempo para descobrir o verdadeiro assassino. Mandarei

busca-la assim que ele for preso. Julia emocionou-se:

— Você quer mesmo me mandar embora?

Adam suspirou. Mesmo convicto de que essa atitude seria a mais indicada no momento, a perspectiva de perder Julia o assustava demais. Antes de conhecê-la, seus dias eram áridos e vazios. Suas noites eram povoadas por pesadelos e lembranças da guerra. Mas com a chegada de Julia, tudo mudara. Apesar da ameaça que pairava sobre seu futuro, ela trouxera alegria e luz a seu mundo de homem solitário e triste. Por tudo isso, ele nem se atrevia a imaginar como seria sua vida se Julia partisse, deixando-o novamente na escuridão.

— A decisão de mandá-la embora foi a mais difícil que já tomei, em toda a minha vida. — Tomando-lhe o rosto entre às mãos, beijou-a levemente nos lábios. — Mas, independentemente de meus sentimentos, você *precisa* partir, enquanto ainda é tempo.

— Meu pai me ensinou que nunca devemos fugir dos problemas. Quando fazemos isso, a situação se torna ainda pior. É por isso que não posso, nem quero escapar desse julgamento. Sou inocente e terei de provar isso, por mais difícil que possa parecer. Não tenho escolha, Adam, eu ficarei.

Adam pensou em insistir, tentar convencê-la a mudar de idéia, mas desistiu ao ver a energia, a determinação e a coragem que brilhavam nos olhos de Julia. Naquele exato momento, descobriu que a amava.

A idéia o atingiu com a força de um golpe, e ele ficou imóvel, sem saber o que dizer ou como agir. Depois de Caroline, prometera a si mesmo que nunca mais se envolveria com outra pessoa. Nem mesmo Maria conseguira alcançar seu coração. Julia, porém, o conquistara devagar, sem que ele percebesse. E agora, ali estava o resultado: era amor, não restava dúvida.

Pensou em fugir desse sentimento, mas compreendeu que seria inútil. Além do mais, sua atenção deveria concentrar-se em outro ponto, de suma importância: a vida da mulher a quem tanto amava. Inspirando fundo, procurou acalmar o coração disparado e disse, num tom sereno:

— Temos três dias até o julgamento... E ainda nos resta uma chance de encontrar o culpado. Não desistiremos.

— Obrigada — Julia agradeceu, com os lábios trêmulos.

Adam assentiu. Ainda não sabia o que fazer, com sua descoberta mais recente. Mas tampouco havia tempo para pensar nisso, agora.

— Tente descansar, Julia — ele aconselhou. — Tenho de resolver alguns assuntos. Conversaremos mais tarde, está bem? Vamos reexaminar todos os detalhes e ver se não deixamos passar nada.

E saiu do quarto, depois de abraçá-la carinhosamente.

Julia não conseguiu descansar, nem retomar a leitura. Olhou pela janela e observou o vento arrancar as folhas novas das árvores. Sentia-se inquieta, engaiolada como um pássaro recém-capturado. Precisava fazer alguma coisa, sair de casa ao menos um pouco, para espairar.

Escolheu um vestido de lã cinza e chapéu combinando, tirou a peliça do armário de jacarandá, ajeitou-a sobre os ombros e cerrou o fecho. Mesmo sabendo que Adam a repreenderia, desceu a escada e saiu pelos fundos da casa, rumo ao parque.

Por causa do frio, havia poucas pessoas na rua.

De súbito, avistou um homem alto, de cabelos castanhos, que chamou-lhe a atenção. Vestido com simplicidade, usava calça de sarja cor de areia e casaco marrom. Era um homem atraente e Julia não tardou a reconhecê-lo.

— Michael! — chamou, gratamente surpresa.

Ele aproximou-se, com um sorriso alegre no rosto simpático.

— Julia! Que incrível coincidência! Sabe que eu pensei em procurá-la, ainda hoje?

Julia lembrou-se do cartão que Maggie lhe entregara, depois da festa na casa dos Winston. Michael Aimes, segundo filho do marquês de Devlin, fora um dos alunos de seu pai. Julia lembrava-se muito bem da época em que o conhecera. Ele era um jovem atraente, quatro anos mais velho que ela, que na época havia completado dezesseis.

— Você está com ótima aparência, Michael. Há quanto tempo não nos vemos?

— Mais de dois anos, eu creio. Soube, há pouco tempo, da morte de seu pai. Por favor, aceite minhas sinceras condolências.

— Obrigada. Lady Margaret me contou sobre o encontro de vocês. Falou-me também sobre sua oferta generosa e deu-me seu cartão de visitas.

— Na verdade, era justamente por isso que eu ia procurá-la. Há um pequeno café, logo ali, depois da esquina. Vamos sair desta ventania e tomar um chá?

Feliz por ter encontrado um velho amigo da família, Julia deu-lhe o braço e acompanhou-o até o Crown, onde pairava no ar um aroma tentador de chá, café, salgados e doces recém-saídos do forno.

Ocuparam uma mesa redonda, ao lado de uma janela. Julia pediu café, e Michael pediu chá. Era bom ver um amigo, quando julgava não ter mais nenhum, ela pensou.

— Seu pai foi uma pessoa muito importante para mim. — Michael pôs um torrão de açúcar no chá quente. — Tanto ele quanto você foram muito bons para mim, numa época em que eu não sabia que rumo tomar, em minha vida. Mamãe havia morrido e meu pai sofria muito. Tenho uma grande dívida para com vocês dois.

— Ora, Michael, você não nos deve nada. Papai o admirava muito, não só por você ser um de seus melhores alunos, mas também por ser seu amigo.

Michael segurou-lhe a mão, num gesto de solidariedade e carinho.

— Li nos jornais a respeito do assassinato do conde de Fenwick. Posso imaginar o sofrimento pelo qual você está passando. Quanto a mim, não acredito em nenhuma palavra do que dizem, e gostaria de saber se existe uma maneira de ajudá-la.

Julia suspirou, com ar desolado.

— Eu gostaria que existisse, Michael. Mas não há nada que você ou qualquer outra pessoa possa fazer por mim. Minha única esperança é que o verdadeiro assassino seja descoberto.

— Não perca as esperanças. O dr. Garth Dutton é um dos melhores advogados da Inglaterra, além de ser muito conceituado e admirado por gente importante, como o duque e a duquesa de Rathmore, Greville e, claro, Adam Hawthorne, o conde de Blackwood.

Julia mexeu o café e tomou um gole. Esperava, sinceramente, que Michael não adivinhasse a verdadeira natureza de seu relacionamento com Adam, apesar dos comentários maldosos da sociedade.

— No julgamento — ele continuou — você contará sua versão dos fatos, com toda

a sua franqueza e integridade. Todos compreenderão que você só estará dizendo a verdade e, no fim, acabarão por inocentá-la.

— Espero, do fundo do meu coração, que acreditem em mim — Julia afirmou, convicta. — Quero ser inocentada de todas as acusações.

Michael sorriu, encorajando-a:

— E o que você pretende fazer, depois que tudo estiver terminado?

Julia preferia que ele não tivesse feito essa pergunta, que a forçava a admitir a verdade, que tentava negar fazia dias. Não se tornaria amante de Adam, independentemente de quanto ele precisasse dela e de quanto ela o amasse. Não conseguiria suportar uma situação dessas.

— Acho que não quero pensar nisso... — respondeu, por fim — talvez por medo de ter esperança. — Ela fitou os bondosos olhos castanhos. — Se eu for absolvida, talvez consiga trabalhar na casa de uma família, como preceptora. Sei que não será fácil, mas...

— Nesse caso, nós a ajudaremos. Meu pai está numa ótima situação, atualmente. Ele também respeitava muito o professor Whitney. Estivemos conversando sobre você, sabe? Ele também acredita em sua inocência. Portanto, assim que você se livrar das acusações, eu pedirei a ele que use sua influência para ajudá-la.

Julia sentiu um raio de esperança inundar-lhe o coração:

— Oh Michael, você faria isso por mim?

— Isso é muito mais. Prometo que farei tudo o que puder, para ajudá-la.

Terminaram o lanche falando de coisas mais agradáveis, como lembranças dos tempos de universidade de Michael e dos dias felizes que haviam passado na companhia do pai de Julia.

Ao voltar para casa, ela pensava no oferecimento de Michael, que estava disposto a ajudá-la a começar uma nova vida. Mas recusava-se a pensar em Adam, no quanto o amava e em como sua vida ficaria vazia sem ele. E, como se isso não bastasse, ainda havia aquela terrível ameaça pairando sobre sua cabeça.

A tarde caía quando Julia entrou no escritório de Adam.

— Onde esteve? — perguntou ele, irritado. — Fiquei sabendo, por Maude, que você saiu.

Julia passou por ele e foi até a lareira.

— Sim, fui dar uma volta. Precisava espairecer e respirar um pouco de ar puro.

Adam passou a mão pelos cabelos. Estava desgastado e tenso.

— Fiquei preocupado. Tive medo que algo de ruim houvesse acontecido.

— Na verdade, encontrei um amigo de meu pai, que soube de sua morte há pouco tempo. Ele estava justamente vindo para cá para me prestar condolências e oferecer sua ajuda.

Adam relaxou um pouco.

— Perdoe-me, mas meus nervos estão à flor da pele. — Entregando uma folha de papel, disse: — Acabei de receber esta mensagem de Fraser.

— E do que se trata?

— Os criados confirmaram que Madeleine Telford ficou em casa, em Hampstead Heath, na noite do crime.

Adam amassou o papel e atirou-o no fogo.

— Isso é demais!

Julia notou sua expressão angustiada e compadeceu-se. Adam estava mais nervoso do que o habitual. Parecia perturbado, também, por algo que ela não soube decifrar... O que seria?

— Bem, parece que Madeleine realmente não matou o conde — ela comentou. — Mas, pensando bem, nós nunca acreditamos que...

— Poderia ter sido ela — Adam a interrompeu. — Afinal, Madeleine tinha motivos para querer que ele morresse, antes de excluí-la do testamento.

— Isso, se ela soubesse que ele pretendia modificá-lo.

Adam não contestou. Pouco depois saiu, avisando que iria falar com Clayton, o duque de Rathmore.

Sozinha, Julia tentou não se entregar ao desânimo. Sentou-se no sofá da sala de visitas e pegou o bastidor para bordar. Minutos depois, Reggie pediu licença e entrou:

— Senhorita, o conde de Greville está aqui para falar com o major. Disse que é importante. Presumo que deva ser a respeito do julgamento.

— Pergunte-lhe se ele quer falar comigo.

Reggie afastou-se e voltou logo depois, acompanhado por Justin Ross, o conde de Greville. Ele era mais alto do que Adam, mas não tão bonito. Tinha olhos cinzentos, astutos e penetrantes. Julia cumprimentou-o num tom cortês e, em seguida, disse:

— Reggie deve tê-lo informado de que o conde de Blackwood saiu, mas não deve demorar. Em que posso ajudá-lo?

— Talvez *eu* possa ajudá-la, milady.

Julia sentiu a pulsação acelerada. Reggie saiu, depois de fechar a porta.

— Milorde aceita um chá? — Julia ofereceu.

— Não, obrigado. Não pretendo me demorar. Julia indicou-lhe uma poltrona e sentou-se no sofá.

— E então, milorde? — disse, tentando disfarçar a ansiedade.

— Creio que descobri algo importante sobre o assassinato do conde de Fenwick.

— Importante... — Julia repetiu, com voz trêmula.

— Como assim, milorde?

— Bem, como a senhorita já deve saber, Howard Telford foi à festa de Foxmoor, na noite do crime.

— Sim.

— Mas talvez a senhorita não saiba que ele não ficou na festa até o fim.

— O quê?

— Por volta de onze da noite, lorde Richard Maxwell e sua esposa foram dar uma volta no jardim, mais precisamente até um pequeno coreto que há por lá. Eles são recém-casados e suponho que desejassem um momento a sós.

— Ouvi dizer que foi um casamento por amor.

— Isso mesmo, milady... Coisa rara, em nossos dias. Quanto a mim, também tive

essa sorte. Casei-me com a mulher que amo e não poderia estar mais feliz.

— Faço votos que sua felicidade seja eterna, milorde — disse Julia, sabendo que ele se referia a Ariel, que estava esperando um bebê.

— Obrigado, milady. — Justin prosseguiu: — Bem, enquanto estavam no coreto, totalmente às escuras, lorde Richard Maxwell e sua esposa viram Howard Telford andando pelo jardim. Viram também quando ele saiu pelo portão que dá acesso à alameda, atrás da estrebaria. Howard demorou para voltar e, quando o fez, entrou pelo mesmo portão dos fundos, certamente para que ninguém o visse.

Com o coração aos saltos, Julia assustou-se ao escutar a voz de Adam, que acabava de entrar:

— E a distância entre a residência dos Foxmoor até Fenwick, em Grosvenor Square, é muito curta — Adam concluiu. — São apenas quatro quadras.

— Exatamente — Justin concordou. — O álibi de Howard Telford seria perfeito, se Maxwell e a esposa não o tivessem visto sair. Portanto, a partir dessa pista, acho que Howard terá de responder a algumas perguntas...

Julia estava quase sem fôlego. Ao voltar-se para Adam, viu em seu olhar o mesmo raio de esperança que a atingira. Mentalmente, fez uma prece de agradecimento.

Ambos passaram o resto do dia e parte da noite traçando um plano. Justin havia fornecido a primeira pista realmente significativa, no caso, e seria preciso utilizá-la com inteligência.

Adam mandou recados a Fraser e a Garth. Pouco depois, os dois chegaram a seu escritório. E foi nesse momento que Adam recebeu, também, a visita inesperada do duque e da duquesa de Rathmore.

— Temos novidades. — Cassandra abraçou Julia calorosamente e recebeu um beijo de Adam na face.

— Novidades muito interessantes, por sinal — Clayton comentou. Tomando a esposa pela mão, acomodou-a numa poltrona e sentou-se a seu lado, no braço estofado.

— Como vocês todos devem se lembrar, Howard e Madeleine saíram da cidade, logo depois do funeral do conde.

— Sim — Adam confirmou. — Eu mesmo os procurei. Queria fazer-lhes algumas perguntas sobre o crime, mas não consegui encontrá-los. Segundo os criados, Madeleine estava visitando alguns parentes, no campo, e Howard se encontrava em Fenwick Park, a propriedade que ele herdou do conde, em Hampshire.

Clayton sorriu.

— Nem Madeleine nem Howard estiveram onde disseram estar, na semana após o funeral.

— E para onde eles foram? — Julia perguntou, ansiosa.

— Não sei, mas o fato de ambos mentirem é uma coincidência surpreendente, não acham?

— Milorde está sugerindo que os dois podem ter trabalhado em conjunto? — Fraser quis saber.

— Estou dizendo que há uma boa chance de que ambos estejam envolvidos num romance. Cassandra fez algumas pesquisas e ouviu rumores que confirmam o caso.

— Céus!

— É provável que o conde de Fenwick tenha descoberto o *affair* — Adam opinou. — E por isso resolveu excluí-los do testamento.

— Não faz sentido. — Julia meneou a cabeça. — O conde queria que Madeleine voltasse a se casar, e teria ficado feliz se o assunto fosse resolvido em família. — Levantando-se do sofá, ela começou a andar de um lado para o outro. Estava tensa, mas esperançosa. — Desde o assassinato, tenho revivido aquela noite centenas de vezes. E cada vez que faço isso, lembro-me de como o conde parecia particularmente distraído. Eu o derrotei várias vezes no xadrez, coisa que era quase impossível de acontecer. Depois ele me mandou buscar aquele livro... Queria que eu lesse para ele em voz alta. Tudo isso aconteceu pouco antes de ele ser assassinado.

— Isso era incomum? — Adam quis saber.

— O que houve de diferente foi o livro... Quero dizer, o fato de o conde escolher uma obra de Lorde Chesterfield, que falava sobre a conduta cavalheiresca. Ele nem apreciava muito esse autor. Em suma, foi uma escolha estranha, mesmo para um conde. — Julia mordeu o lábio. — Aliás, eu sentia que aquela noite estava esquisita, embora não soubesse explicar por quê.

— Muito bem. — disse Adam. — Agora que sabemos que Madeleine e Howard mentiram, o que faremos?

— Talvez devêssemos examinar, novamente o escritório do conde, para ver se encontramos alguma nova pista — Clayton sugeriu.

— Não sei se eu deveria ouvir isso — disse Garth.

— Tem razão — Adam concordou. — Imagino que essa atitude pareça um tanto desconcertante para um membro da Suprema Corte.

— De fato. — Garth levantou-se. — Bem, se não precisam mais de mim, queiram me dar licença. Estarei em meu escritório o dia todo, amanhã. — E voltou-se para Julia. — Qualquer que seja o plano, eu lhe desejo muita sorte.

— Obrigada.

— Fraser, precisamos de um pouco de privacidade, agora — Adam disse ao detetive.

— Naturalmente. — Fraser ergueu-se. — Verei o que posso descobrir sobre o paradeiro de nossos suspeitos, depois do funeral. — Lançando um cumprimento geral, ele saiu, junto com Garth.

— Está falando a sério? — Adam perguntou a Clayton. — Acha mesmo que devemos invadir a casa de Fenwick?

— Entendo que, para um homem como você, essa atitude seja inconcebível — disse Clayton. — Mas se deseja provar a inocência de sua dama, é melhor mudar de opinião.

Adam fitou Julia por um momento, e então se decidiu.

— O que sugere, Clayton? — indagou. — Por onde podemos começar essa investigação?

— Sugiro que entrem pelos fundos da residência — Julia interveio. — Foi por lá que eu saí, na noite do crime. A porta é pouco usada e está parcialmente coberta de hera. Mas dá acesso ao escritório do conde. E eu sei onde fica a chave.

— Está bem — Adam aquiesceu. — Amanhã, depois da meia-noite, entrarei na casa e...

— *Entraremos* — Julia e Clayton o corrigiram, em uníssono.

— A idéia foi minha — Clayton argumentou. — Além do mais, se você for encontrar algo, precisará de uma testemunha digna de crédito...

— E eu também irei, pois conheço o caminho — Julia declarou, com determinação.

— De jeito nenhum — respondeu Adam, categórico. — Você terá de ficar aqui... para sua segurança.

— Eu vou — Julia teimou. — Conheço cada centímetro daquele escritório, até mesmo a gaveta escondida no fundo da escrivaninha do conde. Tenho uma chance muito maior de encontrar uma pista importante, do que vocês. Além do mais, é minha vida que está em risco.

Adam murmurou um palavrão, mas foi obrigado a ceder. Kassandra, sentada ao lado do marido, suspirou:

— Eu bem que gostaria de ir. Mas acho que três pessoas tentando invadir uma casa, sem serem vistas... é demais.

Inclinando-se, Clayton beijou-lhe a testa.

— É verdade, meu amor. Além disso, precisaremos de sua ajuda, se algo der errado e acabarmos todos na cadeia.

Capítulo V

Mais tarde, naquela noite, Garth chegou, conforme o combinado, à casa de Maggie. Já quase não havia tráfego na rua, quando ambos saíram para passear, num parque em frente à casa. Sophie lhes fizera companhia por um bom tempo, na sala de estar, mas acabara adormecendo. E, assim, ambos resolveram aproveitar a oportunidade para ficar a sós.

Garth passara a visitá-la todas às noites, desde que a salvara daquela festa, na residência de lorde Winston. Era sempre encantador e solícito. Tanto Maggie quanto Sophie adoravam ouvi-lo contar sobre sua infância, ou sobre os casos interessantes nos quais trabalhara. Sophie estava encantada com a perspectiva daquele rico advogado, herdeiro do barão Schofield, pedir a mão de sua sobrinha em casamento.

Maggie achava que a tia estava errada. Era óbvio que Garth a achava atraente e, de certo modo, a estimava. Aliás, ele não ocultava o desejo e a admiração que sentia por ela. Mas a família de Garth dificilmente aprovaria um enlace entre um Dutton e uma Hawthorne, independentemente do fato de Adam ser um conde. Essa certeza a deixava triste e sem esperança. Apesar disso, Maggie não tinha coragem de tocar no assunto com Garth. No fundo, tinha medo de ouvi-lo confessar que só a queria na cama e que não tinha intenção de desposá-la. Depois disso, o que mais ela poderia fazer, senão pedir-lhe que desaparecesse de sua vida?

Para evitar esse momento crucial, ela nada dizia. Mas sofria bastante.

Parando no meio do caminho, Garth fitou-a com carinho, enquanto indagava:

— Você parece tão distante, querida. Acha minha companhia tediosa?

Arregalando os olhos verdes, numa expressão surpresa, ela respondeu:

— Você sabe que não.

— Em que estava pensando? — Garth apanhou um cravo, delicadamente, e contemplou-o por um instante.

Maggie não sabia o que responder. Não podia confessar seus receios, por isso, mentiu:

— Em meu irmão e no julgamento.

— Seu irmão está apaixonado pela srta. Whitney.

— Adam sempre teve instinto protetor e, desde menino, luta a favor dos oprimidos. Isso não quer dizer que a ame.

Maggie torcia para que aquilo fosse verdade. Se Adam amasse verdadeiramente uma mulher, seria capaz de pedi-la em casamento, e acabaria sofrendo mais uma decepção. Assim, por mais que ela adorasse o irmão e quisesse vê-lo feliz, e por mais que tivesse se afeiçoado a Julia, rezava para que isso não acontecesse.

Mesmo que a inocência de Julia fosse provada, Adam jamais recuperaria sua reputação.

— Você não gosta da srta. Whitney? — Garth deu-lhe o cravo, com a mão levemente trêmula.

— Ao contrário, eu a estimo e admiro. Apenas, não sei se meu irmão é capaz de se apaixonar.

O olhar de Garth parecia acariciá-la sob os raios de luar.

— E será que lady Margaret seria capaz de amar? Maggie fitou-o, com o pulso acelerado.

— Depende. Talvez eu possa... se o homem certo aparecer.

Garth acariciou-lhe o rosto e Maggie estremeceu de desejo.

— E como seria esse homem?

Como você... Forte, determinado é belo como o pecado. O tipo de homem que tira meu fôlego.

— Ele teria de ser honesto e sincero. — Maggie girou a haste do cravo entre os dedos. — Gostaria, também, que ele fosse gentil... e corajoso, e solidário, para que pudesse me apoiar nas horas difíceis.

— E quanto à paixão? — Garth perguntou, baixinho. Maggie umedeceu os lábios.

— Bem... isso é muito importante. O homem ideal teria de ser forte, apaixonado e capaz de despertar meus mais secretos instintos de mulher.

Garth abraçou-a.

— Eu a faço sentir-se mulher, Maggie?

Ela não teve tempo de responder, pois Garth a beijou.

O que teve início com um leve toque de lábios logo transformou-se num beijo ardente, ousado, com as línguas se buscando, ávidas, transmitindo mensagens de pura

sensualidade. Maggie tremia de emoção. Mas, em vez de se assustar, deslumbrava-se, ao sentir o coração bater mais forte e o sangue ferver em suas veias.

Garth aprofundou ainda mais o beijo. E Maggie, erguendo-se na ponta dos pés, abraçou-o com força, sentindo o corpo dele pulsar, exigindo a consumação do que apenas começava.

— Temos de parar — Garth murmurou — antes que eu a possua aqui mesmo. — Mas não a soltou. Continuava a mantê-la junto a si, como se jamais pretendesse deixá-la se afastar.

Maggie suspirou. Não sabia se deveria sentir gratidão pela sensatez de Garth, ou se deveria protestar. Sua única certeza era que desejava continuar ali, para sempre.

— Você está trêmula. É melhor voltarmos.

Mas nenhum dos dois desejava isso. Relutante, por fim se desvencilhou do abraço.

— Minha tia ficará furiosa se acordar e descobrir que saímos sem permissão.

— Eu sei. — Garth acariciou-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

Por um instante, deu a impressão de que iria dizer algo, e a esperança acendeu-se no íntimo de Maggie. Mas um longo momento se passou, em silêncio. Garth meneou levemente a cabeça e, enlaçando-a pela cintura, levou-a de volta para casa.

Passaram pela sala de estar, viram Sophie ainda dormindo e voltaram até a entrada, onde pararam.

— Estarei ocupado, por algum tempo. Você sabe... O julgamento terá início em breve. Portanto, ficarei bastante atribulado.

Maggie aquiesceu, receando que ele aproveitasse a ocasião para não procurá-la mais.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, Garth.

Maggie ficou desapontada por ele não lhe dar um beijo de despedida. Ficou observando-o descer os degraus da varanda, e entendeu que o amava com uma intensidade que jamais imaginara ser possível.

A carruagem parou numa alameda próxima aos fundos da mansão do falecido conde de Fenwick, que agora pertencia a Howard. Aliás, ele já havia se mudado para lá.

Adam desceu, seguido por Clayton e Julia. Os três usavam trajes escuros. Adam e Clayton estavam vestidos de preto. Julia, com os cabelos presos num coque, usava um vestido cinza.

A noite estava fria, úmida e escura, a lua coberta pelas nuvens. A cidade parecia submersa numa névoa densa, que dificultava a visibilidade. Todos esses fatores contribuíam para que os três não fossem vistos. Além do mais, o sereno umedecia a terra, o que ajudava a abafar os passos.

Adam seguiu Julia até um pequeno portão nos fundos da casa. Uma coruja piou, assustada, e voou para longe.

Depois de muito confabular, os três haviam decidido entrar na casa logo após a meia-noite. Esperavam que, a essa hora, Howard estivesse numa festa, ou dormindo em seu quarto. Os criados já deveriam ter se recolhido, o que deixaria o piso inferior vazio. Assim, seria fácil entrar e sair sem que fossem notados. Ao menos era esse o plano.

Adam observou Julia caminhar diante dele e não pôde evitar a tensão. Continuava a recear os perigos a que ela se expunha, mas tivera de ceder aos seus argumentos persuasivos. Afinal, ela conhecia a melhor maneira de entrar e sair da casa, e essa fora a única opção que lhes restava.

Julia parou diante da pequena porta coberta de hera. Ao lado, havia um vaso de argila, coberto de musgo e cheio de folhagens. Tateando a terra sob as folhas, Julia retirou uma pesada chave de ferro, com a qual abriu a porta. Em seguida fez um sinal a Adam e Clayton, que a acompanharam.

— Por aqui — sussurrou, quando chegaram ao vestíbulo às escuras.

Em silêncio, Adam seguiu-a por um corredor estreito, que no final se dividia em dois: o da esquerda levava à cozinha. Julia tomou o da direita. Adam e Clayton estavam logo atrás. Seguiu por ali, até encontrar uma porta. Girou a maçaneta, abriu-a devagar e, assim, os três entraram num aposento amplo, sem janelas.

— Estamos na biblioteca particular do conde — ela avisou em voz baixa, pegando uma lamparina de latão que estava sobre uma mesa de canto.

Clayton acendeu a lamparina, que projetou facho de luz nas paredes cobertas por estantes cheias de livros.

— Venham. — Julia caminhou até outra porta e, abrindo-a, explicou: — Aqui é o escritório. Olhando ao redor com atenção, ela constatou que tudo continuava igual: os sofás, as poltronas de couro gasto e, sobre o console da lareira, o retrato da condessa, havia muito falecida.

Mantendo a chama da lamparina bem baixa, os três foram até as janelas e fecharam as pesadas cortinas cor de damasco. Só então Clayton aumentou o pavio da lamparina, enquanto Adam acendia outra. Julia suspirou de alívio por terem conseguido chegar até ali sem nenhum incidente.

Sob a luz amarela e suave, Adam notou-lhe a palidez e o nervosismo. Por um longo momento, ela fitou o local onde encontrara o conde, e um tremor a percorreu. Enlaçando-a pela cintura, Adam pediu: — Por favor, mostre-me o compartimento secreto.

— Por aqui...

Ela se aproximou da grande escrivaninha de jacarandá, que ficava defronte à janela. Atrás da escrivaninha, havia uma cadeira de couro de espaldar alto e, sob o tampo, havia uma pequena alavanca. Julia sentou-se na cadeira e puxou a alavanca. Em seguida abriu a gaveta central, que se abriu, trazendo em seu interior uma outra gaveta, secreta, que fora acionada pela alavanca.

— Está vazia — constatou, desapontada.

— Vá dar uma olhada na biblioteca — Adam sugeriu. — Enquanto isso, farei uma busca por aqui, com a ajuda de Clayton.

— Está bem.

Ela se virou para sair, mas Adam segurou-a pelo pulso e beijou-a rapidamente.

— Se algo der errado, saia daqui o mais depressa possível e volte para a carruagem. Lance a levará para casa.

— Sim.

Julia o beijou também e foi para a biblioteca. Adam rezou para que ela lhe obedecesse, caso ele fracassasse. Vasculhou as gavetas da escrivaninha, enquanto Clayton se ocupava de uma pequena estante, próxima à porta.

Ambos trabalharam em silêncio por uns vinte minutos. Adam verificava meticulosamente cada maço de papéis que encontrava. Mas não havia nada de útil, ali. A maior parte dos documentos referia-se a arrendamento de terras, certificados de ações e apólices de seguro. Ele estava analisando um relatório, quando a porta se abriu e Howard Telford entrou, empunhando uma pistola. Adam murmurou uma imprecação.

— Ora, vejamos! — Howard usava um roupão preto, com detalhes em dourado. Os cabelos em desalinho sugeriam que ele acabava de sair da cama. Erguendo o queixo, com ar desafiador, disse: — Temos visitas!

Adam evitou olhar para a porta da biblioteca. Esperava que Julia escutasse a voz de Howard e fugisse para a carruagem.

Mas estava enganado. Naquele exato momento, ela entrou, de cabeça baixa, folheando um livro.

— Adam, nem queira saber o que encontrei... — começou a dizer, antes de deparar-se com Howard. — Oh!

— Mas que cena interessante! — exclamou Howard. — Srta. Julia Whitney, confesso que não estou muito surpreso por vê-la aqui. Afinal, posso imaginar seu desespero, a esta altura das circunstâncias. — E voltou-se para Adam. — Mas estou admirado de ver um homem da sua posição, Adam Hawthorne, conde de Blackwood, rebaixar-se ao nível de um ladrão comum.

Adam notou que Clayton havia se escondido atrás da porta por onde Howard acabava de entrar. Ao menos isso, pensou, tentando não perder o controle. Encarando Howard com firmeza, disse:

— Tenho certeza de que milorde sabe que não entrei aqui com intenção de roubar. Mas, mesmo que eu fosse um ladrão, estaria em melhor posição do que um assassino.

O rosto flácido de Howard ficou vermelho.

— Milorde tem a audácia de me acusar? — reagiu, indignado. Recuando alguns passos, fechou a porta.

Com o canto do olho, Adam viu Clayton mover-se nas sombras, atrás de Howard, com uma pistola na mão.

— Não se faça de desentendido — Adam o provocou. — Milorde deve saber muito bem do que estou falando... Principalmente se considerarmos que seu álibi para a noite do crime foi anulado.

Howard apertou a pistola entre os dedos.

— Não diga asneiras. Naquela noite eu estava na festa dos Foxmoor. Metade da alta sociedade londrina me viu lá.

— É verdade — Julia concordou. — Mas duas pessoas o viram sair.

— Ela está certa. — Adam chamava a atenção de Howard de volta para ele. — Milorde ausentou-se o tempo necessário para caminhar quatro quadras até aqui, atirar no conde pela janela deste escritório, jogar a arma para dentro e voltar para a festa. Seria, de fato, um crime perfeito, se milorde não tivesse sido visto por duas testemunhas.

O rosto de Howard estava crispado pela raiva e também por um princípio de pavor. Mas sua voz soou assustadora, ao retrucar:

— Milorde sempre pensou que fosse muito esperto, não é mesmo? Afinal, milorde é um *major do Exército de Sua Majestade*. Mas tente pensar com clareza: e se eu saí da festa para dar um passeio? Acha mesmo que isso é motivo para me acusar de

assassinato?

— Milorde também mentiu sobre seu paradeiro, após o funeral do conde. Duas mentiras, meu caro Howard, despertam suspeitas.

— Não é o que me parece. Tenha certeza de que sua preciosa Julia Whitney será enforcada por assassinato.

— Ela não é culpada. — Adam fitou Julia rapidamente. — Mas disso milorde já sabia, não é mesmo?

Howard riu, com ar diabólico.

— E daí? E se eu lhe disser que também sabia que meu tio e a srta. Whitney estariam no escritório, naquela noite, como fizeram durante a semana inteira? E se eu lhe disser que atravessei o jardim, que os vi pela janela, e quando a senhorita foi até a biblioteca, atirei naquele velho egoísta e joguei a arma no chão, ao lado do corpo dele?

Adam ouviu o grito sufocado de Julia. Mas continuou encarando Howard.

— Que diferença isso faria? — Howard continuou. — Com sua reputação e seu envolvimento com essa jovem, quem acreditaria em sua palavra, milorde?

— Eu acredito. — A voz poderosa de Clayton soou no recinto mal iluminado. No instante seguinte, ele saiu das sombras, empunhando a pistola. Aproximando-se de Howard, disse: — Se quer minha opinião, *milorde*, acho que a melhor chance de salvar sua vida miserável, neste momento, será confessar seu crime e pedir misericórdia à corte.

A mão de Howard tremia. Ele transpirava em abundância, embora continuasse com a arma apontada para Adam.

— Eles não acreditarão em Vossa Graça. Todos sabem de sua amizade com Adam Hawthorne. Sabem que ambos estavam contra mim, desde o início. — Naturalmente, Howard não tinha certeza do que afirmava. O pânico se denunciava em sua voz trêmula. Foi então que ele virou a pistola para Julia.

Adam sentiu um calafrio na espinha. Num movimento rápido, Howard enlaçou Julia pelo pescoço, puxando-a de encontro ao próprio peito.

— Largue a arma! — ele ordenou a Clayton.

O coração de Adam batia forte. A culpa era sua. Não deveria ter permitido que Julia viesse. Precisava agir, rápido. Mas o medo não o deixava raciocinar.

— Jogue essa arma no chão! — Howard exigiu. — Agora!

Cuidadosamente, Clayton deixou a pistola no chão, diante de si.

— Muito bem, agora empurre-a para cá.

Clayton chutou, sem muita força, a pistola, que deslizou pela madeira polida, indo parar na biblioteca.

— Pronto. Já não temos arma. Agora, trate de soltar Julia — Adam comandou, lutando para controlar a fúria.

— Impossível — Howard respondeu. — A srta. Whitney e eu vamos sair agora. Se preza a vida dela, fique aqui, até que estejamos bem longe.

Julia enterrou as unhas no braço de Howard, mas ele a dominou com facilidade e arrastou-a até a porta da biblioteca.

Adam alcançou-os rapidamente. Mas deteve-se quando Howard ergueu a pistola e pressionou-a contra a têmpora de Julia.

— Se eu fosse milorde, não faria isso.

Howard continuou a recuar, passo a passo, e Adam sentia-se cada vez mais desesperado. Sabia que deveria manter a calma, mas, com a vida de Julia em perigo, sua paciência estava se esgotando. Não poderia deixar Howard sair daquela casa, ou nunca mais veria Julia novamente.

No instante em que Howard desapareceu no interior da biblioteca, Adam e Clayton se adiantaram. Quando se aproximaram um pouco mais, ouviram um tiro.

Um medo mais selvagem do que aquele que Adam já experimentara nos campos de batalha o atingiu em cheio. Junto com Clayton, precipitou-se na direção do som... Mas em vez de encontrar Julia, ferida ou morta, no chão, viu Howard de braços, com as costas do roupão manchado de sangue. No lado oposto do recinto, Madeleine Telford, muito pálida, segurava a pistola de Clayton com as mãos trêmulas.

— Eu... não pretendia atirar nele. Nós... estávamos juntos, no quarto, e Howard pensou ter ouvido um barulho no escritório. Desceu para ver o que era e eu vim pela escada de serviço. Eu... o ouvi confessar que matou o conde de Fenwick... Depois o ouvi ameaçar o conde de Blackwood e a srta. Whitney. Então, peguei a arma e...

Madeleine não concluiu a frase. Começou a chorar e Clayton tirou-lhe a arma da mão, enquanto Adam abraçava Julia. Sentiu-a tremer em seus braços e um calafrio o percorreu de cima a baixo. Nunca mais se esqueceria do terror que havia experimentado, ao pensar que ela fora assassinada.

— Eu... não pretendia matá-lo — Madeleine repetiu, num fio de voz. — Apontei... e nem sei como a arma disparou. — Ela continuou a chorar e Clayton a fez sentar-se numa poltrona.

— Milady salvou a vida da srta. Whitney — afirmou, num tom carregado de gratidão.

Atwater, o mordomo, entrou na biblioteca e viu o conde no chão. Olhou para Adam, depois para Clayton e para ambas as mulheres. Ficou sem ação, mas apenas por um instante. Logo em seguida saiu correndo para convocar as autoridades competentes.

Um movimento no chão, seguido de um gemido, atraiu a atenção de Clayton que, ajoelhando-se ao lado de Howard, anunciou:

— Ele ainda está vivo.

Adam aproximou-se e, juntos viraram Howard. Com uma expressão de dor, ele parecia procurar por Madeleine, enquanto balbuciava:

— Eu sempre a amei. — Sua respiração era difícil e o sangue jorrava pelo pequeno orifício feito pela bala. — Mas você... nunca gostou de mim, não é?

Madeleine estava lívida.

Adam tirou o casaco, dobrou-o e ajeitou-o sob a cabeça de Howard.

— Poupe suas forças. Atwater saiu em busca de ajuda. O médico chegará a qualquer momento.

— Foi idéia dela... não minha — Howard fitou-o, com um olhar vítreo.

Madeleine levantou-se depressa.

— Não sei do que ele está falando.

— Na noite em que ela veio... visitar meu tio... ele lhe contou que pretendia... alterar o testamento. Ela sabia... sabia onde ele... guardava a pistola. Ela a pegou... da

gaveta... e entregou-me, dizendo que... que teríamos de matá-lo.

— Ele está mentindo! — Madeleine gritou. — Não tive nada a ver com isso!

— Ele descobriu tudo, a nosso respeito... Descobriu que Madeleine traía Henry. Por isso... resolveu mudar o testamento. Ele achou que Henry havia se matado por causa... da infidelidade de Madeleine. — Howard fitou a mulher a quem tanto amava. — Mas Henry... nunca soube... da verdade. Isso eu posso... garantir.

— Cale-se, Howard — ela ordenou. — Por favor... se você me amou...

— Cale-se, milady — Clayton ordenou a Madeleine.

— Que verdade, Howard? — Julia perguntou. — A que verdade está se referindo?

Howard tossiu, arquejou e passou a língua pelos lábios trêmulos.

— Madeleine... fez parecer... que Henry se matou. Mas... não é verdade... Ela o matou.

Madeleine correu para a porta dos fundos da biblioteca, mas Clayton impediu-a de fugir, segurando-a fortemente pela cintura. Trouxe-a de volta e a fez sentar-se na poltrona:

— Por enquanto, milady não vai a lugar nenhum. Howard fixou em Julia seu olhar sem brilho.

— Foi ela... quem começou... os boatos a seu respeito.

— Oh! — Foi tudo o que Julia pôde dizer. A porta se abriu, dando passagem a seis oficiais.

Adam olhou para Howard, o recém-empossado conde de Fenwick, que agora parava de respirar.

Madeleine teve um ataque histérico, enquanto era arrastada pelos guardas até a velha carruagem que a levaria para a prisão, em Newgate.

Os criados da casa estavam alvoroçados, e com toda a razão.

Julia, aconchegada nos braços de Adam, assistia a tudo e apertava, na mão direita, o livro que havia pegado na biblioteca, o mesmo que o conde lhe pedira para trazer, na noite em que fora morto. Ao abri-lo, cerca de uma hora atrás, ela entendera tudo. E estava justamente indo dizer isso a Adam, quando vira Howard, apontando aquela arma...

Depois, tudo acontecera depressa demais.

— Foi este o livro que o conde me pediu para pegar, na noite do crime — ela disse a Adam, quando as autoridades e os criados se retiraram. — O autor é Chesterfield. Trata-se de algumas cartas escritas por um pai, a seu filho, a respeito do comportamento correto de um cavalheiro. Naquela ocasião, achei estranho que o conde quisesse ler este autor. Mas hoje entendi o motivo.

Ainda trêmula, ela entregou a Adam o pequeno volume encadernado que encontrara dentro do livro de Chesterfield.

— É o diário de Henry — explicou.

— Então foi assim que ele soube — Clay deduziu.

— Li apenas as últimas páginas, onde Henry menciona o quanto estava sofrendo com a infidelidade de Madeleine. Henry escreve que a amava muito e que não suportaria dividi-la com outro homem. Declara, também, que quando disse isso a Madeleine, ela

negou, porém de maneira não muito convincente. No final, Henry afirma sua intenção de divorciar-se.

— Por isso Madeleine o matou — Adam concluiu, com um suspiro.

— Madeleine teria perdido tudo — Clayton afirmou.

— Sim, mas com a morte de Henry, Howard tornou-se o próximo, na linha sucessória para o título. Se Madeleine fizesse o jogo certo, ainda poderia se tornar uma condessa.

Eram quase duas da manhã, quando a carruagem de

Adam saiu da alameda próxima à residência dos Fenwick. Seguiu primeiro para Rathmore Hall, a residência de Clayton e Cassandra.

Exaustos, mas aliviados, Adam, Julia e Clayton mantiveram-se calados durante o curto trajeto, Clayton estava abrindo a porta da carruagem para descer, quando Adam indagou:

— O convite que você e Cassandra fizeram a Julia ainda está em pé?

— Claro que sim.

— Ótimo. Então, se for conveniente para vocês, ela virá para cá amanhã à tarde,

— Certamente. — Clayton voltou-se para Julia. — Aguardaremos ansiosos a sua chegada.

Clayton saltou da carruagem e caminhou em direção à sua casa. Pela janela da carruagem, Julia viu a duquesa descer correndo a escadaria e atirar-se nos braços do marido.

— O que acontecerá com Madeleine? — ela perguntou, minutos depois, recordando-se dos horrores da prisão de Newgate.

— Não há como provar que Henry foi assassinado. Ela terá de enfrentar apenas as acusações de conspiração. Quanto à morte de Howard, ela poderá alegar que pensava em protegê-lo. Talvez seja deportada... Quem sabe? Mas Madeleine é o tipo de pessoa que sempre consegue sair das situações mais difíceis... Mesmo depois de trair, de agir inescrupulosamente e sem peso na consciência.

A amargura na voz de Adam fez Julia suspeitar que ele pensava na traição de Caroline. De súbito, ela sentiu os olhos marejados. Seu martírio terminara, o perigo passara... Mas o futuro permanecia nebuloso e mais incerto do que nunca. Teria de confiar em Michael Aimes, para iniciar uma nova vida.

— Está terminado — ela comentou, mais para si mesma.

Adam abraçou-a.

— Sim, Julia, é a liberdade... Nada de julgamento, nem prisão, nem ameaça de força. Nada mais para se preocupar.

Para ela, não era tão simples. Estava loucamente apaixonada por Adam. Só de olhar para ele, seu coração disparava... E suas esperanças caíam por terra. Não havia futuro, para ambos. Ela não podia se tornar sua amante, pois sua consciência não permitiria. Mas isso era tudo o que Adam tinha a lhe oferecer.

— Terei de ficar com o duque e a duquesa? — ela indagou.

O olhar de Adam suavizou-se, e ele beijou-a na testa, com carinho.

— Apenas por um tempo, meu amor.

Julia não fez comentários. Não entendia por que Adam havia tomado a decisão de afastá-la. Mas talvez essa fosse a atitude mais correta a tomar, no momento.

Uma rajada de vento soprou, com força, chacoalhando a carruagem. Pouco depois, começou a chover.

Julia adormeceu e acordou bem mais tarde, em seu quarto, vestida com uma camisola branca. Na fraca luminosidade que vinha das chamas da lareira, viu a silhueta de Adam caminhando rumo à porta.

— Adam?

Ele parou e virou-se.

— O que é, meu amor?

Ela partiria no dia seguinte. O tempo de ambos estava se esgotando. Mesmo sabendo que sua atitude poderia pôr tudo a perder, ela não se conteve.

— Não vá — pediu, docemente. Aproximando-se da cama, ele acariciou-lhe a face.

— Tem certeza? Julia estava certa de que sua atitude era errada. Mas, por outro lado, não havia nada que desejasse mais, no momento...

— Não me deixe sozinha — murmurou. — Não esta noite.

Adam abraçou-a com força. Depois afastou-se, apenas durante o tempo necessário para se livrar das roupas, e voltou.

Lá fora, a chuva se transformara numa forte tempestade. Raios riscavam o céu, trovões soavam ao longe, a ventania fustigava as venezianas.

Puxando Julia para si, Adam tirou-lhe a camisola. Julia pensou em quanto o amava e na falta que sentiria dele.

Depois de fazer amor, ambos ficaram deitados, exaustos e felizes. Acabaram adormecendo e, ao amanhecer, Julia sentiu outra vez a força do desejo de Adam. Ele a possuiu longamente, com todo o cuidado e carinho. No fim, ela voltou a adormecer... e não o viu sair.

Julia acordou bem mais tarde, mas Adam não estava a seu lado. Levantou-se, perguntando-se em que momento ele a teria deixado.

Uma batida soou, na porta. Era Maude, que depois de entrar e abrir as cortinas, saudou-a com um sorriso franco e anunciou:

— Precisamos arrumar sua bagagem. Não é todo dia que uma dama é convidada para ficar na casa de um duque.

Julia engoliu em seco. Teria de deixar a casa que fora seu refúgio, por quatro semanas. Pensou em Chris e em como se afeiçoara a ele... E, claro, lembrou-se da noite de amor que tivera com Adam.

Refletiu no quanto o amava, em tudo o que deixaria para trás, e estremeceu. Estava livre das acusações e das suspeitas, portanto, deveria sentir-se aliviada.

Mas enquanto Maude prosseguia com os preparativos, a tristeza encobriu seu coração como um manto pesado e escuro.

Na manhã seguinte, Maggie entrou na estufa quente e úmida, onde Adam cultivava suas orquídeas.

— Bom dia. — Ela se aproximou. — Reggie me disse que o encontraria aqui.

Adam, que cuidava de uma orquídea branca e púrpura, recebeu-a com um sorriso radiante, que fazia muito tempo que Maggie não via.

— Você está linda — disse, lavando as mãos. — A que devo o prazer de sua visita?

Maggie suspirou:

— Os boatos correm soltos, na cidade. O *Chronicle* afirma que Howard Telford confessou, antes de morrer, que foi ele quem matou o conde de Fenwick.

— Sim, graças a Deus.

— O artigo diz que você estava com Rathmore e Julia, quando Madeleine Telford atirou nele.

— Isso também é verdade.

Maggie rezara para que fosse um engano, para que Adam não tivesse participado desse último escândalo.

— Quer dizer que não há mais acusações contra Julia?

Adam sorriu, mais uma vez, com ar triunfante.

— Julia foi completamente inocentada de qualquer envolvimento na morte do conde. E pretendo me casar com ela, Maggie.

Maggie empalideceu. Aquilo não deveria estar acontecendo.

— Então... você deve estar apaixonado por Julia. Os olhos de Adam reluziam de alegria:

— Sim... No começo, foi muito difícil, para mim, lidar com essa forte emoção. Afinal, eu havia jurado que nunca mais me envolveria com ninguém. Mas Julia é diferente. É gentil, carinhosa, leal, corajosa. Quando estou com ela... — Ele meneou a cabeça. — Não sei explicar, mas... Julia faz com que eu me sinta como antes, sabe? Como antes de ir para a guerra.

Maggie amava o irmão e queria que ele fosse feliz. Mas não imaginava que a felicidade de Adam pudesse custar a *sua*.

Forçando um sorriso, abraçou-o com força.

— Estou muito feliz por você finalmente ter encontrado o amor, Adam.

— Pois é... Nunca pensei que pudesse amar alguém, depois de Caroline.

Maggie continuava a sorrir, apesar da dor em seu coração. Recusava-se a pensar em Garth e no que a família dele diria a respeito de Adam desposar Julia, uma jovem de péssima reputação. Qualquer esperança de um enlace com Garth desapareceria, no dia em que Adam se casasse.

— Onde está Julia? — ela perguntou. — Eu não a vi quando entrei.

— Ela está com Cassandra e Clayton, para evitar mais boatos. Hoje à tarde, vou comprar-lhe um anel de noivado. E talvez, no sábado à noite, nós quatro sairemos para comemorar. Quero levar Julia a um lugar especial, sabe? Pensei no Golden Chalice. Afinal, ela nunca foi cortejada, e quero propiciar-lhe uma noite inesquecível. Quanto ao meu pedido de casamento, será nos jardins de Rathmore Hall. Ah, imagino que será um momento maravilhoso, você não acha?

Maggie engoliu em seco, enquanto as lágrimas inundavam-lhe os olhos.

Erguendo-lhe o queixo, Adam constatou:

— Ora, mas você está chorando!

— É de alegria, Adam. Diga a Julia que estou muito feliz... por vocês.

De fato, uma parte de Maggie estava exultante. Fazia anos que se preocupava com Adam e seu futuro. Mas, agora, a situação estava tão diferente... Tão mais delicada!

Mesmo assim, ela desejava ao irmão toda a felicidade do mundo. Num impulso, beijou-o em ambas as faces, esperando que ele não notasse seus lábios trêmulos.

— Bem, querido, agora tenho de ir. Quero que me conte os detalhes, depois de oficializar o noivado.

Pouco depois, Maggie entrava em sua carruagem, pensando em Garth e lutando para não chorar. Ele não mais voltara a visitá-la. Era óbvio que soubera do escândalo, do tiroteio e da presença de Julia e Adam na cena do crime. Esse seria um assunto que demoraria a ser esquecido.

O julgamento de Madeleine não seria imediato e contaria com o testemunho de Adam e Julia. Durante gerações, a família Dutton mantivera-se afastada de qualquer espécie de escândalo. Se alguma vez houvera a mínima chance de Garth pedi-la em casamento, Maggie pensou, essa chance agora estava perdida.

A carruagem parou diante da casa de Sophie, e Maggie saltou. No momento em que entrou em casa, uma torrente de lágrimas lavou-lhe o rosto. Quase correndo, foi para o quarto e jogou-se sobre a cama.

Queria muito que o irmão fosse feliz, mas não esperava que essa felicidade destruísse a sua. A imagem de Garth estampou-se em sua mente. E, por um momento, Maggie desejou que jamais o tivesse conhecido.

Como pudera ser tão estúpida a ponto de se apaixonar daquele jeito?

— Margaret? — Sophie alarmou-se ao escutar os soluços da sobrinha, no quarto.
— Margaret, o que houve?

Maggie, sentada na cama, limpou depressa os olhos. Mas eles continuaram vermelhos e úmidos, enquanto Sophie entrava no aposento, com ar preocupado.

— Querida, diga-me o que aconteceu. Maggie deu um suspiro.

— Ah, tia Sophie, sou tão infeliz! — E voltou a chorar.

— Pronto, pronto, querida... — A velha senhora abraçou-a. — O que quer que tenha acontecido, não pode ser assim, tão ruim.

— É muito pior do que a senhora imagina.

— Vamos nos sentar diante da lareira, e então você me contará tudo.

Sophie conduziu-a até a sala de estar. Ambas sentaram-se diante da lareira, já acesa. Pouco depois uma criada entrou, com uma bandeja de chá.

— Pode deixar que eu sirvo — disse Sophie.

A criada saiu. A sós com Maggie, a velha senhora serviu duas xícaras e entregou uma a Maggie.

— Agora, me diga qual é o problema.

— O problema é que sou uma idiota, tia Sophie. Amo Garth Dutton... Só que ele jamais se casará comigo.

— Como não? É óbvio que ele está apaixonado por você. Será só uma questão de tempo, até que ele faça o pedido.

Maggie soluçou é a velha senhora entregou-lhe um lenço.

— Mesmo que ele quisesse, a família o proibiria. A senhora sabe como os Dutton são bem conceituados. Sabe, também, que Garth é o primeiro, na linha sucessória do baronato. Portanto, ele deverá desposar uma jovem que tenha o nome tão respeitado quanto os Dutton.

Sophie ficou pensativa, por alguns instantes. Então disse:

— Sei o quanto nossa família tem sofrido com esses escândalos, ao longo dos anos. O envolvimento de seu irmão com a srta. Whitney certamente não melhorou nosso conceito na sociedade. Mas, ao menos, ela foi inocentada. O fato de essa moça ter ficado na casa de Adam, durante esse tempo, foi realmente desastroso. Mas tenho certeza de que Adam a mandará para algum outro lugar, agora que o caso foi encerrado.

— Ele já fez isso. Julia está em Rathmore Hall, com o duque e a duquesa.

— Viu? As coisas estão melhorando. Aos homens são permitidas certas liberdades... E nós conhecemos o seu irmão. Mesmo que o *affair* continue, ele logo se cansará dela.

— Adam vai se casar com ela — Maggie anunciou, de um só fôlego.

Sophie quase deixou cair a xícara de chá.

— Santo Deus, isso não pode ser verdade!

— Ele fará o pedido formal, no sábado à noite. — Maggie parecia ainda mais infeliz. — Julia será a próxima condessa de Blackwood.

— Oh, não!

Maggie enxugou os olhos novamente, enquanto confessava:

— Eu gosto dela, tia Sophie, e quero que Adam seja feliz. Mas, por outro lado, não queria perder Garth...

Sophie endireitou-se.

— Garth é um homem enérgico e independente. Talvez isso não faça diferença, para ele.

Mas ambas sabiam que a verdade era bem outra. As chances de receber um pedido de casamento de Garth Dutton haviam começado a se extinguir no momento em que o último escândalo sobre os Hawthorne chegara aos jornais, e acabariam de vez, no dia em que Adam e sua amante se casassem.

— Eu tentei não me apaixonar — Maggie disse, baixinho. — Não sei como isso pôde acontecer.

Sophie sabia. Garth era bonito, charmoso, inteligente... E estava loucamente apaixonado. Deixando a xícara de lado, ela aproximou-se de Maggie e começou a tirar-lhe os grampos dos cabelos.

— Muitas vezes as coisas se resolvem por si, minha querida — disse, num tom carinhoso. — Não perca as esperanças. Por que não tenta descansar um pouco? Faça isso e, assim, se sentirá mais forte.

O cérebro da velha senhora trabalhava rápido. E logo ela tomou uma decisão: impedir que Adam se casasse com uma mulher marcada por tragédias e escândalos.

Adam caminhava pela casa, com saudades de Julia, e de péssimo humor.

Pela manhã, numa tentativa de se distrair, fora até um haras e comprara um lote de belos cavalos. Mas, ao voltar para casa, sentira-se novamente inquieto e triste.

Não acreditava que somente poucos dias antes descobrira que a amava. Até aquele momento terrível, em que quase a perdera, não imaginava o quanto gostava dela. Agora, a verdade ali estava: ele amava Julia com paixão, além de confiar nela, admirá-la, respeitá-la... Com tudo isso, seu sonho de construir uma família havia renascido.

Adam sorriu ao pensar nas compras que fizera naquela manhã, inclusive o anel de noivado que pretendia adquirir naquela tarde. Absorto, saiu da sala de estar e quase trombou com Chris.

— Nossa! Eu não o vi. — Adam sorriu. — Acho que meus pensamentos estavam longe.

Chris também sorriu, um pouco envergonhado.

— Milorde já plantou a nova orquídea? Pensei que... que talvez eu pudesse vê-la.

Adam havia mencionado a chegada de uma orquídea, que encomendara na Índia, e estava surpreso por ver um menino daquela idade interessar-se tanto por flores.

— Quer vê-la agora?

Chris respondeu com um sorriso radiante. E ambos saíram, juntos, para ver a flor branca e púrpura que ele havia replantado.

— Dizem que elas devem ser mantidas frias e secas, no inverno, depois da florada — Adam comentou. — Veremos se isso é verdade.

O menino fitou-o com uma expressão solene, antes de indagar:

— Eu ainda estarei morando com milorde, quando o inverno chegar?

Ajoelhando-se ao lado de Chris, Adam respondeu:

— No inverno, talvez voltemos a Blackwood Manor. Mas onde quer que estejamos, Christopher, Você estará conosco. Não se preocupe com isso.

— A srta. Whitney também irá?

— Espero que sim. — Adam suspirou, angustiado pela incerteza.

Amava Julia, mas não sabia quais eram os sentimentos dela por ele. Era verdade que o desejava... mas será que o amava, também? Àquela altura das circunstâncias, ele já aprendera que amor e paixão eram duas coisas bem diferentes.

— A srta. Whitney não está brava conosco, está? — o menino perguntou.

— Não, filho. Ela está visitando alguns amigos. Com um pouco de sorte, voltará a morar conosco, muito em breve.

Chris sorriu e Adam sentiu-se tomado por uma forte emoção. Por um instante, teve a impressão de estar vendo ser próprio reflexo, no espelho. Christopher... seu filho?

Naquele momento, isso realmente parecia não ter tanta importância assim...

* * *

No começo da tarde, Julia caminhou pelo longo corredor de mármore de Rathmore Hall, rumo ao imponente salão persa. Pela primeira vez, em muitos dias, o sol brilhava no céu. Mesmo assim, ela se sentia inquieta, como vinha acontecendo desde sua chegada.

A inquietação aumentou, enquanto ela se aproximava da mulher que a esperava,

no salão. Pouco antes, Henderson, o mordomo dos Rathmore, fora avisá-la de que lady Sophia Hawthorne queria lhe falar sobre um assunto importante.

Julia entrou no elegante salão, um recinto de teto alto, com paredes e colunas de mármore negro e detalhes em dourado.

— Lady Sophie?

A velha senhora virou-se para ela.

— Sim, querida. Sei que eu deveria ter mandado um recado, avisando sobre minha vinda... Mas um dos benefícios da velhice é não ter que se preocupar muito com pequenas regras de etiqueta.

— Muito prazer em conhecê-la — disse Julia, num tom polido. — Henderson vai nos trazer um chá. Milady não gostaria de sentar-se?

Sophie aceitou e, muito altiva, acomodou-se no sofá. Julia sentou-se numa poltrona em frente a ela. O chá chegou alguns minutos depois. Julia serviu e voltou ao seu lugar.

— Henderson disse que o assunto que a trouxe aqui é de suma importância, milady.

— É verdade. — Sophie tomou um gole de chá. — Vim conversar sobre um assunto... referente ao coração. — Colocou a xícara e o pires de porcelana numa mesa baixa e prosseguiu. — A senhorita conhece minha sobrinha Margareth?

— Sim, e gosto muito dela.

— O sentimento é recíproco. Sabe, ela é uma criatura maravilhosa. Não apenas linda e inteligente, mas também bondosa e muito sensata. É o tipo de pessoa que pensa mais na felicidade dos outros do que na dela própria.

Julia tomou um gole de chá, sentindo que precisava se acalmar.

— Não estou entendendo aonde milady pretende chegar.

— Então, talvez a senhorita não saiba que meu sobrinho está planejando pedi-la em casamento.

Julia estremeceu de cima a baixo. A xícara de porcelana tilintou contra o pires. Aquilo não podia ser verdade, ela pensou. E, sem que pudesse impedir, um raio de esperança atingiu em cheio seu coração, deixando-a zozua.

— Pela sua expressão, percebo que a senhorita ainda não considerou essa possibilidade.

— Na verdade, não pensei...

— E com razão — Sophie a interrompeu. — Pois, no fundo, a senhorita sabe que isso não pode acontecer.

Julia não respondeu. E a velha senhora prosseguiu:

— A senhorita deve entender que esse enlace não seria justo para Adam. Quanto aos boatos que correram a seu respeito, estou inclinada a acreditar que sejam falsos. Caso contrário, meu sobrinho não teria se apaixonado... Porém, a sociedade está convencida de que a senhorita é uma espécie de meretriz. E essa impressão não mudará. Se a senhorita se tornasse a condessa de Blackwood, a reputação de Adam, já manchada antes, estará totalmente arruinada. E isso é injusto, não apenas para ele, mas também para Margareth.

Julia sentiu uma forte pontada no peito.

— A senhorita é jovem, solteira... Certamente pode entender o que estou dizendo. Adam é o conde de Blackwood, é o expoente de nossa família. Sua responsabilidade se estende a todos que estão sob sua proteção e, em particular, à sua irmã mais nova. — Após uma pausa, Sophie prosseguiu: — Margareth apaixonou-se por um advogado chamado Garth Dutton, a quem a senhorita conheceu recentemente. Garth é o atual herdeiro de uma família tradicional, aristocrática e muito respeitada. Nem o barão Schofield, nem qualquer outro membro da família Dutton, aprovará um casamento entre Garth e Margareth, se uma mulher como a senhorita... ou seja, se uma jovem com sua reputação tornar-se cunhada de Margareth.

Julia estava atônita. Em dois minutos, seu maior sonho se tornara um pesadelo e seu coração ficara destroçado.

— Se Adam me pedir em casamento e eu recusar, ele vai querer saber o motivo. E pensará que não o amo. Poderá imaginar que eu o traí, como Caroline Harding.

Sophie levantou-se.

— Minha querida, deixarei isso a seu critério. A senhorita deve ser inteligente. Caso contrário, não despertaria a atenção de meu sobrinho. Tenho certeza de que será capaz de falar com ele, sem magoá-lo de um modo irreversível.

Julia quis dizer algo, mas a voz não lhe obedecia.

— Tomarei seu silêncio como concordância. Se a senhorita ama de verdade meu sobrinho, sei que fará o que for melhor para ele e sua família.

Julia fez um leve aceno de aprovação e levantou-se. Mas seu desespero devia estar visível, pois Sophie fitou-a com simpatia.

— Sinto muito, minha querida. Eu bem que gostaria que as coisas fossem diferentes... Mas, infelizmente, esta é a realidade. — E Sophie saiu, em direção ao hall, onde o mordomo a aguardava.

Assim que o som dos passos de Sophie desapareceu, Julia deixou-se cair numa cadeira, ao lado da porta, exausta, entorpecida e enjoada. Desde sua chegada a Rathmore Hall, sentia-se preocupada e inquieta. Clayton e Cassandra procuravam apoiá-la, dizendo que não se preocupasse, que tudo se resolveria, que Adam a adorava.

Puro engano. No final das contas, Sophie era quem tinha razão. Sophie acabava de lhe mostrar que nada poderia dar certo. Não seria justo sacrificar a felicidade de Maggie em função da sua própria. A sociedade a via como uma meretriz. O julgamento de Madeleine só pioraria a situação. E, mesmo quando tudo terminasse, sua reputação continuaria a mesma.

Julia saiu do salão, subiu a escada e foi para o quarto, sentindo as pernas pesadas como chumbo. Pensou em Adam e no quanto o amava. Seria mesmo verdade que ele tencionava pedi-la em casamento? Mas, àquela altura, mesmo que ele o fizesse ela não poderia aceitar. Teria de fingir que não o amava... Teria de encontrar um modo de dizer-lhe isso, sem magoá-lo... Mas como?

No dia seguinte, Julia recebeu um recado de Adam, convidando-a para ir, na noite seguinte, junto com Cassandra e Clayton, ao Golden Chalice, um dos mais caros, conceituados e exclusivos restaurantes londrinos, onde trabalhava um *chef* de renome.

Ela entendeu, imediatamente, que Adam planejava algo especial, e que já contava com a aprovação dos amigos.

Lady Sophie estava certa, ela concluiu. Adam preparava-se para pedi-la em casamento. Fechou os olhos por um instante, achando que não suportaria o sofrimento.

Amava Adam mais do que tudo no mundo, e seu maior desejo era tornar-se sua esposa.

Julia passou o dia sozinha, no quarto, pensando em como faria para recusar o pedido do modo mais delicado possível. Cassandra foi procurá-la, animada com o convite de Adam, e preocupou-se ao vê-la deprimida e pálida.

Naquela noite, Julia desceu para jantar sem conseguir disfarçar a tristeza.

— Tem certeza de que está se sentindo bem, querida? — Cassandra indagou durante a refeição, que constava de perdiz assada com ostras recheadas.

— Estou apenas um pouco cansada — Julia respondeu, forçando um sorriso. — Ando inquieta, estes dias.

— Se for por causa de Adam, não se preocupe — disse Clayton. — Hoje, pela manhã, eu o encontrei no Tattersalt's. E ele só falava no seu nome, e no jantar que planejou para todos nós — acrescentou, trocando um olhar significativo com a esposa. O que ambos pensariam, quando ela recusasse o pedido? Julia se perguntou. Na certa, supunham que ela e Adam tinham sido amantes, e a considerariam como uma vadia, além de ingrata. Essa seria, também, a opinião de Adam a seu respeito.

De súbito, ocorreu-lhe que sua única saída seria impedir que Adam tocasse no assunto do casamento. Se pudesse fazer isso, talvez conseguisse evitar o pior.

Julia mal tocou na comida. No final da refeição, pediu licença e voltou para o quarto, recusando o convite para jogar cartas.

No dia seguinte, ela deixou a residência dos Rathmore. Tinha traçado um plano e precisava colocá-lo em prática. Para começar, teria de enviar uma mensagem a Michael Aimes, pedindo-lhe um favor especial e, certamente, bem mais complicado do que ajudá-la a encontrar um emprego.

Sentindo-se cansada e nervosa, seguiu na carruagem até Bond Street e pediu ao cocheiro que a deixasse em frente a uma loja, com o compromisso de voltar para buscá-la, em duas horas. Assim que o veículo desapareceu, no final da rua, ela foi até um ponto de aluguel de carruagens e pediu ao cocheiro que a levasse até a casa de Michael Aimes, em Roderick Lane.

Michael recebeu-a calorosamente. Levou-a até uma sala de estar, onde falaram a respeito de Howard Telford, da noite do crime e de todos aqueles acontecimentos surpreendentes. Michael a ouvia com atenção, mostrando-se aliviado por vê-la finalmente livre das acusações. A certa altura, contou-lhe que, com a ajuda do pai, já começara a procurar um emprego para ela.

Julia agradeceu seu empenho e então abordou o assunto que a trouxera até ali:

— Sinto muito, Michael, mas preciso lhe pedir outro favor.

— Sim?

Ela começou a falar sobre o plano que havia arquitetado. Michael espantou-se e, levantando-se, visivelmente inquieto, começou a andar de um lado para o outro da sala.

— Sei que é pedir demais — ela admitiu. — Se você estiver preocupado com sua reputação...

— De modo algum. Não é isso que me preocupa e sim esse seu plano, um tanto... estranho. — Fitando-a com apreensão, ele perguntou: — Tem certeza de que é isso mesmo que você quer?

— Preciso fazer isso, Michael. — E Julia explicou que não lhe restava alternativa. Amava Adam, com todo o seu coração, e justamente por isso, não podia ser a causa de

sua ruína, nem da família Hawthorne.

Michael discordou com veemência. Questionou-a por um bom tempo, mas, no fim, acabou cedendo.

— Está bem. Eu a ajudarei.

— Obrigada, meu amigo.

Julia voltou à carruagem, convencida de que o plano daria certo. Com a ajuda de Michael, poderia forjar o pretexto de que tanto precisava, para recusar o pedido de Adam.

No sábado, Julia aprontou-se com esmero, lutando contra uma sensação de náusea que a perturbava desde cedo. Devia ser por conta do nervosismo, do cansaço... e do coração aos pedaços. Mas nem por isso ela desistiria de seu plano.

Olhando-se no espelho, Julia disse a si mesma que cumpriria a promessa feita a lady Sophie, embora, para isso, tivesse de representar um papel... O mais difícil papel de sua vida.

Adam terminou de catalogar sua aquisição mais recente, uma máscara da época de Amenhotep III, forjada em ouro, com brilhantes desenhos geométricos em azul e vermelho. Depois de fazer as anotações necessárias, fechou o pesado volume encadernado em couro, no qual estavam relacionadas todas as peças que havia adquirido, ao longo dos anos. Em seguida, recostou-se na poltrona. Com um sorriso de satisfação, tirou do bolso do casaco uma pequena caixa de madeira entalhada e abriu a tampa.

Sobre o forro de cetim branco estava o anel, tendo no centro um diamante rodeado de rubis. Adam havia passado vários dias visitando lojas de jóias, até encontrar aquela, que parecia ideal para Julia... Algo que refletisse sua beleza, mas que também simbolizasse sua coragem e energia.

Agora, ele mal podia esperar para ver a reação de Julia, quando recebesse o anel.

O som de uma batida na porta interrompeu-lhe os pensamentos. Adam fechou a caixa e guardou-a no bolso, antes de ordenar:

— Entre!

— Desculpe-me por interrompê-lo, major — disse Reggie. — A srta. Whitney está aqui e eu a levei ao salão dourado.

Adam sorriu. Julia não deveria ter vindo à sua casa... Afinal, não ficaria bem, para uma noiva, ir sozinha à casa de seu futuro marido. Tudo mudara muito, desde que ela fora inocentada da acusação de assassinato. Agora, as coisas eram bem diferentes. Mas, se antes ele não se importava com o que poderiam dizer as más-línguas, agora essa possibilidade o incomodava menos ainda.

Se Julia estava ali, ele queria vê-la.

Levantando-se, seguiu Reggie até o salão. Julia ergueu-se ao vê-lo entrar. O vestido de musselina azul, com botões em formato de rosa, e o chapéu sobre os cabelos presos, deixavam-na com um aspecto ainda mais belo e inocente. Adam sentiu-se invadido por uma onda de amor, que quase o impedia de falar. Por fim, tomando fôlego, ele disse:

— Doçura... você está bem?

Ela assentiu com um sorriso, e Adam supôs que ela estivesse contente em vê-lo.

— Precisamos conversar, Adam.

Tomando-lhe as mãos enluvadas, curvou-se e beijou-lhe as faces.

— Que bom receber sua visita! — Adam nunca se sentira tão desajeitado.

— Também estou contente em vê-lo.

Adam levou-a até o sofá de listras douradas, defronte à lareira. Convidou-a a sentar-se e acomodou-se a seu lado, sem soltar-lhe a mão. Perguntou-se se Julia também não estaria constrangida.

— Espero que você tenha ficado bem, nos últimos dias.

— Senti muito a sua falta. Preferiria não tê-la deixado partir.

Mas isso já não importava, ele pensou. Quando se casasse com Julia, poderia tê-la para sempre a seu lado.

— Bem, eu preciso lhe falar...

Adam notou que ela estava tensa, e isso o preocupou:

— Vejo que parece pálida, Julia. Não estará doente?

— Estou bem, obrigada, sem nenhum problema de saúde. Mas precisamos conversar... sobre outro assunto. — Julia segurou-lhe a mão. — Primeiro, quero agradecer por tudo o que você fez por mim. Se não fosse por sua ajuda, eu passaria o resto de minha vida na prisão... ou seria enforcada.

Adam não respondeu. Seu sexto sentido o preveniu de que algo estava errado, e seu coração disparou.

— Gosto muito de você. Nunca, em toda a minha vida, encontrei um homem tão maravilhoso. Você é inteligente, bondoso e leal... Em suma, é o melhor amigo que já tive.

Adam enrijeceu. Soltando a mão trêmula de Julia, indagou:

— Amigos? É apenas isso que somos? Ela engoliu em seco.

— Você sabe que não. Afinal, fomos amantes, não é mesmo?

Adam fitou-a com estranheza:

— Por que não diz logo o que está acontecendo?

— Existem fatos que não lhe contei, e que ocorreram antes de minha vinda a Londres. — Nos olhos azuis, geralmente plácidos como um céu de verão, havia uma expressão de angústia, como se de repente nuvens densas se formassem no horizonte, prenunciando uma forte tempestade. — Certa vez amei um rapaz, que era aluno e amigo de meu pai. Ele foi para Oxford, pouco antes de meu pai falecer. E eu... bem... eu não podia imaginar que voltaria a encontrá-lo.

— Mas foi o que aconteceu. — Adam não queria escutar o que Julia tinha a dizer. Viu que seus lábios tremiam, assim como suas mãos. Viu que ela estava sofrendo. Quis consolá-la, mas se conteve. Não podia abraçá-la. Não antes de saber aonde Julia pretendia chegar.

— Sim, eu o vi outra vez, outro dia, perto daqui — ela continuou. — Acho que lhe contei sobre isso, lembra-se?

Adam assentiu:

— Sim. E então, o que houve?

— Eu o encontrei de novo, há dois dias, em Bond Street, por puro acaso. O

encontro não foi planejado. Fui fazer compras e lá estava ele, que, aliás se chama Michael Aimes. Conversamos um pouco e ele disse que pretendia me fazer uma visita.

— Prossiga.

— Michael leu sobre o julgamento nos jornais. Eu não sabia que ele tinha vindo a Londres só para me encontrar... Mas foi isso que Michael me confessou, nesse dia. Declarou que me ama e quer se casar comigo.

Era isso que eu pretendia fazer, Adam respondeu, em pensamento. *Mas só se você me amasse*. Julia segurou-lhe a mão.

— Os dias e as noites que passamos juntos foram maravilhosos, Adam. Conteí a Michael sobre nós, sobre nossa amizade... E também sobre nossa intimidade. Afinal, eu não podia mentir, sabe? Ele afirmou que isso não importava, que nada importaria, contanto, que ficássemos juntos.

Perplexo, atordoado, Adam indagou:

— Você que dizer que... está apaixonada por ele?

— Eu o amo — Julia declarou, com voz trêmula. — Na verdade, creio que sempre o amei.

— Nesse caso, presumo que não esteja apaixonada por mim. — Adam fazia um incrível esforço para falar com naturalidade, mas era impossível. Levantando-se, ele foi até a janela e tomou fôlego. Ficou em silêncio por alguns instantes e então voltou-se para Julia. — Eu esperava... que ficássemos juntos.

— Sim, houve um período em que eu também pensei nisso. Mas não poderia ser feliz como sua amante... E agora que reencontrei Michael...

Julia não concluiu a frase. Nem era preciso. Afinal, tudo já estava dito. Erguendo-se, ela se aproximou de Adam. Num tom conciliatório, pediu:

— Por favor, Adam, não fique com raiva de mim. Eu deveria ter lhe contado sobre Michael. Mas nunca imaginei que ele um dia voltaria a fazer parte de minha vida. — Julia desviou o olhar, mas ele percebeu as lágrimas em seus olhos.

Observando-a com atenção, compreendeu que Julia sofria... por ele. Isso significava que o amava, de algum modo, mesmo que fosse como amigo, e que não queria, de modo algum, fazê-lo sofrer.

Uma calma estranha o invadiu. Pela primeira vez, ele entendia o verdadeiro significado do amor.

Quando se ama alguém de verdade, a felicidade desse alguém é mais importante que a nossa, ele concluiu. *Então, descobrimos que somos capazes de qualquer coisa para evitar que o ser amado sofra. Somos capazes até mesmo de sacrificar os nossos maiores desejos.*

Fitando-a com intensidade, compreendeu que ela sofria... Sofria porque não queria fazê-lo sofrer. Comovido, tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Se nada disso tivesse acontecido, Julia, eu não a teria conhecido. Nós nunca teríamos feito amor e eu não sentiria sua falta.

Ela soluçou, indiferente às lágrimas que agora corriam livremente por seu rosto.

— Sinto muito, Adam... mas as coisas não deram certo, entre nós.

— Você sente que será feliz ao lado desse homem? Ela assentiu, em silêncio.

Adam beijou-a suavemente nos lábios... Seria o último beijo que daria em Julia,

pensou, com o coração partido. Erguendo-se na ponta dos pés, ela correspondeu ao beijo, com todo o ardor... Como se o amasse de verdade, como senão fosse Michael, e sim ele, o homem escolhido por seu coração. Em seguida, afastou-se.

— Seja feliz, Adam... Faça isso por você... e por mim.

— Cuide-se bem, meu amor.

— Está certo. Diga a Cassandra e a Clay que jamais esquecerei o que fizeram por mim.

— Eu direi.

Tomando-lhe a mão, Julia pressionou o rosto contra a palma, num gesto de infinito carinho.

— Não me esqueça, Adam.

— Não esquecerei — ele prometeu, com voz rouca. Estava à beira das lágrimas, mas não queria chorar diante de Julia. — É melhor você ir, agora.

Ela saiu, chorando.

Adam não se lembrava de ter sentido tamanha tristeza, em toda a sua vida. Enfiou a mão no bolso, tirou a caixa com o anel e deixou-a sobre uma mesa, antes de sair do salão.

Julia deixou Londres na manhã seguinte. Os juizes concluíram que o testemunho dela não seria necessário no julgamento de Madeleine. A palavra de um duque e de um conde já bastariam.

Sem essa preocupação em mente, Julia hospedou-se na casa de alguns amigos de Michael, em Woburn Abbey.

Até que, um dia, ele mandou-lhe um recado, avisando-a de que havia conseguido um trabalho para ela.

Uma semana mais tarde, Julia mudou-se para a casa de campo de Phyllis e William Marston, conde e condessa de Richmond, amigos do marquês de Devlin, que era pai de Michael.

O conde, já grisalho, tinha cerca de quarenta anos. Ainda era atraente, possuía uma inteligência privilegiada e um senso de humor admirável. Sua esposa era bem mais nova, um tanto acanhada e louca de paixão pelo marido. Tinha um corpo elegante e esguio, apesar de já ter dado à luz três filhos.

O casal oferecera a Julia um cargo de preceptora, que ela aceitara, aliviada. Michael dera-lhe a oportunidade de começar uma vida nova, e ela lhe seria eternamente grata por seu apoio e generosidade. Porém, não o amava. Estava apaixonada por Adam e nada no mundo poderia mudar esse fato.

Apesar de tudo, ela se esforçava ao máximo para se adaptar à nova rotina. Além do mais, gostava do trabalho e também das crianças,

Jeremy, Rachel e Winnie.

Um mês se passou. Julia dizia a si mesma que deveria estar feliz... Estaria, se não fosse o profundo vazio que a falta de Adam lhe causava.

Algum dia conseguiria superar aquela dor?, perguntava-se, às vezes. E tinha a nítida impressão de que a dor, assim como seus sentimentos por Adam, jamais se extinguiriam.

Maggie saiu do Royal Opera House, de braço dado com Garth e com Sophie. Durante as últimas semanas, Garth acompanhara as duas por toda a Londres, cortejando Maggie publicamente e deixando bem claras as suas intenções.

Sophie estava radiante.

Quanto a Maggie, nunca estivera tão feliz. Recebera, com um misto de surpresa, tristeza e esperança, a notícia do fracasso do pedido de casamento de Adam. Por um lado, compadecia-se do sofrimento do irmão. Mas se Julia amava outro homem, então Adam não deveria mesmo desposá-la.

— Gostou da ópera? — a voz profunda de Garth a trouxe de volta ao presente.

Sob o facho amarelado de um poste de iluminação, Maggie admirou a curva levemente sensual da boca de Garth e o brilho de seus cabelos dourados.

Não havia dúvidas, ela pensou, com o coração aos saltos. Garth era, de longe, um dos homens mais belos que já conhecera, e o único por quem se apaixonara.

— Gostei muito — respondeu, por fim.

— Então teremos de repetir o programa.

Era o que ela esperava. Na verdade, desejava ficar com ele todas as noites e todos os dias, por toda a eternidade.

O trajeto para casa foi feito na carruagem de Garth, que divertiu ambas com relatos engraçados sobre um caso no qual trabalhara, muito tempo atrás. Depois, os três comentaram a ópera a que tinham assistido. E foi nesse clima cordial e alegre que chegaram à casa de Sophie.

Após um chá, servido na sala de estar, Garth pediu a permissão de Sophie para falar com Maggie em particular.

Maggie sentiu o coração disparar novamente. Teria ele falado com Adam e conseguido a aprovação para fazer o pedido?

Sophie pediu licença a ambos e retirou-se.

A sós com Maggie, Garth fechou as portas da sala e, num impulso, tomou-a nos braços. Durante as últimas semanas, fora apenas cortês, limitando-se a segurar-lhe a mão e a dar-lhe alguns beijos discretos. Mas agora ele a beijava com ardor, como se quisesse recuperar o tempo perdido.

Maggie correspondeu ao beijo, coma força do sentimento que a dominava, e sem restrições.

— Garth... — ela sussurrou, quando por fim os rostos se afastaram.

— Case-se comigo, Maggie. Sei que sou apenas um advogado... mas, neste momento, só posso admirar sua beleza e afirmar o quanto a desejo. Amo você, com toda a força do meu coração. Por favor, diga que aceita meu pedido.

Maggie abraçou-o com força.

— Também amo você, Garth — declarou, com lágrimas nos olhos, tamanha era a emoção que a invadia.

— Sim, sim, eu me casarei! Não há nada que eu deseje mais neste mundo!

— Não quero um noivado longo — Garth afirmou.

— Deus é testemunha de que eu não suportaria esperar por muito tempo.

— Então, podemos começar a providenciar os documentos amanhã.

— Isso mesmo!

Garth abraçou-a com força. Maggie chorava de alívio e alegria. Garth a amava, e estava disposto a ficar a seu lado, para sempre.

De súbito, lembrou-se do rosto de Adam, no dia em que ele lhe contara que Julia iria se casar com outro homem, e sentiu que uma nuvem de tristeza, embaçava aquele momento perfeito.

Se ao menos Adam também pudesse encontrar a felicidade...

Adam entrou na estrebaria de Blackwood Manor, onde chegara, na véspera, com Maude, Reggie e Chris.

Sentiu o cheiro do feno, escutou o som característico dos arreios e o relinchar dos cavalos, e disse a si mesmo que deveria ter vindo antes.

Em vez disso, ficara na cidade, incapaz de fazer outra coisa, senão sofrer. Era uma insensatez, sentir-se tão abandonado e perdido, mas o fato era que não conseguira evitar a dor. Mas deveria ter previsto, desde o início, que sua relação com Julia estava destinada ao fracasso. Afinal, não fora sempre assim?

Contudo, sentia-se grato por tê-la conhecido e partilhado de sua vida, ainda que por pouco tempo. Embora as noites parecessem infundáveis sem ela, os pesadelos não mais o afligiam. Além do mais, aquela sensação de vazio de antes já não o atormentava. E tudo por causa de Julia! Ela o ensinara a lidar com o passado doloroso, ajudara-o a ser amigo de Christopher.

Um sorriso insinuou-se nos lábios de Adam. A inteligência do garoto o surpreendia. Christopher interessava-se por tudo, era fascinado pela vida e tinha uma percepção incrível.

— A srta. Whitney virá conosco? — ele perguntara, na noite anterior, enquanto saíam de Londres.

Com uma pontada no coração, Adam respondera:

— Não, Christopher... Ela não virá.

— Por quê? Pensei que ela gostasse de nós.

— Ela gosta, principalmente de você. A srta. Whitney vai se casar e, algum dia, terá seus próprios filhos.

— Sentirei falta dela — Christopher afirmara, baixando os olhos.

— Eu também — Adam confessara.

Talvez a relação de ambos tivesse se fortalecido, devido à perda de alguém a quem amavam, ele pensou. Talvez aquela estada no campo, em meio às colinas verdes de Blackwood Manor, o ajudasse a esquecer Julia ou, pelo menos, a suportar melhor sua ausência.

Alguns dias mais tarde, numa manhã ensolarada, Adam perguntou a Jamie O'Connell, seu cavaleiro-mor:

— Minha encomenda chegou de Londres?

— Sim. Milorde fez uma bela compra.

Jamie afastou-se e voltou logo depois, puxando um belo pônei branco, galês, por

uma corda. A luz do sol, o animal parecia ainda mais belo. Entusiasmado, Jamie opinou:

— Milorde escolheu muito bem. Este pônei é dócil, tem boa índole, e seguirá o menino por toda parte, como um animal de estimação.

— Essa foi uma das razões pela qual resolvi comprá-lo, quando o vi em Tattersalt's, montado por uma garotinha. Você sabe que, às vezes, os pôneis são mais rebeldes do que os cavalos comuns.

— Este é manso como um cordeirinho. Em pouco tempo, seu menino o montará como se tivesse nascido sobre uma sela.

Seu menino...

Adam sabia que, com a partida de Julia, ele nunca teria um filho. Portanto, de certa forma, a chegada de Christopher em sua vida fora uma bênção inesperada.

Adam olhou na direção da casa. Tinha pedido a Maude que mandasse Christopher para a estrebaria assim que ele terminasse o desjejum.

Pouco depois, ele avistou o garoto correndo em sua direção.

Ao ver o pônei, Chris aumentou o ritmo dos passos. Quase sem fôlego, parou diante de Adam e Jamie.

— A sra. Flynn disse que milorde pediu que eu viesse até aqui — disse, com os olhos fixos no animal.

— Foi mesmo. — Adam afagou a crina e o pescoço do pônei. — O nome dele é Rá que, em egípcio, significa "Sol". O que você acha dele?

Timidamente, o garoto acariciou o pônei.

— Ele é lindo, milorde.

— Você completou oito anos, outro dia, e essa é uma ótima idade para um menino ganhar um cavalo. Eu não lhe dei presente de aniversário, portanto... Rá é seu. Parabéns, Christopher.

O garoto arregalou os olhos.

— Milorde... está... brincando comigo?

— Não, Christopher, eu não brincaria com algo tão importante. Rá lhe pertence.

O sorriso largo do garoto deixava à mostra os dentes muito brancos.

— Nunca, em minha vida, ganhei um presente assim... Esplêndido! Milorde me ensinará a montar?

Adam pensara em deixar a tarefa para Jamie, mas ao ver o olhar esperançoso do garoto, tomou uma súbita decisão:

— Sim. E, se você quiser, poderemos começar as lições ainda hoje.

— Ah, seria maravilhoso. Agora? Erguendo o menino, Adam colocou-o na sela.

— Posso tentar, milorde? — ele pediu.

— Claro. — Adam entregou-lhe as rédeas.

Duas horas depois, estava admirado com a tranquilidade e habilidade de Chris, que tinha uma desenvoltura natural com cavalos... Assim como ele, quando criança.

E se Christopher for meu filho?, pensou, como já fizera tantas vezes, nos últimos tempos.

Se fosse, teria orgulho em assumi-lo. Se não fosse, não fazia mal. Estava aprendendo a amar aquela criança, e isso era o que realmente importava.

Um pensamento levava a outro, e ele se lembrou de como Julia se afeiçoara ao garoto. Podia apostar que ela gostaria de vê-lo, naquele momento, montando o pônei, com ar radiante.

Sentiu saudades de Julia e desejou que ela fosse feliz. Aquela altura, ela certamente já estaria casada com Michael Aimes, e não havia nada que ele pudesse fazer, para mudar isso.

Duas semanas depois, Adam estava em Londres em seu escritório, às voltas com uma tarefa que detestava: a contabilidade. Desejaria mil vezes estar na estufa ou no pátio, com Christopher, mas não podia fugir a seus deveres de conde.

— Perdão, major. — Reggie entrou pela porta aberta. — Uma pessoa quer vê-lo.

— De quem se trata?

— Ele se apresentou como Michael Aimes.

Adam enrijeceu. Fechou o pesado livro de contas e levantou-se, enquanto o ordenava:

— Traga-o aqui.

— Sim, milorde.

Reggie saiu e logo depois voltou acompanhado de um homem magro, alto e simpático.

Adam estava tenso, com as têmporas latejando.

— O senhor não gostaria de se sentar? — perguntou.

— Obrigado, mas estou bem assim — o homem respondeu.

— Ótimo. Em que posso servi-lo, sr. Aimes... É este seu nome, não?

— Na verdade, sou lorde Michael. Meu pai é o marquês de Devlin, mas eu não me preocupo muito com títulos.

Céus, ele era um dos filhos de Devlin!, Adam concluiu, surpreso. Mas lembrou-se de que o marquês era muito rico. E, assim, Michael poderia cuidar bem de Julia. Ao menos isso...

— Bem... — ele disse, tentando ignorar o nervosismo.

— O que o traz aqui, lorde Michael?

— O professor Whitney foi um dos melhores amigos que já tive. Ele me orientou muito em meus estudos sobre antiguidades egípcias. Ouvi dizer que milorde também se interessa por elas.

— Estive no Egito, com o Exército — Adam explicou.

— Foi lá que comecei a me interessar pela História do país e suas antiguidades. — Após uma pausa, aproximou-se de Michael e, fitando-o nos olhos, disse: — Confesso que ainda não entendi por que veio me procurar.

Michael o fitou e respondeu, com simplicidade:

— Estou aqui por causa da srta. Whitney. Quando ela me pediu ajuda, prometi que guardaria segredo... E juro que tentei. Mas eu fui visitá-la há pouco tempo e...

— Não entendo — Adam apartou, — Pensei que tivessem se casado.

— Julia e eu nunca pretendemos nos casar — Michael sentenciou. — Bem, como eu estava dizendo, fui visitá-la outro dia. Espantei-me com sua infelicidade e, assim, não pude mais manter-me em silêncio.

O coração de Adam batia com força. Algo importante estava acontecendo, mas o que seria?

— Do que está falando? — indagou, com a voz ligeiramente trêmula.

— Sei o que ela lhe disse, milorde. Eu havia me oferecido para ajudá-la a encontrar um trabalho como preceptora. Então, ela me pediu outro favor...

— Que tipo de favor?

— Ela queria que eu mentisse, ou melhor: que a ajudasse a mentir.

— Não entendo... — Adam tomou fôlego. — Mas o senhor quer dizer que... que não está apaixonado por ela?

Michael sorriu.

— Não creio, que nenhum homem, em seu juízo perfeito, conseguisse ficar indiferente a Julia. O mais exato seria dizer que *ela* não me ama.

Adam suspirou. Seu sexto sentido parecia avisá-lo de algo que ele ainda não conseguia identificar.

— Preciso de um drinque. — Adam foi até o aparador, serviu-se de conhaque e tomou um gole. — Aceita?

— Não, obrigado.

— Bem, vamos ao que interessa. Se Julia não o ama, por quem ela está apaixonada?

— Pelo senhor, milorde... É claro.

Adam quase engasgou. Sorveu a bebida com mais cuidado e deixou a taça no aparador. Então, disse:

— Por mais que eu deseje acreditar nisso, sei que não é verdade. Julia foi muito sincera ao falar comigo. E se ela desistiu de desposá-lo, a esta altura já deve ter escolhido outra pessoa.

Michael negou com um gesto de cabeça:

— Ainda não entendeu que Julia o ama? Ela saiu de Londres apenas para proteger milorde e sua família. Ela sabia que milorde planejava pedi-la em casamento, e isso era tudo o que ela desejava, neste mundo. Mas teve que desistir... E sabe por quê?

— Sim?

— Porque ela o ama demais, milorde.

— Isso é uma incoerência.

— De modo algum. Sua tia foi falar com ela, em Rathmore Hall...

— Tia Sophie? — Adam sobressaltou-se.

— Sim. Foi ela quem contou a Julia que Maggie, sua irmã, estava apaixonada por um jovem e brilhante advogado, que, no entanto, não a desposaria, caso milorde se unisse a uma mulher de má reputação. Naturalmente, ela se referia a...

— Julia — Adam completou, tomado por uma espécie de torpor. As peças do quebra-cabeça começavam a se unir e fazer sentido... — De fato, minha irmã recentemente ficou noiva de Garth Dutton, advogado e herdeiro do baronato Schofield.

Na verdade, Adam se espantara quando Garth lhe pedira permissão para se casar com Maggie. Afinal, sabia que a família de Garth era extremamente apegada a certos valores, como reputação e posição social.

— Tem certeza do que acaba de me dizer? — Adam fitou Michael com severidade.

— Tenho certeza de que Julia o ama.

As emoções de Adam ameaçavam transbordar.

— Onde ela está? — perguntou, com o coração pulsando loucamente.

— Nas cercanias de Woburn Abbey, numa pequena aldeia chamada Bartonstoke. Com a ajuda de meu pai, arranjei para ela um cargo de preceptora na residência do marquês de Richmond.

A tensão de Adam começava a ceder. Seria mesmo verdade que Julia o amava?

— Lorde Michael, o senhor jamais poderá avaliar o bem que acaba de me fazer. E o quanto lhe sou e serei grato, por toda a vida.

— Por favor, chame-me apenas de Michael. — Com um sorriso de alívio, acrescentou: — Suponho que milorde irá procurá-la.

O coração de Adam batia forte, mas dessa vez de alegria. Julia o deixara para protegê-lo, e também à sua família. Essa era a prova maior de seu amor.

Mas havia Maggie a considerar. Por isso, ele respondeu:

— Primeiro, terei de resolver um problema por aqui. Depois irei até Woburn Abbey.

Adam acompanhou-o até a porta. Tocando-lhe o ombro, num gesto cordial, declarou:

— Jamais me esquecerei do que está fazendo por mim e Julia. Eu o admiro por sua atitude e por sua integridade de caráter. E não se esqueça, Michael, de que será sempre bem-vindo em minha casa.

— Obrigado, milorde.

— Adam. Chame-me de Adam.

— Certo. — Michael sorriu. E tornou a repetir: — Obrigado. Cuide bem de Julia, por favor.

— Fique tranquilo quanto a isso.

Após a saída de Michael, Adam chamou seu criado de quarto e pediu-lhe que arrumasse sua bagagem. Uma hora mais tarde, seguia para Londres, em sua carruagem.

Precisava falar com Garth Dutton, o homem que detinha nas mãos a felicidade de sua família.

Garth estava examinando um documento quando alguém bateu à porta de seu escritório. Em seguida, Kent Wilson, o secretário de Garth, entrou para anunciar:

— Sinto interrompê-lo, mas o conde de Blackwood está aqui, e disse que precisa vê-lo com urgência.

— Mande-o entrar, por favor — Garth ordenou. Deixou o documento de lado e, levantando-se, contornou a escrivaninha e foi até a porta para saudar o futuro cunhado.

— Como vai? Espero que nada de mal tenha acontecido.

Adam esperou que Kent saísse e fechasse a porta, para responder:

— Isso depende do ponto de vista.

— Está tudo bem com Maggie? — Garth alarmou-se. — Como eu lhe disse, depende...

— De quê?

— De como você reagirá, quando eu lhe disser que pretendo me casar com Julia Whitney.

Garth franziu o cenho.

— Pensei que a srta. Whitney já tivesse se casado... com outra pessoa.

— Eu também, mas isso foi um estratagema criado por Julia, para proteger minha irmã.

— Margareth? — Garth sobressaltou-se. — Mas do que você está falando?

— Antes de explicar, preciso saber se você manterá seu noivado com Maggie, se eu me casar com Julia.

— Pelo amor de Deus! — Garth exclamou, exasperado. — Margareth e eu não temos nada a ver com a sua vida, ou a da srta. Whitney. Estou apaixonado por Maggie, e já teria me casado com ela, se não fossem pelos falatórios.

— É a isso que estou me referindo. A família Dutton sempre se preocupou demais com o decoro, a reputação, a imagem social. Maggie pode sofrer as consequências do meu casamento com Julia, embora nós dois saibamos que ela tem um grande caráter e uma reputação a toda prova. — Adam fez uma pausa. — Agora a questão é: o que você faria se seu avô ameaçasse deserdá-lo, por desposar uma Hawthorne?

Garth irritou-se:

— Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que Julia recusou seu pedido, por achar que, se aceitasse, eu romperia o compromisso com Maggie?

— Foi exatamente o que minha tia Sophie pensou. Aliás, ela garantiu a Julia que você abandonaria Maggie, se nós nos casássemos.

— Mas que enrascada! — Garth comentou, atônito. — De minha parte, sempre achei que você e a srta. Whitney estavam enamorados. Fiquei surpreso quando soube que ela havia recusado seu pedido. Sinto muito por tudo isso, Adam... Mas quero que você entenda que nada no mundo me impediria de desposar Maggie... Nem meu avô, nem as convicções de minha família, nem as regras sociais. Nada!

O alívio no rosto de Adam era tão intenso que Garth se comoveu. Por um instante, imaginou como se sentiria, se perdesse Maggie. Felizmente, a verdade viera à tona, antes que fosse muito tarde... para Adam e para Julia.

— Obrigado, Garth — ele disse, emocionado. — Minha irmã teve sorte de encontrar um homem como você.

— A sorte é minha. — Garth sorriu. — Diga à srta. Whitney que eu lhe desejo o melhor.

Adam sorriu e dirigiu-se à porta.

— A propósito, não se espante se eu antecipar meu casamento com Maggie... Depois do que você me disse, não quero me arriscar.

Adam riu, e Garth refletiu que nunca o vira tão feliz.

— Beije a noiva por mim — disse, enquanto Adam abria a porta.

— Não tenha dúvidas de que farei isso — Adam retrucou por sobre o ombro, e saiu.

Julia estava sentada no sofá da biblioteca da propriedade rural do marquês de Richmond. Eram quase onze horas da noite, e teria de se levantar cedo na manhã seguinte. Lá fora, caía uma forte tempestade, com raios e trovões. Mas Julia não estava com sono.

Inquieta, foi até a lareira e ajoelhou-se para avivar as chamas. Apesar da sala bem aquecida, suas mãos estavam geladas.

Aos poucos, ela se acalmou, e uma letargia tomou-lhe conta da mente, como acontecia todas as noites.

Era nessas horas que pensava em Adam, lembrando-se da segurança que sentia a seu lado. Em tais momentos, a sensação de perda parecia ainda pior. Seu único consolo era a notícia do noivado de Maggie e Garth, que tinha lido no *Chronicle*. Ao menos seu sofrimento servira para alguma coisa.

Com o coração pesado, Julia voltou ao sofá para continuar a leitura de um livro de poemas de Walter Scott. Não chegou a alcançar o livro. A porta da biblioteca se abriu, e a tênue luz amarelada dos candelabros iluminou a silhueta de um homem alto e elegante, de ombros largos e cabelos negros.

O coração de Julia disparou.

Por um momento, imaginou que estivesse sonhando. Queria pronunciar o nome dele, mas temeu que, se o fizesse, o sonho poderia terminar.

O homem começou a caminhar em sua direção, com passos largos e determinados. Por um instante, um lado de seu rosto ficou sob a luz, revelando a cicatriz branca e fina, no queixo.

— Adam... — ela sussurrou, trêmula de emoção. Adam parou diante dela. Por um instante, Julia pensou que ele fosse abraçá-la. Com a respiração suspensa e os olhos fechados, esperou pelo momento... que não veio.

— Adam... --- ela repetiu, abrindo os olhos. — O que está...

— Michael Aimes foi falar comigo — ele a interrompeu.

— Oh, não — Julia murmurou.

— Ele me contou que vocês nunca pretenderam se casar. Disse, também, que você me ama. Isso é verdade?

Julia pensou que deveria negar, pois Garth e Maggie ainda não estavam casados. Porém, ao fitar aquele rosto de traços perfeitos, compreendeu que não conseguiria mentir novamente.

Adam agora estava tão próximo que ela podia sentir o calor de seu corpo e de sua respiração.

— Perguntei se você me ama — ele repetiu.

— Desesperadamente — ela confessou, com os olhos marejados.

— Oh, Julia! — Adam abraçou-a com força, e Julia descobriu que estava tão

trêmula quanto ele. — Eu te amo demais... Nunca disse isso para mulher alguma. Só que você, Julia... Você é diferente. Você é especial. É meu único amor.

Julia enlaçou-o pelo pescoço, com medo que ele desaparecesse.

— Adam... — era só o que conseguia dizer. — Adam...

As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, em profusão.

— Quer se casar comigo? — ele indagou, afastando o rosto para fitá-la.

Não havia nada no mundo que Julia desejasse mais. Mesmo assim, ela perguntou:

— Mas o que acontecerá com Maggie? Adam sorriu.

— Garth a ama de verdade, e pretende se casar com ela, independentemente do que fizermos de nossa vida.

— Segurando-lhe o queixo, Adam beijou-a nos lábios.

— Ainda não escutei sua resposta...

— Casar-me com você é tudo o que eu mais quero, neste mundo.

Adam sorriu, radiante:

— Como eu já esperava por essa resposta, resolvi tomar certas providências...

— Como assim?

— Bem, espero que um casamento simples a agrade.

— Ficar a seu lado para sempre é a única coisa que me interessa.

— Ótimo. Bem, o vigário está aguardando na sala de estar. Obtive uma licença especial, sabe? O conde e a condessa de Richmond ofereceram sua residência para a cerimônia. Assim, se estiver de acordo, nós nos casaremos ainda esta noite.

Julia sorriu, por entre as lágrimas:

— Sim! Esta noite! Agora!

Erguendo-a nos braços, Adam começou a rodopiar pela sala. Julia ria, deliciada... Por fim, ele a colocou no chão e, depois de beijá-la, puxou-a pela mão:

— Venha, meu amor, vamos resolver logo isso.

Os olhares de ambos se encontraram, cheios de esperança e de fé no futuro.

Julia e Adam se casaram numa breve cerimônia, no salão rosa da propriedade rural do conde de Richmond. Julia trajava o mesmo vestido de algodão cinza que usava para dar aulas às crianças. Adam usava o mesmo paletó azul amarrotado e a calça cinza com que viajara.

Lorde e lady Richmond seriam os padrinhos. Sorridente e emocionada, lady Richmond entregou a Julia uma rosa de cabo longo, recém-colhida no jardim. Depois foi acordar as crianças, que assistiram à cerimônia vestidas com seus trajes de dormir.

Logo após a celebração, lady Richmond ofereceu uma ceia preparada às pressas, que incluía champanhe e doces com creme de groselha, em formato de coração.

Quando o relógio bateu uma hora, Julia sentiu a mão de Adam acariciando-lhe a cintura.

— Vamos, meu amor? — convidou, com o olhar ardente de desejo.

Julia agradeceu a lorde e a lady Richmond, por tudo o que haviam feito por ela. Abraçou cada uma das crianças, e depois, segurando a mão de Adam, seguiu com ele

para o quarto, no segundo andar da casa.

Adam a fizera renascer para uma nova vida. Era nisso que ela pensava, no momento em que ele ergueu-a nos braços.

— Adam! — ela exclamou, surpresa. — O que está fazendo?

Com um largo sorriso, ele declarou:

— Condessa, a senhora me pertence. — Entrou no quarto e empurrou a porta com o pé. — Nunca mais permitirei que fuja de mim.

Enlaçando-o pelo pescoço, ela afirmou:

— Se eu fugir, pode ter certeza de que irei devagarinho... para que você me alcance bem depressa.

Adam riu e, beijando-a nos lábios, levou-a para cama. Finalmente Julia começava a nova vida com que tanto sonhara.

A vida de Adam em Blackwood Manor mudou muito, depois de seu casamento. Os dias transcorriam num clima de alegria, satisfação e esperança no futuro.

Fazia três meses que estava casado com Julia, que parecia ter desabrochado, no campo, readquirindo a serenidade que tanto o atraía no início. Julia estava sempre alegre, com os olhos brilhantes. Seu corpo esguio ganhara contornos ainda mais femininos. Ela trouxera paz e alegria ao seu mundo, Adam pensava com frequência, sentindo que seu amor aumentava de intensidade a cada momento. Tal como agora, quando saía da igreja, de mãos dadas com Christopher e Julia. Olhando para ambos, sentia uma profunda emoção. Ali estava sua família, ali estavam seus dois amores.

Uma onda de alegria o invadiu. Na verdade, a família aumentara, com a entrada de Garth, que se casara com Maggie. Adam o considerava não apenas um bom cunhado, mas um bom amigo. Mais que isso: era grato a Garth, por fazer Maggie tão feliz.

E pensar que, a princípio, tudo fora tão difícil... O barão Schofield colocara-se radicalmente contra o casamento do neto com uma Hawthorne. Mas, ao conhecê-la, não resistira. Maggie conseguira cativá-lo com a mesma facilidade com que conquistara Garth. Depois daquele encontro, o barão desistira de deserdar Garth. Assim, Maggie fora recebida de braços abertos, no clã Dutton.

Adam sorriu, ao lembrar-se disso. Era bom saber que sua irmã, tal como ele, encontrara a felicidade.

O trajeto da igreja à propriedade foi curto.

— Estamos em casa — disse Adam para Julia e Chris. — O último a chegar é um ouriço!

Chris gritou de alegria e correu para a porta da carruagem, que um criado acabava de abrir. Saltou e disparou em direção à varanda. Sorrindo, Julia o seguia.

Adam foi o último a chegar. E Christopher, batendo palmas, dizia:

— Milorde é um ouriço! Adam acariciou-lhe os cabelos:

— Na próxima, eu vencerei.

— Quero só ver!

— Você verá, meu filho.

Fitando Adam com um largo sorriso, o menino comentou:

— Às vezes milorde me chama de "filho"...

— E você acha isso ruim?

— De jeito nenhum. Eu até gostaria que fosse verdade...

— Talvez seja — Julia disse, comovida.

Adam sorriu. Fazia algum tempo que vinha considerando a hipótese de adotar Christopher, transformando-o definitivamente num Hawthorne. Precisava conversar sobre isso com Julia, embora tivesse certeza de que ela concordaria.

— Vamos entrar?—sugeriu Adam.

— O dia está tão bonito... — Christopher comentou. — Milorde não gostaria de cavalgar? A proposta pegou Adam de surpresa.

— Cavalgar?

— Sim, Rá precisa de exercício.

Era verdade que os criados faziam com que o pônei se exercitasse regularmente, mas aquela fora uma ótima desculpa de Christopher para convencê-lo, Adam pensou, contendo um sorriso.

— Vamos, milorde? — insistiu o garoto.

— Bem... tenho de cuidar de alguns assuntos, mas acho que posso deixar isso para depois...

— Oba! — Chris deu um pulo, radiante. Voltando-se para Julia, Adam comentou:

— E talvez a condessa de Blackwood queira nos acompanhar.

— Milady viria conosco? — Chris perguntou, esperançoso.

— Claro que sim, querido. Puxa, pensei que vocês não iam me convidar!

— Não teria graça sem milady — o menino afirmou.

— Adam! — exclamou uma voz feminina, um tanto rouca, a uma curta distância.

Voltando-se na direção da voz, os três viram a condessa se aproximando. Desceram a escada rapidamente, para ampará-la.

— Como vai, mamãe? — Adam saudou-a.

Mas a condessa parecia não notá-lo. Com os olhos fixos em Christopher, sorria com ternura enquanto repetia:

— Adam... meu menino... Por onde você andou? Eu o procurei por todos os lados.

Nos últimos três meses, Chris não apenas se acostumara, como aprendera a lidar, muito bem, com os lapsos da condessa. Encarava-os com paciência e bom humor. Até parecia divertir-se com aquelas breves excursões da velha senhora pelo mundo da fantasia, que ele compreendia tão bem, pois era uma menino sensível, como poucos.

— Mamãe... — Adam interveio — este é Christopher... lembra-se?

A condessa piscou, olhou ao redor como se acordasse de um sonho e respondeu:

— Claro que me lembro. Christopher é seu filho.

Adam ficou desconcertado. Olhou apreensivo para Chris e para Julia, mas ambos pareciam muito calmos. Um pouco mais relaxado, ele voltou a dirigir-se à condessa:

— Mamãe?

— Sim, Adam? — Ela sorriu.

Bem, ao menos agora a velha senhora parecia saber quem ele era.

— Christopher é filho de Robert... e a senhora sabe disso.

— Não seja tolo. — A condessa franziu a testa. — Christopher é *seu* filho e meu neto. Aliás, ele se parece muito com você.

Era verdade, Adam reconheceu. Com o passar do tempo, Christopher ia se tornando cada vez mais semelhante a ele, quando criança. Mesmo assim, Adam argumentou:

— Ele também se parece com Robert. A condessa meneou a cabeça:

— De jeito nenhum.

— Como a senhora pode ter tanta certeza?

— Ora essa, porque Robert não pode ter filhos. Adam sentiu um frio no estômago:

— Do que está falando, mamãe?

— Você se lembra daquele verão em que Robert ficou doente e teve um terrível inchaço no pescoço? Pois o médico que o atendeu disse que ele ia se recuperar, mas que ficaria com uma seqüela. E como ele tinha vindo nos visitar, poucos dias antes de adoecer, fiquei com medo que você pegasse a mesma doença, filho.

Adam estava perplexo. Durante anos, bloqueara qualquer pensamento referente a Robert. Mas agora, sim, conseguia se recordar.

— Foi no ano em que papai morreu... Robert havia acabado de completar dezesseis anos. Ele nos visitou e, na semana seguinte adoeceu, com caxumba.

— Ele ficou muito mal, com uma febre terrível — a condessa recordou-se. Estava num de seus momentos de lucidez. — Na verdade, o pobre garoto quase morreu. Depois começou a se recuperar. Mas o médico advertiu que ele teria um problema... poderia exercer sua masculinidade, mas nunca seria capaz de gerar filhos. Na época, toda a família ficou chocada. No entanto, o médico nos disse que esse problema não era incomum...

Adam respirou fundo. Agora se lembrava de tudo.

— Bem, acho que vou ver minhas roseiras — avisou a condessa, com a maior calma do mundo, sem suspeitar de como o filho se sentia.

— A senhora não quer entrar um pouco? — convidou Julia.

— Num outro dia, querida... — Com um aceno, a velha senhora se afastou.

— Por isso Caroline tinha tanta certeza de que o bebê era meu — Adam concluiu, a sós com Julia. — Robert deve ter lhe contado que era estéril. Por que não me lembrei disso?

Julia tomou-lhe a mão.

— Talvez por não suportar a idéia de seu filho ter sido tão maltratado.

— Isso é verdade? — Chris indagou. — Milorde... é mesmo meu pai?

Abaixando-se, Adam fitou o menino nos olhos:

— Sim, Chris, eu sou.

— Então, por que me abandonou? Adam acariciou-lhe o rosto:

— Eu não sabia sobre você, Chris, até o dia em que o vigário Donnellson o trouxe até aqui. Claro que fiquei confuso, depois disso. Não sabia em que acreditar. Mas o importante é que comecei a amar você. Agora, tenho certeza de que é meu filho, e que seu nome verdadeiro é Christopher Hawthorne.

Os olhos do menino se encheram de lágrimas. Tomado por uma forte emoção, Adam o abraçou.

— Sou seu pai, Chris... E quando eu o chamar de "filho", estarei dizendo uma grande verdade.

Erguendo o rosto, Adam viu a emoção estampada no rosto de Julia, que enxugava as lágrimas com um lençinho bordado.

Adam ergueu Chris e colocou-o sobre os ombros. Em seguida deu a mão a Julia e teve a certeza de ser o mais abençoado dos homens.

— Amo você, Julia Whitney Hawthorne, condessa de Blackwood... e também amo você, Christopher Hawthorne, futuro conde de Blackwood.

E fez uma prece de agradecimento, por tudo o que a vida havia lhe concedido.